

## **GENDER HURTS – GÊNERO DÓI**

Traduzido por: Carol Correia

*Introdução, traduzida por:* Lídia Cordeiro

*Capítulo 8 – Espaços de mulheres e o desafio transgêneros por:* Luiza Oliveira Pacheco

Só muito recentemente é que o transgênerismo foi aceito como uma doença cujo tratamento está disponível. Na década de 1990, um movimento político do ativismo transgêneros se uniu para fazer campanha para direitos transgêneros. Mudanças sociais, políticas e legais consideráveis estão ocorrendo em resposta e há uma crescente aceitação por parte dos governos e muitas outras organizações e atores da legitimidade desses direitos.

Este livro provocativo e polêmico explora as consequências dessas mudanças e oferece uma perspectiva feminista sobre a ideologia e a prática do transgêneros, que o autor vê como prejudicial. Ele explora os efeitos do transgênerismo sobre a comunidade gay e lésbica, os parceiros de pessoas transexuais, as crianças que são identificadas como transgêneros e as pessoas que se identificam como tal, e argumenta que estes são negativos. Ao fazer isso, o livro afirma que o fenômeno é baseado em estereótipos sexuais, conhecido como “gênero” – uma ideologia conservadora que constitui a base para a subordinação das mulheres. Gender Hurts defende a abolição do “gênero”, o que eliminaria a razão de ser transgêneros.

Este livro será de interesse para estudiosos e estudantes de ciência política, feminismo e estudos de teoria e de gêneros feministas.

**Sheila Jeffreys** é professora de política feminista na Faculdade de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Melbourne, Austrália.

## **GENDER HURTS – GÊNERO DÓI**

Uma análise feminista da política de transgênerismo.

*Sheila Jeffreys*

**Este livro é dedicado a Ann Rowett com o meu amor e gratidão por seu apoio e aconselhamento ao longo deste projeto.**

## **RECONHECIMENTO**

Estou em dívida com Janice G. Raymond pelo seu livro pioneiro, *The Transsexual Empire* (1994, pela primeira vez publicada em 1979). Seu trabalho é a base sobre a qual a crítica feminista de transgêneros tenha sido construído e continua a inspirar o pensamento feminista radical. Sou grata a todos aqueles amigos que leram e comentaram sobre os capítulos deste livro: Lorene Gottschalk, Lynne Harne, Kathy Chambers, Ruth Margerison. A contribuição de Lorene Gottschalk foi particularmente valiosa. Ela estava muito envolvida nos estágios iniciais deste projeto e contribuiu para a escrita de metade dos capítulos, ela conduziu as três entrevistas que têm sido tão importantes para os capítulos 3 e 4. Sou grata, também, para a nova onda do feminismo radical, tanto online quanto off-line. Bloggers de feministas radicais como Gallus Mag de “GenderTrender” (n.d.a) e Dirt de “Dirt from Dirt” entre outros, elas forneceram inestimáveis fatos relevantes, referências e ideias em seus blogs, sem o qual teria sido mais difícil escrever este livro. Na verdade, durante o período em que este livro estava sendo preparado, bloggers feministas radicais reforçaram e esclareceram a minha análise. Ativistas feministas radicais forneceram locais em que eu tenha sido capaz de testar o meu pensamento, que são as duas muito bem-sucedidas conferências feministas radicais em Londres – RadFem 2012 e RadFem 2013. Devo muito a essas mulheres valente. Saúdo a coragem e tenacidade dessas feministas radicais que estão fazendo o possível para feministas radicais falarem e aprofundarem a análise feminista radical. Tenho a intenção deste livro como uma contribuição para a luta considerável que esta em curso entre ativistas transgêneros, principalmente do sexo masculino e feministas radicais sobre quem tem o direito de define o que uma mulher é: mulheres ou homens que fantasiam serem mulheres. Sou grata pelo apoio que continuo a receber da Universidade de Melbourne que tem proporcionado um cadinho durante as últimas duas décadas em que usei para desenvolver minhas ideias, pesquisas e escritas.

## **INTRODUÇÃO**

Traduzido por: Lídia Cordeiro.

Este livro explorará os prejuízos criados pela ideologia e prática do transgênerismo, um fenômeno que se desenvolveu na segunda metade do século XX. O transgênerismo só foi aceito como um distúrbio, para o qual o tratamento da vez é a administração de hormônios, e talvez a amputação ou outra cirurgia, bem recentemente. Muitos médicos estadunidenses contestaram a ideia de tais tratamentos para a condição até os anos 1970, e alguns ainda o fazem (Meyerowitz, 2002). Nos anos 1990, em parte, como resultado do potencial para comunicação em rede criado pela Internet, um movimento político de ativismo transgênero foi criado para fazer campanha pelos “direitos” dos transgêneros. Consideráveis mudanças sociais, políticas e legais estão ocorrendo em resposta, e há uma crescente aceitação da legitimidade de tais direitos por governos e muitas outras organizações e atores. Essas mudanças têm ramificações para a existência lésbica e gay e para a comunidade lésbica e gay; para a saúde e oportunidades de vida dos próprios transgêneros; para as possibilidades de equidade para mulheres; para organizações, locais de trabalho, serviços e para a lei. Há atualmente copiosa literatura sobre transgênerismo, sua história, tratamento, teoria e prática. Mas, essa literatura é geralmente positiva em relação ao fenômeno, vendo transgêneros como constituindo uma categoria essencial de pessoas às quais foram negados direitos e que precisa de reconhecimento. Uma parte dessa literatura argumenta que o transgênerismo é transgressor e é uma parte de um processo de mudança social, porque ele desestabiliza o “binarismo de gênero”.

Este livro tem uma abordagem bem diferente. Ele argumenta, de um ponto de vista feminista, que o transgênerismo é apenas uma maneira pela qual o “gênero” machuca as pessoas e sociedades. O transgênerismo depende, para sua própria existência, da ideia de que há uma “essência” do gênero, uma psicologia e um padrão de comportamento, os quais são adequados para pessoas com corpos e identidades específicos. Esse é o contrário da visão feminista, a qual afirma que a ideia de gênero é a fundação do sistema político de dominação masculina. “Gênero”, no pensamento patriarcal tradicional, designa àquelas com biologia feminina saias, saltos-altos e um amor pelo trabalho doméstico, e àqueles com biologia masculina, roupas confortáveis, empreendedorismo e iniciativa. Na prática do transgênerismo, o gênero tradicional é visto como tendo perdido seu senso de direção e acabando nas

mentes e corpos de pessoas com partes do corpo inapropriadas, que precisam ser corrigidas. Mas, sem o “gênero”, o transgenerismo não poderia existir. De um ponto de vista feminista, crítico, quando direitos dos transgêneros são aceitos na lei e adotados por instituições, eles estabelecem ideias que são prejudiciais à equidade das mulheres e dão autoridade para noções ultrapassadas de diferenças essenciais entre os sexos. O transgenerismo é, de fato, agressivo, mas contra os direitos das mulheres, e não contra o sistema social opressivo. Este livro é necessário agora, porque a prática de adultos e crianças transgêneros vem sendo normalizada nas culturas ocidentais, mas muito pouca crítica existe. Há evidência de um crescente criticismo da prática, tanto de dentro de uma nova onda de feminismo online, que está em desenvolvimento, como também de dentro da profissão médica, mas isso é enfrentado com considerável resistência por ativistas transgêneros. Críticos são rotulados como “transfóbicos”, sujeitos a campanhas de vilificação na Internet e, em alguns casos, há tentativas, por parte de ativistas transgêneros, de expulsar tais pessoas insubordinadas de seus empregos ou de ameaçar suas reputações. Ainda assim, o entendimento do transgenerismo está no auge e há evidência de um desejo de repensar as abordagens sobre a prática. Por exemplo, uma conferência foi organizada pelo Grupo de Interesse Especial de Gays e Lésbicas do Instituto Real de Psiquiatria, para 20 de maio de 2011, em Londres, intitulado “Transgenerismo: Hora da Mudança”, a qual poderia ter fornecido uma plataforma para vozes críticas. Infelizmente, ela foi cancelada por causa da pressão dos lobistas transgêneros (Green, 2011).

Há tentativas de censurar todas as expressões de desacordo com a ideologia transgênero de viés masculino e de proibir plataformas de fala para aqueles vistos como heréticos. Essa campanha contra a liberdade de expressão é particularmente direcionada contra o florescimento de um movimento feminista radical online, que é incisivamente crítico do transgenerismo. Isso inclui feministas que operam sob seus próprios nomes e um número maior que usa pseudônimos, fortemente conscientes do forte assédio que elas enfrentariam, se suas identidades forem reveladas. Essas incluem Gallus Mag, do GenderTrender (GenderTrender, n.d.b), e Dirt, do blog, A Sujeira de Dirt, Mude seu Mundo, Não seu Corpo (Dirt from Dirt, n.d.), e muitas outras vozes críticas.

Uma indicação da campanha sendo feita contra críticas feministas por ativistas transgêneros é a maneira pela qual fui proibida de falar não só sobre esse assunto, mas também sobre qualquer assunto em absoluto. Eu fui desconvidada de uma grande conferência feminista, “Feminismo em Londres”, em novembro de 2011, a qual, subsequentemente, não aconteceu, para evitar ofender transgêneros. Fui banida de falar em uma conferência feminista, em julho de 2012, em Londres, a qual teve que acontecer em um local secreto, depois de uma campanha de vilificação por ativistas transgêneros (Jeffreys, 2012a). Mas, essa supressão do debate não pode continuar indefinidamente, já que há crescente interesse em mostrar a controvérsia mais publicamente. De fato, no início de 2013, a questão explodiu aos olhos do público, como resultado de um artigo no jornal *Observer*, do Reino Unido, escrito pela colunista Julie Burchill, a qual criticou o assédio a sua colega, Suzanne Moore, por ativistas transgêneros (Young, 2013). O artigo de Burchill foi censurado e removido do website, apenas para ser postado em muitos outros websites, simpáticos à sua crítica. O transgenerismo estava aos olhos do público e, dessa vez, era óbvio que a prática não estava mais acima de qualquer discussão. Este livro, portanto, chega na hora certa.

A ideia e práticas do gênero têm o potencial de machucar muitos. No transgenerismo, isso pode tomar várias formas. Pessoas que sentem que seu “gênero” não combina com seus corpos podem sofrer prejuízos psicológicos, e depois eles podem ser “machucados” fisicamente, pela profissão médica, que os diagnostica e trata. Eles são ainda machucados, depois do tratamento, quando se encontram marginalizados e excluídos, e alguns podem até considerar que cometeram um erro que não pode ser facilmente retificado. Este livro vai além da literatura sobre o tópico, ao explorar o contexto social e político mais amplo e as implicações do fenômeno do transgenerismo. Ele olha para outros que são machucados também, assim como as esposas, que descobrem que seus maridos agora se consideram mulheres; parceiras lésbicas, cuja lesbiandade é colocada em dúvida, quando suas namoradas se tornam “homens”; e as mães, que se enlutam por suas filhas e filhos perdidos. Todas essas categorias de pessoas que são machucadas pelo transgenerismo são mulheres, e é assim tanto se os aspirantes são masculinos, quanto femininos. O transgenerismo machuca comunidades lésbicas, as quais são fraturadas acerca da entrada de

homens que são transgêneros, e o desaparecimento de suas membras para a heterossexualidade química e cirurgicamente construída, que o transgenerismo oferece para um número crescente de lésbicas. O movimento feminista, também, é machucado, conforme ativistas e teóricos transgêneros criticam o feminismo de maneira selvagem e buscam destruir espaços e serviços exclusivos de mulheres, através da sua entrada neles. O sucesso de campanhas desestabilizastes contra o feminismo e o princípio da exclusividade de mulheres depende da confusão sobre o que “gênero” significa.

### **O gênero e a equidade das mulheres**

O transgenerismo não pode existir sem uma noção de “gênero” essencial. Críticas feministas argumentam que o conceito de “identidade de gênero” é fundado sobre estereótipos de gênero e, na lei internacional, estereótipos de gênero são reconhecidos como estando em contradição com os interesses das mulheres (Hausman, 1995; Jeffreys, 2005; Raymond, 1994). A Convenção das Nações Unidas para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra Mulheres (CEDAW, em inglês) (1979) foi criada antes de a linguagem do gênero e a ideia de “identidade de gênero” terem vindo a dominar o discurso da lei internacional e para defender mulheres como uma categoria sexual. Ela falava, em vez de em “identidade de gênero”, em “papéis estereotipados” e reconhecia esses estereótipos como a base para a discriminação contra mulheres. O artigo 5 diz que os Partidos dos Estados devem tomar

todas as medidas apropriadas [para] modificar os padrões de conduta social e cultural de homens e mulheres, com vistas a alcançar a eliminação do preconceito e costumes e todas as outras práticas as quais são baseadas na ideia da inferioridade ou superioridade de qualquer um dos sexos, ou em papéis estereotipados para homens e mulheres. (CEDAW, 1979: Article 5).

A ideia de “identidade de gênero” depende de estereótipos para seu significado e está em conflito direto com o entendimento da CEDAW de que tais estereótipos são profundamente prejudiciais para as mulheres.

O termo gênero, em si mesmo, é problemático. Ele foi usado pela primeira vez, em um sentido que não era simplesmente gramático, por sexólogos – os cientistas do sexo, tais como John Money, nos anos de 1950 e 60 – que estavam envolvidos na normalização de crianças intersexo. Eles usavam o termo para se

referir a características comportamentais que eles consideravam mais apropriadas para pessoas de um ou do outro sexo biológico. Eles aplicavam o conceito de gênero quando decidiam sobre a categoria sexual na qual seriam colocadas aquelas crianças que não tinham indicações físicas óbvias de um sexo biológico (Hausman, 1995). Seu objetivo não era progressivo. Eles eram homens conservadores, que acreditavam que deveria existir diferenças visíveis entre os sexos e procuraram criar categorias sexuais distintas através de seus projetos de engenharia social. Infelizmente, o termo foi adotado por algumas teóricas feministas nos anos 1970 e, lá pelo fim da década, era comumente usados no feminismo acadêmico para indicar a diferença entre sexo biológico e aquelas características que derivavam da política e não da biologia, as quais chamavam “gênero” (Haig, 2004).

Antes de o termo “gênero” ser adotado, o termo mais comumente usados para descrever essas características construídas socialmente era “papéis sexuais”. A palavra “papel” denota uma construção social e não era suscetível à degeneração que vinha afligindo o termo “gênero” e permitindo que fosse dominado tão efetivamente por ativistas transgêneros. Conforme o termo “gênero” foi adotado mais extensivamente por feministas, seu significado foi transformado para incluir não apenas o comportamento construído socialmente associado com sexo biológico, mas também o sistema de poder masculino e a subordinação de mulheres, por si mesma, a qual se tornou conhecida como a “hierarquia de gênero” ou a “ordem de gênero” (Connell, 2005; Mackinnon, 1989). Gradualmente, termos mais antigos para descrever esse sistema, tais como dominação masculina, classe sexual e casta sexual saíram de moda e, conseqüentemente, se apagou a identificação direta dos agentes responsáveis pela subordinação de mulheres – os homens – estes não poderiam mais ser nomeados. O gênero, como um eufemismo, deu sumiço nos homens como agentes responsáveis pela violência masculina contra mulheres, a qual é comumente referida como “violência de gênero”. Cada vez mais, o termo “gênero” é usado, em formulários oficiais e legislação, por exemplo, para ficar no lugar do termo “sexo”, como se “gênero”, por si mesmo, fosse biológico, e esse uso tem destruído o entendimento feminista de gênero.

## **Casta sexual**

Neste livro, eu escolhi usar o termo “casta sexual” para descrever o sistema político no qual mulheres são subordinadas a homens, com base em suas biólogias. Feministas discordam sobre a melhor descrição da condição de subordinação das mulheres, se em termos de “casta” ou “classe”. Aquelas que usam o conceito de mulher como “classe sexual”, tais como Kate Millett, estão se referindo à sua experiência na política de esquerda e veem a ideia de “classe” como oferecendo a possibilidade de revolução (Millett, 1972). Millett, no entanto, também usou o termo casta, ao falar do “sistema de castas sexuais” das mulheres (Millett, 1972: 275). Se mulheres estão em uma classe subordinada, em relação aos homens, como a classe trabalhadora em relação à burguesia, então a revolução das mulheres pode ser conceituada como capaz de derrubar o poder dos homens, de tal maneira que a classe sexual deixaria de ter significado e desaparecerá como uma categoria significativa (Wittig, 1992). Isso também implica, como na teoria de esquerda, que a revolução das mulheres requer o reconhecimento pelas mulheres de seu status de classe “sexual”, como a base para a ação política. Entretanto, o termo classe sexual pode ser problemática, porque ele implica em que mulheres poderiam sair de sua “classe”, da mesma maneira que pessoas individuais da classe trabalhadora podem mudar sua posição de classe ao se tornarem emburguesados. O termo “casta”, por outro lado, é útil para este livro, porque ele encapsula a maneira pela qual as mulheres são colocadas em um status de casta subordinada durante toda a vida (ver Burris, 1973). Mulheres podem mudar seu status de classe econômica com a mobilidade vertical, mas elas permanecem mulheres, a não ser que elas elejam transacionar de gênero e reclamar sua participação na casta sexual superior. Ambos os termos podem ser úteis na articulação da condição da mulher, mas o termo “casta” oferece uma vantagem particular em relação ao estudo do transgênerismo. A simples existência de transgênerismo por parte de mulheres demonstra a rigidez da subordinação de casta. As marcas da casta permanecem atreladas às fêmeas, a não ser que elas se digam realmente “homens”, e apenas uma transformação social significativa permitirá mudança nesse caso.

Teóricos pós-modernos e queer compartilham com teóricos transgêneros a ideia de que “gênero” é uma festa móvel, na qual se pode entrar e sair, e pode-se trocá-lo, e assim por diante. O gênero, usado nesse sentido, desaparece com



a fixidez do sexo, a base biológica que está por baixo da relegação de fêmeas à sua casta sexual. Crianças fêmeas são identificadas por sua biologia no nascimento e colocadas na casta sexual feminina, que aloca-as num status inferior para o resto da vida. A preferência por crianças machos biológicos e o feminicídio de crianças fêmeas, por exemplo, o qual criou uma enorme desigualdade na proporção entre os sexos na Índia e outros países, é baseado no sexo e não no “gênero”. Fetos femininos são abortados e crianças fêmeas são mortas por causa do sexo, não da discriminação de “gênero” (Pande, 2006). Fetos não têm “gênero” ou “identidade de gênero”, porque as forças da cultura de ódio às mulheres ainda não tiveram a chance de afetar a maneira pela qual se entendem. O status de casta sexual inferior das mulheres é designado de acordo com sua biologia, e é através da biologia que sua subordinação é reforçada e mantida através do estupro, emprenhamento e gravidez forçada. Mulheres não podem entrar e sair da sua condição de usar roupas “de mulher”, como podem fazer cross-dressers, de fato, elas podem recusar tais roupas como inferiorizantes, mas ainda sofrerão violência e discriminação como mulheres. Embora mulheres individuais possam ser bem sucedidas em papéis mais usualmente atribuídos a homens, elas provavelmente serão tratadas como intrusas e sofrerão assédio sexual, como aconteceu à Primeira Ministra australiana, Julia Gillard (Summers, 2013). Seu status de casta era continuamente jogado em sua cara por comentaristas, políticos e cartunistas homens e hostis. Mulheres não decidem em algum ponto da idade adulta que elas gostariam que outras pessoas as entendessem como mulheres, porque ser mulher não é uma “identidade”. A experiência das mulheres não se parece com aquela de homens que adotam a “identidade de gênero” de ser fêmea ou ser mulher em nenhum aspecto. A ideia de “identidade de gênero” desaparece com a biologia e todas as experiências que aquelas com biologia feminina têm, ao serem criadas em um sistema de castas baseado no sexo. Um único livro de crítica ao transgênerismo foi escrito na segunda onda do feminismo, a merecidamente conhecida façanha de Janice Raymond, *The Transsexual Empire* (O Império Sexual) (1994, publicado pela primeira vez em 1979). Ela resume de maneira útil a diferença entre os entendimentos feministas da mulher e aqueles de homens que são transgêneros da seguinte maneira:

Nós sabemos que somos mulheres que nascem com cromossomos e anatomia femininos, e que, tendo ou não sido socializadas para sermos as chamadas mulheres normais, o patriarcado nos tratou e continuará tratando-nos como mulheres. Transexuais não têm essa mesma história. Nenhum homem pode ter a história de ter nascido e ter sido localizado nessa cultura como mulher. Ele pode ter a história de desejar ser mulher e de agir como mulher, mas essa experiência de gênero é a de um transexual, não de uma mulher. A cirurgia pode conferir os artefatos dos órgãos femininos externos e internos, mas ela não pode conferir a história de ter nascido mulher nessa sociedade. (Raymond, 1994:114)

### **As mulheres são uma ficção da imaginação dos homens?**

Os homens têm julgado o que as mulheres são, e como elas devem se comportar, há milênios, através de instituições de controle social, tais como a religião, a profissão médica, a psicanálise, a indústria do sexo (Millett, 1972). Feministas têm lutado para remover dessas instituições masculinas a definição de o que é uma mulher e desenvolver seus próprios entendimentos. Pretensões ao “direito” de auto definir “gênero” sujeitam novamente a mulheridade ao poder dos homens de definir. A principal tarefa da teoria feminista era tirar mulheres de debaixo do peso das definições e teorias dos homens. Feministas desenvolveram o que tem sido chamada de “teoria do ponto de vista feminista” para descrever uma nova forma de conhecimento sobre as mulheres, aquele que é formado a partir da experiência das mulheres como grupo oprimido e refinado através da luta e processos coletivos (Harding (ed.), 2004). A própria base do feminismo é essa declaração de independência, a rejeição do “conhecimento” dos homens sobre as mulheres e a prioridade de nós mesmas. As ideias dos homens sobre o que são as mulheres foram formadas a partir de sua posição de casta dominante, e designaram às mulheres características que dariam vantagens a seus mestres, assim como justificariam o controle dos homens sobre elas. Elas não representam a “verdade”, mas foram promovidas como se fossem, com o apoio da ciência e visões patriarcais da biologia. É notável, portanto, que as visões dos homens sobre o que as mulheres são, na forma da ideologia transgênero, tenham ganho qualquer força em qualquer ramo da teoria feminista. Mas, como explicarei no Capítulo 2, sobre transgenerismo e feminismo, elas ganharam, ao ponto em que homens que transicionaram de

gênero são convidados como palestrantes principais em conferências sobre a experiência de mulheres.

Para além de tudo o mais, o transgênerismo da parte de homens pode ser visto como uma apropriação cruel da experiência e existência das mulheres. Os homens que clamam ser mulheres não têm qualquer experiência de ser mulher, e, portanto, não devem ter o direito de falar como “mulheres” de fato, esses homens são frequentemente conservadores e hipermasculinos. O piloto de helicóptero transgênero estadunidense, Bob Tur, explica esse ponto bem:

Bem, na verdade, verdadeiros transgêneros fazem coisas hipermasculinas. Kristin Beck, o SEAL da Marinha Americana, não é atípico dentro do que acontece. Há muitos pilotos de avião, muitos pilotos militares. Eu conheci todos os tipos de pilotos, conheci espões, fiz voos semimilitares pro exterior. O típico transgênero tende a ter o QI trinta pontos acima da média, tendem a ser canhotos, tendem a ser bastante conservadores, são casados, têm filhos. E eles, como você sabe, em alguns casos, têm traços hipermasculinos. (Tur, 2013)

As interessantes confissões de Tur sugerem que não há nada progressivo sobre fantasias de homens serem mulheres, muito pelo contrário.

### **Definição dos termos**

O significado do termo transgênero vem sendo continuamente expandido. Antes dos anos 1990, o termo usado para se referir a alguém que queria mudar seu “sexo” era transexual. Nos anos 1990, o termo transgênero foi comumente adotado para se referir àquelas pessoas que não queriam ir tão longe a ponto de fazer cirurgia para a remoção de suas características sexuais secundárias, mas queriam mudar seu “gênero”, geralmente entendido como marcadores de aparência, tais como roupas. Pelo fim dos anos 1990, o termo transexualismo estava saindo de cena, e o termo transgênerismo vinha sendo adotado, na academia e nos serviços de assistência social, para se referir àqueles que tinham sido previamente considerados transexuais, à nova categoria que queria mudar o “gênero” sem cirurgia, e até a homens gays afeminados e cross-dressers. Ele também se transmogrificou em um termo muito geral, de fato, para incluir cross-dressers ocasionais ou até mesmo aqueles que são vistos como não tendo um “gênero”. O desenvolvimento desse termo, e sua rápida mudança de significado, foram tão profundos, a ponto de permitir argumentos de alguns transativistas de

que homossexuais são eles mesmos simplesmente uma subcategoria dos transgêneros (Whittle et al., 2007: 14). Na última década, o termo transgênero tem sido adotado em documentos políticos e na lei.

O transgenerismo se tornou um termo guarda-chuva para uma grande variedade de pessoas que estão desconfortáveis com os papéis de gênero tradicionais, mas que, sem uma análise feminista de que gênero em si mesmo é um problema, buscam demonstrar seu desconforto através da adoção de elementos do estereótipo do gênero oposto. A crescente vagueza da categoria não impediu, de maneira nenhuma, a adoção imediata do termo transgênero, e a ideia do “direito” dos transgêneros de exercerem sua “expressão de gênero”, dentro da legislatura estatal e fóruns regionais, tais como a União Europeia. Todas as formas pelas quais o termo é usado dependem da ideia de um gênero essencial com o qual se pode brincar, ou “transar”, mas não dispensar e, então, todas as formas do transgenerismo são igualmente problemáticas, do ponto de vista das teorias feministas. Elas todas dão oxigênio para um conceito, o gênero, o qual forma a fundação e justificativa para a subordinação das mulheres. Este livro buscará acompanhar todas as transmogrificações do transgenerismo, enquanto aponta os prejuízos que provêm dele.

As transformações físicas criadas por hormônios e cirurgia não mudam o sexo biológico das pessoas sobre as quais são feitas. Por essa razão, neste volume, pessoas do sexo masculino que transicionam serão referidos como homens que transicionam, ou transgêneros de corpo masculino, e aquelas do sexo feminino como mulheres que transicionam, ou transgêneros de corpo feminino, de modo a indicar seu sexo biológico. Os termos mais comuns, masculino-para-feminino (MTF, na sigla em inglês) e feminino-para-masculino (FTM, na sigla em inglês) não são usados aqui, porque eles dão a impressão errada de que sexo pode ser mudado, quando, na verdade, não pode.

O transgenerismo não está conectado com a intersexualidade. Pessoas que são intersexuais nascem com “uma anatomia reprodutiva ou sexual que não parece se encaixar nas definições típicas de fêmea ou macho” (ISNA, n.d.). Ativistas intersexuais não fazem campanha por cirurgia de redesignação de gênero, e são, frequentemente, incisivamente críticos em relação a ela, com base no fato de que ela foi tradicionalmente empregada para cortar crianças intersexuais, para encaixá-las em uma categoria de casta sexual ou outra, com

efeitos prejudiciais para seu funcionamento (Dreger, 1998). Algumas personalidades online transgêneros proclamam que são intersexuais, para provar que não são biologicamente machos, mas a intersexualidade e o transgênerismo são fenômenos diferentes (ISNA, n.d.). A intersexualidade tem uma base biológica, enquanto este livro argumenta que a “identidade de gênero” é uma condição mental.

### **Pronomes**

O uso de pronomes é uma grande preocupação para pessoas que são transgênero. Elas querem que outras pessoas, incluindo suas esposas, parceiras e filhos, as chamem por seus novos pronomes adotados. O desacordo sobre o uso de pronomes é político. O pronome masculino pode não mais, aceitavelmente, ser usados, como se ele fosse genérico e incluísse mulheres, por exemplo. Eu escolhi usar pronomes que indicam o sexo biológico das pessoas cujo trabalho é discutido aqui, por um número de razões. A primeira é que o sexo biológico de pessoas transgêneros não muda e o uso do pronome de origem indica isso. Isso é politicamente importante, já que é útil para feministas saberem o sexo biológico daqueles que clamam ser mulher e promovem versões preconceituosas do que constitui a mulheridade. Além disso, o uso por homens de pronomes femininos esconde o privilégio masculino conferido a eles, graças a terem sido colocados e criados na casta sexual masculina. Se dirigimo-nos a homens como “ela”, então desaparece todo aquele privilégio, o qual afeta sua posição de fala, e pode ser crucial para sua escolha de serem “mulheres”, antes de mais nada.

Outra razão para a adesão a pronomes que indicam a biologia é que, como feminista, eu considero o pronome feminino honorífico, um termo que convém respeito. O respeito é devido às mulheres, como membras de uma casta sexual que sobreviveram à subordinação e merecem que nos dirijamos a elas com honra. Homens que transicionam não podem ocupar tal posição. Esse argumento é usado por parceiras de homens que transicionam, no Capítulo 4. Elas frequentemente acham impossível aceitar que seus maridos se tornaram mulheres, e não conseguem usar os pronomes para eles que elas entendem ser específicas de sua própria experiência como mulheres. Conforme este livro argumentará, as perspectivas das esposas e parceiras são importantes e devem

ser respeitadas. Ademais, ater-nos aos pronomes de origem evita a dificuldade de adjudicar sobre quais homens incluiremos no feminino, aqueles que simplesmente são cross-dressers ocasionais, ou aqueles que tomam hormônios, ou aqueles que passam por cirurgia de redesignação sexual. Criar tais distinções é uma tarefa odiosa, e já que eles todos retêm a biologia masculina, é mais direto manter os pronomes que indicam seu sexo. Além disso, pessoas que se arrependem do transgenerismo podem decidir retornar aos seus pronomes de origem, ou podem, em alguns casos, ir e voltar, um número de vezes, com mudanças complexas de pronome a cada retorno. O uso dos pronomes de origem evita a necessidade de numerosas mudanças potenciais ao longo do tempo.

### **Estrutura do livro**

Os dois capítulos de abertura do livro mostram como a ideia do transgenerismo se desenvolveu e foi capaz de ganhar força da segunda metade do século XX em diante. O Capítulo 1 examina a construção do transgenerismo por especialidades médicas, tais como a endocrinologia, a cirurgia e a psicologia. O Capítulo 2 analisa os fatores que permitiram que fileiras dos movimentos feminista e lésbico e gay apoiassem os direitos transgêneros, tais como o desenvolvimento das teorias queer e pós-moderna, as quais promoveram a ideia de que não havia realmente tal coisa chamada “mulher”, e que brincar e mudar de “gênero” era uma prática transgressora. O terceiro capítulo, “Fazendo o transgênero: realmente machucando”, examina o impacto imediatamente prejudicial da construção do transgenerismo. Ele analisará a literatura sobre os efeitos psicológicos e físicos da cirurgia transgênera e do uso de hormônios a longo prazo, sobre os próprios transgêneros. Descreverá as práticas prejudiciais envolvidas na prática do transgenerismo – desde a amarração de seios até a cirurgia genital, e repetidas cirurgias faciais – e quem se beneficia delas.

Os capítulos seguintes examinam os efeitos sociais, políticos e legais da construção do fenômeno. Dois capítulos se debruçam sobre os prejuízos para as esposas, namoradas e parceiras lésbicas de transgêneros, cujas vidas são substancialmente afetadas quando suas parceiras ou parceiros transicionam. Cada vez mais, mulheres cujos maridos transicionaram estão se manifestando e se engajando na resistência. Uma maioria dos homens que transicionam

(Lawrence, 2004) têm histórias de travestismo (cross-dressing) para a excitação sexual, e esses homens são frequentemente casados e têm filhos, antes de decidirem ir além. As esposas sofrem por terem suas identidades desafiadas pelos maridos que clamam ser lésbicas e podem requerer que suas parceiras se identifiquem como lésbicas também. Semelhantemente, as parceiras lésbicas de mulheres que transicionam têm que se redefinir como mulheres heterossexuais, se quiserem continuar nas relações com mulheres que agora se veem como homens heterossexuais. Em ambos os casos, parceiras não-trans se encontram tendo uma quantidade considerável de trabalho não remunerado para apoiar seus parceiros trans, tais como a necessidade de serem mais femininas, para ajudar uma parceira lésbica a se sentir mais masculina. Parceiras têm que fornecer serviços de enfermeira não remunerados, dar injeções, marcar consultas, levar seus parceiros às compras, economizar e pagar por cirurgias. Elas têm que lidar com a exposição, ou a necessidade de, como elas colocam, permanecer no armário sobre a prática de seus parceiros. Elas recebem pouco apoio ou reconhecimento pelo prejuízo psicológico por que passam, o qual alguns psicólogos estão agora comparando ao estresse pós-traumático. Outro capítulo detalha um efeito muito preocupante do ativismo transgênero e do lobby da profissão médica, o transgenerismo de crianças.

Os dois últimos capítulos examinam os efeitos práticos da campanha pelos direitos transgêneros para todas as mulheres, incluindo o acesso de homens que transicionam a banheiros e prisões femininas, e em espaços de mulheres, tais como refúgios para vítimas de violência doméstica. O capítulo 7, intitulado “Um conflito de direitos”, examina a maneira pela qual a demanda por reconhecimento na lei do “direito” ao gênero e à “expressão de gênero” constitui um choque com os direitos das mulheres. Esse capítulo explorará as maneiras pelas quais a lei está sendo alterada nos países ocidentais para acomodar os “direitos de gênero” e as implicações dessas mudanças. Um dos principais objetivos de grupos de ativismo transgênero é permitir que homens que transicionam tenham acesso a “espaços gendrados”, tais como festivais de mulheres, refúgios de mulheres, serviços para vítimas de violência sexual, abrigos seguros para mulheres, banheiros e prisões. Esses espaços foram estabelecidos para servir aos interesses de mulheres enquanto grupo subordinado, para permitir a organização social e política separada do controle

masculino, para privacidade e segurança da violência dos homens. A determinação de entrar nesses espaços de homens que se consideram transgêneros leva a estresse considerável dentro de comunidades de mulheres. Em alguns casos, isso levou à suspensão de festivais de mulheres ou abandono de tentativas de criar centros para mulheres, de maneiras que são muito problemáticas para as comunidades de mulheres a que eles tinham intenção de servir.

### **Lendo contra a maré**

Há muito pouca literatura crítica sobre transgenerismo, que pudesse formar a fundação para este livro. Desde o revolucionário *The Transsexual Empire* (O Império Transsexual), de Janice Raymond, de 1979, houve uma quase completa falta de trabalhos feministas críticos, em meio a uma avalanche de pesquisas e obras que têm uma abordagem positiva, se não celebratória, do tópico. Por essa razão, foi necessário ler “contra a maré” a literatura celebratória ou apoiadora que existe, para extrair as evidências copiosas dos prejuízos do transgenerismo, que são óbvios até mesmo naqueles trabalhos que pretendem promover a prática. Assim como a estratégia de ler contra a maré, usei analogias em dois capítulos, e três entrevistas chave conduzidas por Lorene Gottschalk, de modo a revelar o que as literaturas acadêmica e popular não revelam.

Em dois capítulos, eu usei analogias para mostrar as semelhanças entre o transgenerismo e a homossexualidade ou a eugenia, com o objetivo de demonstrar os prejuízos em meio a um deserto de qualquer forma de crítica. Para o primeiro capítulo, sobre a construção histórica e sexológica do transgenerismo, achei muito útil fazer uma analogia com a construção da homossexualidade como categoria. Na falta de abordagens críticas sobre a construção do transgenerismo, na literatura acadêmica e popular, isso ofereceu um caminho de entrada útil, especialmente, já que as duas práticas são muito conectadas de maneiras óbvias. Semelhantemente, usei uma analogia no capítulo sobre o transgenerismo de crianças, comparando-a com a prática de cirurgias sexuais que foram feitas por aqueles inspirados pelas ideias da eugenia, de maneira a destacar o prejuízo, na falta de qualquer literatura crítica.

Tive que desenvolver minha crítica da teoria transgênero sem qualquer apontamento útil de outra literatura crítica, porque não existe material desse tipo



publicado. Mas, os crescentes comentários críticos, feitos por feministas radicais online, têm sido muito úteis nesse aspecto. Sou grata às minhas irmãs tanto pela informação factual, que fornecem em websites e blogs, quanto por suas contribuições teóricas. Já é hora de o feminismo acadêmico alcançar as blogueiras da nova onda do feminismo radical e produzir mais obras e pesquisas críticas.

Para o Capítulo 3, o qual lida com os prejuízos do transgênerismo para os próprios transgêneros, duas entrevistas foram conduzidas. Há ainda muito pouca literatura sobre o processo de transição, escrita por aqueles que passaram pelo processo, porque o problema do arrependimento transgênero, pelo qual homens e mulheres falam e escrevem sobre a destransição ao seu sexo original, por causa de sua profunda insatisfação, só começou recentemente a chegar ao domínio do público. Duas entrevistas foram conduzidas para este livro com pessoas que destransicionaram – um homem, Walt Heyer, e uma mulher, Heath Russell.

Outra entrevista também foi conduzida, para fornecer evidência em primeira mão dos prejuízos da prática do transgênerismo, causados a suas esposas por homens que transicionam. Coleções de relatos de suas experiências, dados por esposas e mães de transgêneros, e biografias individuais, escritas por mulheres cujos maridos e parceiros masculinos transicionaram, embora não pretendam ser críticas da prática, ainda assim contêm muito material que demonstra as maneiras pelas quais ela machuca-as severamente. Eu usei este material aqui. Há uma biografia de uma esposa que é inequivocamente crítica, e esta foi muito útil (Benvenuto, 2012). A entrevista com a parceira de um homem que transicionou foi útil para se ter uma imagem de sua experiência, de alguém com um olho crítico e uma crítica desenvolvida do fenômeno. Todos os três entrevistados usados neste livro foram encontrados através das redes online que estão começando a ser formadas por aqueles que são críticos da prática. Elas foram um recurso vital, na falta de literatura crítica.

Estão começando a surgir pesquisas interessantes sobre mulheres que transicionam e seus parceiros, feitas por feministas acadêmicas, as quais foram úteis para o Capítulo 5 deste livro (Brown, 2007, 2009, 2010; Pfeffer, 2008, 2010). Esse trabalho não afirma que tem uma abordagem crítica e, de fato, não evidencia nenhuma visão negativa a respeito da prática do transgênerismo, em

si mesma, mas oferece informações muito úteis para se entender o impacto prejudicial da transição de lésbicas para suas parceiras. Pode ser que esse assunto seja do interesse de acadêmicas feministas e acadêmicas feministas lésbicas, porque está acontecendo em suas comunidades e é algo próximo a elas.

Em relação à lei pelos direitos transgêneros, não descobri nenhuma literatura crítica e nenhuma literatura que ofereça advertências sobre o potencial choque com os direitos das mulheres. Nessa área, muito trabalho precisa ser feito. Também não há literatura sobre o impacto da inclusão de transgêneros nos serviços e espaços para as mulheres, exceto pelo trabalho de Lorene Gottschalk, o qual foi usado no Capítulo 8. Há necessidade de muita pesquisa nessas áreas. Para suplementar a literatura crítica escassa que existe sobre vários temas do livro, recorri a websites e blogs de ativistas transgêneros mesmo, que foram uma rica fonte para mostrar o rápido desenvolvimento do movimento pelos direitos transgêneros e alguns de seus alcances externos mais bizarros.

### **A importância da construção social**

Para colocar todas essas questões em contexto, é primeiro necessário examinar como o fenômeno do transgenerismo foi construído, histórica e politicamente. Essa é a tarefa do Capítulo 1. Estou muito ciente de que novas gerações de ativistas e pensadores feministas, lésbicas e gays podem achar a ideia da construção social difícil de aceitar. A ideia de que homossexualidade e transgenerismo são inatas se tornou bastante dominante hoje, enquanto, na época da segunda onda do feminismo, o entendimento de que gênero e sexualidade eram construídos socialmente era comum. Esse livro se baseia na premissa do entendimento de que o transgenerismo é uma construção social e, por essa razão, escolhi lidar com a questão da construção social em detalhes.

1

### **A CONSTRUÇÃO DE TRANGENERISMO**

Este livro argumenta que transgêneros é uma construção social dos meados do século XX. O conceito de “transgênero” era, como antropólogo David Valentine coloca, “institucionalizada” na década de 1990 (Valentine, 2007). Desde então, uma nova história transgender foi criada para apoiar as ideias e práticas de

ativistas transgêneros. Esta nova história afirma que sempre houve pessoas que eram essencialmente “transgêneros”, ao longo da história (Prosser, 1998; Stryker, 2008). Pessoas transgêneros, esses ativistas dizem, nós ajudamos no século XX pelo desenvolvimento de especializações médicas que lhes permitiu “sair” do armário trans e realizar-se da necessidade de mudança de sexo. Esse capítulo vai disputar esta versão da história, uma história que só faz sentido se transgêneros é entendido como ser baseado em uma qualidade essencial, aquilo que alguns sexólogos chamam a ideia de “essência feminina” (Dreger, 2008). Se essa premissa for rejeitada, é necessário explicar como o fenômeno do transgenerismo surgiu, e este capítulo tentará esta tarefa. Vou argumentar que, longe de ser uma constante na história e através das culturas, transgêneros é uma construção muito recente. Este capítulo se concentrará em homens que são trans porque a ideologia e práticas de transgenerismo foram inventadas por homens. Enquanto as mulheres formavam uma pequena minoria das pessoas que pretendem ser trans antes da década de 1990, tornaram-se uma proporção crescente desde aquela época, e tem procurado encaixar-se em um conjunto de ideias construídas por cientistas de sexo masculino, e os homens que foram os principais demandantes de redesignação de sexo (Jeffreys, 2003). As diferenças entre homens e comportamento trans feminino será considerado em detalhe em um capítulo posterior.

### **Origem do termo “transexual”**

O termo transexual foi cunhado na década de 1950 para descrever aquelas pessoas que desejavam mudar de sexo, e popularizado pelo endocrinologista Harry Benjamin, em seu livro *The Transsexual Phenomenon* (1966). O termo transgêneros foi cunhado pelo homem – e de acordo com seus protestos, heterossexual – cross-dresser Virginia Prince, que procurou distinguir-se dos aspectos identificados como transexuais, e para criar um rosto mais aceitável para uma prática anteriormente entendida como “parafilia” – uma forma de fetichismo (Prince, 2005b). A adoção de Prince do termo era parte do que eu chamarei aqui o “mudar-se para o gênero”, em qual tanto cross-dressing e transexualismo passou a ser entendido como expressões de um gênero interno ou essencial, ao invés de simplesmente ser hobbies realizados por excitação sexual. O termo “transgênero” foi então normalizada através das políticas queer

da década de 1990, quando foi adotado para transmitir um significado amplo que engloba todos aqueles que foram vistos como um comportamento mais comumente atribuído ao sexo oposto, de lésbicas butch de cross-dressing, gay, homens prostituídos. Atualmente, o termo transgêneros é utilizado na linguagem comum para se referir àqueles que uma vez foram chamados “transexual”, uma palavra que já não é mais utilizada. Este capítulo procura explicar por que essa importante mudança na terminologia aconteceu. O termo transgêneros é usado nesse livro na forma como ele é mais comumente usado no presente, para se referir a aqueles que se consideram ter uma “identidade de gênero” que difere do que, nas sociedades masculinas de supremacia, está associada com seu sexo biológico.

### **A construção do homossexual**

A ideia de que transgênero é socialmente construído será controverso. Na ideologia transexual, pessoas transexuais são vistas como estando na posse de uma “essência” – que consiste em vestuário ou hábitos – do “gênero” mais geralmente associada com o sexo oposto. Esta essência é entendida como sendo o resultado seja de um acidente da biologia ou como o produto de algum outro processo misterioso e geralmente não identificável, e, portanto, “natural”. Por exemplo, em seu livro *Second Skin*, Jay Prosser especificamente rejeita a abordagem construcionista, argumentando que as pessoas transexuais existiam antes e fora das forças de construção que deve descrever aqui (Prosser, 1998). Acusações de “transfobia” e “transmisoginia” são regularmente dirigidas a qualquer um que questiona o discurso essencialista que tais ativistas transgêneros subscrevem ter. Mas, curiosamente, acusações semelhantes de “homofobia” não são, e não foram, dirigidos a esses historiadores e pesquisadores de lésbicas e gays que argumentam que o “homossexual” é uma construção social. A ideia de que o homossexual não é alguém destinado inatamente a ser sexualmente atraído por seu próprio sexo também é controverso em grandes partes da comunidade gay, mas não levou a tais virulências e invectivas. A invenção do homossexual é instrutiva para demonstrar como o “transexual” também veio a existir, porque a ideia de que existe uma tal entidade como uma pessoa transgêneros segue o roteiro para a construção do

conceito de “homossexual” por sexólogos do sexo masculino, ou cientistas do sexo, no século XIX.

A construção do transgenerismo nos assemelha ao final do século XX, em aspectos importantes, a construção do homossexual. As décadas de 1960 e 1970 foram os dias de glória do construcionismo social nas ciências sociais. Teóricos e historiadores de lésbicas e gays, educados nos valores da época, argumentaram que a ideia do homossexual, como um determinado tipo de pessoa que estava destinado por uma anomalia congênita a ser atraído exclusivamente a outros do mesmo sexo, era, na verdade uma construção social (Mackintosh, 1968; Weeks, 1977). A abordagem construcionista social não era sem as críticas na academia de gays e lésbicas. Havia alguns que argumentaram que a construção da homossexualidade devia algo à biologia, bom como a cultura (Dynes, 1992). Alguns dos construcionistas reconheceram que os homossexuais individuais não experimentavam as suas identidades como socialmente construídas, então deve haver algum reconhecimento na teoria social construcionista da coagência da experiência pessoal (Epstein, 1992). Mas para a maioria dos acadêmicos de lésbicas e gays foi bem compreendido que a história, cultura e política construiu o homossexual.

Há discordâncias a respeito de quando esta construção teve lugar principalmente: no final do século XVII, quando os homens homossexuais se reuniram em casas Molly e clubes em Londres, como Mary Mackintosh (1968) argumentou; ou no século XIX, como Michel Foucault (1978) argumentou. No entanto, é claro que foi no século XIX que significativas instituições sociais se envolveu na construção de homossexuais como uma categoria distinta de pessoas. O homossexual foi construído, neste entendimento, a partir de duas fontes principais, o direito e medicina, os quais, vou discuti aqui, têm sido de fundamental importância para a construção de transgenerismo também. Estudiosos de lésbicas e gays explicam que na primeira parte do comportamento sexual do século XIX ainda era regulado pelos tribunais da igreja (Weeks, 1977). Não havia o conceito do homossexual como tal, mas práticas sexuais particulares foram vistas como inaceitáveis, nomeadamente, neste caso, a sodomia. Como os tribunais da igreja entrou em desuso, o direito penal assumiu como um regulador da prática sexual correta. Assim, no final do século XIX, no Reino Unido, o Criminal Law Amendment Act de 1885 foi promulgado, que

especificamente fez o comportamento sexual masculino homossexual ilegal. Segundo esta legislação, Oscar Wilde foi processado na década de 1890, e seu julgamento foi amplamente divulgado. Tudo isso ajudou a cristalizar a ideia do homossexual. No mesmo período, a ciência da sexologia tomou o lugar da religião para fornecer prescrições de comportamento sexual aceitável e inaceitável.

A primeira articulação detalhada dentro da sociologia da ideia de que a homossexualidade não era uma “condição”, mas um “papel social” era pela socióloga lésbica Mary Mackintosh em seu artigo pioneiro, “The Homosexual Role” (1968). Ela aplicou entendimentos de rotular teoria à homossexualidade, e argumentou que conceptualização do homossexual como um certo tipo de pessoa que sofria de uma condição operado como uma forma de controle social, que “ajuda a fornecer uma visão clara, divulgada, e limite reconhecível entre comportamentos admissíveis e inadmissíveis” (Mackintosh, 1968:183). Mackintosh explicou que, em relação à homossexualidade, “a criação de uma função especializada, desprezadas e punidos da homossexualidade mantém a maior parte da sociedade pura” (Mackintosh, 1968:184). Ela diz que os psicólogos e psiquiatras participam do processo de rotulagem em relação à homossexualidade e, portanto, do mecanismo de controle social”. Desta maneira de ver a homossexualidade é útil para a compreensão do transgênerismo também. A criação do papel transgêneros pode ser visto como uma maneira de separar comportamentos de gêneros inaceitáveis, o que poderia ameaçar o sistema de dominação masculina e subordinação feminina, de comportamento de gênero correto, que é visto como adequado para as pessoas de um sexo biológico particular. No caso da homossexualidade, o efeito é o de reforçar a ideia de heterossexualidade exclusiva e natural; e, no caso de transgêneros, a naturalidade de papéis sexuais.

Mackintosh aponta outro aspecto do papel homossexual que é relevante para o “papel” do transgêneros, que é “homossexuais mesmo aceitar e apoiar a noção de que homossexualidade é uma condição” (Mackintosh, 1968:184). Isso é porque ele elimina a possibilidade de “deriva de volta para a normalidade e remove o elemento de escolha ansiosa”. Assim, o homossexual, e talvez a pessoa transgêneros hoje, pode ver-se como agindo de uma maneira que é legítimo para eles, e eles podem continuar a se comportar dessa maneira, sem

“estar rejeitando as normas da sociedade”. Michel Foucault produziu sua própria sua própria versão da análise construcionista social em *The History of Sexuality: Volume 1*, afirmando que, no século XIX, o homossexual “se tornou um personagem, um passado, uma história do caso, e uma infância, além de ser um tipo de vida, uma forma de vida, e uma morfologia” (Foucault, 1978:43). Quando este livro foi traduzido para o inglês em 1978, as suas ideias criaram uma nova onda de gay, história social construcionista e academia.

Não houve irrupção de outros homens gays e lésbicas nos anos de 1960 e 1970 que tais contas construtivistas sociais da homossexualidade eram “homofóbicas”, mas os argumentos semelhantes sobre transgenerismo hoje são atacados como “transfóbicos”. Dentro das ciências sociais que foram bem aceitas, e a análise de Mackintosh é agora considerado como um clássico no campo (ver Stein, 1992). No entanto, em relação ao transgêneros nas últimas duas décadas, período em que a construção desta prática tem sido em seu auge – com algumas exceções notáveis (Gottschalk, 2003; Hausman, 1995; Jeffreys, 2006, 2008) – não houve nenhuma tal análise construcionista social. Isto, em si, apresenta um quebra-cabeça.

### **Semelhanças entre a construção da homossexualidade e da construção de transgenerismo**

Uma razão importante pela qual a construção social do homossexualismo é instrutiva para a compreensão deste processo em relação ao transgenerismo é que os sexólogos que estiveram envolvidos na criação da ideia do homossexual como um tipo particular de pessoa no final do século XIX e início do século XX não claramente distinguir a homossexualidade do que viria a ser entendida como travestismo, o transexualismo ou transgenerismo. A semelhança privilegiada na construção sexological entre o homossexual do século XIX e da pessoa trans de hoje é que ambos são entendidos como biologicamente determinados a agir da maneira que eles fazem. *Sexual Inversion* de Henry Vaverlock (1927, publicado pela primeira vez em 1897) é um bom exemplo disso. Ellis, cujo trabalho inclui a consideração detalhada do trabalho e as conclusões dos muitos sexólogos e psicanalistas que o precederam, afirmou que a homossexualidade, ou inversão sexual era uma “anomalia congênita” (Ellis, 1927:318). Ele considerou que a anormalidade surgiu como resultado da “bissexualidade orgânica latente” de

cada sexo (Ellis, 1927:310). Ellis incluiu neste entendimento cross-dressing por homens que ele chamou de eonismo, após o Chevalier D'Eon. Em sua opinião, eonismo ou travestismo, foi separado mas sob o mesmo guarda-chuva e criado pela mesma biologia. A invenção do termo “travesti” para descrever uma prática diferente da homossexualidade é atribuída ao sexólogo Magnus Hirschfeld, em uma publicação em 1910 (Blanchard, 2005).

A outra semelhança significativa é que tanto o homossexual do discurso sexological e a pessoa trans de hoje são vistos como biologicamente destinados a adotar o comportamento culturalmente associado, em um determinado momento da história com o sexo oposto. A “pessoa invertida”, Ellis explica, teve “aproximações sutis para o sexo oposto... ambos de lado físico e psíquico” (Ellis, 1927:310). Outra semelhança é que há pouca evidência para apoiar a crença no determinismo biológico em ambos os casos. Com nenhuma evidência científica para apoiar sua crença, Ellis simplesmente fez uma afirmação sobre a existência de “germes” masculinos ou femininos: “no momento da concepção o organismo está dotado de cerca de 50% dos germes masculinos e cerca de 50% de germes femininos, e que, tal como o desenvolvimento prossegue, ou os germes masculinos ou femininos assumem a vantagem, até que no indivíduo maduramente desenvolvido apenas alguns germes abortados do sexo oposto são deixados” (Ellis, 1927:311). No homossexual, ele considerou que algo deu errado com o processo por conta de algumas peculiaridades no número ou caráter de ambos os germes masculinos ou germes femininos originais” com o resultado de ser uma pessoa que está mais equipada para o exercício da inversão que do impulso” (Ellis, 1927:310). Esta pessoa pode não apresentar sinais físicos de inversão, mas a anomalia congênita pode ser evidente no comportamento. Tal comportamento pode incluir, na visão de Ellis, ser canhoto, ter uma voz feminina alta, escrita feminina ou, em mulheres, escrita masculina. Muitos dos casos masculinos, ele relata, mostrou a incapacidade de assobiar ou, em casos do sexo feminino, a capacidade de “assobiar admiravelmente” (Ellis, 1927:291). Ellis argumentou que “as mulheres invertidas” também expressavam comportamentos mais geralmente associados com o sexo oposto, ou seja, eles “com frequência, embora nem sempre, transmite uma impressão de masculinidade ou infantilidade (Ellis, 1927:251).



Historicamente, aqueles que amaram e se envolveram em relações sexuais com pessoas do mesmo sexo eram propensos a se envolver também no cross-dressing e comportamentos de cross-gênero, assentar, drag, e efeminação em relações entre homossexuais masculinos e ser butch e masculinidade para lésbicas. Mary Mackintosh citou uma descrição de 1720 da maneira que os homens homossexuais comportados em casas Molly, onde “os membros do clube adotam todas as pequenas vaidades naturais do sexo feminino de forma que eles tentam falar, andar, gritar e xingar como as mulheres, imitando-as, bem como em outros aspectos” (citada em Mackintosh, 1968:188). A expressão do comportamento visto como “pertencer” a outro sexo era ordinário, se não a maior, forma em que a homossexualidade era praticada. Por esta razão, os historiadores lésbicas e gays tem rotineiramente incluídos aqueles que exibem este comportamento na história gay. Como John D’Emilio o coloca em sua história de 1983 sobre “comunidades sexuais” nos Estados Unidos de 1940-1970: “Durante as primeiras duas décadas do século XX, homens homossexuais travestis e seus companheiros de aparência comum fizeram suas ligações em saloons e clubes espalhados pelas partes menos respeitáveis da cidade” (D’Emilio, 1998, publicado primeiro em 1983:12). Seu livro foi publicado antes de transativistas e acadêmicos trans fazerem a apropriação de terras para gays efeminados e lésbicas butch para serem incluídos como trans, em oposição a história gay. D’Emilio caracterizava bailes de travestis como sendo parte da história gay também, embora eles provavelmente sejam vistos como expressões do transgênero hoje (D’Emilio, 1998:12).

No trabalho de teóricos trans e transativistas hoje, aqueles envolvidos em relações do mesmo sexo em períodos históricos anteriores, que fazem cross-dressing, são separados da categoria homossexual e colocados na categoria transexual. Jay Prosser, por exemplo, identifica a personagem Stephen, no romance *The Well of Loneliness*, como um arquetípico trans (Prosser, 1998), apesar de que ela tenha sido caracterizada como uma lésbica por historiadoras lésbicas (Doan, 2001; Newton, 1984). Uma pessoa mais recente ter sido “transapped” por Prosser e outros transativistas é Brandon Teena, a jovem mulher que se vestia às vezes em trajes masculinos e foi assassinada em Nebraska, em 1993. Prosser diz que foi completamente errado para a mídia de identificá-la seja como mulher, seja como lésbica, e compartilha a indignação do

grupo transativista Transsexual Menace, que formou em reação a esta queerização da experiência trans. O antropólogo David Valentine, por outro lado, diz que “a inclusão inquestionável de pessoas como... Brandon Teena na categoria de trans produz uma colonização de representação dessas vidas” (Valentine, 2007:229). Carolyn Gage, feminista lésbica americana dramaturga, escreveu eloquentemente sobre as suas preocupações no transnapping de Brandon (Gage, 2010). Ela explica que a informação crucial está faltando no filme *Boys Don't Cry* – feito sobre Brandon – e dos escritos de transativistas que a fizeram uma heroína. As informações incluem os dados de seu grave abuso sexual por anos em sua infância por um parente de sexo masculino. Gage desenha semelhanças entre os problemas de Brandon de saúde mental, seu distúrbio alimentar e sua identificação com um abusador do sexo masculino com as experiências de outras meninas abusadas sexualmente de maneira semelhante. Tudo isso faz dela uma típica mulher sobrevivente de abuso sexual, diz ela, do que um homem.

Vou argumentar que a categoria transexual foi criada por forças de poder masculino, ou seja, que ele foi criado não apenas socialmente, como politicamente. David Valentine diz que a tarefa de sua pesquisa sobre o desenvolvimento do transgenerismo foi investigar o “conjunto de relações de poder em que” novas categorizações são criados e as pessoas são forçadas a adaptar-se “os processos políticos, sociais, culturais e econômicos subjacentes, tais relações de poder; e efeitos que essas exigências tem” (Valentine, 2007:243). Vou procurar identificar as forças do poder masculino que construiu transgenerismo como uma categoria separada da homossexualidade no século XX.

### **Medicina cria o transgenerismo**

Transgenerismo, quando entendida como a possibilidade de mudar fisicamente de sexo, só se tornou pensável como resultado da evolução da medicina no século XX. Em sua constância construcionista social do surgimento do transgenerismo, Bernice Hausman explica que esta associação não foi bem compreendida, uma vez que

estas ligações entre tecnologia médica, prática médica e o advento da “mudança de sexo” no século XX foram ignoradas pela maioria dos

pesquisadores que estudam o assunto, que mais usualmente compreendem o transexualismo como representante de um desejo trans histórico de alguns humanos se sujeitarem a ser de outro sexo. (Hausman, 1995:2)

Endocrinologia foi a especialidade médica que fez o papel mais significativo e dois dos mais influentes médicos em defesa da mudança de sexo em meados do século foram os endocrinologistas Harry Benjamin e Christian Hamburger. Bernice Hausman argumenta que foi a “divulgação pública do conhecimento científico do sistema endócrino humano” que permitiu “certos assuntos humanos” para “entender-se como membros do outro sexo” (Hausman, 1995:26). Endocrinologia, ela explica, “no momento que a medicina providenciou as ferramentas para reforçar o dimorfismo sexual – não só para examinar e o descrever” (Hausman, 1995:38). Endocrinologista desenvolveram especialização com hormônios, que eram originalmente, nas primeiras décadas do século XX, introduzido nos corpos de homens que queriam melhorar a sua virilidade pela inserção de testículos de bode. Mais tarde, hormônios artificiais que imitavam hormônios naturais produzidos pelo corpo humano mostrou-se mais eficazes. Esses hormônios foram usados em pacientes intersexuais que os sexólogos consideraram devem ser feitas para se assemelhar mais de perto a categoria de sexo em que os médicos lhes tinha colocado no nascimento. Eles foram, então, usados em pacientes que queriam mudar de sexo. Outra especialização médica necessária para estar em um estágio particular de desenvolvimento para permitir que a cirurgia plástica para ser realizada – esta foi a anestesia (Stryker, 2008). A terceira especialização médica que permitiu o transgenerismo foi a própria cirurgia plástica.

O desenvolvimento destas especializações médicas foi tão importante para a construção do transgenerismo que o historiador da sexualidade, Vern Bullough, comenta que “uma vez apresentou um documento” em 1973, o que sugere que o transexualismo pode ser “iatrogênica”, que é um problema de saúde criado pela própria medicina. Pode existir, diz ele, “simplesmente porque os cirurgiões agora poderiam fazer cirurgias de mudança de sexo que não eram possíveis antes” (Bullough, 2006:4). Hausman explica que, quando não havia o conhecimento público sobre os avanços da medicina e capacidades tecnológicas, os indivíduos poderiam então se citarem como “os sujeitos

apropriados de determinadas intervenções médicas, e, assim, participar na construção em si mesmos como os doentes” (Hausman, 1995:23). Estes desenvolvimentos médicos permitiu a construção da ideia de “identidade de gênero”.

### **Os demandantes**

Seria errado, Hausman argumenta, ver os pacientes que procuraram a mudança de sexo como vítimas passivas desses tratamentos; em vez dos sujeitos trans que desempenharam um papel definitivo na construção do transgenerismo, através da “demanda” da cirurgia e drogas que eles consideravam que podia ajuda-los em suas aspirações (Hausman, 1995). Ela diz que é “importante” para “sublinharem a agência de indivíduos trans na medida em que eles forçarem a profissão médica para responder suas demandas” (Hausman, 1995:110). Hausman vê a aliança dos trans com os médicos como o elemento definidor na construção do transgenerismo. Em 1980, levou à inclusão no *Manual de Diagnóstico Estatístico* de transtorno de identidade de gênero, que abriu o caminho para o tratamento (ibid.). Reconheceu seus desejos como uma forma de doença mental causada por seu possuidor de uma anomalia, mas essencial “gênero”.

A identidade dos trans, portanto, dependia da profissão médica e foi sua demanda por cirurgia que os distinguiu das outras categorias de desvio sexual que sexólogos estavam envolvidos no diagnóstico e regulação como a homossexualidade. Considerando a homossexualidade simplesmente uma forma de comportamento que qualquer pessoa pode adotar, para a grande maioria dos seus acólitos, transgenerismo representa uma peregrinação para um objetivo que só pode ser realizado através de médicos, porque trans “precisam de serviços de profissionais médicos para atingir seus objetivos” (ibid.). Como historiador da sexualidade, Vern Bullough, aponta estes desenvolvimentos médicos dos remédios e trans a terem aliança próxima na década de 1960 e 1970 ao mesmo tempo que gays e lésbicas, bissexuais, travestis, e mais tarde intersexuais buscavam se livrar do controle médico (Bullough, 2006:4).

Os demandantes foram esmagadoramente do sexo masculino, embora houvesse sempre uma pitada de mulheres, incluindo Reed Erikson, uma rica mulher americana que foi capaz através da Fundação Erikson, financiar e

influenciar a pesquisa sexológica em transgenerismo (Meyerowitz, 2002). Antes da mais recente expansão da categoria, os sexólogos estimaram a existência de três homens que exigiram a cirurgia para uma mulher. Esta proporção permanece em grande parte no lugar, com os candidatos para o Certificado de Reconhecimento de Gênero no Reino Unido sob o Ato de Reconhecimento de Gênero sendo precisamente na mesma proporção (Ministério da Justiça, 2012). Os demandantes do sexo masculino caíram em duas categorias: os homens homossexuais que se sentiam incapazes de amar os homens, enquanto permanecem em um corpo masculino; e os homens que estavam predominantemente heterossexuais e transgêneros como um clímax de seu interesse em cross-dressing (Blanchard, 2005).

A onda de publicidade que alertou os homens para as possibilidades abertas para eles ocorreu em relação à mudança de sexo de Christine Jorgensen, que se enquadra na primeira categoria. O historiador do transgenerismo, Joanne Meyerowitz afirma “na década de 1950, Jorgensen fez mudança de sexo alterar um termo familiar” (Meyerowitz, 2002:51). O caso de Jorgensen gerou enorme interesse na mídia nos Estados Unidos. Na sua *Transgender History*, o transativista Susan Stryker diz que “a fama de Jorgensen foi um divisor de águas na história dos trans” (Stryker, 2008:49). Jorgensen era homossexual, e disse em suas memórias que suas “emoções ou eram os de uma mulher ou de um homossexual” (Meyerowitz, 2008:54). Sua preferência era de se considerar uma mulher, talvez porque ele considerava a homossexualidade imoral: “foi uma coisa profundamente alheia a minhas atitudes religiosas” (citado em Meyerowitz, 2008:57). Em uma carta a um psiquiatra em 1950/1951, Jorgensen se descreveu como um “homossexual” como uma “grande quantidade de feminilidade” (citado em Meyerowitz, 2008:59). Dentro de alguns anos, tanto Jorgensen e os médicos que o trataram gostariam de salientar a diferença entre a sua condição e a de homossexualidade, e o estresse do seu problema era “glandular” (Meyerowitz, 2008:61). Mas no início de sua carreira, o conceito de transgenerismo ainda não tinha sido construída com que Jorgensen poderia se identificar. Meyerowitz explica que foi o endocrinologista de Jorgensen que contou a ele que ele não era homossexual, mas tinha uma condição chamada “travestismo”, que estava enraizado em suas células de seu corpo (Meyerowitz, 2008:66).

## **A oposição a cirurgia transexual por psiquiatras**

A ideia de transexualismo como uma condição que necessitou de tratamento por hormônios e cirurgia não foi bem aceita nos primeiros anos. De fato, como Bullough aponta, quando Christine Jorgesen veio a público com sua experiência na década de 1950, uma “guerra de territórios” eclodiu na profissão médica sobre o tratamento correto para homens como ele. A guerra por território estava entres aqueles que lidavam com a mente – e considerou a fantasia de ser uma mulher a ser melhor tratada pela psicoterapia e cirurgia uma “mutilação”; e endocrinologistas e cirurgiões – que consideravam que o melhor tratamento era físico, na alteração do corpo (Bullough, 2006:7). Em um artigo de 1968, o psiquiatra Donald Hayes Russel expressou sua oposição ao que ele chamou de “conversão de sexo”. Ele se referiu a “transexualismo como uma anomalia recém-descrita”, dizendo que “tradicionalmente, homossexuais e travestis são conhecidos por suas propensões a agir como seu sexo oposto. Diferindo estas condições é a anormalidade relativamente recém descrito – o de “transexualismo” (Russell, 1968:355). Ele pesava na polêmica ao dizer que a condição “é geralmente considerada psiquiátrica, tendo suas raízes no desenvolvimento emocional precoce”, mas que “alguns poucos conservadores” erroneamente “entreteram a noção de alguma mística constitucional” (ibid.).

Hoje a teoria da “essência feminina” é muito mais difundida. Mas na década de 1960 esta ideia não tinha tomado conta e Russel considerava aqueles que buscavam a mudança de sexo como delirantes, com a esperança de trans “a serem transformados – através da ciência médica – em algo que ele não é” (ibid.). Russel explicou que havia questões éticas extremamente graves envolvidos na realização de cirurgia em aspirantes, porque

os médicos geralmente consideram antiético destruir ou alterar o tecido, exceto na presença de doença ou deformidade. A interferência com a função de procriação natural de uma pessoa implica em definitivos princípios morais, pelo qual não apenas médicos, mas também o público em geral é influenciado (*Russell, 1968:356*).

Ele identificou a cirurgia trans como “mal” e diz “a administração de danos físicos como tratamento para problemas mentais ou comportamentais – como punição no corpo, lobotomia para psicóticos incontroláveis e esterilização de criminosos

– é abominável em nossa sociedade” (ibid.). Além disso, ele considerou que médicos devem ter cuidado, porque eles poderiam ser processados por negligência. Mal sabia ele naquele momento que esses escrúpulos seriam tão esmagadoramente derrubados nas próximas décadas. Em pouco tempo, a explicação das causas e tratamentos adequados para transgnerismo tinha sido efetivamente tomado pelos próprios pacientes para atender seus interesses, e as críticas de seu esquema passou a ser visto como inaceitável discurso de ódio.

Paul McHugh, outro psiquiatra contrário a mudança de sexo, foi responsável por colocar um fim às operações de mudança de sexo na Universidade de Johns Hopkins em 1979. Ele explicou seu raciocínio em um artigo em 1992 intitulado “*Psychiatric Misadventures*”, um dos quais foi afirmava que aqueles com dificuldade sobre “gênero” deveriam ter um tratamento hormonal e cirúrgico (McHugh, 1992). Ele disse que viu os homens que sentiram que estavam no “corpo errado”, “não incomum”. Ele recomendou que o pedido do paciente que seu sentimento é ao longo da vida deve ser verificada por falar com aqueles que o conheciam como uma criança, porque ele pode não ser precisa. Outros problemas era, argumentou ele, que o “sentir-se uma mulher” foi muitas vezes baseada simplesmente em estereótipos sexuais, “algo que médicas notaram de imediato é uma caricatura masculina de atitudes e interesses das mulheres” (McHugh, 1992:502). Ele expressou sua frustração pela comparação a recomendação de cirurgia pra trans com intervenções como a lipoaspiração para aqueles que sofrem a ilusão de que eles são obesos. “Nós não fazemos lipoaspiração em anoréxicos. Porque amputar os genitais destes pobres homens?” (McHugh, 1992:503). Ele também a comparou com a lobotomia, “a terapia mais radical já incentivada no século XX por psiquiatras” e disse que nem o tratamento resultou de “um raciocínio crítico ou avaliações” (ibid.). Ele reiterou sua oposição em 2004, dizendo: “Eu testemunhei uma grande quantidade de danos causados pela mudança de sexo... Perdemos recursos científicos e técnicos e danificou a nossa credibilidade profissional, colaborando com a loucura ao invés de tentar estudar, curar e finalmente evitar” (McHugh, 2004:38). Este tipo de oposição franca raramente é exposto no século XXI, quando o transgnerismo se tornou, como McHugh descreve, “moda” (McHugh, 1992).

## **Transgenerismo e cross-dressing**

Além de homossexuais infelizes como Christine Jorgenson, a outra categoria principal de demandantes deriva do sexo masculino, ostensivamente homossexuais, travestis. Apesar de cross-dressing ser um exercício bastante comum de homens heterossexuais, a maioria não procura mudar seu sexo, mas vestir-se em casa ocasionalmente, se aventurar em público “vestida”; ou em alguns casos, procuram viver em tempo integral como mulheres, mas evitando a cirurgia ou os hormônios (Woodhouse, 1989). É, no entanto, a partir deste círculo de homens que o termo trans se levantou, e embora haja muita confusão sobre a fronteira entre travestis e aqueles que escolhem fazer a transição, a diferença parece nem clara, nem fixa. O historiador da sexualidade, Vern Bullough, como muitos outros pesquisadores de transgenerismo, considera que há pouca diferença entre o travestismo e transexualidade; alguns travestis simplesmente foram mais longe que outros e acabam querendo viver permanentemente como uma mulher, ou opta por fazer a cirurgia (Bullough, 2006). Um movimento social de travestis masculinos desenvolvido nos anos 1960 e 1970, que formou outra conduta na construção de transgenerismo. O movimento foi liderado por Virginia Prince, a quem o primeiro uso do termo “transgênero” foi atribuído. Prince criou o jornal *Transvestia*, para homens interessados em travestirem-se em mulheres, em 1960. Vern L. Bullough diz que o termo foi “usado pela primeira vez por Virginia Prince para descrever aqueles indivíduos que, como ela, elegeram mudar seu “gênero” e não o “sexo” (Bullough, 2006).

A piscina de homens interessados, travestis, de quem o número crescente de pessoas que pretendem mudar de sexo que foi atraído, é bastante considerável. Em um artigo que destaca as conexões entre cross-dressing e transgenerismo, a psicóloga trans Anne Lawrence, dá resultados de uma pesquisa para indicar a ubiquidade dos interesses de homens que fazem cross-dressing. Isso mostrou que 2,8% dos homens afirmaram ter experienciado excitação sexual devido ao cross-dressing (Lawrence, 2007:507). Outros estudos, ele diz, encontrou uma taxa de 2 ou 3%. O interesse dos homens heterossexuais publicamente se vestirem em roupas geralmente associados a mulheres tem um longo pedigree histórico. Cross-dressing é entendida por sexólogos como um interesse sexual de homens heterossexuais e eles



concordam que não há prática análoga para as mulheres, heterossexuais ou lésbicas, as mulheres geralmente não são atingidas por parafilias incomuns (Bailey, 2007). Cross-dressing é praticada por grupos de homens para se divertir, bem como sendo praticado secretamente em casa. Marjorie Garber, em seu exame desta prática nos Estados Unidos, aponta que tem sido comumente praticado por homens privilegiados, classe alta nas faculdades e universidades, o que dá uma indicação de sua respeitabilidade. Ela explica que vestir-se como mulher, até mesmo a ponto de usar próteses de imitar partes do corpo feminino, tem lugar em todos os bastiões masculinos da classe alta americana, como o Tarven Club em Boston e o Bohemian Club em São Francisco, onde, ela explica que “longe de diminuir o poder da elite dominante, rituais de homens vestirem-se como mulheres aqui muitas vezes parecem servir como confirmação e expressões dele” (Garber, 1997:66).

Virginia Prince, que tem sido descrito como o pioneiro do transgenerismo, desempenhou um papel importante no desenvolvimento do cross-dressing a partir de um hobby em um movimento (Ekins, 2005). Ele tinha um PhD em Farmácia e viveu como uma mulher pela maior parte de sua vida, depois de dois casamentos. Ele não, no entanto, considera-se um trans e não fez a cirurgia de mudança de sexo. A *International Journal of Transgenderism* (Jornal Internacional de Transgenerismo) dedicado a um problema para ele – em noventa e dois anos – em 2005, para celebrar a importância do seu trabalho na criação do campo. Prince teve a história clássica de um homem que faz cross-dressing, que hoje seria suscetível de conduzir a um diagnóstico de transtorno de identidade de gênero e fazer dele um candidato a cirurgia. Ele começou a travestir-se com a idade de doze anos, usando roupas de sua mãe, e como adolescente, por vezes “se vestia” em público, buscando se passar por uma menina. Ele procurou aconselhamento e apoio de psiquiatras sobre o seu interesse e, em 1960, ele publicou a primeira edição de sua revista para travestis, *Transvestia*, que afirmou que ele foi direcionado a “normal sexualidade” – que é heterossexual – que faz cross-dressing. Ele formou um grupo de apoio a travestis assinantes da revista, *Hose and Heels*, em Los Angeles em 1961, para o qual homossexuais e transexuais não foram admitidos. O grupo tornou-se nacional e passou a se chamar Fundação para a Expressão Completa da Personalidade (FPE). Ganhou assinantes de fora dos Estados Unidos, e em 1965 um grupo

regional europeu da FPE, chamada Sociedade Beaumont foi formada em Londres. Prince também publico ficção travesti, alguns escritos por ele mesmo, e vendido como seios artificiais. Depois de seu segundo casamento ter terminado, ele começou a, como ele diz, “personificar” as mulheres em público, fazia eletrólise para remover a barba e ganhou seios como resultado do tratamento hormonal, mas manteve seu pênis. Prince se tornou o porta-voz para as comunidades travestis e alegou ter inventado os termos “transgenerismo” e “transgenderista” para descrever homens como ele, que tem seios e vivem em tempo integral como mulher, mas que não tem intenção de passar pela cirurgia genital (citado em Ekins, 2005:9). Prince considerou o desenvolvimento da cirurgia trans, e sua ampla divulgação e promoção a ser problemático, porque ele pensou que causou a travestis suscetíveis a serem reduzidos a tomarem esse caminho; uma visão que foi profética.

Em 1978, Prince escreveu um artigo para o jornal *Transvestia*, que pressagia as maneiras em que teóricos trans e queer estavam a escrever sobre transgenerismo vinte anos mais tarde. Ele explicou a utilidade do sufixo “trans” e que um “transcendente é uma pessoa que sobe mais e vai além de algum tipo de limitação ou barreira” (Prince, 2005b, publicado pela primeira vez, 1978:39). Trans, segundo ele, tem que passar por cima da barreira de gênero, e cita o sexólogo John Money na definição de gênero como “todas aquelas coisas que uma pessoa diz ou faz para divulgar a si mesmo como tendo o status de menino ou homens, menina ou mulher, respectivamente” (Prince, 2005b:40). Curiosamente, Prince considera que o gênero não seja “biológico, mas sim cultural” (Prince, 2005b 41), e sua compreensão do que a feminilidade é composta por provém da cultura da década de 1950, “um mundo de seda e cetim, de rendas e perfume, de graça, beleza e adorno e, idealmente, de virtude” (2005 a, 23). O trabalho de Prince é uma indicação de uma mudança para entender o cross-dressing e transexualismo em termo de “gênero” que estava em curso. Isso culminou com a inclusão no *Manual Estatístico de Diagnósticos nos Estados Unidos*, a bíblia dos profissionais de saúde mental, dos diagnósticos de “transtorno de identidade de gênero” e “transtorno de identidade de gênero na infância”, que formam as bases para o tratamento deste problema de saúde mental por meio de hormônios e cirurgia. Transtorno de identidade de gênero tornou-se a nova linguagem para o que anteriormente chamava-se

transexualismo (Zucker e Spitzer, 2005). Na nova edição de 2013 do *Manual Estatístico de Diagnósticos*, a nomenclatura foi alterada novamente, e transtorno de identidade de gênero se tornou “disforia de gênero”, resultante dos argumentos de transativistas que seus problemas com gênero não constituíam em uma desordem, um termo que tem conotação de má saúde mental.

### **A mudança para o gênero**

A construção da ideia de “gênero” era necessária para justificar e explicar o tratamento de mudança de sexo. O acesso a esta nova ideia levou a uma etapa importante na história desta prática, quando, na década de 1990, o termo “transgênero” começou a aglomerar o termo “transexualismo” de entendimentos comuns. A mudança para a língua e a ideia de gênero na conceitualização de cross-dressing e transsexualismo começou com os sexólogos de 1950 e 1960. Durante este tempo, os médicos que foram receber tratamentos trans criaram uma noção de gênero – que anteriormente só tinha um significado gramatical – como a base biológica para a sua prática. Hausman explica que a cirurgia de mudança de sexo baseava-se na noção de gênero: “a ideia de uma identidade antes e dentro do corpo que teoricamente deve ditar a aparência física do sujeito” (Hausman, 1995:70). A ideia de gênero foi desenvolvida pelos sexólogos, John Money e outros, na década de 1950 e compreendida como o “desempenho social indicativo de uma identidade sexuada interna” (Hausman, 1995:7). Ele surgiu a partir de seu trabalho usando a cirurgia e hormônios no tratamento de crianças intersexuais, e foi utilizado para determinar quais as crianças devem ser tratadas e de que forma. Como Hausman observa, houve um viés heterossexista desde o início na construção médica da intersexualidade e transsexualismo, porque os médicos estavam preocupados em construir pessoas devidamente ao gênero que agiram fora da forma heterossexual de ser. Através de estudos da história do transexualismo, Hausman argumenta que a produção do conceito de gênero na cultura ocidental pode ser analisada (Hausman, 1995:11). Todas as intervenções médicas, como Hausman se refere a eles, dependia da “construção de um sistema de retórica que postula um gênero anterior necessário para justificar intervenções cirúrgicas” (Hausman, 1995:71). Ela chama os médicos de “gestores de gênero” e sublinha que a oposição à homossexualidade alimentou seu trabalho e justificou a esterilização que era uma parte componente do

tratamento, uma vez que considerou que era “mais importante que o paciente não seja homossexual que o paciente seja fértil” (Hausman, 1995:74).

O desenvolvimento pelos sexólogos da ideia de gênero era tornar possível uma mudança linguística e ideológica considerável para os homens que procuravam mudar de sexo. Como um número crescente de sexólogos, psicólogos e filósofos da ciência estão agora apontando, a ideia de gênero permitiu que os demandantes para embrulhar a sua prática e desejos em um novo quadro que, em seguida, procurou justificar como essencial ou mesmo biologicamente determinada (Bailey, 2007; Blanchard, 2005; Dreger, 2008; 2011; Ekins and King, 2010). A ideia de gênero ofereceu um caminho para sair da situação difícil que tais homens de outra forma seriam vistos como sexualmente motivado por uma “parafilia” para se travestir ou mudar de sexo. A associação com a sexualidade criou problemas para o acesso ao tratamento e à seriedade com que foram considerados no mundo público. A ideia de um erro de “gênero”, em que misteriosamente incorporou uma “essência feminina”, lavando-os limpos de sobranceira e lhes permitiu constituir-se como uma minoria que tem direitos que são apenas diferentes. A mudança de sexo ao gênero foi realizada com a crescente aceitação de uma nova linguagem – transexualismo se tornou transgênero.

### **Cross-dressing e transgênero como parafilias**

A biografias de travestis e as descrições de suas excitações e interesses são muito semelhantes aos prestados por aqueles que passam a acessar cirurgia e hormônios. Cross-dressing é realmente um interesse sexual, mas os porta-vozes para travestis e a maioria das pessoas que passam pela transição, rejeitam a ideia de que sua prática esta relacionada com excitação sexual. Prince especificamente rejeito a noção de que cross-dressing foi impulsionado por uma busca da satisfação sexual; ao contrário, ele disse que foi baseado em “gênero” e que permitia homens a expressarem em completo sua personalidade, incluindo seu “amor pelo feminino” (Ekins, 2005:11). Esta afirmação, o sociólogo Richar Ekins argumenta, era para ganhar aceitação da família, amigos e da sociedade. Há uma oposição cada vez mais vocal à ideia de que o desejo de mudar de sexo seja baseada em gênero, ao invés de ser um interesse sexual, entre alguns dos mais envolvidos na teorização do transgênero. Este grupo de profissionais,

que inclui o psicólogo Professor Michael Bailey (2003), o filósofo da ciência Alice Dreger (2008), a psicoterapeuta trans Anne Lawrence (2004), e os sociólogos Richard Ekins e Dave King (2010), favoreceram o entendimento de transgênero desenvolvido pela sexóloga Ray Blanchard (2005). Blanchard afirma que existem dois tipos de trans: aqueles que amam homens e são basicamente homossexuais; e aqueles que são sexualmente atraídos pela ideia em si mesmos como mulheres, a quem chama de autoginéfilos. Autoginefilia diz ele, constitui uma “propensão de um homem a ser atraído para o pensamento ou imagem de si mesmo como uma mulher” (Blanchard, 1991:235). Críticos tem respondido que estas duas categorias não têm em conta todos os transexuais, e que muitos não se enquadram facilmente nos critérios para um ou outro, mas os defensores dizem que o esquema de haver dois desses tipos é esmagadoramente correta, e se encaixa a evidência. Eles rejeitam a ideia de que os transexuais tem uma condição biológica em que o seu “gênero” foi indevidamente atribuído: “É lamentável que a face pública do transexualismo do MTF seja tão diferente da realidade” (Bailey e Tria, 2007:531). Blanchard, Bailey e seus colegas consideram que o transexualismo não-homossexual, autoginefilia, é um interesse sexual ou parafilia.

O sociólogo Etkins que fez cross-dressing e transgênero os temas de sua pesquisa e trabalho de sua vida, descreve os interesses eróticos do que ele chama de “homens feminizados”. Ele não faz nenhuma distinção real entre os cross-dressers e homens que vão mais longe em sua prática e procuram mudar de sexo, e todos eles são, na sua opinião, homens feminizados. Etkins explica que, para o feminizado do sexo masculino,

o desejo ou excitação, é despertada... pelo seu próprio processo de feminilização, e/ou através da consciência dos outros de seu próprio processo de feminilização erótica... O feminizado [pode experimentar] intenso orgasmo, após uma sequência de vestir-se, enquanto que, no outro extremo, o feminizado pode encontrar-se ligeiramente apreciando a sensação sensual de sua alça de sutiã em seu ombro como ele faz os movimentos menores necessários para comer uma refeição ou beber uma xícara de café. (Etkins, 1997:56).

Este exemplo demonstra utilmente a diferença entre a fantasia do cross-dressing do que é ser mulher e o que as mulheres realmente sentem, já que há uma ausência de relatos de mulheres de sentirem sexualmente excitadas pela alça

de sutiãs. Mas sua caracterização da prática também oferece uma visão sobre a importância atribuída por alguns homens que transicionaram ou fazem cross-dressign para aparecer em público, em banheiros femininos, por exemplo, e buscando uma reação delas. Bailey e Triea argumentam que este é um aspecto comum de autoginefilia, descrevendo-o como a “fantasia erótica de ser admirado, na persona feminina, por outra pessoa” (Bailey e Triea, 2007:523). Ray Blanchard explica que uma diferença significativa entre autoginéfilos e homossexuais – a quem eles são comparados frequentemente – é que os homossexuais não procuram uma reação dos transeuntes para sua satisfação sexual, enquanto que os homens heterossexuais que progridem fazendo cross-dressing para o ato do transgenerismo como se eles estivessem em um perpétuo “filme” no qual outras pessoas como as mulheres, são induzidas, embora a contragosto, a desempenhar um papel de público (Cameron, 2013).

O conceito de autoginefilia é útil para explicar como interesse sexual dos homens em que, em suas mentes, pertence a feminilidade, pode ir mais longe do que fazer cross-dressing para incorporar a feminilidade em seus corpos por meios físicos. Bailey e Triea explicam que “uma manifestação comum de autoginefilia é a fetichista cross-dressing”, mas alguns não fazem cross-dressing, mas “fetichizam sobre a nudez de uma mulher, focando nas feições anatômicas desejadas” e alguns “experenciam uma excitação erótica com a ideia de se tornar mulher e isso os motiva para se tornarem mulheres” (Bailey and Triea, 2007:523). Eles explicam que nem todos os homens autoginefilicos escolhem serem trans, e seus interesses executam uma gama de cross-dressing para engajar-se em atividades femininas estereotipadas (por exemplo, tricotar ao lado de outras mulheres) de possuir seios femininos e genitais femininos” (ibid.). Não há nenhuma diferença “óbvia”, eles argumentam, entre travestis não-homossexuais que vão transicionar e aqueles que não vão. Bailey e Tirea tem nenhuma concessão com a noção de uma “essência feminina” ou de gênero inato.

Embora um número crescente de sexólogos estão dizendo que cross-dressing e transexualismo autoginéfilo baseiam-se numa orientação sexual ou parafilia, ao invés de gênero não conformista, eles raramente se aventuram a explicar exatamente o que a excitação sexual se baseia em. Bailey e Triea deixam implícito que este interesse sexual é uma forma de masoquismo,

salientando que “homens que morrem praticando esta perigosa atividade masoquista de asfixia auto-erótica, aproximadamente 24% fazem cross-dressing” (Bailey e Triea, 2007:524). Eu argumentei que o fato de que a emoção é masoquista é clara na pornografia de pessoas que fazem corss-dressinng, e nas demonstrações de si mesmos (Jeffreys, 2005). A excitação que a ideia de ser uma mulher e a emoção que os apetrechos de feminilidade resulta espera do fato de que a feminilidade represente uma posição subordinada. Quando um homem é forçado a fazer cross-dressing, ou é capaz de se imaginar como uma mulher, ele experimenta a deliciosa emoção de estar não tripudiado, privado de seus status superior de masculinidade a rebaixado à condição subordinada de mulher. É uma excitação derivada da hierarquia de gênero, o sistema de castas da dominação masculina e subordinação das mulheres, e não seria imaginável fora desse quadro. Roupas de mulheres não são procurado porque são mais bonitos ou mais delicados, mas por causa de seu significado simbólico. Esta compreensão da prática de homens que fazem cross-dressing, e os impulsos trans que podem resultar, não é provável encontrar-se com a aprovação das mulheres, para quem ser feminina é um aspecto muitas vezes árduo e penoso da sua condição humilde ao invés de uma busca de orgasmos. Talvez por essa razão, a teoria da essência feminina, a ideia de que um “gênero” esteja fora do lugar, é muito mais aceitável do que a erotização da subordinação das mulheres pelos homens. Bailey e Triea ofereceram uma explicação para o entusiasmo para a teoria da essência feminina entre muitos homens que transiicionam, dizendo que aqueles que promovem essa ideia pode considerar que eles são mais propensos a serem aceitos para o tratamento, se eles não são vistos como sexualmente desviante. Eles podem achar a ideia “intrinsecamente atraente”, mesmo se ela seja “implausível” (Bailey e Triea, 2007:528).

Blanchard e seus apoiadores argumentam que é muita evidência da existência de autoginefilia, enquanto não há nenhuma essência feminina (Blanchard, 2005) Encontra-se nas narrativas que Blanchard ouviu de seus muitos pacientes e das 59 narrativas que a psicoterapeuta trans, Anne Lawrence, tem recolhido. Blanchard oferece alguns exemplos da coleção de Lawrence para mostrar como autoginefilia se manifesta. Uma narrativa descreve a excitação sexual do autor por ter sido confundido por uma mulher: “Nos primeiros dias eu fiquei excitado quando alguém, um vendedor, um estranho casual, me chamaria

de 'senhora' ou realizaria alguma cortesia como a abrir a porta para mim" (Blanchard, 2005:440). Outra explica que, tanto antes como após a cirurgia de redesignação sexual (SRS) que ele gostava de fingir que menstruava: "Foi e ainda é sexualmente excitante para mim ter as 'funções' que o corpo feminino tem". Antes da minha SRS, gostava de finjir que menstruava através de urinar em pensos higiênicos. Eu particularmente gostava de usar o antigo absorvente com longas abas" (Blanchard, 2005:440). Blanchard usa uma citação de uma narrativa para explicar porque autoginéfilos podem buscar encontros sexuais com homens. Apesar de não ver-se como homossexual, tais incidentes podem servir para ganhar o reconhecimento da condição de feminilidade a trans. "Eu senti que eu estava confirmando a minha feminilidade por ser um parceiro passivo... Eu nunca fui interessado em sexo com um homem quando eu me apresentava como um homem, eu mesmo" (Blanchard, 2005:441). As motivações dos homens ostensivamente heterossexuais que são trans, são razoavelmente bem explicado por esses sexólogos como decorrente de masoquismo, e o desejo de ofuscar a natureza sexual do cross-dressing e transgenerismo foi uma das forças construtivas do transgenerismo no final do século XX.

Mais importante, Bailey e Triea argumentam que o tipo de ataques à sua reputação recebido por qualquer pessoa que desafia publicamente a ideia de essência feminina serve para evitar qualquer alternativa a ser dublada. Dois proponentes proeminentes da teoria, transativistas Lyn Conway e Andrea James, chamado de livro de 2003, em que Bailey foi crítica, ao *Homem que seria Rainha*, "Propaganda Nazista" (Bailey e Triea, 2007:528). Bailey foi submetido a uma campanha de difamação que incluiu a colocação de fotografias de seus filhos em um site com legendas insultuosas (Dreger, 2008). Ele diz que muitas acusações falsas foram feitas contra ele, e estas eram "precisamente na tentativa de punir o autor para escrever com aprovação sobre as ideias de Blanchard, e para intimidar outros que façam o mesmo" (Bailey e Triea, 2007:529). Bailey e Triea argumentam que os defensores para a narrativa da essência feminina, e contra a teoria de Blanchard, são trans não-homossexuais que "incorretamente negam sua autoginefilia" (Bailey e Triea, 2007:529). Estes homens são supostados em suas ideias equivocados por muitos dos "médicos de gênero" que podem não estar dispostos a descer ou desagradar a seus



pacientes, e que são mais confortáveis com a facilitação de mudança de sexo por “razões relacionadas com o gênero que o erotismo”.

### **Transgnerismo and homosexualidade**

Outra força na construção do transgnerismo, de acordo com David Valentine, é o conservadorismo de uma política de gays preocupados em rejeitar a afeminização. Qualquer que seja o equilíbrio de forças que construíram o transgnerismo no final do século XX, um elemento intrigante é a falta de críticas por estudiosos gays, particularmente desde que o ódio a homossexualidade tão claramente jogado no cargo, e um grupod daqueles que aspiram a transicionar são os homens que estavam envolvidos na construção do transgnerismo, e os próprios demandantes, estavam determinados a evitar qualquer associação de práticas de cross-dressing com a homossexualidade. A ausência de qualquer crítica ao transgnerismo de dentro da comunidade gay suficientemente visível como precisar de uma explicação, e David Valentine busca oferecer uma (Valentine, 2007). Ele argumenta que a falta de protesto por homens gays aponta a função útil que o transgnerismo executa para uma nova geração de homens gays conservadores colocam sobre libertação gay. Estes homens gays conservadores afirmam a sua concordância com a masculinidade normativa e procuram negar e excluir os gays afeminados, lançando-os na categoria de “transgênero”. Este estratégia protege a normalidade do homem gay e ajudou em sua campanha para ser aceito legislativamente e socialmente como apenas mais um qualquer.

Ele argumenta que afeminação foi separada da homossexualidade e colocado em uma categoria especial como resultado de uma série de impulsos, um dos quais foi a normalização da homossexualidade masculina por aqueles que ele chama de ativistas “acomodados” depois da libertação gay. No momento da libertação gay, havia uma crítica radical do que eram chamados de “papeis sexuais” que emanam da influência do movimento feminista que foi contemporânea. No auge do movimento de libertação gay houve uma rejeição de ambos papeis masculinos e femininos, como sintomas de um sistema patriarcal prejudicial que oprimia homossexuais (Jeffreys, 2003). Teóricos gays argumentam que os homens homossexuais não devem ser maricas ou butches, porque esses papeis era uma imitação daquilo que eles identificaram como as

regras opressivas do patriarcado. Os comportamentos de masculinidade e feminilidade, em geral, foram entendidas como para ao inverso, e eles devem, argumentaram, ser descartadas.

Liberacionistas gays e feministas na década de 1970 forneceram explicações sobre por que a feminilidade e o lesbianismo com a masculinidade, não só na medicina, mas também pelos próprios homossexuais. Eles argumentaram que, em sociedades de supremacia masculina, a heterossexualidade foi aplicada através da escoriação do comportamento sexual do mesmo sexo. Masculinidade era, e é, portanto, fortemente correlacionada com o homem, sexo agressivo pênis-em-vagina, em qual o desvio desta norma, a ponto de se envolver sexualmente com o mesmo sexo, foi visto como desmasculinizante e, portanto, uma representação do feminino. Da mesma forma, as mulheres que fazem amor com mulheres eram vistas como pouco femininas, porque este era um papel masculino e lésbicas era vistas como se estivessem incorporando uma forma de masculinidade. Essas mensagens eram suficientemente fortes o bastante para influenciar a maneira que aqueles que amavam o mesmo pensamento sexual sobre si mesmos. Há uma riqueza de material para sugerir que essas mensagens foram completamente absorvidas (Gottschalk e Newton, 2003). Em 1950, a cultura lésbica, por exemplo, as lésbicas eram propensas a adotar nomes masculinos, enfaixarem seus seios para oculta-lo, e até mesmo mostrar desejo por pênis (Jeffreys, 1989). Mas não há nenhuma sugestão de que estas mulheres se viam como “realmente” homens; em vez disso, eles queriam aprovar um papel masculino para com aqueles que amavam.

Como a extremidade radical de libertação gay foi desgastado, e uma era muito mais conservadora de consumismo neoliberal ocorreu na década de 1980, essa crítica política a “papeis sexuais” foi abandonada. Em seu lugar, desenvolveu-se entre os homens homossexuais um culto a masculinidade, no qual a afeminação foi evitada e uma nova masculinidade extrema foi adotada e venerada, representada em sadomasoquismo, em vaqueiros e trabalhadores de construção civil e todos os tipo de grupo pop gay Village People. O sociólogo gay, Martin Levine, é um dos escritores homossexuais do sexo masculino para criticaram essa masculinidade emergente – ele chamou isso de “mudança butch” (Levine, 1998). Esta mudança é compreensível como uma reação contra a

associação da homossexualidade com a afeminação e representativo de uma nova auto-confiança, mas criou problemas para a saúde dos homens homossexuais e vidas, através da promoção de uma cultura masculinista sexual agressiva envolvendo um grande número de parceiros sexuais e práticas nocivas, como o fistfucking e sexo anal sem preservativo (Jeffreys, 2003). Críticas feministas tem argumentado que a masculinidade gay foi um obstáculo no caminho da necessidade de abolir “papeis de gênero”, criar uma sexualidade igualitárias e desafiar a pornografia e a indústria do sexo.

Valentine explica que, como resultado de tudo isso, transgenerismo foi “institucionalizada” na década de 1990 “em uma vasta gama de contextos, de ativismo de base, prestação de serviços sociais, e identificação individual, relatos jornalísticos ‘tal que’ a identificação trans” foi entendido ser explícita e fundamentalmente diferente na origem e sendo de identificação homossexual (Valentine, 2007:4). O estado patriarcal investido fortemente no conceito com financiamento de agências de serviço social e centros destinados a atender a comunidade trans. O conceito foi desenvolvido na academia, com estudos e publicações trans. Apesar deste desenvolvimento, Valentine argumenta que, quando ele fez sua pesquisa no final de 1990 em Nova York, ele encontrou, para sua surpresa, que não havia nenhuma comunidade trans. Ele realizou sua pesquisa enquanto trabalhava como educador de sexo seguro para a comunidade trans e descobriu que a maioria das pessoas a quem foi dirigido para trabalho de proximidade ou não sabia o termo trans ou não se identificava com ele. Mesmo aqueles que viveram em tempo integral com as vestimentas geralmente associadas a mulheres, e aqueles que tiveram a cirurgia para remover partes de seus corpos se viam como homens gays. Valentine argumenta, de forma convincente, que a maioria das variedades de comportamentos agora comumente colocadas pelos estudiosos e assistentes sociais sob um guarda-chuva trans, tais como artistas drag, os homens gays afeminados e lésbicas butch, tem historicamente e no presente, sido entendidas por si e outros como “gay”. Como, ele pergunta, a categoria trans é criada e quais são suas implicações de sua construção? “Qual é a razão para a incrivelmente rápida disseminação de trans nos Estados Unidos desde o início da década de 1990, que cimentou a distinção entre variação de gênero e orientação sexual?” (Valentine, 2007:6). A marginalização dos homossexuais afeminados, ele

argumenta, é um resultado da separação de “gênero” e “sexualidade” que teve lugar na academia e nas comunidades gay e tem efetivamente requerido o nascimento de uma nova categoria – transgênero – para aqueles que não são identificados principalmente em termos de “sexualidade” (Valentine, 2007:236). Outro elemento na criação da “identidade de gênero” como algo separado da sexualidade é que “gênero” é conceituada como uma forma de “diferença social” em vez de, a partir de uma perspectiva feminista, “um site de relações de poder” (ibid.).

### **Transableism**

Outra força na construção de transgenerismo é a maneira em que o desenvolvimento da internet tem habilitado grupos em maior parte de homens a criar comunidades online ao redor de suas inclinações sexuais. Isto aconteceu em relação ao cross-dressing e o transgenerismo, mas também em relação a uma outra prática que tem algumas ligações estreitas como transgenerismo – “transableism”. O exemplo de transableism mostra como uma “identidade” pode ser construída online, mas também mostra os problemas deste tipo de política indetitária, em que categorias de pessoas que sofrem desvantagem – neste caso, as pessoas com deficiência – podem ser objeto de apropriação e imitação de excitação sexual usando como justificção uma identidade, apesar de peculiar, deve ser respeitada. Nesta prática, que foi originalmente marcada como “apotemnophilia” (Money *et al.*, 1977), agora mais usualmente chamado de Transtorno de Identidade da Integridade Corporal (BIID), aspirantes buscam amputação de um ou mais membros (First, 2004; First and Fisher, 2012). Os aspirantes tem estado ocupados online criando identidades e campanhas para amputação por médicos profissionais (Davis, 2011). Eles tem sua própria terminologia para seu interesse, transableism, que faz referência ao transgenerismo, a fim de fazê-los parecer mais respeitáveis. Estas pessoas que sofrem de transableism incluem tanto aqueles que buscam a satisfação de amputação e aqueles que buscam a deficiência em outras formas, como a paraplegia, surdez ou cegueira. Nos últimos escritos por especialistas sexológicas, transtorno de identidade e BIID são vistos como fundamentalmente semelhantes, particularmente em relação às satisfações sexuais envolvidas. Michael First, por exemplo, editor do *Manual Estatístico de Diagnóstico do*

*Estados Unidos* tem vindo a defender a adesão do BIID para o manual, de modo que aqueles que procuram a amputação podem ter acesso a tratamento, argumenta que pessoas que sofrem por transabilidade em geral devem ser colocados no manual em uma determinada posição de transtorno de identidade que inclui apenas duas categorias, transtorno de identidade de gênero e BIID (First e Fisher, 2012). First explica que, devido as semelhanças, ele usa os critérios de diagnóstico de transtorno de identidade de gênero como o modelo para os doze critérios que ele oferece para o diagnóstico de BIID. Amputação voluntária do membro alcançou um surpreendente grau de normalização através de redes da internet e campanhas, e isso oferece insights sobre a maneira pela qual transgênerismo floresceu como uma prática e um movimento.

## **Conclusão**

A bolsa de estudos crítica sobre transgênerismo mal começou e esse livro busca escorajar seu desenvolvimento. O tema deste capítulo explorou, de como o conceito veio a existir, é um lugar importante para começar. Muito mais pesquisas críticas sobre a construção de transgênerismo é necessário, mas este trabalho não pode ter lugar quando esta prática é vista como um fenômeno essencial que esta fora de questão. A afirmação de que a essência de gênero é a explicação para transgênerismo impede qualquer exploração da história e construção desta prática. Essa bolsa de estudos investigativa é representado como “transfóbico” e encontrou resistência. A ideia de que “gênero” é bastante separada da “sexualidade” e tem uma lógica e essência de sua própria é comumente indicada na teoria queer e trans, e isso impede eficazmente a história do entrelaçamento de ódio da homossexualidade na construção do transgênerismo de ser expressado ou analisado. As lições que lésbicas e gays críticos, e estudos feministas contribuem para a compreensão do transgênerismo é de que a sua construção serve a agenda política de escorar a heterossexualidade e manutenção de uma cidadania corretamente generizada. Janice Raymond expressou isso de forma sucinta em *The Transsexual Empire*. “O que temos aqui é uma forma muito sofisticada de controle de comportamento e de modificação, tanto no individual quanto no nível social” (Raymond, 1979:131).

Outra força na construção de transgnerismo era a teoria queer na academia, em que desestabilizou o feminismo acadêmico e levou a reclamações de que realmente não havia tal coisa como uma “mulher”, por isso, é claro, os homens que transicionam podem ser mulheres também. O enfraquecimento da teoria feminista pelo advento da política queer minou a crítica do transgnerismo por aquelas pessoas mais afetadas pelo fenômeno – mulheres e feministas. O impacto da política queer será considerado no próximo capítulo.

## 2

### **TRANSGENERISMO E FEMINISMO**

Teoria e prática trans contradizem a própria base do feminismo, uma vez que o feminismo é um movimento político com base na experiência de pessoas que são mulheres, nascidas fêmeas e criadas na casta do sexo feminino. Na última década, tem havido uma campanha considerável, principalmente por parte de alguns homens que consideram transacionar, para estabelecer que são feministas, e que sua prática não só é compatível com o feminismo, mas exemplar de suas funções próprias. Esta campanha tem tido algum sucesso em ser aceito por partes do movimento feminismo e do feminismo acadêmico, porque ressoa com a teoria queer e pós-estruturalista que tem sobrecarregado entendimentos feministas de “gênero”. Esta aceitação feita a ideia de que os homens podem ser tanto mulheres e lésbicas, e que algumas mulheres que transicionam que anteriormente eram lésbicas são realmente “homens”, parece razoável. Este capítulo vai examinar o modo que as feministas tem teorizado transgnerismo, o impacto da teoria queer, e o desenvolvimento da teoria trans e o transfeminismo. Ele irá considerar, também, a maneira em que o transativismo tem procurado silenciar as feministas que desafiam o transgnerismo.

No auge da segunda onda do feminismo na década de 1970, transgnerismo era uma prática muito menos comum. No entanto, houve, uma rejeição política bastante geral da prática pelas feministas, alegando que transgnerismo, chamado de transexualismo, neste momento, replicava os estereótipos de papéis sexuais, agora chamado de “gênero”, que eram vistos como os blocos de construção da subordinação das mulheres (Morgan, 1978; Raymond, 1994).

Tais “papeis estereotipados” são de acordo com as críticas feministas da prática, o próprio fundamento e condição sine qua non de transgênerismo. O transgênerismo que as feministas entraram em contato com na década de 1970 consistiu nos poucos homens individuais que buscavam “incorporar” mulheres, como o teórico influente de cross-dressing na década de 1960 e 1970, Virginia Prince (2005b), chamou a sua prática. Antes dos anos 1990, o movimento transativista organizado, que foi facilitado pela internet não existia. Naquela época, o fenômeno das mulheres que procuravam “personificar” homens foi muito menos comum, e não são visíveis nas comunidades lésbicas.

Quarenta anos atrás, pensadoras feministas radicais e ativistas foram muito claras em sua visão de que as pessoas que nasceram biologicamente homens e criados como homens, mas que buscavam o reconhecimento como mulheres no movimento de libertação das mulheres, estavam envolvidos em uma forma de colonialismo e deve ser rejeitado. Homens foram entendidos como membros da casta sexual opressiva que se beneficia da subordinação das mulheres. Robin Morgan explicou isso claramente em seu discurso à Conferência de Lésbicas de West Coast em Los Angeles em 1973 (Morgan, 1978). Ela mudou seu discurso para incluir a questão de transgênerismo em resposta à presença problemática de um homem que faz cross-dressing, cuja presença causou danos graves à conferência:

O inferno começou naquela primeira noite, causada pela presença de um travesti do sexo masculino que insistiu que ele era participante (1) convidado, (2) que é realmente uma mulher, e (3) no coração, é lésbica. (É, deve-se conceder, uma nova abordagem do sexo masculino engenhosa para tentar seduzir mulheres). A conferência prontamente dividiu-se sobre o homem. Mais da metade das mulheres lá na sexta-feira exigiram que ele fosse forçado a deixar a conferência de mulheres; outras... o defendeu como sua “irmã”. Algumas mulheres deixaram a conferência e não retornaram (Morgan, 1978:171).

Feministas da época opôs ao que ela chama de “obscenidade do travestismo masculino”, porque elas viram isso como uma prática insultante, em que homens caricaturizam estereótipos de mulheres para a sua própria diversão ou lazer. Elas compararam com outras maneiras em que membros de grupos dominantes zombavam daqueles que consideravam seus inferiores, como aconteceu nos shows de menestréis preto e branco do período em que homens brancos

realizavam blackface. Como Morgan disse, *“Nós sabemos o que esta envolvido no trabalho quando brancos usam blackface; a mesma coisa esta no trabalho quando homens usam drag”* (Morgan, 1978:180) (italico no original).

Morgan diz que travestis, como ela chamava, eram “homens que deliberadamente enfatizavam os papeis de gênero, e que parodiava a opressão feminina e seu sofrimento ‘e é firme sobre rejeitando seu entrismo:

Não, eu não vou chamar um homem de ‘ela’; trinta e dois anos de sofrimento nesta sociedade androcêntrica, e de sobrevivência, me rendeu o título de “mulher”; um passeio pela rua por uma travesti masculino, cinco minutos sendo assediado (que ele pode desfrutar), e então ele se atreve, ele ousa a pensar que sabe nossa dor? Não, em nome de nossas mães e em nosso próprio, não devemos chama-lo de irmã (Morgan, 1978, 180) (ênfase no original).

“O travesti” especial na conferência de 1973 teve uma história de exigir entrada para espaços das mulheres, apesar da destruição e divisão que isso claramente ocasionou. Ele já tinha, ela explicou, “há quatro anos tentado pressionar uma lésbica em São Francisco em deixa-lo estupra-la” e tinha feito um grande dano ao Grupo Daughters of Bilitis por meio de sua entrada nessa organização. Ele havia ameaçado os organizadores da conferência com ação legal se eles procurassem o excluir; “Quando, pessoalmente, pediu para mulheres não participarem desta conferência, ele respondeu que, se fosse retirado do local, ele iria mover ação federal contra as mulheres sobre as acusações de “discriminação e formação de quadrilha para discriminar” (ibid.). Morgan acusa o travesti de narcisismo, e querer ser o centro das atenções e de usar a conferência para “impulsionar sua carreira oportunista” (ibid.). “Travestis”, ela argumentou, devem formar suas próprias organizações e perseguir seus próprios interesses ao invés de tentar invadir no ativismo e espaços de mulheres. Eles devem “se juntarem e organizarem contra sua opressão, ao invés de parasitar as mulheres que passaram suas vidas inteiras como mulheres em corpos de mulheres” (Morgan, 1978:181).

No Reino Unido, a resposta feminista ao trans que procuram entrar no movimento de mulheres foi semelhante. Em um artigo de 1979, para a conferência de Feminismo Radical/Revolucionário em Leeds, Lal Coveney explicou porque trans não eram mulheres:



Precisa-se ser dito alto e claro que ser uma mulher é uma experiência de longo prazo, e um que não é resumido por um conjunto de órgãos genitais femininos com algumas roupas drapeadas sobre eles. Leva anos de pressão constante e muita prática para atingir os padrões aceitos de feminilidade -, aprendemos os truques (para sobreviver) então, presumivelmente, os homens também podem. Mas o estado de espírito, o processo de tornar-se – nós não temos escolha quanto a isso (Coveney, 1979).

O artigo termina, “operações não alteram o forro de sua cabeça”. No Boletim de Libertação de Mulheres em Londres, 1979, os sentimentos em relação a entrada de trans foram esmagadoramente negativa por todas estas razões.

O único livro completo de crítica feminista a prática de transgenerismo neste período foi o *The Transsexual Empire* de Janice G. Raymond (1994, publicado pela primeira vez em 1979). Raymond, uma teórica feminista radical e professora de Filosofia da Ciência, proporcionou uma análise feminista incisiva do problema: “Minha principal conclusão é que o transgenerismo é basicamente um problema social cuja causa não pode ser explicado exceto em relação aos papéis e identidades sexuais que uma sociedade patriarcal gera” (Raymond, 1994:79). Ela argumenta que o transexualismo era um produto da medicina como uma indústria, em vez de transhistórico e que tem um aspecto essencial da natureza humana, ou uma falha no desenvolvimento biológico que precisa ser reparado pelas atenções gentis de cirurgiões. Seu trabalho foi um desenvolvimento da crítica da medicina, que deve a sua origem à obra de Talcott Parsons (1951). Parsons argumentou que a medicina era uma instituição social em que o desvio social regulamentado através da disponibilização de diagnósticos médicos por comportamentos não conformistas. Medicina foi, neste entendimento, envolvidos no controle social, Outra forma de argumento a esta abordagem era o marxista, em que via a medicina como fonte e um mecanismo para extrair lucros no capitalismo e parte do complexo médico-industrial (Riska, 2003). Ambas as abordagens tem sido empregadas pelas feministas transcríticas em sua crítica de transgenerismo.

Estas ideias por trás do movimento anti-psiquiatra da década de 1960 e 1970, que incidiu sobre desafiando a proliferação de diagnósticos psiquiátricos e terapias de drogas para controlar as formas de comportamento que deve, consideraram, ser vistos como politicamente e socialmente construídos, em vez

de louco. Neste ponto de vista, os comportamentos problemáticos devem ser vistos seja como protesto social, seja como produto das desigualdades e injustiças de um status quo capitalista classista, racista e sexista (Illich, 1975; Szasz, 1960). Não foram apenas teóricas feministas radicais como Raymond que eram críticas ao transgnerismo na década de 1970 e 1980. Sociólogos e construtivistas sociais foram também. Dwight Billings e Thomas Urban realizaram uma pesquisa neste período mais crítico, por meio de observação e entrevistas em uma clínica de “gênero” (Billings e Urban, 1982). Como os sociólogos críticos da época, eles se engajaram em uma crítica profunda da prática médica de transgnerismo. Eles argumentaram que os médicos criaram e promoveram a cirurgia de mudança de sexo, que curaria “nem o corpo nem a mente, mas executar uma função moral, em vez e que a cirurgia privatiza e despolitiza a experiência individual da aflição de papéis de gênero, que é sintoma de mudança social e desafio para a construção política dos papéis de gênero (Billings e Urban, 1982:266). Eles concluem, poderosamente, que “substituindo a terminologia médica para o discurso político, a profissão médica tem indiretamente domesticados e transformados em potencial risco de sucesso na fábrica de gênero” (Billings e Urban, 1982:282).

Críticas feministas da medicina e psiquiatria desenvolveu essa ideias políticas radicais, mas seu trabalho em relação ao transgnerismo, o que teria parecido banal no momento entre aqueles que se viam como pensadores progressistas sobre a medicina, é execrado hoje por transativistas como discurso de “ódio” e difamação, e resulta em campanhas de difamação e perseguição contra todas as mulheres que são críticas (Jeffreys, 2012a). As feministas que eram críticas da prática de transgnerismo na década de 1970 tendem a ser alguns dos maiores nomes da teoria feminista radical do tempo, análises de política sexual cujo forneceu as bases da teoria feminista em geral, tais como Mary Daly, Janice Raymond, Robin Morgan. Elas estão submetidas a fortes críticas na literatura de transativistas nos dias de hoje (Serano, 2007; Stryker, 2008). O florescente campo de estudos transgêneros e dos transfeminismo, que é agora cada vez mais ensinando em programas de estudos da mulher, presta atenção considerável para desmascarar os argumentos e as ações dessas teóricas feministas de segunda onda mais influentes em relação à prática. O projeto de transativistas é substituir essa teoria feminista radial, que visa a

abolição de estereótipos de papéis sexuais, agora chamados de gênero, com uma versão de “feminismo” mais compatível com seus interesses. A crítica feminista ao transgênerismo foi marginalizado, em comum com todas as formas de teoria feminista radical e a prática durante os anos 1990, quando a teoria queer deixou de lado o feminismo e o feminismo lésbico e formaram um alicerce seguro para o florescimento da ideologia e da prática trans. Para entender como a crítica feminista de transgênerismo foi substituída por uma política que fornece suporte para a prática, é necessário examinar o desenvolvimento e ideias da teoria queer, particularmente em relação ao gênero.

### **“Gênero” na teoria feminista**

Teoria queer e a política herdaram o termo “gênero” de seu uso pelas teóricas feministas. O termo “gênero” não foi amplamente adotado pelas teóricas feministas, até final de 1970 ou início de 1980 (Haig, 2004). Em estudo útil de David Haig da adoção do termo através da análise de títulos em escritos feministas em revistas e livros, ele mostra que as feministas que o usaram na década de 1970 claramente identificou a sua origem no trabalho de sexólogos, como John Money e Robert Stoller. Sexólogos desenvolveram este termo – a partir de um uso que foi puramente gramatical, referindo-se ao gênero de palavras – para aplicar ao comportamento sexual apropriado, e é usado para facilitar as suas tentativas de colocar crianças intersexuais em categorias que consideravam adequados. Ele não tem origem no feminismo, mas foi adotado pelas feministas por sua utilidade em delinear o processo de construção social do papel subordinado das mulheres. Teóricas feministas desenvolveram o uso do termo para descrever todo o sistema em que as mulheres eram subordinadas, como na expressão “hierarquia de gênero”. Infelizmente, o uso feminista tem sido enterrado em ondas de confusão e ofuscação e em contextos não-feministas há uma fusão de “sexo” e “gênero” em tudo, desde formas de aplicação da faculdade para a ideologia do transgênerismo. Como comenta Haig, “gênero tem vindo a ser adotado como um sinônimo simples, talvez um eufemismo, para o sexo por muitos escritores que não estão familiarizados com a história recente do termo” (Haig, 2004:95). O termo se tornou tão politicamente ambíguo que é provável que uma nova linguagem terá de ser criada por feministas, que procuram dismantelar a confusão que a sua utilização tem

criado. Um aspecto dessa confusão é a maneira em que a teoria queer foi capaz de implantar o termo “gênero” para que uma forma muito conservadora do comportamento, do sexo masculino, cross-dressing heterossexual, que veio aparecer transgressivo.

### **O ataque queer ao feminismo**

O termo queer foi adotado para descrever um tipo de política que se desenvolveu no início de 1990 fora do ativismo da AIDS. Ativistas gays que foram às ruas para protestar contra a onda de ódio anti-gay que acompanhou a epidemia da AIDS usou o termo queer para se diferenciar o que viram como uma geração mais velha de homens que usaram o termo gay e que eram acomodacionistas e não suficientemente confrontistas para o momento de emergência que os novos ativistas vieram para confrontar (Jeffreys, 2003). O termo queer não emergiu de políticas de feministas lésbicas e era clara a oposição a eles desde o início. O novo termo foi um grande passo para trás para lésbicas e feministas, como tinha tomado duas décadas de luta para chegar ao ponto onde havia um reconhecimento de que as lésbicas necessário para ser reconhecido separadamente nos títulos de conferências, livros e campanhas. Termos genéricos como “homossexual” e “gay” desapareceram para lésbicas sob o interesse masculino e o imaginário masculino. O movimento feminista lésbico na década de 1970 mostrou que as lésbicas tinham de muitas formas interesses contraditórios que os de homens gays. Lésbicas feministas desenvolveram uma profunda crítica a política de homens gays e a ambição de homens gays, como fica claro no trabalho de Marilyn Frye em *The Politics of Reality* (1983) e meu *Unpacking Queer Politics* (Jeffreys, 2003). Tornou-se claro desde o início que o novo termo genérico anularia a visibilidade duramente conquistada de lésbicas dentro dessa política, e é o que aconteceu.

Críticas feministas lésbicas desafiaram o conteúdo da política queer em várias maneiras. Eles disseram que a política queer constituía um retorno a uma agenda de liberdade sexual dominada por homens que o feminismo e o feminismo lésbico na década de 1970 e 1980 tinha tentado derrubar (Jeffreys, 2003). Elas argumentaram que a teoria queer surgiu a partir de um tempo conservador na década de 1990, quando as políticas radicais do feminismo lésbico e da libertação gay estavam sendo repudiadas como irrealistas. Estas

políticas radicais haviam desafiado a existência de gênero como um sistema de poder, desafiaram o casamento e a heterossexualidade como instituições políticas, e argumentaram que a homossexualidade não era biológica e poderia ser uma questão de escolha política. Estas ideias eram demasiadas radicais para a década de 1990, que não era um tempo ousado politicamente. Nessa muito mesmo década revolucionárias, corpos individuais foram desafiados, em vez de o corpo político, de modo que a modificação do corpo, o branding, o cutting e a tatuagem passaram a ser vistas como práticas progressivas (Jeffreys, 2000). A política queer coincidiu com a mercantilização de muitas áreas da vida, incluindo o sexo e o consumidor queer nasceu. Mais e mais práticas da indústria do sexo foram incorporadas na vida social de gays e lésbicas, como shows de drag e shows de strip. Além disso, foi alegado que fazer as coisas incomuns para e com seus órgãos genitais, incluindo as cortar como no transgenerismo, era revolucionário (Jeffreys, 2005;2008a). Mesmo cortar outras partes do corpo, ou colocar objetos sob a pele, e formas brutais de branding em diferentes formas de “modificação corporal” em qual de alguma forma dava credencias queer (Pitts, 2001; Sullivan, 2001). Ataques contra os corpos de lésbicas profundamente perturbadas e homens gays próprios, por comerciais de mutilação ou por cirurgias, foram representados como “transgressoras” em vez de destrutivos (Jeffreys, 2008b).

O aspecto mais importante da teoria queer para o desenvolvimento do movimento trans, no entanto, foi o a teoriação de gênero. Enquanto feministas haviam procurado usar gênero de maneiras que serviam a seus propósitos revolucion[arios e destinadas a demolir as diferenças de gênero, a abordagem queer era muito menos radical, e abriu o caminho para o transgenerismo a ser visto como uma prática emblemática da política queer. A teoria queer desenvolvida como um subconjunto da teoria pós-moderna e foi dedicada desde o seu início a uma forma de desconstrucionismo que apagou a categoria “mulher” em si (Brodrib, 1992). Sem “mulheres”, feminismo não pode existir, uma vez que o feminismo é um movimento político para a libertação de uma categoria específica de pessoas oprimidas e ao apagamento de mulheres torna o feminismo supérfluo. “Mulher” não foi uma das preocupações da política queer, e “gênero” deslocados quaisquer consideração sobre a realidade carnal da existência da mulher. A teoria queer criou uma política de gênero que reduziu o

gênero a uma forma de expressão pessoal ou de desempenho, e obscureceu as relações de poder materiais da dominação masculina (Butler, 1990). O objetivo da política de gênero queer era fazer gênero flexível e criar mais “gêneros”. Destamaneira, a teoria queer estava em oposição direta à política feminista e permitiu o desenvolvimento do transgênerismo como prática e ideologia.

Teóricas feministas radicais não procuram fazer gênero um pouco mais flexível, mas para elimina-lo. Elas são abolicionistas de gênero e entendem gênero como algo que fornecem a estrutura e as razões para o domínio masculino. Na abordagem feminista radical, a masculinidade é o comportamento da classe dominante masculina e a feminilidade é o comportamento da classe subalterna da mulher. Assim, gênero não pode ter lugar no futuro igualitário que o feminismo tem como objetivo criar (Delphy, 1993). Na abordagem da teoria queer predominante, no entanto, o sexo é algo que pode ser “interpretado”. Nesta interpretação queer, gênero é “transgressor”, quando adotado por pessoas do mesmo sexo biológico que seria normalmente esperado para exibir características diferentes. Há, no entanto, não há saída do gênero; que pode ser trocado, mas nesta formulação não pode ser abolida. Nesse respeito, a teoria queer adequou-se socialmente aos tempos conservadores da década de 1990, quando a ideia de transformação social foi esquecida e várias formas de saltitar em uma linha com o sistema era rotulada como deiversão e rebelde. A teoria queer sobre gênero, ao invés de ser progressivo, deveria ser talvez visto como coquete, paquerando com a dominância masculina e reproduzindo seus contornos. Isso prende lésbicas e homens gays em precisamente nos velhos estereótipos de papéis sexuais em que movimentos mais progressistas – a libertação gay e o feminismo lésbico – procuraram demolir.

A teoria queer adotou o termo “transgênero” para cobrir os que exercem o desempenho das performances “transgressoras” do gênero. Isto incluiu role playing de lésbicas e gays ao lado de travestis, drag queens e drag kings, e ambos antiquados trans, atoladas em biologia, e aqueles que rejeitam explicações biológicas, e aqueles que rejeitam explicações biológicas para a sua transição. Como Holly (agora Aaron) Devor coloca, “sob a rubrica na sexualidade queer, vimos sensibilidades pós-modernas vêm à tona à medida que mais e mais pessoas vêm para frente para reivindicar o seu direito de ser o que seus corações e virilhas dizem-lhes ser” (Devor, 2002:16). A este respeito,

sexualidade queer que gira sobre si, sem nenhum interesse na construção social e implicações políticas de desejos e práticas individuais. A política identitária da teoria queer representa um individualismo feroz. Devor explica que a comunidade gay/trans é composto por “lésbicas trans, de bichas travecos e homens que os amam, de lésbicas e gays que gostamque gostam de fazer sexo entre si, e de sapatões que são “daddy” que vivem a fantasia como homens gays” (ibid.). Ativistas e acadêmicos trans, Susan Stryker, explica que transgênero se tornou “articulado” com o queer na forma de “uma aliança política imaginada de todas as formas possíveis de antinormatividade de gênero” (Stryker, 2008:146).

A teoria queer e política tornou-se envolvida em uma missão de resgate ao gênero contra a campanha feminista radical de aboli-la. Isso pode ser porque, para a maioria das mulheres e homens sob o domínio masculino, o desejo sexual é construída precisamente de erotização da diferença de poder entre os sexos que se materializa no gênero. A igualdade não é sexy e a própria ideia de dismantelar o gênero é, portanto como Catharine MacKinnon explica, “desinchação” (Jeffreys, 1990; MacKinnon, 1989). Isso tem sido um problema em particular para essas lésbicas e homens gays que são incapazes de desafiar a natureza de gênero da sua própria experiência de desejo sexual. Atração pelo mesmo sexo não oferece imediatamente a erotização da desigualdade da heterossexualidade, e aqueles que precisam dessa forma de estimulação sexual tem que recriar a diferença de poder em “gênero” através de role playing. Para este fim, o sexo foi abraçado como um "brinquedo sexual" por significativos teóricos queer e ativistas como Pat Califia (agora Patrick) (1994), e Judith (Jack) Halberstam (Halberstam, 1998), que declarou que o papel que se interpreta masculinidade e feminilidade era precisamente o que colocou o toque especial em sexo lésbico e deve ser comemorado. Role playing, se tornou claro, ofereceu as satisfações sexuais de uma forma leve de sadomasoquismo (Jeffreys, 2003).

A teórica queer eminente, Judith Butler, cujo trabalho é mais comumente citado como afirmando que o gênero é uma “performance”, tem uma abordagem semelhante, explicando que ela é alguém em que o desejo sexual é construído fora da diferença de gênero. Em uma entrevista, ela diz que ela se situa em uma relação butch em seus vinte anos, e teve um relacionamento complicado e ativo com o discurso butch-femme e o discurso S/M por provavelmente 20 anos” (More, 1999:286). Em *Undoing Gender* ela explica que “pode haver mulheres

que amam mulheres” que não podem fazer isso através da categoria mulher e que elas/nós somos profundamente... atraídas pelo feminino” (Butler, 2004:197). Ela pergunta: "por que fugir do fato de que pode haver maneiras que a masculinidade surge em mulheres?" (Ibid.). O entusiasmo de Butler para gênero faz com que ela abrace a cirurgia transexual como um direito humano, embora esta prática não é lúdica ou flexível e vai muito além da performance, uma vez que os pênis amputados não podem ser recolocados. Ela vai tão longe como para promover o direito à transexuais a cirurgia como uma questão de justiça e diz que ela concorda com o argumento transativista que a transexualidade "deve ser uma questão de escolha, um exercício de liberdade, de modo que as restrições a cirurgia levam para a liberdade humana básica "ser" suprimida" (Butler, 2004: 88). Ela também afirma que as aspirações dos transgêneros são sobre 'a capacidade de viver e respirar e mover-se e, sem dúvida, pertencer a algum lugar em que é chamado de filosofia da liberdade" (ibid.). Desta forma, ela procura vincular o projeto transgender em uma visão de mudança social progressiva.

A clara diferença entre esta abordagem queer do feminismo radical é demonstrado no trabalho da professora feminista radical de direito e teórica feminista, Catharine MacKinnon, que não aceita que a troca de gênero faz gênero de alguma forma inofensiva. Da sexualização de dominação e submissão, o que torna o 'alvo ou objeto' da sexualidade 'subordinado' e 'geralmente do sexo feminino", escreve ela, "hierarquia é sempre feito através de gênero, de alguma forma; mesmo se ele estiver interpretando com gênero ou invertendo gênero ou samegendering, ele ainda está usando gênero para o sexo. Hierarquia de gênero esta ou sendo interpretado com ou interpretado fora” (MacKinnon, 2006: 273). Para as feministas que reconhecem gênero como uma hierarquia, interpretando com ele não pode ser parte do futuro que é simpatizante com os interesses de mulheres, porque a liberdade de mulheres requiere a abolição de gênero.

### **“Gênero” na teoria transgênero**

O legado mais perigoso da teoria queer e política para o feminismo é a maneira em que abriu o caminho para a política de transgêneros, criando a noção de que a transposição de gênero é de alguma forma revolucionária. Embora a teoria



queer seja construcionista social e postule que transgenerismo mostra a mutabilidade do gênero e não o contrário, foi convocado para justificar transgenerismo que é essencialista e, para muitos adeptos, vistos como base biológica. Na academia, onde a teoria queer tornou-se o caminho ortodoxo para entender de gênero em estudos femininos e estudos gays e lésbicos, não há nenhuma crítica até mesmo as versões mais biologizantes de transgenerismo. Transgenerismo tem sido capaz de explorar o modo como a teoria queer removeu “gênero” de sua base na subordinação das mulheres e é feita em um aspecto do consumismo, algo a ser assumido e jogado com, e inscrito no corpo, algo que pode ser comprado e pago através de hormônios e cirurgia.

Fora da teoria queer, a nova disciplina de estudos transexuais emergiu, ocupando o espaço antes tomado por estudos gays e lésbicas ou estudos das mulheres, e é o novo assunto pra se falar. Em estudos transgêneros, sexo não parece muito brincalhão em tudo e é de fato representado como obrigatório, algo que todo mundo tem que ter. Objeção consciente, que é a rejeição consciente e política do gênero, não é possível. Assim Rickki Wilchins, o porta-voz da organização da campanha trans GenderPAC, argumenta de sua posição como um homem que tem transicionado, que, embora as feministas têm problemas para aceitar trans como progressivos, devem fazê-lo, porque todos precisam de “gênero”, “porque, agora, a comunidade de mulheres não esta totalmente em condições de falar nos mesmos termos com a comunidade drag e a comunidade trans... Eles ainda não perceberam que todos eles tem um interesse comum no gênero” (Drescher, 2002:72). Wilchins opina que lésbicas e gays devem ser solidários e inclusivos quanto aos trans, porque “pessoas gays tem sido sempre sobre sexo. Isso é como sua mãe ‘simplesmente sabia’ que alguém era gay” (Drescher, 2002:73). Psicoterapeuta David Seil, que trabalha com pessoas que aspiram a serem trans, argumentam que lésbicas e gays estão “em um continuo com pessoas trans... Nós todos estamos nessa continuidade, incluindo homens e mulheres heterossexuais” (Seil, 2002:33). Trans de corpo feminino Jamison Green argumenta de forma semelhante, dizendo que não é possível questionar a necessidade de gênero, uma vez que ela é a base necessária da interação humana” (Green, 1999:126). Claramente, dentro destes entendimentos, não há nenhuma maneira de sair do gênero, e objectore de consciência de lésbicas e

gays são vistos como charlatões, fracassando em reconhecer as formas em que eles também são inevitavelmente e, fundamentalmente, de gênero.

### **Genderqueers substituem lésbicas**

O entendimento queer de “gênero” teve uma profunda influência sobre as comunidades lésbicas, com mulheres jovens em algumas partes da cultura americana queer, que teria uma vez se visto como mulheres e lésbicas, agora se identificando como “genderqueer”. É a partir deste meio social que a tendência a desenvolver fortemente para lésbicas a transicionarem emergiu na última década. A transgeneração das lésbicas não só fratura comunidades, mas apaga as próprias lésbicas assim que elas rejeitam a feminilidade, e isso empobrece o feminismo profundamente, uma vez que a política feminista lésbica foi central para o feminismo de segunda onda (Faderman, 1997). Lésbicas foram cruciais para o desenvolvimento da teoria, e fazer o trabalho do feminismo. Eles eram proeminentes na criação de serviços de apoio a mulheres que sofreram violência masculina, tais como centros de crise de estupro e refúgios, e na criação de instituições básicas que criaram a cultura das mulheres, livrarias, centros de mulheres, prensas, grupos de música e companhias de teatro. Eles forneceram, também, o núcleo ético da política feminista sobre sexualidade e relacionamentos (Card, 1991; Raymond, 1986). Ética feminista lésbica foi baseada em criar e praticar a sexualidade da igualdade que evitou a erotização da diferença de poder sob a forma de role playing butch/femme ou sadomasoquismo. Feministas lésbicas criaram um jornal nos Estados Unidos chamado *Lesbian Ethics* e escreveram livros sobre ética (Hoagland, 1988). O núcleo de lésbicas da segunda onda do feminismo criou a cultura de espaços em que todas as mulheres pudessem relaxar, criar estratégias e desenvolver a força. É importante ressaltar que o núcleo do feminismo lésbico foi o separatismo (Frye, 1983). Feministas lésbicas escolheream viver separadas dos homens e a socializar e desenvolver a comunidade em espaços que eram exclusivos a mulheres. A aquisição de espaços de mulheres pela política queer e genderqueer levou à erosão do sentido de solidariedade e comunidade que é tão importante para a força de um movimento feminista. A entrada de homens que dizem ser transgender em espaços das mulheres tem ajudado a fratura de comunidades lésbicas, extirpando os ambientes que tem alimentado a

resistência das mulheres e o pensamento rebelde e sua capacidade de amar um ao outro.

O efeito do aumento da política queer combinado com o declínio da política feminista lésbica, foi o desenvolvimento de comunidades lésbicas em algumas áreas dos Estados Unidos em particular. Para o feminismo lésbico – ou mesmo o feminismo – existir, é necessário para mulheres serem capazes de pensar em si mesmas como mulheres e como lésbicas. Mas isso é muito difícil para muitas jovens lésbicas no presente, que se afirmam como tal em uma comunidade queer em que a masculinidade tem maior valor. Elas podem ter identidades extremamente fragmentadas, que as tornam incapazes de aceitar-se como mulheres e lésbicas. Isso fica claro em um estudo em que mulheres jovens que já se chamaram lésbicas foram entrevistadas (Bauer, 2008). As mulheres jovens se envolvem em sadomasoquismo ou BDSM (bondage, disciplina e sadomasoquismo) e poderia “escolher e negociar papéis e identidades para interpretar” (Bauer, 2008:234). Eles identificaram das seguintes maneiras: “femme branca bissexual”, “branco femme genderqueer pansexual”, “queer transgender branco stone butch”, “branco queer genderqueer femmeboy”, “branco queer femme”. O estudo explica “genderqueer” como:

Enquanto genderqueer não identificam-se em tempo integral como homens ou mulheres, eles não se concebem como no meio do espectro ou andrógino também. Seu gênero é bastante fluido (deslocando-se) e múltiplo ao mesmo tempo, o que significa que o seu posicionamento dentro de uma variedade de gêneros dependem de contexto. Por exemplo, uma pessoa pode expressar um lado femme em um encontro com uma butch e expressar uma identidade parcial fag com um gay trans no dia seguinte (Bauer, 2008:238).

O autor define-se como “um alemão branco, queer, poliamoroso, BDSM superior e transfag com uma classe trabalhadora e de fundo ativista” (Bauer, 2008:239). O termo “lésbica” não aparece em tais auto-descrições.

Na verdade, algumas acadêmicas lésbicas argumentam que as “lésbicas” na comunidade lésbica podem deixar de existir como categoria separada como “muitas jovens estão adotando um papel mais fluido em termos de sua orientação sexual e identidade de gênero” (Weiss, 2007:208). Sua sexualidade é descrita como “fluida”, que significa que “as mulheres jovens que se identificavam como queer são suscetíveis a ter relações sexuais com homens

jovens que se identificam como queer, e considera-lo uma relação queer. Etiquetas masculinas como “menino” e “paizinho” não são considerados tabus em comunidades de mulheres” (ibid.). Este apagamento da existência lésbica, para citar Adrienne Rich (Rich, 1980), é chamado de um movimento “longe do essencialismo e em direção ao universalismo”, em que “os acadêmicos desta nova geração” não se incomodam em distinguir claramente o campo de Estudos Lésbicos, ou quaisquer disciplinas baseadas na sexualidade” (Weiss, 2007:209).

A “fluidez” genderqueer pode criar um problema para essas jovens, que procuram situar-se no mundo e assistir a sua saúde. Um estudo dos problemas que as lésbicas e especialmente aquelas que são transgender, tem no acesso aos cuidados de saúde que sugere que a falta de uma identidade segura cria problemas a este respeito. Elas tem dificuldade em definir-se; jovens “gender queer e transmaculino costumam lutar com a linguagem para descrever os seus próprio ou seus pares trans” ou “entenderem a si mesmos” (Welle *et al.* 2006:46). O estudo sugere que é os programas de Estudos de gênero e de Estudos queer tomados por estes gênero e jovens mulheres que se identificam trans que causaram a elas a terem uma noção complexa e fragmentada de quem elas eram ,como elas “tinham participado em cursos de estudos de gênero crítico e estudos queer e referenciados discursos acadêmicos para enquadrar LGBT e identidades queer” (Welle *et al.*, 2006:48). Uma entrevistanda, Samantha, diz que uma “identidade fixa é limitada e limitante” e que “a cultura fag ou estilo”, ou possivelmente alguma “versão sapatão deste” representa o que ela faz. Os jovens no estudo que estavam envolvidos em sadomasoquismo usou a linguagem completa da cultura gay masculina para descrever o que interpretavam. O artigo conclui que “maior complexidade” pode ser acompanhada de vulnerabilidades únicas” (Welle *et al.*, 2006:66). Tais estudos indicam que a crítica feminista clara do que estavam na primeira chamada de papéis sexuais e estereótipos sexuais, e só mais tarde comumente referido como “gênero”, foi prejudicada pelo advento de ideais pós-estruturalistas e ideias queer em 1990. Mas eles indicam o desaparecimento de lésbicas também.

Adêmicas feministas lésbicas, Bonnie Zimmerman, tem evidenciado preocupação em relação a isso, sugerindo que o feminismo lésbico sobrevive como uma forma reconhecida de ser lésbica hoje nos Estados Unidos. Ela avisa que as lésbicas podem desaparecer porque,

em muitos locais, e muitas maneiras os discursos de lésbicas – e, especificamente, o feminismo lésbico, tem sido todos, mas silenciado. Isto conduz à apropriação do nosso trabalho... o aviltamento dos nossos valores e existência continuada e a deturpação e construção ahistórica dos últimos trinta anos (Zimmerman, 2008:50).

A compreensão de si mesmo como mulher e lésbica que formou a empresa e base necessária de organizar do feminismo de segunda onda se dissipou, de uma forma que cria dificuldades para uma nova onda de ativismo, mas não há provas do feminismo radical online que uma nova geração de jovens lésbicas estão a desenvolver sua própria forma de feminismo lésbico para novos tempos. No entanto, como o transativismo desenvolveu-se, durante o mesmo período em que o feminismo estava sob ataque da teoria queer e pós-moderno, estas novas formas de teoria foram empregados para construir a ideologia que sustenta estudos trans, e permitir em ataque de variedades de feminismo que ameaçam a importância do gênero como um graal. É neste contexto, em que a própria existência de “mulheres” e “lésbicas” tornou-se duvidosos, que o “transfeminismo” tem sido capaz de criar um lugar para si.

### **“Transfeminismo”**

“Transfeminismo” argumenta que a diferença de gênero e feminilidade devem ser protegidos contra as feministas que buscam demoli-la. Estes teóricos modelam a “feminilidade” em seu próprio ponto de vista, como os homens que se consideram transgender, do que “feminilidade” é, ou seja, prazer em interpretar o estereótipo de papel sexual feminino. Teóricas feministas da segunda onda viram isso como de importância crucial para arrancar a ideia de que uma mulher está longe de ideologias e instituições patriarcais e recria-lo de uma forma adequada para a libertação das mulheres. Em tal trabalho feminista, ideólogos do sexo masculino foram acusado de apropriação e colonizar experiências e a existência de mulheres (Millett, 1972). As instituições e as ideologias que foram identificadas como mediando a subordinação das mulheres são a religião e a Igreja, psicanálise e da profissão médica, as chamadas ciências da sociologia e da antropologia e as instituições do estado (Beauvoir, 1973, publicado pela primeira vez em 1949; Wittig, 1992). Todas as disciplinas de universidades, como Monique Wittig aponta, pode ser vista a constituir “o

pensamento hetero”, que são ideias baseadas em ver as mulheres como complementares aos homens no âmbito da heterossexualidade (Wittig, 1992). Estes teóricos examinaram como a ideia da mulher foi construída, e salientou que esta ideia serve para justificar a dominação masculina. É importante ressaltar que a ideia da mulher é fundada na noção de um inevitável – e essencial, usualmente biológica – diferença entre os sexos. Esta “diferença” significava que a mulher era para ser uma companheira para o homem, para o prazer dele, viver sob esse controle, gerenciar às crianças e uma casa, e exibir certas qualidades que o encantava, um interesse em moda, exposição do corpo, respeito, gestos femininos e conduta. À luz disto, ele deve ser uma questão de alguma preocupação de que os homens que são transgender estão retornando a possibilidade de exprimir o que as mulheres são e devem ser, moldando o que feminismo é e promover estereótipos semelhantes. Mais uma vez, homens estão exercendo autoridade em definir o que mulher é.

O resultado dessa atmosfera de aceitação, e de fato bem-vinda, de transgenerismo dentro do queer e da academia pós-moderna feminista foi o florescimento do “transfeminismo”, cujo criadores e expoentes são principalmente os homens que são transgender e rejeitam totalmente a forma de feminismo que evita gênero, e, em vez disso, constroem o feminismo como um movimento para a celebração de estereótipos de gênero. Este feminismo concebido pelo homem tornou-se tão proeminente dentro da academia feminista que, em 2011, por exemplo, na Universidade de Indiana organizou uma conferência intitulada Postposttranssexual: Transgender Studies and Feminism (CSGS, 2011), e em 2012 na Universidade de Califórnia houve um núcleo de pesquisa intitulado “Queer, Feminismo e Estudos Transgender” (DHI Research Cluster, n.d.), como se estas correntes de pensamento era compatíveis. Em 2013, o Departamento de Estudos e Pesquisas Feministas de Mulheres na Universidade Ocidental, no Canadá vai oferecer uma matéria chamada “Uma introdução aos Estudos Transgender”. Além disso, os homens que são transgender estão cada vez mais engajados para dar aulas às mulheres sobre o feminismo como palestrantes em conferências feministas, sendo um exemplo a 22ª Conferência Anual de Mulheres e Sociedade em Poughkeepsie, New York em 2013. Neste evento a tônica foi dada por Kate Bornstein, cuja perspectiva sobre as mulheres e da sociedade, como um homem que é transgender será

inevitavelmente muito diferente das mulheres, ou seja pessoas com corpos femininos que não escolhem sua condição subordinada, mas foram colocadas para ele no momento do nascimento (Culture Lab, 2013).

Um expoente influente do “transfeminismo” é Julia Serano, autor de *Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity* (2007). Serano tem um clássico perfil de crossdressing. Ele explica que ele não se considerava ser mulher até que ele tinha onze anos e não queria fazer as atividades na escola de garotas, embora tivesse uma fantasia sexual de torna-se uma garota: “Eu não tinha a experiência trans de sempre sentir que eu deveria ter nascido mulher” (Serano, 2007:78). Ele percebeu que era mulher quando ele tinha o desejo de vestir-se de uma cortina de renda aos onze (uma experiência pouco provável que tenha sido compartilhada entre as mulheres): “Não foi até a idade de onze anos que eu conscientemente reconheci esses sentimentos subconscientes como um exotar ou o desejo de ser mulher... Encontrei em mim uma vontade inexplicável em remover um conjunto branco, cortinas rendadas da janela e envolve-los em torno de meu corpo como um vestido” (Serano, 2007:79). Esta força importante na criação do transfeminismo decidiu que ele estava de alguma forma feminino no cérebro – “parece que, em algum nível, meu cérebro espera que o meu corpo para ser do sexo feminino”, quando ele percebeu que ele estava sexualmente excitado pela roupa associada às mulheres e por cortinas (Serano, 2007:80).

Serano procura reinventar “feminismo” para encaixar seus interesses eróticos. Uma vez que ele é ativado pelos apetrechos de feminilidade, ele está com raiva que muitas feministas são críticas a ele. Ele afirma que as feministas não compreendem a feminilidade, “mesmo muitas feministas compram as noções tradicionalmente sexistas sobre a feminilidade: que é artificial, imaginárias, artificial e frívola; que é um artifício que serve apenas ao propósito de atrair e apaziguar os desejos de homens”. Não é verdade, diz ele, “que a feminilidade é subordinada a masculinidade”, nem que é “artificial” ou “performance”; na verdade, “certos aspectos da feminilidade (assim como a masculinidade) são naturais e podem tanto preceder de socialização e substituir o sexo biológico” (Serano, 2007:6). O trabalho do feminismo, de acordo com Serano, é “capacitar” a feminilidade, porque “nenhuma forma de igualdade entre os gêneros nunca pode realmente ser alcançado até que o primeiro trabalho

emponder a feminilidade mesma” (ibid.). Ele explica: “Eu faço o caso que o ativismo e a teoria feminista seria melhor servida trabalhando para capacitar e abraçar a feminilidade, ao invés de evitando ou ridicularizando-o, como muitas vezes no passado” (Serano, 2007:9). Ele castiga feministas por ter de alguma forma terem entendido errado.

Transativistas como Serano desenvolveram um novo vocabulário para avançar sua agenda política. Um desses novos termos é “cis”, que se aplica a todas aquelas que não estão infelizes com o seu gênero”. Com efeito, o termo “cis” cria dois tipos de mulheres, aquelas com corpos femininos que são rotulados “cisgênero” e aqueles corpos masculinos que são “mulheres trans”. As mulheres, as nascidas mulheres e criadas como mulheres, portanto, sofrem uma perda de status como eles estão relegando a ser apenas um tipo de mulher e suas vozes terão de competir em condições de igualdade com outra variedade, homens que são transgender. Nesta ideologia, todo mundo tem um gênero, e aqueles que têm um “gênero” que se encaixa seus “corpos biológicos” tem “privilégios cis”, que são vantagens sobre trans que não estão confortáveis com o que Serano chama de seus gênero de “nascimento”. Trans, diz ele, são oprimidos pelas mulheres cis que não reconhecem o seu privilégio e não procuram trabalhar sua culpa através de apoiar as demandas e necessidades de pessoas trans oprimidas que são mais oprimidas que mulheres. Pessoas cis, que são as mulheres, são muitas vezes culpadas pelo “*cissexismo*, que é a crença de que trans” identificam-se com gêneros que são inferiores a, ou menos autênticos que, aqueles *cissexuais* (ou seja, pessoas que não são trans e que só experimentaram seu sexo subconsciente e físico como sendo alinhados)” (Serano, 2007:12) (ênfase no original). Exemplos de cissexismo, aparentemente, incluem “mau uso intencional de pronomes ou insistit que a pessoa trans use um banheiro público diferente”. O conceito de cissexismo é empregado por transativistas às mulheres de forma culpabilizadora a as silenciarem ou apoiar a causa delas, e a adição de um prefixo tem efeitos políticos tais como excluindo a análise feminista das situações das mulheres. Além disso, transativistas conjuram mulheres a se referir como “cis”, mesmo quando falam de si, livre da presença de homesn que se consideram transgender. O blogger transgender T-girl, por exemplo, diz a mulheres em um guia como “mulheres cis” deveriam ser relacionar com homens que se consideram transgender, mas conservam seu



pênis e desejam se relacionar com elas: “Por favor, adotem essa linguagem, mesmo quando pessoas trans não estiverem por perto” (Savannah, 2013). O artigo é publicado na *Autostraddle*, um site gerido por lésbicas para a comunidade LGBT. O feminismo é um movimento político que começou a partir de estar com raiva de homens dizendo às mulheres que estão e quando e como eles devem falar. Por esta razão, este tipo de aconselhamento de um homem na posse de uma “lady stick” – como pênis são referidos na comunidade trans – que as mulheres deveriam se policiar em suas conversas e apenas se descreverem em formas que não poderiam ofender esses homens, poderiam olhar um pouco antiquado em sua arrogância e deveria, talvez, serem vistos como um exercício de poder masculino.

O termo misoginia também é redefinido por transativistas para que signifique menosprezo da feminilidade que é tão atraente a cross-dresser, como Serano comenta, “*misoginia* será usado para descrever a tendência a rejeitar e ridicularizar a feminilidade e mulheridade” (Serano, 2007:14). Segundo essa lógica, feministas são principalmente misóginas porque procuram abolir a feminilidade, o comportamento da subclasse e gênero em geral. Como Serano explica: “Quando uma pessoa trans é ridicularizada ou dispensada”, eles se tornam “vítimas de uma forma específica de discriminação: *transmisoginia*” (Serano 2007:15) (ênfase no original). Este tipo de truque verbal é um bom exemplo do que a teórica feminista radical Mary Daly descreve como "reversão patriarcal" (Daly, 1978: 79). A ideologia transgender esta cheia de tais reversões, em que a realidade material da feminilidade biológica e existencial é usurpada por homens que fantasiam sobre serem mulheres.

A nova linguagem silencia mulheres e feministas. Quaisquer declarações ou comportamentos que ofendem os homens que se consideram transgender, tais como política crítica ou falta de entusiasmo por parte das lésbicas para relacionamentos com homens com “lady sticks”, são rotulados “transfobia”. Esta palavra deve sua origem ao termo 'homofobia', que não é o mais útil dos termos, porque implica que o ódio dos homossexuais é algum tipo de problema psicológico e não uma política. Discussão sobre o que transativistas estão fazendo ou dizendo pode ser rotulado como irracional, assim como discriminatório e detestável. Feminismo crítico, é claro, esta longe de ser irracional e com base em décadas de teorização e prática, mas através de

truques trans, pode ser enterrado em vaias e assobios altos e acusações de transfobia antes de poder razoavelmente ser ouvida ou considerada.

A imposição trans de sua versão particular da linguagem política correta tem o efeito de fazer com que seja difícil mencionar processos corporais das mulheres. Mesmo a observação de que a menstruação é uma função de pessoas que são do sexo feminino pode ser marcado como transfóbica. Em um livro sobre a menstruação de 2010, este fato científico é proclamado inaceitável porque perturba a sensibilidade de mulheres que se consideram transgender e gostam de pensar que elas não são realmente mulheres:

ativistas radicais de menstruação tem mudado a linguagem de menstruação para falar de “menstruadoras” ao invés de “mulheres que menstruam”. Essa escolha de linguagem não apenas reflete o comprometimento a ser um movimento mais inclusivo (com as pessoas trans), mas também demonstra a importância política da linguagem neutra de gênero e o desmantelar a estreiteza e restrição de gêneros binários (Worcester, 2013:151).

Em conselhos semelhantes no boletim do grupo ambientalista Earth First, as mulheres são orientadas a não descrever seus corpos e processos reprodutivos como feminino: “Eu sou uma educadora ao nascimento, e com prática, eu tenho sido capaz de substituir a linguagem cissexista com termos mais neutros como “pessoa que pari”, “pessoa que amamenta”, etc... Alterar o idioma cissexista pode parecer um trabalho longo, mas faz uma grande diferença para as pessoas trans. Apenas façam! ”(Hollis, 2013). Serano refere a si mesmo como uma “mulher infértil” e afirma que feminismo focado em contracepção é “alienante” (Scum-o-rama, 2012). Questões relacionadas com a reprodução são de grande importância para as mulheres, é claro, mas podem ser entediadas para homens que querem que o “feminismo” se concentre em seu interesse em personificar mulheres.

Um recurso útil fornece insights sobre como homens e mulheres universitários que se consideram transgender buscam reconfigurar o feminismo para atender seus interesses é a coleção *Transfeminist Perspectives* (Enke (ed.), 2012). É editado por Anne Enke, um professor transfeminista e ativista auto-proclamado que tem um interesse em manter as categorias mulher e trans [sic] bem abertos” (Enke, 2012a:77). Enke diz que ele é alguém que “fez xixi em pé quando era uma criança, que passou mais de vinte anos com medo de que

alguém iria descobrir que eu era realmente um homem, e que passa quase sempre a vida como uma mulher" (Enke, 2012a:71). Enke voltou a crescer a barba em 2012 e agora usa-o com uma trança. Ele tem o privilégio de ser capaz de usar qualquer vaso sanitário que ele quer sem ser consultado por causa de seu alto status na universidade, mas permanece com tanta raiva de não se sentir totalmente bem-vindo na instalação das mulheres,

que eu vou lá, trançado e barbudo, e estou furioso para descobrir as opções... Eu posso passar por qualquer porta e eu não vou ser fisicamente ou verbalmente agredido. Entro no que diz "mulheres"... Eu chutarei a porta tão duro quanto eu puder no meu caminho. (Enke, 2012a:73).

Tal ato de agressão pode muito bem comprometer a missão de Enke para ser reconhecido como uma mulher.

Enke argumenta, como é comum na versão transgender do feminismo, que tanto gênero e sexo são socialmente construídas: "Gênero, e também o sexo, são feitos por meio de manipulações sociais e técnicas complexas que naturalizam alguns, enquanto rejeitam outros" (ibid.). Todos os corpos, Enke argumenta, são "feitos", e o problema com muitas feministas é que elas acreditam que há uma diferença entre os corpos dos homens e os corpos das mulheres e que essa diferença de sexo biológico importa. De fato, ele afirma, todos os corpos são feitos, de um jeito ou de outro tecnologicamente produzido" e "estudos feministas, queer, incapacidades, críticos a raça e trans" reconhecem isso. Algumas feministas, porém, "preservar o sexo como uma categoria" e presumem "que há uma diferença cognoscível entre os órgãos masculino e feminino" (Enke, 2012b: 6). É muito difícil saber o que Enke quer dizer aqui, uma vez que as diferenças reprodutivas entre corpos femininos e masculinos, seios podem lactar, úteros e menstruação, vaginas não-cirúrgicas, pênis, testes, são todos objetivamente "conhecidos", exceto no argumento de alguém tentando negar o senso comum. Na verdade, Enke assinala que "a grande maioria das pessoas transexuais e pessoas com significativa identificação com o sexo oposto não terão cirurgias genitais" (ibid.), de modo que as diferenças estariam bem visíveis a olho nu. Transfeminismo, ao que parece, é baseado em um princípio bastante místico em que não existe tal coisa como biologia. Enke faz uma apropriação de feminismo em si, argumentando que é nada além de uma

variedade de práticas trans: “a maior parte das feministas deveriam ver o feminismo como um fenômeno trans: algumas versões de gênero auto-determinados e resistência as normas de gênero binários e opressões tem sido sempre o centro do feminismo” (Enke, 2012b:5).

O feminismo não está apenas sob o ataque de homens que se dizem transexuais, no entanto. Jean Bobby Noble, um acadêmico do sexo feminino que tem transicionado, demonstra considerável hostilidade para com o feminismo por seu foco em corpos femininos (Noble, 2012). Noble acusa feministas de "entrarem em pânico" sobre gênero e diz que há "repetição incessante de entrarem em pânico sobre entidades trans no feminismo" (Noble, 2012:59) (ênfase no original). As feministas, ao que parece, são histéricas ao invés de ter bem pensado idéias sobre mulheres serem a fundação do projeto feminista. Noble acrescenta outro termo insultuoso para a crítica do feminismo, argumentando que as feministas são "fundamentalistas".

O imperativo da desorientação de gênero a “lembrar mulheres” marca um inequívoco fundamentalismo do gênero, em qual tais fundamentalistas – ao contrário daqueles nacionalistas, militaristas, supremacistas brancos, ou cristões, para nomear alguns – funcionam para fundamentar o imaginário feminista e sua metodologia de normalização social, moral e biológica coercitiva? (Noble, 2012:50).

Noble usa a linguagem de guerra para descrever a campanha para fazer feministas a se curvarem a prioridades trans: “Entidades trans” estão tendo que “lutar para entrar em espaços institucionalizados como feministas” (Noble, 2012:57).

Outro importante expoente do transfeminismo é o professor muito respeitado australiano e teórico de gênero, Robert Connell, que transicionou tarde na vida e agora se chama Raewyn Connell. Connell escreve e dá palestras sobre transgenerismo e feminismo (Connell, 2011, 2012). Ele descreve as críticas de transgenerismo feitas por Jeffreys e outras feministas como "ataques". Connell proclama que a campanha por feministas para abolir gênero é inapropriado porque o gênero deve ser mantido:

A corrente no feminismo metropolitana que espera abolir gênero ou dissolver a ordem de gênero teve forte apelo nas últimas duas décadas. Mas, a longo prazo, as mulheres transexuais vão encontrar mais

relevância na tentativa de criar ordens apenas de gênero. (Connell, 2012: 873).

Em "apenas ordens de gênero", gênero será mantido, mas haverá menos desigualdade entre os gêneros. Na verdade, a ideia de uma "apenas ordem de gênero" é um paradoxo já que gênero é uma hierarquia e na ausência de desigualdade não existiria. É difícil saber como a desigualdade pode ser traduzida como "apenas". Apesar de seu status e da estuma em que foi realizada a sua contribuição para a teoria feminista, ele acaba na mesma trajetória como Julia Serano, para a proteção necessária da feminilidade.

### **O silenciamento dos dissidentes**

Juntamente com o confronto direto que os transativistas estão encenando com a teoria feminista, existem muitas outras maneiras em que suas campanhas tem danificado os ganhos do feminismo de segunda onda. Alguns deles serão discutidos mais adiante neste volume, como a campanha para entrar em espaços exclusivos a mulheres e serviços de mulheres e à promoção de transgnerismo nas crianças. Outros ataques diretos sobre feminismo e feministas serão aqui consideradas, como a difamação de, e as tentativas de silenciar, o trabalho de feministas ativistas e teóricas. É importante para transativistas qe eles deveriam ser capazes de silenciar a crítica feminista, sociológica e científica da sua prática, porque grande parte da crítica é facilmente compreensível e escetível de ser profundamente abraçada por um público crítico se ele ganha publicidade. O principal método adotado para realizar este silenciamente consiste em campanhas de ódio e difamação para destruir a reputação de críticas e negar-lhes espaços para falar ou publicar seu trabalho. Se uma pessoa é conhecida por ter sido sempre crítica da prática de transgnerismo os transativistas procuram os proibir de falar sobre qualquer assuntos em tudo ou assedia-los em locais. Eu estava proibida de falar em um conferência em Londres em julho de 2012, devido a ter um lugar no local bem conhecido, Conway Hall, como resultado da campanha de transativistas (Jeffreys, 2012a). Os organizadores foram informados pelos operadores locais que eu não seria permitida falar depos de ativistas que aplicaram pressão e me acusaram de discurso de ódio. Eu fui proibida com a alegação de que eu promovia ódio e era culpada de ativa discriminação. Ao ser solicitado procas

para isso, Conway Hall apareceu para me comparar com David Irving, o negador do Holocausto. A evidência oferecida consistiu em citações de meu trabalho, argumentando que a cirurgia trans deve ser considerada uma violação aos direitos humanos – dificilmente evidência de discurso de ódio. A acadêmica feminista Germaine Greer foi bombeada com glitter em Nova Zelândia em 2012 em uma sessão de autógrafos por transativistas por ser crítica da prática em seu livro *The Whole Woman* e em outras observações (Gray, 2012).

Influentes colunistas de opiniões feministas recebem tratamento similar. Em janeiro de 2013, a colunista do *Guardian*, Suzanne Moore, tornou-se objeto de grave e agressivo bullying por transativistas, porque ela opinou que as mulheres eram esperadas em sua aparência para se assemelhar a trans brasileiras (Moore, 2013). Isso levou a uma campanha bastante viciosa contra ela na mídia social. Moore respondeu com irritação e a campanha foi incrementada com insultos violentos e ameaças explicitamente dirigida contra a biologia feminina. Tweets incluíram a opinião que Moore era uma “vadiazinha”, “um saco completo de lixo”, “a vadia das vadias”, “um cu trasmisógino extraordinário”, “uma mancha de xixi nas calças do fascismo”. Foi-lhe dito que ela precisava “ser penetrada”, e “adivinha quem secretamente quer fuder com todos os pintos de trans”. Um comentou: “eu vou cortar seu rosto largo e alimentá-lo para os lobos” (GenderTrender, 2013). Em defesa de Moore, Julie Burchill, outro colunista bem conhecido e controverso, escreveu uma peça crítica do transgenerismo no jornal *Observer* (Young, 2013). A campanha transativista contra a peça de Burchill levou a sua retirada do site e a emissão de um pedido de desculpas aos transativistas (Sweeney, 2013). Em resposta, muitos jornais da corrente masculina principais e blogs feministas optaram por publicar a peça de Burschill e queixaram que a censura não era razoável. A visão trans esta bem representada no *Guardian* e no *Observer*, com um número de homens que transicionaram, como Jane Fae, Roz Kaveney e Juliet Jacques, tendo colunas regulares em que promovem a ideologia trans, criticam o feminismo e descrevem suas transições em consideráveis detalhes. Mas esses jornais liberais, que procuram ser politicamente correto, muito raramente publicam material que levanta qualquer dúvida sobre a prática.

Esse assédio é tão abusivo, incluindo provocações copiosas de “morram lixo cis” dirigidas a todas as feministas que são críticas a ideologia trans (Eles

dizem que isso nunca acontece, 2012), que sugere raiva considerável por parte dos transativistas envolvidos. Em reconhecimento a isso, a psicoterapeuta trans, Anne Lawrence, forneceu uma explicação (Lawrence, 2008). Lawrence argumenta que o nível de raiva e abuso, incluindo as ameaças de violência extrema, incluindo a morte, poderia ser explicada por “fúria narcisista”, que é uma forma de raiva experimentado por pessoas que tenham sofrido de vergonha e reagem de maneiras extremas e agressivos quando eles são desafiados por causa de sua história de se sentir inferior. Seja qual for a explicação, as campanhas muito determinada e injurioso construa os críticos sugerem uma grande ansiedade por transativistas sobre as possibilidades de que sua prática poderia ser repensada, e que suas interpretações podem não ser as únicas que devem ser permitidas na exibição de domínio público.

## **Conclusão**

Numa altura em que o feminismo estava experimentando reação de muitas direções, o impacto da teoria queer e pós-moderna minou a possibilidade de que as feministas acadêmicas e as comunidades feministas poderiam enfrentar o desafio colocado pela entrada de homens que são transgender para o movimento. Uma vez que a teoria queer tinha feito a categoria "mulher" questionável e promoveu a natureza transgressora de interpretar com o gênero, o projeto transgênero se tornou difícil de criticar. O resultado é que não só houve nenhuma crítica do transgenerismo de estudiosos feministas nas últimas décadas, mas a ideologia transgênero foi bem recebida na academia feminista, onde os alunos podem ser ensinados a ridicularizar o trabalho importante da segunda onda do feminismo sobre esta questão, aprender nova linguagem politicamente correta que torna muito difícil de articular os interesses das mulheres, e tornar-se radicalmente incerto sobre seu sexo e sexualidade. O projeto transgênero de promover a feminilidade como o foco adequado do feminismo tem feito incursões consideráveis em um feminismo acadêmico, que tem, em grande medida, perdido o seu caminho e falhou em apoiar as mulheres e estudos feministas. Não houve estudos feministas nas últimas décadas, que é essencial, por exemplo, sobre os tratamentos hormonais e cirúrgicos nocivos que são usados para homens e mulheres trans, apesar de muita crítica feminista incisiva desses tratamentos quando dirigida a mulheres na forma de cirurgia

plástica e terapia de reposição hormonal. O próximo capítulo vai procurar mostrar que essa crítica é urgentemente necessária e contribui para a abertura de um espaço trans crítico sobre a saúde física e mental daqueles que são transgênero.

3

## **SENDO TRANSGENDER**

Realmete doendo

*Escrito com Lorene Gottschalk*

Este capítulo examina os efeitos nocivos da prática do transgênerismo sobre a saúde e o funcionamento dos próprios trans. A literatura dos estudos trans geralmente é de comemoração e não cobre os danos para a saúde dos trans individuais a partir de seu tratamento médico. Além disso, ele ignora o problema cada vez mais comum de “remorso trans”, isto é, os sentimentos dos sobreviventes do tratamento que consideram que eles tem sido erroneamente diagnosticado e pode querer ter a cirurgia reconstrutiva, para que possam reparar danos cirúrgicos. Embora as estudiosas feministas tem explorado os efeitos nocivos de outras áreas do tratamento hormonal e cirurgia plástica, e criou críticas teóricas sofisticadas da indústria médica que provoca esse dano a mulheres (Haiken, 1997; Sullivan, Deborah A., 2001), não existe tal crítica, para além do trabalho pioneiro precoce de Janice Raymond, do tratamento trans (Raymond, 1979/1994). Este é o caso, apesar do fato de que muitas das cirurgias e tratamentos são os mesmos que os que tem efeitos prejudiciais sobre as mulheres. Tratamento hormonal prolongada, por exemplo, é utilizado em mulheres nas formas de pílulas contraceptiva e implantes, e em mulheres após a menopausa, quando é chamado de terapia de substituição hormonal (HRT), precisamente o mesmo termo que é aplicado a regimes de drogas semelhantes, quando utilizados em mulheres e homens que transicionam. Os cirurgiões que oferecem tratamentos cosméticos para permitir às mulheres a desempenharem o papel feminino também oferecem seios e cirurgias faciais a homens que desejam desempenhar um papel similar. Mas a crítica feminista da cirurgia plástica não foi estendida para o tratamento semelhante de trans.

Este capítulo irá reduzir a exclusão e criticar os danos aos corpos de suas vítimas do que Janice G. Raymond chama de *The Transsexual Empire* (1979/1994), em que consiste em partes da profissão médica, e as empresas



farmacêuticas, que dependem da transgeneração de homens, mulheres e crianças para os seus lucros. No início do século XXI, a cirurgia de redesignação sexual (SRS) é comum em todo o mundo a partir de pequenas cidades dos Estados Unidos para países em desenvolvimento. É uma parte importante da indústria do turismo médico da Tailândia e da economia da pequena cidade de Trinidad, no estado do Colorado, por exemplo (Bucar e Enke, 2011). Um exemplo da prevenção de tais temas é um capítulo na coleção de *Transgender Feminist Perspectives* (Enke (ed.), 2012), aparentemente preocupado com a montagem da prática de transgenerismo na teoria da economia política, e subtítulo “Notas sobre a relação entre política econômica crítica e estudos trans” (Irving, 2012). Fiquei intrigada e achei algumas dessas questões problemáticas por, finalmente, ser abordada. Mas o capítulo acaba por ser preocupado com quem é capaz de bancar os tratamentos, e não contém nada sobre a indústria do turismo médico internacional que atende aqueles que procuram a cirurgia, e nada sobre quem esta fazendo os lucros, as empresas farmacêuticas, hospitais e cirurgiões, psiquiatras e terapeutas. Tais considerações não fazem parte dos estudos trans, embora eles sejam parte importante dos estudos feministas. Este capítulo descreve as opções de tratamento para ambos os trans masculinos como os trans femininos e detalha as consequências e efeitos colaterais. Ele usa as informações dos sites de organizações, apoio, literatura médica trans e entrevistas com um trans masculino e um trans feminino a fim de obter uma compreensão de como a saúde física e mental daqueles em que os trans são afetados.

### **A eficácia da mudança de sexo – o desacordo médico**

Historicamente, tem sido longe de um acordo universal qual a eficácia do tratamento para pessoas identificadas como trans. O termo “eficácia” é amplamente utilizada na literatura médica na prática, mas não bem definida. Neste capítulo, eu entendo a “eficácia” do tratamento para se relacionar com o grau de melhoria na saúde mental, sem prejuízo para a saúde física. Desde as décadas de 1950 e 1960, quando alguns endocrinologistas como Harry Benjamin buscavam legitimar o tratamento de mudança corporal para trans, houve médicos e psiquiatras que não concordavam que um problema da mente deve ser tratado com terapias físicas. Já em 1970, o Dr. John Meyer realizou uma

avaliação do sucesso do tratamento na Clínica de Identidade de Gênero de Johns Hopkin, em que o levou a conclusão de que as terapias físicas eram ineficazes (Meyer e Reter, 1979). Ele não vê transgênerismo como uma condição inata que deve ser afirmada por cirurgia, mas vê o pedido de mudança de sexo como essencialmente “problemática”, e ele deseja “dar um passo atrás da normalização” dos procedimentos de redesignação sexual, a fim de olhar objetivamente nos efeitos a longo prazo da cirurgia (Meyer e Reter, 1979:1010). Meyer e Reter documentar as conclusões do pequeno número de avaliações anteriores da efetividade do tratamento, nenhum dos quais apoiam a mensagem extremamente positiva de que as questões de transativistas hoje. A conclusão de Meyer depois de sua avaliação de cinquenta pessoas, incluindo uma comparação entre aqueles que pediram para a cirurgia e conseguiu-lo e aqueles que foram recusados, era que “a cirurgia de redesignação de sexo não confere qualquer vantagem objetiva em termos de reabilitação social, embora continue a ser subjetivamente satisfatória” Meyer’s conclusion after his evaluation of fifty persons, including a comparison between those who asked for surgery and got it and those who were refused, was that ‘Sex reassignment surgery confers no objective advantage in terms of social rehabilitation, although it remains subjectively satisfying’ (Meyer e Reter, 1979:1015). A crítica do tratamento trans de Meyer contém nenhum traço de uma perspectiva feminista. Como outros psiquiatras de sua época, ele fez questão de culpar as mulheres, geralmente mães, dos problemas psicológicos de seus pacientes. Ele atribui os problemas psicológicos de identidade de gênero em mulheres e meninas para as mães que tem “patologia de caráter significativo”, possuem “inveja de pênis” e “um sentido de injustiça devido a sina da mulher (penetração, menstruação, gestação)” (Meyer, 1982:410).

Paul McHugh que se tornou chefe de psiquiatria na Universidade Johns Hopkins em 1970, ao ver a falta de evidência para a eficácia da cirurgia declarou, “Hopkins foi cooperadora fundamental com a doença mental. Nós, psiquiatras, pesamos que faria melhor em tentar consertar suas mentes e não sua genitália” (McHugh, 2004). McHugh parou a prática de SRS na Universidade Johns Hopkins em 1979 e outras clínicas universitárias seguiram o exemplo. Essa crítica continua no presente, mas tornou-se muito mais suave, como resultado da normalização da prática e pelas atitudes do “império transexual”. No entanto,

uma forte crítica contemporânea vem da psiquiatra Az Hakeem que trabalha na Clínica Portman em Londres, especializada em terapia com aqueles que pretendem ser trans e aqueles que transicionaram, mas continuam a sofrer angústia. Em capítulo do livro intitulado “Trans-sexuality: a case of “The Emperor’s New Clothes”, ele chama a noção de pessoas que procuram transicionar que eles tem a crença de ser do outro gênero ou sexo é completamente falsa e “uma disordem delirante” (Hakeem, 2007:184). Ele critica a prática de tratar transgenerismo como condição biológica que reside no corpo e pode ser curada através de hormonônios e cirurgia, comentando que “parece estranho que, como psiquiatras que tentam resolver um conflito psicológico interno com uma solução cirúrgica exterior” (Hakeem, 2007:183). Ele ressalta que os psiquiatras que estão “psicanaliticamente informadas” são os mais propensos a serem críticos da prática. Um desses críticos é a francês, psicanalista feminista, Colette Chiland (Chiland, 2004).

Ainda há uma notável ausência de estudos recentes que acompanham aqueles que tem SRS para descobrir se este tratamento é eficaz, apesar da grande expansão da indústria de transgeneração. Um estudo de acompanhamento em 2011 de longo prazo da Suécia descobriram que a redesignação de sexo não é eficaz, porque depois da redesignação trans tiveram maiores riscos de morbidade psiquiátrica, comportamento suicida e mortalidade global do que a população geral, ao usar os controles do mesmo sexo ao nascer. O estudo concluiu que “redesignação de sexo” pode aliviar a “disforia de gênero”, mas “pode não ser suficiente como tratamento para transexualismo, e deve inspirar uma melhor assistência psiquiátrica e somática após a redesignação de gênero” (Dhejne *et al.*, 2011). As vozes de médicos críticos e os problemas revelados pelas poucas avaliações a longo prazo, não foram bem sucedidos em amortecer o entusiasmo da profissão médica e as companhias farmacêuticas para essa “disordem” na moda e rentável. De fato, o serviço público de saúde do Reino Unido, o Serviço Nacional de Saúde, endossou a prática não apenas para adultos, mas também para as crianças (Departamento de Saúde, 2008)

### **Identificando os “verdadeiros” trans**

Os profissionais de saúde buscam identificar aqueles que têm um "genuíno" transtorno de identidade de gênero ou disforia de gênero da forma que ele é

renomeado no *Manual Estatístico de Diagnósticos* de 2013, e afirmar a sua natureza essencial como a justificativa para tratá-la. Isto apesar do fato de que transgenerismo está se tornando um conceito cada vez mais escorregadio. E a ideia de que é uma doença de qualquer espécie está na disputa por transativistas, alguns dos quais argumentam que os hormônios e cirurgia deve ser eletiva e constituem formas de contorno do corpo que todos devem ter o direito de aceder através do erário público. Além disso, muitos transexuais no presente não fazem nenhum esforço para apoiar a ideia de que eles são essencialmente os membros do sexo oposto. No estudo de Kristen Schilt de trans de corpos femininos, por exemplo, ela descobriu que alguns de seus entrevistados não se consideram homens ou masculino (Schilt, 2006). Elas eram simplesmente mulheres que haviam se aproveitado da cirurgia nova, ou podem estar tomando hormônios eletivamente. Transgêneros de corpos femininos, Jean Bobby Noble, diz que as fronteiras entre butches e transgêneros são borradas e ela mesma, uma mulher que era lésbica e feminista por muitos anos antes ela decidiu transicionar, como "um cara que é meio uma lésbica" (Noble, 2012: 29). Ela diz que não encontra mais um lar na palavra "lésbica" (apesar de que esse seja quem eu namoro)" (Noble, 2012: 21). O proeminente ativista norte-americano transgêneros de corpo masculino, Rikki Wilchins, agora se descreve como um "transexual masculino para feminino para masculino", e tem desistido de qualquer tentativa em parecer "feminino", apesar de que ele ainda utilize de banheiros femininos (Wilchins, 2013). Wilchins é o fundador do grupo transativista Transsexual Menace; o grupo de campanha GenderPAC, que promove o direito de 'gênero'; e o acampamento que estabelece assédio ao Festival de Música de Mulheres de Michigan, Campo Trans. A compreensão de quem é transgênero realmente torna-se mais e mais escuro e sem substância, precisamente ao mesmo tempo em que mais está sendo revelado sobre os efeitos nocivos da prática. A ideia de que existe uma tal entidade como um transexual 'real' tornou-se cada vez mais difícil de apoiar.

A tarefa de identificação é turva ainda mais pela campanha por parte do movimento dos direitos transgênero para derrotar a ideia de que o desejo de transição é um "transtorno mental". Em vez disso, os ativistas argumentam que transgenerismo é uma expressão comum da condição humana e deve estar disponível da mesma forma como outras formas de cirurgia plástica em que as

peças procuram expressar a aparência desejada. Riki Wilchins é um influente expoente deste ponto de vista e afirma que transgênerismo não deve ser visto como um transtorno mental e que SRS é similar à variedade de cirurgias cosméticas que algumas mulheres se dedicam a. Ele reclama que, enquanto sua mãe “pode ir para o hospital amanhã e ela pode receber implantes na panturrilha e implantes no queixo, obter as pálpebras pintadas permanentemente, sua bunda e sua barriga encolhida, colágeno injetado em seus lábios e colágeno retirado de suas coxas”, se ele for “para o mesmo hospital para um “trabalho na virilha” ele é visto como detentor de um transtorno mental (Drescher, 2002:79). Apesar dessa determinação por alguns transativistas para derrotar a ideia de que transgênerismo é evidência de má saúde mental, há evidências consideráveis de que as pessoas que são transgêneros sofrem de uma série de graves problemas de saúde mental, antes, e muitas vezes depois, de suas transições.

### **Danos psicológicos**

O principal argumento para a eficácia do tratamento transgêneros é que melhora a saúde mental, mas há uma boa quantidade de evidências de que isso não é necessariamente o caso. A gravidade dos problemas de saúde mental de pessoas que aspiram transicionar são claras na literatura clínica, com pacientes que se apresentam em clínicas de gênero com “níveis de ansiedade e transtornos depressivos que são muito maiores do que a população em geral” (Nuttbrock et al., 2010:13). No entanto, como resultado da normalização do transgênerismo que tem ocorrido, os profissionais médicos que tratam transgêneros estão relutantes em ver o desejo de transgênero como um sintoma desse sofrimento mental. Em vez disso, a fim de coincidir com a ideologia trans que o desejo de transgênero é uma ambição inteiramente sã e razoável que não deve ser gerido por médicos “guardiões”, o conceito de “estresse minoritário” tem sido usado na explicação do sofrimento psíquico que transgêneros experienciam. “Estresse minoritário” é um conceito desenvolvido em relação aos homens homossexuais, ou seja, o sofrimento psicológico que eles experimentam como resultado de sua condição de minoria (Meyer, 1995). Uma forma desta abordagem, adaptado para transgênerismo, é ubíquo na volumosa literatura clínica. Se as pessoas que são transgênero eram crianças infelizes, por exemplo, então supõe-se que isso era porque eles eram “realmente” transgêneros mesmo

naquele tempo. Profissionais de saúde mental são avisados de que devem abandonar dúvidas e aceitarem quaisquer reclamações de seus pacientes sobre serem transgêneros e evitar a todo custo quaisquer respostas negativas ou tentativas de impedi-los de embarcar em sua busca. Para sugerir que os problemas de saúde mental que transgêneros experienciam pode ser a causa de transgenerismo seria, de acordo com esta literatura, muito condenável.

Uma abordagem semelhante, o "modelo de deficiência", agora está sendo promovido como melhor prática para lidar com pacientes transgêneros em um guia para os hospitais do Reino Unido produzido pelo Royal Free Hospital, em Hampstead: "Em compreender as grandes dificuldades na vida das pessoas trans, é útil para adotar o modelo de deficiência amplamente aceito - que são as barreiras e obstáculos apresentados na sociedade que causam os problemas e não ser trans em si" (Thom e Weeks, 2010). De acordo com este modelo, como no de "estresse minoritário", o estresse que transgêneros sentem é o resultado de discriminação e preconceito contra eles. A abordagem do "estresse minoritário" e o "modelo de deficiência" tem um grande trabalho a fazer para explicar por que o sofrimento grave daqueles que são transgênero tem tão longa duração, tanto antes como depois da transição. Um estudo tomando esta abordagem, em que a angústia de transgêneros é causada pelo abuso que está relacionado com suas identidades de gênero e chamado de abuso "com base no gênero", encontrou que a maior parte da depressão nos trans de corpos masculinos que foram estudados, 54.3%, são três vezes mais altos que a estimativa para a população geral (Nuttbrock *et al.*, 2010:21). A vida inteira de ideação suicida, em 53,5%, foi mais de três vezes maior do que para a população em geral.

O uso de conceitos tais como o abuso "de gênero relacionada com", "estresse minoritário", e o modelo de deficiência cria um contexto em que questões importantes não podem ser feitas. Ele fecha a possibilidade de que a violência e abuso sexual e físico podem ser causas do desejo de "transição". Há algum suporte na literatura, através da pesquisa que não costuma perguntar sobre isso, para uma conexão entre a experiência da violência sexual e uma determinação para ser transgênero. O estudo de Holly Devor sobre mulheres que tinham transicionado encontraram uma forte associação em informações oferecidas pelas entrevistadas, mas não fizeram uma pergunta sobre violência

(Devor, 1994). Um estudo sobre tentativas de suicídio entre transgêneros, que constatou que 60% dos participantes estavam deprimidos, também descobriram que 59% tinha sido forçada a ter relações sexuais ou violadas, o que, os autores consideram, ser um dos fatores relacionados à alta taxa de tentativa de suicídio - 32% da amostra (Clements-Nolle e Marx, 2006). A que desistiu de ser entrevistada para este livro, Walt Heyer, cujo site e publicações levaram à sua rede com um grande número de sobreviventes, considera que o abuso sexual é um contribuinte sub-reconhecida ao desejo de transicionar. Ele desempenhou um papel, ele argumenta, em seu caso, como ele foi "molestado sexualmente pelo meu tio antes que eu tivesse 10 anos, por um período de 2-3 anos de tempo". O abuso ocorreu após o tio descobrir que a avó estava colocando o menino em trajes femininos. Em relação aos transexuais de corpos femininos em particular, ele diz, "em todos os casos onde eu tive um envolvimento pessoal com a família ou os pais a criança foi abusada, cada um deles!" Mas o reconhecimento desse vínculo comprometeria a crença aceita na profissão médica que o sofrimento daqueles que são transgender é devido apenas ao "estresse minoritário", e por isso não é o foco da pesquisa.

A suposição por trás dos tratamentos hormonais e cirúrgicos é que estes problemas de saúde mental serão aliviados, mas há uma boa quantidade de evidências em termos de suicídio e depressão, por exemplo, que isso não será necessariamente o caso. Uma razão para isso pode ser que o funcionamento social é prejudicado em vez de melhorado pela prática, como pessoas que são transgêneros podem ter dificuldade para formar relacionamentos e podem alienar suas famílias. Um estudo alemão de acompanhamento após cinco anos constatou que 30 a 40% dos pacientes que tinham sido muito cuidadosamente selecionados para a cirurgia de redesignação sexual não "parecem se beneficiar plenamente da SRS" em áreas como o funcionamento social, psicológica e psiquiátrica (Bodlund e Kullgren, 1996:311). Bem como a não prestação de reparação para os males psicológicos experimentados por transgêneros, os tratamentos de hormônios e cirurgia são susceptíveis de criar novos e graves desafios para a saúde e funcionamento.

### **Efeitos colaterais do tratamento hormonal**

Embora alguns transgêneros aspirem comprar hormônios no mercado negro, a maioria vai encontrar médicos dispostos a receitar. Uma percentagem crescente de transgêneros não realizam a cirurgia em seus órgãos genitais, mas podem ter mastectomias, ou implantes mamários. No entanto, a maior parte deles toma hormônios e o tratamento é chamado de "terapia de reposição hormonal" ou HRT. HRT foi promovido a mulheres como uma forma de aliviar o sofrimento que experimentaram quando o seu papel sexual atribuído de parecerem desejáveis para os homens foi prejudicada pelo processo de envelhecimento, e foi apresentado como uma forma de prevenir os sintomas da menopausa. Ele foi gravemente desacreditado no início de 2000. (Writing Group for the Women's Health Initiative Investigators, 2002). Mas, com o aumento do uso de TRH por transgêneros, as empresas farmacêuticas têm encontrado uma forma recém-lucrativa de sofrimento psíquico para explorar. Uso de hormônio tem que ser ao longo da vida para aqueles que desejam manter uma aparência do sexo oposto, ou que precisa para evitar a menopausa prematura e problemas para a saúde óssea envolvido em ser sem hormônios. Os lucros serão aumentados em um número crescente de diagnósticos, particularmente se estas ocorrem em idades jovens e prendem crianças em setenta ou oitenta anos de uso de hormônios.

Como resultado da notável falta de estudos de acompanhamento a longo prazo, há pouca informação sobre os efeitos do tratamento hormonal dos transexuais (Schlatterer *et al.*, 1998). Um estudo de acompanhamento de curto prazo adverte, no entanto, que "o tratamento hormonal demudança de sexo pode ter efeitos colaterais médicos substanciais" (Futterweit, 1998: 209). Constatou-se que os principais efeitos colaterais da terapia andrógina em transgêneros de corpos femininos foram: retenção de água e sódio e "acidentes vasculares cerebrais" ocasionais; eritropoiese aumentada, ou seja, desenvolvimento excessivo de glóbulos vermelhos, que podem exigir a sangria; diminuição da tolerância de carboidratos; diminuição do soro de alta densidade colesterol de lipoproteínas, que é um indicador de artérias doentes; alterações de enzimas hepáticas, que podem indicar risco de câncer; obesidade; problemas emocionais e psiquiátricos, incluindo "agressividade muito freqüente precoce aumentou, flutuando humores"; hipersexualidade; "sintomas afetivos e/ou psicóticos"; e depressão (Futterweit, 1998:215). O estudo adverte contra o tratamento prolongado hormonal antes da cirurgia por causa do risco de câncer endometrial.



Um estudo de dois casos de exposição a longo prazo aos andrógenos levando ao câncer epitelial de ovário conclui que o uso de andrógeno é um fator de risco para esse tipo de câncer e recomenda a remoção de ovários nos transgêneros de corpos femininos (Hage, 2000).

Uma avaliação da década de 1980 por uma equipe da indústria de transgêneros holandesa encontrou resultados muito preocupantes (Asscheman *et al.*, 1989). Eles estudaram 425 pacientes 'transexuais' para os "efeitos colaterais do sexo com tratamento com esteróides" (Asscheman *et al.*, 1989:867). Eles descobriram, assim como outros estudos, um nível sério de suicídio, com o número de mortes em homens que transicionaram sendo cinco vezes o número esperado quando comparado com os homens que não transicionaram. Mas o estudo também encontrou efeitos adversos significativos à saúde decorrentes do tratamento hormonal. Houve um aumento de eventos tromboembólicos (45 vezes); em hiperprolactinemia, que é a produção excessiva do hormônio responsável pela secreção de leite nas mamas das mulheres (400 vezes); alterações de humor depressivo (15 vezes); e elevação transitória das enzimas hepáticas. Os problemas eram diferentes e não tão letais quanto para as mulheres que transicionaram, que consistem principalmente de ganho de peso e acne, mas ambos os grupos apresentaram alterações de enzimas hepáticas persistentes. O estudo concluiu que a "ocorrência de efeitos secundários graves" não era rara.

Um estudo sobre a maneira em que o tratamento hormonal teve lugar descobriu que havia inconsistência considerável na dosagem: "estrogênios transexuais típicos foram duas a três vezes tão elevadas quanto as doses recomendadas para a terapia de reposição hormonal (TRH) em mulheres na pós-menopausa" (Moore *et al.*, 2003:3468). Os autores salientam que esta é uma preocupação séria, considerando as conclusões do estudo de Iniciativa da Saúde da Mulher, onde os níveis consideravelmente mais baixos de uso de hormônios foram encontrados causando danos. O estudo Iniciativa da Saúde da Mulher de 2002 descobriu que combinar estrogênio e progesterona aumenta o risco de doença cardíaca coronária, acidente vascular cerebral, embolia pulmonar e câncer de mama invasivo em mulheres pós-menopáusicas em HRT (Writing Group para Women's Health Initiative Investigators, 2002). Por esta razão, o uso sustentado de uma progestina é advertido contra, embora alguns

profissionais ainda estão usando-o para fins tais como melhorar o crescimento da mama (Moore *et al.*, 2003:3469). O estudo sobre as formas de tratamento hormonal concluiu que os "efeitos adversos da terapia esteróide sexual são reais e aparentes" e afirma que "mudança de sexo... não deve ser considerada uma cura" (ibid.). Constatou-se que alguns pacientes, que obteve hormônios a partir de uma variedade de fontes, estavam sob regimes de hormônios que eram vinte e um ou mesmo trinta vezes maior do que nas mulheres na pós-menopausa. O estudo constatou que houve pouca pesquisa sobre os efeitos sobre as mulheres que transicionam porque os números estavam geralmente muito pequenos, mas os autores consideraram que os riscos para este grupo pode ser "subestimado", como a "combinação preocupante de aumento de peso, diminuição da sensibilidade à insulina, perfil lipídico pobre, e um aumento no hematócrito (percentagem de glóbulos vermelhos) já apontavam o risco de eventos cardíacos e tromboembólicos" (Moore *et al.*, 2003: 3470). Outro efeito grave para transgêneros de corpos masculinos parece ser a possibilidade de câncer de mama, com um estudo observando o aumento do risco de câncer de mama, trombose venosa profunda e osteoporose, especialmente para transgêneros de corpos masculinos mais velhos (Persson, 2009).

O Serviço Nacional de Saúde (NHS) do Reino Unido admite que pouca pesquisa foi feita sobre o uso a longo prazo de hormônios em pessoas trans, efetivamente admitindo que este tratamento é experimental. Eles escrevem, "tratamento hormonal para pessoas trans em doses razoáveis é notavelmente segura" (NHS, 2007:11), mas, em seguida, avançam listando os efeitos colaterais potenciais. Eles apontam que tomar estrogênio está associada à trombose, acidente vascular cerebral, embolia pulmonar e alteração da função hepática, e que tomar testosterona está associada a policitemia (excesso de produção de células vermelhas do sangue) (NHS, 2007; Persson, 2009). O excesso de produção de células vermelhas do sangue faz com que o sangue se torne mais espesso do que o normal e pode causar falta de ar e flebite (inflamação das veias), aumentando assim o risco de doença cardíaca e ataque cardíaco. Para uma prática que está "notavelmente segura", há uma lista surpreendentemente vasta de efeitos colaterais sérios. Todos estes problemas de saúde estão associadas a uma prática que, como já vimos, alguns autores identificaram como "iatrogénica", isto é, causada pelo diagnóstico defeituoso

originado a partir da própria profissão médica (Bullough, 2006). Embora uma vez o que foi chamado "transexualismo" foi entendida como necessitar de cirurgia de redesignação sexual, bem como o consumo hormonal, este não é o caso com transgênerismo. Os aspirantes são susceptíveis de tomar hormônios, mas não podem avançar para a cirurgia, e, de fato, a Legislação de Reconhecimento de Gênero de 2004 no Reino Unido exige nem hormônios nem cirurgia por parte daqueles que recebem certificados para mostrar que eles mudaram seu sexo (Jeffreys, 2008). Para aqueles que vão para cirurgia outros danos graves são susceptíveis de resultar.

### **Cirurgia e auto-mutilação**

Para aqueles que procuram transicionar para alterar os seus corpos, há uma série de meios que não necessitam de acesso para o sistema médico convencional. Alguns transgêneros podem não ter os recursos para usar médicos, ou pode estar levando vidas desorganizadas em que as práticas não-médicas são mais familiares e acessível. Eles, muitas vezes farão auto-mutilação, antes da transição, através de práticas como o uso de hormônios, comprados na rua, injetar silicone no tecido dos peitos e enfaixar os peitos, as práticas que estão fora supervisão médica. Eles podem envolver-se em se cortar e fazer piercing como outros jovens envolvidos na modificação do corpo do (Jeffreys, 2000; 2008). Modificadores do corpo têm alta taxa de suicídio e apresentam problemas de saúde mental, semelhantes aos que transicionam (Jeffreys, 2008). Uma vez que modificadores do corpo envolvem-se com a profissão médica, a sua auto-mutilação se torna oficial e é dirigido por médicos licenciados pelo Estado. Os médicos podem ser pouco provável a reconhecer a legitimidade do desejo de um homem para ser um nullo (isto é, uma prática de modificação do corpo de ter todos os genitais externos amputados) e ele provavelmente teria que encontrar um profissional que faça piercing e cortes para fazer o trabalho. Eles, no entanto, reconhecem transgênerismo e colocar os doentes em regimes de hormônios que vão mudar seus corpos, em alguns aspectos, de forma permanente, e os encaminham para cirurgia para remover características sexuais. Todas estas práticas infligem danos sobre o corpo, que incluem cicatrizes, perda de sensibilidade, esterilização, ganho de peso, acne,

infecções, necrose do tecido e muitos mais problemas, juntamente com os riscos envolvidos na submetidos à anestesia.

Nem sempre é fácil distinguir as práticas médicas daquelas auto-mutiladores realizadas em si mesmos, em privado, ou envolvendo outras pessoas para a prática sobre eles. Não pode haver uma ligação entre a auto-mutilação em privado, como a que mulheres jovens em particular, são propensos a realizar em suas casas, e "auto-mutilação por procuração", ou seja práticas em que as mulheres e os homens procuram outros para infligir danos físicos perigosos para os seus corpos (Jeffreys, 2000). Os proxies podem ser profissionais no corte e na indústria de perfuração, que marca e corta projetos de carne e são pagos para fazer isso, ou eles podem ser tops em sadomasoquismo em que o corte, branding e piercing são práticas comuns. Eles também podem ser médicos que legitimam auto-mutilação, fornecendo seus serviços mediante pagamento, tais como cirurgiões plásticos que fazem implantes mamários e operações plásticas para as mulheres e aqueles que executam a cirurgia trans.

A primeira prática nociva que um transgênero aspirante de corpo feminino é provável que adote, sem supervisão médica, é enfaixamento de mamas. Enfaixamento de mamas não é uma prática nova, mas foi adotada por lésbicas butch na década de 1950 nos Estados Unidos e Reino Unido como uma maneira de fazê-los parecer mais masculinos ou para aliviar a disforia de amar mulheres com órgãos claramente femininos, numa época em que era socialmente proibido (Jeffreys, 1989). Embora o advento do feminismo lésbico na década de 1970 permitisse que lésbicas tivessem orgulho em amar as mulheres sem ter que imitar homens ou negar características femininas, o renascimento do role playing de butch e femme, fizeram com que nas últimas duas décadas de enfaixamento de mamas voltasse para a comunidade lésbica com uma vingança. Curiosamente, o enfaixamento de mamas é uma prática que era uma contrapartida aos pés enfaixados na China até 1920 (Chin, 2012). A prática foi aplicada sobre as mulheres para esconder suas características sexuais e em conformidade com os requisitos de modéstia. Seios eram vistos como sexualmente explícito e excitante para homens. Atualmente, é um contexto cultural chinês, Taiwan, que agora é uma fonte importante de aglutinantes para aspirantes transgêneros de corpos femininos que fazem questão de esconder as

suas características sexuais femininas (ver, por exemplo, T-Kingdom, acessado 20 de fevereiro de 2013).

Entre transgêneros de corpos femininos, o desejo de eliminar seus seios é forte e elas são propensas a usar o enfaixamento de mama como uma técnica para esconder seus seios no lead-up para tê-los removido cirurgicamente. Enfaixamento de mamas leva a um número de problemas de saúde graves. O site Transguys oferece conselhos sobre o que chama de "peito enfaixado", o que talvez seja um termo mais atraente para as mulheres que estão negando que elas têm partes do corpo feminino (Transguys, 2010). Eles advertem contra o enfaixamento em maneiras que restringem a respiração e cria uma falta de oxigênio e advertem que as faixas são desconfortáveis e quentes, fazendo com que o suor e irritação da pele e feridas se assemelham a feridas abertas. Apesar dos danos, Transguys explica que, "enfaixamento do peito" pode ser "muito libertador para homens trans", pois pode "travar a disforia". Um site de saúde para estudantes da Universidade de Stanford oferece dicas úteis em relação ao enfaixamento de peito, explicando que o uso de "ataduras Ace, saran wrap, ou fita adesiva" pode descascar a pele e danificar permanentemente costelas (Universidade de Stanford, n.d.). Deslocamento das costelas da prática, que pode levar a danos físicos permanentes, é uma fonte comum de preocupação em sites de "saúde" transgêneros (Ira, 2010).

### **A cirurgia para trans de corpos femininos**

Cirurgiões tornaram-se participantes ativos na epidemia contemporânea de automutilação. Eles agem como representantes na prática agora mainstream e rentável de cirurgia plástica, principalmente em mulheres (Sullivan, Deborah, 2001), e agora se tornou rotina para alguns dos mesmos cirurgiões realizarem a cirurgia de redesignação sexual para aquelas mulheres que querem cortar os lábios para torna-las mais socialmente aceitáveis, e apertar suas vaginas para o prazer de seus maridos, e criar lábios e vaginas para homens que transicionaram para se tornarem "mulheres" (Jeffreys, 2005). A cirurgia para trans de corpos femininos, que podem incluir mastectomia, histerectomia e faloplastia, cria uma série de problemas de saúde. Mastectomia pode levar a cicatrizes graves e, como Holly Devor explica, este tipo de cirurgia de amputação pode levar a perdas graves, como perda permanente de sensibilidade nos mamilos (Devor,

1999:480). A maioria dos trans de corpos femininos no estudo de Devor optou por não ir para faloplastia, embora tal decisão pode levá-los a sentir-se incompletos em suas vidas sexuais. Podem, no entanto, optar por envolver-se em uma variedade de “modificações corporais” que são promovidos em sites trans para aumentar o tamanho do clitóris e torná-lo mais proeminente e visível (Tenpenny e Cascio, 2002). Essas modificações podem incluir bombeamento do clitóris e uso de piercings para fazê-lo saltar para fora. Piercings e anéis de metal podem ser inseridos para fechar a vagina e deixar claro aos potenciais parceiros que essa área feminina do corpo está fora do campo (ibid.).

Para aqueles que querem um simulacro mais perto de um pênis, existem dois métodos pelos quais isso pode ser feito: metoidioplastia e faloplastia. Metoidioplastia pode ser realizada pelos cirurgiões ou, na comunidade de modificação corporal, por pessoas que não são profissionais. Quando realizadas por cirurgiões que tem local como o seguinte: “o clitóris aumentado, que é um efeito da terapia de testosterona de reposição hormonal (TRH), é deslocado para cima para criar um micropênis sensível e funcional” (Female to Male, n.d.). Isto é conseguido pela liberação do ligamento suspensor e cria uma imitação pequena de pênis que não permite urinar em pé. Faloplastia cria um falo, através da utilização de uma aba de carne feita, geralmente, a partir do antebraço, e é um processo demorado, em várias fases que envolve riscos mais graves. Nem o procedimento cria um falo que é funcional na maneira que um pênis deve ser, e não pode haver efeitos colaterais muito graves, incluindo falta de sentimento sexual. Um estudo francês descobriu que quarenta e seis pacientes ou 83% teve algum sentimento no falo construído, mas apenas cinco (9%) tiveram sensibilidade erógena óbvia quando tocam o falo” (Leriche *et al.*, 2008). Outras cirurgias, como a histerectomia, pode ocasionar pesar mais tarde como eles levam a esterilização e a perda da capacidade para a maternidade. Procedimentos cirúrgicos graves, como aqueles envolvidos na redesignação que exige a amputação de partes do corpo saudáveis, envolvem os riscos que envolvem anestesia e os problemas de cicatrização de uma cirurgia complexa.

### **Cirurgia para transgêneros de corpos masculinos**

Transgêneros de corpos masculinos que vão mais longe do que o consumo de hormônios procuram uma paleta diferente de cirurgias, que pode incluir

implantes mamários, amputação de pênis e testículos, a construção de um orifício penetrável, cirurgias faciais, cirurgias para 'contorno' do corpo, ou barbear o pomo de Adão, e uma série de outras possibilidades. A gama potencial de cirurgias é grande e o aspirante determinado pode continuar por anos para realizar mais e diversificadas formas. Em alguns casos estas cirurgias, também, tem analogias “não-médicas”, na arena de modificação do corpo. A descrição e as ilustrações da cirurgia em transgêneros de corpos masculinos apresentados em uma edição do *International Journal of Transgenderism*, a revista da sociedade de psiquiatras e cirurgiões especializados nesta condição criada pelo sexólogo Harry Benjamin, sugerem semelhanças com a forma do procedimento de modificação do corpo, incluindo a castração, que são demonstradas na Internet para a satisfação sexual de devotos (Perovic *et al.*, 2005). O site Body Modification Ezine, por exemplo, carrega fotos sangrentas e gráficos de práticas de corte brutais tais como a suspensão, que podem ser baixados pelos aficionados por um preço como qualquer outra pornografia na web (Jeffreys, 2008). O artigo da revista inclui sete páginas de imagens desenhadas à mão ilustrando como um determinado grupo de cirurgiões corta o pênis e depois de onze páginas de fotos coloridas do "pênis desmontado" que são extremamente horríveis com pedaços sangrentos e pedaços do pênis sustentadas por instrumentos médicos para avaliação. Os autores explicam que eles invertem a pele do pênis para formar uma vagina e inserir isso em uma "cavidade previamente preparado". Em seguida, eles formam lábios da “pele peniana e escrotal restante” (Perovic *et al.*, 2005:43). Esta apresentação pública da mutilação do pênis não é, obviamente, muito diferente das formas de desmontagem do pênis desenvolvidas pelos modificadores de corpo masculino – particularmente nulos e transgêneros – no site da Body Modification Ezine e podem oferecer satisfações semelhantes aos envolvidos. Mas ela é apresentada sob o manto da ciência, que oferece mais respeitabilidade.

Esta prática mutilante foi tão normalizada como uma "terapia" para o problema do sofrimento psíquico sobre "gênero" que os danos físicos envolvidos são raramente notados. Mas os problemas, como o artigo *Journal of Transgenderism* explica, pode ocorrer. Eles incluem níveis insatisfatórios de umidade, 'fístula reto-vaginal devido a lesão intra-operatória para o reto', 'encolhimento vaginal em dois pacientes', 'estenose do intróito vaginal', 'estenose

tardia do meato uretral em um paciente devido a lesão durante a relação sexual', 'prolapso uretral', e 'posterior ruptura da parede vaginal durante o coito' (Perovic *et al*, 2005:57). Os pacientes cujos orifícios novos foram formados a partir da pele suficiente do pênis precisam colocar objetos chamados 'stents' na vagina cirurgicamente construída durante a noite para mantê-la aberta "até que a relação sexual seja praticada regularmente" (Perovic *et al*, 2005:64). Aqueles que têm "pele peniana insuficiente 'são aconselhados a aplicar' continuamente dia e noite durante um ano, a fim de prevenir contraturas secundárias de epitelização dos enxertos da pele peniana livre (ibid.). Os pacientes são aconselhados a usar suas vaginas construídos para a relação sexual o mais rápido possível, "embora o sangramento possa ocorrer". A dor não é mencionado e os problemas apresentados pela remontagem no caso daqueles que mudam suas mentes não são abordados. Eletrólise para remover pêlos pubianos é necessária se a pele escrotal é usado para revestir a vagina construída. Em um caso discutido num artigo no *Guardian* (Batty, 2004), de Claudia, a pele do escroto que tinha sido utilizada para construir a vagina não tinha passado pela eletrólise para remover os pelos púbicos e os pelos cresceram dentro da vagina: "Um dia eu estava fazendo amor e algo não parecia certo. Havia essa pequena bola de cabelo como uma almofada Brillo na minha vagina." Um cirurgião puxou o cabelo para fora eele, mas avisou que iria crescer continuamente de volta (ibid.).

O novo orifício não é uma vagina no sentido biológico. Vaginas estão ligados ao sistema reprodutivo do corpo feminino em vez de ser simplesmente uma cavidade externa, e eles tem mecanismos de auto-limpeza. Os recém-esculpidas orifícios de transgêneros de corpos masculinos não se assemelham a vaginas; em vez disso, criam novos habitats microbianos em que infecções desenvolvem-se e causam problemas de cheiro graves para os seus proprietários. O problema do mau cheiro é uma linha de discussão que ocorre comumente em sites de aconselhamento transgênero. A evidência médica é que um mau cheiro existe e está associada com bactérias fecais comuns aos transgêneros de corpos masculinos que praticam o coito 'heterossexual': "Episódios frequentes de secreções mal cheirosas foram relatadas por uma em cada quatro mulheres e o mal cheiro foi ainda mais frequentemente observado após o exame ginecológico, que por sua vez pode estar relacionado com a presença de microflora da neovagina bacteriana fecal" (Weyers, *et al.*, 2009). As



neovaginas carecem de lactobacilos relacionados com a saúde vaginal em mulheres.

### **Cirurgia de feminização facial**

Cirurgias para transgêneros de corpos masculinos não necessariamente param em amputação dos genitais, e criação de cirurgicamente falsas vaginas e implantes mamários. Na última década na indústria da cirurgia transgêneros diversificou consideravelmente e agora oferece uma ampla variedade de cirurgia de feminização facial (FFS). Esta cirurgia supostamente resolve o problema, para homens adultos que são transgênero de ter características masculinas. Algumas das cirurgias faciais 'mais populares', de acordo com o site de indústria facialfeminizationsurgery.info, incluem: elevador de sobancelha, elevador de temporais, avanço no couro cabeludo, frontal mandando osteotomia redução; osteotomia redução das jantes supra-orbital; refinamento da ponta nasal; osteotomia da pirâmide óssea; laterais inferiores barbear mandibular; barbear ângulo mandibular; lipoaspiração submandibular; elevador da garganta; elevador de cara; e muitos mais (cirurgia de feminização facial. info, n.d.). O site da indústria descreve FFS como uma cirurgia "muito invasiva" e fornece uma lista resumida de advertências e possíveis efeitos nocivos de riscos graves, que incluem: perda de sangue; coágulos de sangue; infecção; pneumonia; necrose - morte do tecido; e paralisia, até a riscos menos graves, como cicatrizes (Facialfeminization.info, n.d.). Há também, aparentemente, riscos psicológicos, incluindo depressão, e o site adverte que "quase todos os pacientes podem sofrer algum nível de depressão pós-cirúrgica", bem como a ansiedade e pesar. O link para encontrar um cirurgião facial vai direto para o site do bem conhecido cirurgião norte-americano, o Dr. Jeffrey Spiegel, que adicionou FFS ao seu habitual panóplia de cirurgias estéticas faciais destinadas às mulheres (drspiegel, n.d.). Spiegel define a cirurgia de feminização facial como "procedimento que proporciona a pacientes terem a cara que deveriam ter nascido com" e o objetivo é "para fornecer todas as grandes e sutis recursos que suportam o seu verdadeiro gênero". O acesso mais barato a FFS é oferecido na Tailândia, onde a indústria do turismo médico próspera e oferece todas as formas de cirurgia relacionados com transgenerismo (ThaiMed, n.d.). A gama de cirurgias que transgêneros de corpos masculinos podem embarcar é muito

extenso e fornece espaço para os viciados em cirurgias e seus efeitos para a prossecução destes procedimentos perigosos e invasivos, durante muitos anos, proporcionando maiores lucros para a indústria. Os danos associados com a cirurgia são agravados para aqueles que mudam suas mentes e são incapazes de recuperar a sua saúde e funções físicas.

### **Arrependimentos transgêneros**

O fato inconveniente de que pessoas que tenham estado em regimes hormonais ou tiveram a cirurgia de redesignação sexual, e até mesmo ganharam novo status legal como membros do sexo oposto, pode mudam suas mentes e ter experiências de pesar é ferozmente negada por transativistas, e ignorado pelos médicos profissionais envolvidos em transgeneração, porque mina a credibilidade da prática. Ele é evitado pelos legisladores, também, que preferem a ficção de que nenhum daqueles que ganham certificados de reconhecimento de gênero no Reino Unido, por exemplo, irá mudam suas mentes (Jeffreys, 2008). Os opositores da legislação de 2004 que permitia a transgêneros no Reino Unido para mudar oficialmente seu sexo para obter alterações que permitiriam que as pessoas que mudaram suas mentes para voltar atrás e see recertificado. Eles também perguntaram o que aconteceria com pessoas que mudaram suas mentes mais de uma vez e se a legislação seria capaz de acomodá-los. O governo rejeitou esses argumentos como não sendo graves, mas, na verdade, o arrependimento é um efeito muito prejudicial no tratamento transgênero. As pessoas que lamentam, se eles passaram anos em hormônios ou que tenham ido tão longe como tratamento cirúrgico, terão passado por alguns danos físicos irreversíveis, tais como a esterilização. Eles também são susceptíveis de ter experimentado danos sociais como o isolamento da família e de relacionamentos, fatores comumente dadas como razões para querer destransição (voltar a viver em sexo original). O fenômeno de arrependimento enfraquece a ideia de que existe um determinado tipo de pessoa que é verdadeiramente e essencialmente transgênero e pode ser identificado com precisão por psiquiatras. É radicalmente desestabilizador para o projeto transgênero.

### **O movimento dos sobreviventes**

No entanto, na última década, como o volume de cirurgias transgêneros aumentou, houve um aumento concomitante nos casos de arrependimento, no qual as pessoas que transicionaram argumentaram que foram diagnosticadas e alguns têm procurado fazer uma cirurgia para reverter a redesignação de sexo. Aqueles que lamentam a sua transição também podem ser descrito como "sobreviventes" das práticas nocivas dirigidas a eles pela profissão médica e os termos serão utilizados alternadamente aqui. O fenômeno de arrependimentos transgêneros tem sido reconhecida em seções da comunidade terapêutica. Az Hakeem executa um grupo de terapia em Portman Clinic de Londres, que inclui tanto os homens que aspiram a transição e aqueles que lamentam ter transitado, categorias de pessoas que foram previamente mantidos separados, mas que têm coisas úteis a dizer uns aos outros:

O grupo pré-operatória foi caracterizada pela esperança e otimismo, às vezes estendendo-se até uma euforia de gênero, enquanto que o grupo pós-operatória foi caracterizada por desespero, desesperança e tristeza, principalmente porque os membros do grupo eram indivíduos que desejavam não terem feito a cirurgia (*Hakeem, 2012:20*).

Atualmente não existe alguma evidência de que um movimento de sobreviventes está em curso e está a desenvolver uma crítica política da prática. Ele oferece suporte para aqueles que estão considerando transição, mas não tem certeza, e para aqueles que têm dúvidas sobre a sua escolha. Até o último par de anos, havia apenas dois sites dedicados aos sobreviventes. Uma delas é a de Walt Heyer, um transgêneros de corpo masculino pós-operatório nos Estados Unidos, que tem destransicionado e agora acredita que sua cirurgia e todos os SRS estão enganado (Heyer, n.d.). Insatisfação pós SRS de transgêneros de corpos masculinos disseram suas histórias no site, e um afirma que ele percebeu que "o que ele precisava era de psicoterapia simples, não de cirurgia de mudança sexo". O outro é o site de Gendermenders, configurado em Melbourne, Austrália, que critica a ideia de transgenerismo e todas as formas de tratamento (Menders Género, n.d.). Mais recentemente, no entanto, a criação de recursos para aqueles que se arrependeram acelerou. Atlas Strawberries foi criada em 2012. Seus fundadores, duas pessoas que dizem ter "destransicionado", explicam que é "destinado a ser um lugar onde destransicionistas podem anonimamente compartilhar do dia as frustrações do dia e momentos de solidão e desgosto".

Eles configuraram o site para fornecer "solidariedade" para aqueles que procuram destransicionar como eles sabem como emocionalmente, fisicamente e psicologicamente devastador pode ser" (Atlas Strawberries, 2012). Em 2013 um novo recurso on-line para quem se arrependeu foi aberto chamado NoGoingBack, que se descreve como "um grupo de pessoas que passaram algum tempo a transição medicamente, social e/ou fisicamente para outro gênero... E, em seguida, escolheu para parar a transição e/ou parar de se identificar como transgênero/transexual" (No Going Back, 2013). A proliferação desses recursos indica um divisor de águas no desenvolvimento do fenômeno do transgênero. Já não é possível sugerir com muita credibilidade que os tratamentos físicos são uma "cura" e a prática está enfrentando um desafio considerável para a sua validade a partir de movimento dos sobreviventes incipientes.

Dois dos envolvidos no movimento on-line de sobreviventes foram entrevistados para este livro, um homem e uma mulher. Eles foram escolhidos porque eles não apenas consideram que foram diagnosticadas de forma errada, mas desenvolveram uma política fundamental específica em que desafia a prática de transgênero completamente. Ambos têm uma presença online ativa onde eles manifestam sua crítica e denunciam com a esperança de permitir que outros escapem dos danos associados com a transição. Eles podem ser vistos como emblemáticas de uma nova consciência e uma nova política que podem formar o germe de um movimento de resistência por sobreviventes. Eles também são muito valentes porque a reação contra os transativistas pode ser extremamente abusivo. Walt Heyer é um membro de uma geração mais velha de transgêneros do sexo masculino fisicamente e tinha um perfil clássico de um cross-dresser homem heterossexual antes de ter passado a usar hormônios e SRS. Ele foi influenciado pela publicidade em torno do caso de Christine Jorgensen na década de 1950 para considerar fazer esse passo, mas tem destransicionado e agora faz campanha contra a prática da SRS. Heyer diz que Harry Benjamin Padrões de assistência não foram seguidos no caso dele, mesmo que ele sendo tratado por um dos médicos que os elaboraram. Este médico o aprovou para a cirurgia depois de uma consulta de 45 minutos, e atualmente nos Estados Unidos, diz ele, as pessoas que pretendem transicionar podem simplesmente entrar em "escritório de um médico e dizer-lhe, você sabe,

eu quero alguns hormônios e você paga-lhe o dinheiro e o cara dá-lhe hormônios, você não tem que ter aconselhamento". Em sua opinião, é tudo sobre o dinheiro; "A pergunta que fazem é se você tem o dinheiro? Esse é o seu aconselhamento, você tem o dinheiro?" Ele explica que, anos mais tarde, ele consultou vários psiquiatras que tudo lhe disse que ele tem, de fato, é uma desordem dissociativa. Heyer destransicionou, porque ele não lamentou tanto a cirurgia, mas as suas consequências, incluindo a alienação de seus filhos, perda de emprego, falta de moradia. Ele agora considera que "é impossível para alguém mudar de sexo .. você pode fazê-lo aparecer como se uma alteração foi feita, mas não há realmente nenhuma maneira de mudar alguém de gênero". Ele diz que gostava de ser uma mulher, principalmente por causa dos prazeres de comprar e vestindo roupas associada às mulheres, mas sabia que ele não era uma mulher".

Heyer, como todos aqueles que vão ao público sobre lamentar a sua transição, encontra-se o assunto de abuso considerável e assédio de transativistas. Ele condena o movimento transativista pela maneira em que a policia outros transgêneros que destransicionam e não se atrevem a ir a público por medo de represálias: "Eu odeio o fato de que eles ganharam tanto poder". Ele diz que espera que "alguém irá finalmente enfiar uma unha nesse grande balão e o explodirá", mas atualmente há poucas pessoas preparadas para se posicionar ao bullying que ser crítico acarreta, e ele é "provavelmente um dos poucos que tem um website e eles me mandam coisas horrendas o tempo todo". As ideias de Heyer estão disponíveis em seus livros *Paper Genders* (2011), e *Sex Change – It's Suicide* (2013).

O outro entrevistado é Heath Russell, uma jovem lésbica norte-americana que foi atraído para a idéia de transição na adolescência como resultado da publicidade na mídia considerável e promoção pública em geral dos transgêneros de corpos femininos nos últimos anos. Heath desenvolveu a idéia de transição, como resultado de ser intimidado por não se encaixarem em estereótipos de gênero como uma criança do sexo feminino, e de absorver a ideia de que era possível mudar de sexo a partir de programas de televisão de entrevistas. Aos dezesseis anos ela assumiu sobre sua atração por mulheres e recebeu reações muito negativas de sua mãe, em particular. Como Heyer, ela descreve a superficialidade sobre o processo de consulta com um psiquiatra que

a levou a ter hormônios prescritos. Sua sugestão de que ela era transgênero foi "simplesmente aceito", e o fato de que ela era lésbica não é considerado relevante. Os membros da comunidade transgênero disse para ela ficar longe de todos os terapeutas que questionaram sua transição, com o argumento de que eles eram 'transfóbicos'. A aceitação completa da ideia de transgenerismo entre os profissionais médicos significava que ela foi dada nenhuma oportunidade para ambivalência sobre a decisão. Ela diz que tinha dúvidas sobre se ela era realmente um "homem" ao longo dos dois anos que ela estava usando hormônios.

Ela acha que a ausência de 'modelos de lésbicas' e uma 'cultura orgulhosa da mulher amorosa' a fez suscetíveis à ideia de que ela deveria transgênero. Foi só quando se deparou com recursos da Internet criados por mulheres lésbicas orgulhosa, que tentaram deter o movimento de jovens lésbicas no sentido transgenerismo, que gradualmente começou a mudar sua mente sobre os passos que ela estava tomando. Ela ganhou a confiança para ser uma lésbica que evitou feminilidade, ao invés de pensar que ela deveria ser mesmo um homem. Outra razão para a destransição foi que os hormônios estavam causando estragos com o sistema natural do seu corpo. Ela começou a sentir palpitações do coração que ela nunca tinha experimentado antes, e uma frequência de pulsação elevada. Ela se tornou mais interessada em informações sobre os efeitos nocivos que os hormônios podem ter, como aumento do risco de câncer e síndrome do ovário policístico, e decidiu destransicionar por desistir de hormônios de "peru frio", que não é um rumo recomendado. Alguns dos efeitos dos hormônios reversos e alguns permanecem invertidos. Ela ainda tem cabelo facial, o que cria problemas para ela quando esta em público, e sua carteira de motorista continua a dizer que ela é um homem, o que poderia causar problemas dela se interceptada, como ela diz, nos vestiários das mulheres.

Russell desenvolveu o que ela descreve como uma análise feminista lésbica radical de transgenerismo, que a ajudou a compreender sua própria experiência e em continuar a desafiar a prática em seu ativismo online. Sua posição é que "não há tal coisa como o corpo errado", e ela considera que a teoria queer mexeu com as mentes de muitas lésbicas jovens, tornando-as suscetíveis a esta idéia errônea. Ela agora está de acordo com as perspectivas construtivistas sociais sobre homossexualidade e sobre os papéis de gênero,

que postulam que as pessoas não nascem para ser homossexual, mas, em vez disso, pode optar por ser assim, e considera que a não conformidade de gênero encontrado regularmente entre os homossexuais é construído a partir de seus impulsos rebeldes.

Como Walt Heyer, Russell foi submetido a ataques por causa da abertura de capital como um daqueles que destransicionou. Seu 'sair do armário', como ela o chama, incluiu uma entrevista de televisão no qual ela eloquentemente argumenta contra a prática de transgenerismo, usando exemplos de sua própria experiência (Russell, 2013). Os piores insultos veio de transgêneros de corpos masculinos, e ela foi chamada de "um homem falho", um 'idiota', e uma 'dickrag' e recebeu várias ameaças de morte e ameaças de estupro. Transgêneros de corpos femininos, por outro lado, apenas disse que ela deve assumir a responsabilidade por suas decisões e que ela estava a minar a compreensão médica sobre transgenerismo. Sua mãe e seu pai estão tendo dificuldades mudando a utilização do pronome mais uma vez e sua mãe tem dificuldade em aceitar que, ao invés de ser um homem, sua filha é realmente uma lésbica.

Em resposta a este desafio à legitimidade da prática, alguns transativistas e comentaristas têm mostrado considerável raiva e hostilidade para com aqueles que têm ido a público com seu pesar. A acrimônia tem sido bastante forte e pode fazer essas trans que têm arrependimentos com medo de ser aberta sobre eles. Uma forma de policiamento está acontecendo dentro da comunidade transgênero em uma tentativa de escorar a estrutura gotejante da prática. Um que se arrependeu australiano, que tem sido objeto deste policiamento, é Alan Finch. Ele questionou a sua identidade durante a adolescência, perguntando se ele era homossexual ou havia nascido no corpo errado, e em seus vinte anos passou por tratamento de redesignação sexual completa, incluindo cirurgia. Em 2004, Finch tinha decidido que ele era um homem que vive sem um pênis e que ee não iria tentar ter mais cirurgia genital, embora no momento em que ele estava pensando em ter a vagina construída removida, a pele tinha se tornado "desgastada e dura". Finch concluiu, "Eu não posso ver muito sentido em mutilar o meu corpo mais '(Batty, 2004). Finch fez campanha contra o que ele chama de "indústria de mudança de sexo", e acredita que todo o tratamento deve cessar. Ele argumenta que

o transexualismo foi inventado por psiquiatras... Sua língua é ilusória. Você fundamentalmente não pode mudar de sexo... a cirurgia em nada o altera geneticamente. É mutilação genital. Minha "vagina" era apenas o saco do meu escroto. É como uma bolsa, como um canguru. O que é assustador é que você ainda sente que tem um pênis quando está excitado sexualmente. É como síndrome do membro fantasma. Foi tudo uma terrível desgraça. Eu nunca fui uma mulher, apenas Alan... A analogia que eu uso em dar cirurgia para alguém desesperado para mudar de sexo é que é um pouco como oferecendo lipoaspiração para uma anoréxica. (Batty, 2004)

Finch processou a única clínica identidade de gênero australiano, pelo Centro Médico Monash, em Melbourne, por erros de diagnóstico. Comentaristas da comunidade transgênero foram verbalmente abusivo para Finch por sua deserção da causa no fórum de discussão Susan's.org, onde os comentários "Dennis" no caso legal de Finch contra a clínica Monash, "isto é uma piada! pessoas como (ele) não deverão ter direito a nada", "eu espero que ele perca", e o chama de "puta da mídia" (Susan's.org, Dennis, 2007). Outro comentarista, "Melissa", diz: "Pessoas como este fazem-me doente... Sinto muito, as pessoas que lamentam a transição devem receber tiros. Eles são um desperdício de oxigênio", e 'Helen W' diz que Finch deve receber "risos fora do tribunal", e o chama de um "arco manipulador" (ibid.). Eles rejeitam a idéia de que pessoas que se arrependem realmente existem e dizem que não sabem de nenhum.

Considerando o enorme sofrimento e desvantagem social e pessoal que os sobreviventes sofrem, seus detratores on-line podem parecer extremamente cruéis. O caso de setenta e cinco anos de idade, Gary Norton do Reino Unido ilustra isso. Ele passou por SRS vinte e três anos atrás, se sentiu incerto, mesmo enquanto na mesa de cirurgia e agora está vivendo como um homem (Strange, 2012). Ele deseja a cirurgia reparadora no Serviço Nacional de Saúde, mas foi dito que não há financiamento para a inversão. Norton sabia que a mudança de sexo foi um erro "quando ficou cansado de fazer seu cabelo e maquiagem e continuou a ser atraído por mulheres heterossexuais". Ele tem sido particularmente angustiado que os seus filhos não queriam nenhum contato com ele desde o SRS e ele é solitário, porque as mulheres não querem relações com ele. Ele relata que ele foi ao seu médico sobre a depressão depois de ter sido feito redundante, e, ao dizer que ele era um cross-dresser, foi aconselhado a



começar a tomar hormônios. Após SRS ele descobriu que ser uma mulher era muito "exigente e demorado"; ele percebeu que ele não queria ser uma mulher - Eu só gostava de me vestir como uma de vez em quando para uma emoção e isso nunca deveria ter ido mais longe. Foi devastador. Eu era um homem preso no corpo de uma mulher e eu estava preso com ele" (ibid.). A história de Norton, como a de Alan Finch, não foi tratado com simpatia na comunidade online transgênero. "Samantha Cool Bean", em uma discussão sobre o seu caso no site, Angels: apoiando a Comunidade TG, comentou: "Para cada um destes tipos de pessoas/histórias faz 1000 nos olharem como malucos loucos!" (Angelsforum, 2012). Entre as muitas mensagens críticas, Shantel, em uma discussão no Susans.org, comentou, 'Que insípida idiota!' (Susan's.org, 2012).

As queixas daqueles que se arrependeram instigaram investigações em clínicas e pessoal médico envolvido na indústria do transgênero no Reino Unido, bem como na Austrália. No Reino Unido, eles têm-se centrado sobre a psiquiatra mais conhecido na indústria transgênero do Reino Unido, o Dr. Russell Reid e o transgêneros de corpos femininos que assumiram uma clínica de gênero particular de Reid, o Dr. Richard Curtis, Reid tornou-se objeto de um inquérito da General Medical Council (GMC) depois de reclamações de quatro médicos do público Clínica de Cuidado de Identidade de Gênero, em nome dos pacientes que disseram ter sido levado às pressas ao tratamento hormonal e cirúrgico contra as diretrizes de melhores práticas, Harry Benjamin Standards of Care (Batty, 2007a). As normas recomendam que os pacientes não devem ser colocados sob hormônios num prazo de três meses frequentando a clínica, e que eles não devem ser operados a menos que eles tivessem feito o "teste de vida real" de viver como se fossem mulheres para doze meses. A notoriedade anterior de Reid resultou em seu envolvimento em uma investigação do fenômeno de Transtorno Amputado Identidade em Horizon em 2000, agora mais geralmente chamado de Transtorno de Identidade de Integridade de Corpo (BIID) (Horizon, 2000). Verificou-se que Reid esteve envolvido ao remeter dois homens para um cirurgião, Robert Smith, em um hospital escocês para ter pernas indesejados saudáveis amputados. Reid explicou que ele considerou que BIID e transtorno de identidade de gênero foram semelhantes, e que tanto poderiam ser utilmente tratados por cirurgia para remover as partes do corpo ofensivo.

No caso de 2007, o GMC encontrou Reid culpado de falta profissional grave (Batty, 2007b). Dois pacientes que testemunharam perante o painel consideraram que tinham sido diagnosticadas de forma equivocada. Um deles, uma mulher que pensava que ela era transexual porque ela estava sofrendo de depressão maníaca, evitou uma mastectomia. Ela testemunhou que durante a doença que ela tinha acreditado que ela era Jesus e que uma mudança de sexo iria ajudá-la a se tornar ele (Batty, 2007b). Após o tratamento para sua depressão maníaca que ela não tinha vontade de mudar de sexo. Outro, um pedófilo condenado, teve uma mudança de sexo, mas queria a cirurgia para lhe permitir voltar a viver como um homem. Os três pacientes restantes permaneceram em seu sexo reatribuído, mas consideraram que não receberam um nível suficiente de cuidados de Reid.

A clínica de gênero de Russell Reid foi assumida pela transgênero de corpo feminino, o Dr. Richard Curtis, que, como Reid, estava sendo investigado por má conduta em 2013. Uma notícia em 2005 relatou que Curtis foi a primeira pessoa transgênero a se tornar um médico de clínica geral no Reino Unido (Day, 2005). Curtis decidiu na idade adulta que ela era realmente um homem gay após vários relacionamentos com homens como uma mulher. Sua compreensão de gênero era muito restritivo e tradicional: "Eu nunca quis ter filhos, ou ter um casamento branco como a maioria das mulheres sonham com, ou um homem para cuidar de mim. Em vez disso, era mais propenso a encontrar-me em uma montagem de uma cozinha ou azulejos do banheiro" (ibid.). Curtis foi investigada em 2013, depois de três queixas do paciente (Batty, 2013). As alegações são semelhantes àqueles no caso de Reid, como o início do tratamento hormonal, sem encaminhamento de pacientes para uma segunda opinião e antes de terem sido submetidos a aconselhamento, administrando tratamento hormonal na primeira consulta, e referindo-se para a cirurgia antes do doze meses de teste da vida real ser concluída. Uma mulher queixa-se de que ela foi inadequadamente prescrita hormônios de mudança de sexo e passou por uma mastectomia dupla antes dela mudar de idéia. Curtis também é acusado de administrar hormônios a pacientes de dezesseis anos de idade, sem uma avaliação adequada.

## **Conclusão**

Há cada vez mais evidências que sugerem que o tratamento visa fisicamente mudar os corpos de homens e mulheres que procuram transicionar é ineficaz na melhoria da saúde física e mental e funcionamento social. No entanto, grandes áreas da profissão médica, incluindo muitos psiquiatras e psicoterapeutas, bem como endocrinologistas e cirurgiões, conspiram com os problemas de saúde mental daqueles que vêm a eles buscando mudar seu sexo, e lhes fazer mal. Isto apesar do fato de que o diagnóstico do transgênero "real" está se tornando cada vez mais preocupante, e a própria ideia de diagnóstico está sendo desafiada por alguns transativistas, alegando que hormônios e cirurgia deve ser vista como uma questão de escolha e alteração cosmética.

A incapacidade de muitos, se não a maioria, das pessoas na profissão médica para aceitar que os tratamentos físicos de transgenerismo deve ser considerada má conduta profissional é susceptível de refletir diversas realidades. Uma delas é a quantidade de dinheiro a ser feito, especialmente pela indústria farmacêutica, que precisa de um substituto para a ambição fracassada de colocar a maioria das mulheres idosas em HRT. Outra é a crença antiquada pela mais patriarcal da profissões que o gênero essencial e existe e que, quando um homem diz que é uma mulher esta deve ser imediatamente respeitada. Se existe gênero, então ele pode misteriosamente, eles acreditam, ser deslocado. Outro é provável que seja o medo de ser acusado de transfobia e encontrar a sua reputação em frangalhos, como transativistas vão atrás de qualquer um crítico da prática online. Mas as vozes críticas não parecem estar a aumentar em número e são susceptíveis, por fim, para alcançar a massa crítica necessária para desafiar esta prática nociva. À medida que mais e mais daqueles que foram transgênero procurar ajuda para destracionar e alguns têm a coragem de falar, o charlatanismo da prática deve tornar-se mais aparente para aqueles que os tratam.

4

#### **'A MANCHA DO MOLHO NA TABELA'**

Mulheres na vida dos homens que transicionaram

*Escrito com Lorene Gottschalk*

O fenômeno da transgenerismo é geralmente escrito sobre como se aqueles que transicionam estão envolvidos em uma busca heróica individual e as pessoas

que os cercam - sócios, esposas, namoradas, mães, crianças, colegas de trabalho - são mencionados apenas ao sublinhar a importância da seu inqualificável apoio. Na verdade transgenerismo inflige graves danos sobre os membros da família de transgêneros. Embora ambos os homens e mulheres se envolvam em transgenerismo, os membros da família que mais sofrem susceptibilidade de serem mulheres em ambos os casos: esposas, companheiras e mães. Não há menção de parceiros do sexo masculino na literatura, o que sugere que eles são muito raros. Há muito pouca literatura de investigação sobre este aspecto do fenômeno transgênero e relatos escritos por mulheres, bem como uma entrevista com um parceiro mulher de um homem que fez a transição, será utilizado para descobrir como a vida destas mulheres são afetadas. As esposas de homens que transicionam, as parceiras de lésbicas que transicionam, e as mães em ambos os casos, descrevem experiências semelhantes. Estes incluem angústia psicológica, dor e perda, a exclusão social, humilhação e problemas financeiros. Este capítulo incidirá sobre as esposas, companheiras e mães de homens que decidem mudar de sexo.

### **Cross-dressing e transgenerismo**

Os maridos que tomam a decisão de mudar de sexo são susceptíveis de ter uma história de cross-dressing. Cada vez mais, como resultado da maior visibilidade das possibilidades de transgenerismo on-line e na mídia em geral, os homens com parceiras do sexo feminino que seria uma vez simplesmente travestis ocasionais estão em transição (Lawrence, 2007). Como resultado, não há mais qualquer distinção clara entre as duas práticas de cross-dressing e transexualismo, devido agora geralmente serem colocados sob o mesmo termo guarda-chuva, transgenerismo. Como comenta Virginia Erhardt na introdução à sua coleção de narrativas pelas esposas de "travestis e transexuais", essas práticas, que não podem ser claramente distinguidos "dilemas da identidade de gênero", ao invés de formar categorias discretas, caem em um contínuo (Erhardt, 2007:13). A coleção Earnhardt começa com as histórias de mulheres cujos maridos não foram mais longe do que o cross-dressing ocasional, e acabam com as histórias das esposas de homens que passaram a transicionar. As semelhanças evidentes entre os danos para as esposas e parceiros em todos os casos, suporta a ideia de que um fenômeno semelhante está sendo descrito.

O problema cruel para as esposas dos travestis é que eles têm de viver com o conhecimento de que em algum momento os seus parceiros podem começar a viver como o que eles imaginam ser em tempo integral 'mulheres', e isso pode colocá-los em um estado de hiper consciência e estresse (Erhardt, 2007).

Crossdressers que estão expostas ao transativismo através da comunidade transgênero on-line são propensos a desenvolver o desejo de ir mais longe do que uma vez ter sido o caso. Helen Boyd, que já escreveu dois livros sobre cross-dressing e fala em um circuito de palestras com o marido, Betty, explica como isso pode acontecer. Ela diz que depois de seu livro *My Husband Betty* foi publicado, o casal foi imediatamente tomado pelo movimento transgênero e Betty começou a se mover para a possibilidade de transição: "Eu percebi desde sua exploração de seu lado feminino era um pouco como uma caixa de Pandora, que uma vez aberto não pode ser fechado" (Boyd, 2007:9). Boyd descreve sua situação assim: "Viver com alguém que parece que está em transição e parece querer transicionar, mas não está em transição é um pouco como viver com transtorno de estresse pós-traumático, sentindo como se cada pedaço de você é um ativador de gatilho, à espera do anúncio, esperando a crise" (Boyd, 2007:251). Estar em um casamento que passa pela pergunta de "luta ou fuga" todos os dias, diz ela, não é propício para a felicidade a longo prazo

### **Os heróis de suas próprias vidas**

A maior parte da literatura sobre transgênerismo representa o processo de transição como uma aventura épica em que os indivíduos procuram encontrar-se (Lev, 2004). Infelizmente, os significativos outros, parceiros, esposas e mães de transgêneros sofrem o impacto negativo dessas aventuras. Os transgêneros podem ser os heróis de suas próprias vidas, mas as mulheres que deixam para trás pode não se sentir tão positivo. Christine Benvenuto caracteriza o comportamento de seu marido como semelhante a uma missão heróica: "Ele vê sua vida como um conto épico de libertação semelhante à história de Páscoa" (Benvenuto, 2012a:22). Seu livro de memórias da vida com o marido transgênero, *Sex Changes*, foi recebido por uma campanha liderada por seu ex-marido para difamar e silenciá-la em 2012. Para seus "fãs admiradores", ela diz que ele é um "mártir, um santo padroeiro, Nossa Senhora de variação de gênero.

No Vale do politicamente correto, ele esperava a aprovação - e ele conseguiu” (Benvenuto, 2012a:237). Quando ele deu uma palestra em sua sinagoga, ele disse o conto de um herói” (Benvenuto, 2012a:259). O papel da mulher em relação ao herói é ser uma serva, não um crítico ou um obstáculo.

Há um novo desenvolvimento na literatura clínica, no entanto, em que há o reconhecimento dos efeitos gravemente prejudiciais de comportamento a transição dos homens em suas parceiras. Ultimamente, a literatura sobre transgêneros excluiu a experiência de parceiros até bastante recente; tem sido “TI-centrado”, TI significando transgênero identificados, de acordo com os terapeutas de família e transgêneros, Donna Chapman e Benjamin Caldwell (Chapman e Caldwell, 2012: 37). Mas os parceiros e membros da família de transgêneros não pode evitar serem afetados como pessoas auto identificadas não apenas saem para si mesmos. Eles não podem permanecer enrustidos se desejam atualizar seu sentido de gênero de si mesmo (Chapman e Caldwell, 2012:39). As famílias têm "nenhuma opção", mas a "lidar com ela quer se goste ou não, e que foram considerados irrelevantes para o processo de avaliação e tratamento do parceiro. Suas necessidades têm sido marginalizados" (ibid.). Na verdade, o ponto de sair como um transgênero para um homem que faz cross-dressing seria inteiramente perdido se não houvesse uma audiência, e membros da família susceptíveis de ser necessário para formar a primeira audiência, apesar de quão indispostos eles podem estar. A maioria dos terapeutas que trabalham com transgêneros, alguns dos quais criaram práticas de nicho de tal tratamento, adotam a perspectiva de seus clientes transgênero que eles são heróis, ignorando os danos infligidos aos parceiros que possam comprometer o roteiro. Como Lisa Chase coloca, médicos e companhias de seguros gostam de pensar que a transição é curativa para transgêneros e “a ideia de parceiros de língua para fora, reconhecendo a necessidade de apoio era por demais um risco e podem ter prejudicado a “capacidade de transição” dos trans, minando as suas reivindicações de seguro de saúde, talvez (Chase, 2011:430).

Arlene Lev é um terapeuta que assume a perspectiva pela "busca heróica", e tem pouca simpatia por esposas e parceiras que podem estar sofrendo. Seu livro *Transgender Emergence* (2004) pretende fornecer um modelo para proporcionar terapia para transgêneros e suas famílias. Lev é implacavelmente positiva sobre a forma como os parceiros poderiam ganhar ao

apoiar transgêneros. Ela explica que, tradicionalmente, os terapeutas esperavam que o homem a deixasse sua esposa, "nunca olhando para a situação do ponto de vista oposto, perguntando se o cônjuge é capaz de crescer e mudar o suficiente para suportar as "necessidades" crossgender do marido (Lev de 2004:16). As "necessidades" das mulheres parceiras não são reconhecidas aqui. Ela incentiva aqueles a tratarem os parceiros a verem que "ter um parceiro que é transgênero pode ser fascinante, emocionante, ou desejável" (Lev, 2004:17). As esposas e parceiros que escrevem sobre a sua experiência, no entanto, não suportam esta visão positiva em tudo (Benvenuto, 2012a; Erhardt, 2007), mas lutam para sobreviver ao estresse e o desmoronamento de tudo a que a eles são caros.

Virginia Erhardt, um outro terapeuta especializado em terapia com transgêneros, é pouco mais solidário com as esposas do que Lev. Erhardt criou sua coleção de histórias por causa de seu reconhecimento de que as mulheres precisavam de apoio das esposas: "Parceiras natais são tão preparadas para prestar atenção as necessidades de seus maridos nesta situação... que elas muitas vezes perdem suas próprias vozes" (Erhardt, 2007:2). Mas ela está firmemente casada com a ideologia transgênero que os maridos simplesmente não podem ajudar a si mesmos e ela ensina que as práticas crossdressing dos homens não são nada a ver com a escolha ou estilo de vida: "É extremamente importante para uma mulher lembrar que ser uma pessoa com experiência transgênero é involuntário. Eu escutei mulheres que deixam de insistir em acreditar que seus parceiros são frívolos escolhendo "o estilo de vida transgêneros" (Erhardt, 2007:6). As esposas na coleção são aquelas que apoiam e ficam com seus maridos, mas suas histórias são uma fonte de material útil para este capítulo porque elas detalham as muito graves tensões que eles experimentam.

A pequena minoria de terapeutas que estão começando a reconhecer o dano para as esposas, por outro lado, consideram que é muito grave. Chapman e Caldwell chamam este dano "lesão anexo", que é um tipo específico de evento que envolve a "violação da confiança ou a traição juntamente com a inacessibilidade do parceiro" (Chapman e Caldwell, 2012:44). Eles explicam que o parceiro de alguém que transiciona experimenta uma mudança de papel e identidade que "não é planejada e é descontrolada" (Chapman e Caldwell,

2012:37), ao passo que seu parceiro está embarcando em uma jornada longa planejada e esperada. Em resposta à transição, os parceiros deixados para trás podem sofrer de uma forma que “encontram definições de trauma” (Chapman e Caldwell, 2012:43). Lesões de fixação, eles explicam, “se comportam como lesões de TEPT em que eles ressurgem na forma de flashbacks traumáticos, comportamento evasivo, hiper-vigilância, e entorpecimento e é inacreditável” (Chapman e Caldwell, 2012:45).

### **O egocentrismo de transgêneros**

Uma fonte significativa de danos para esposas é o egocentrismo de transgêneros. As esposas e os parceiros sofrem porque os transgêneros se comportam como se só a sua missão tem importância, e não levar a angústia que eles estão causando a sério, ou estão intrigados por ela. Chapman e Caldwell dizem que é difícil para transgêneros ouvir sobre danos a parceiros porque “inerente a transformação dos transgêneros há um egocentrismo profundo” (Chapman e Caldwell, 2012:47). Helen Boyd diz que um amigo chama esse comportamento de “autismo masculino” (Boyd, 2007:255). Uma mulher na coleção Erhardt faz uma observação semelhante sobre o egocentrismo dos maridos transgênero: “Desde o início da transição, era tudo sobre os sonhos de Bobbi, desejos e necessidades” (Erhardt, 2007:120). O transgênerismo dos homens é uma prerrogativa masculina, e não dá para analisar preocupações estranhas a ele. A literatura sobre os abusadores do sexo masculino de parceiras em outras configurações sugere que eles demonstram a mesma falta de empatia (Harne, 2011).

O egocentrismo de transgêneros masculinos encorpado e sua falta de empatia são refletidas na maneira que eles escolhem para “sair do armário” para suas esposas. A maioria das mulheres entrevistadas pela Erhardt (2007) não sabia sobre cross-dressing de seus parceiros quando se casaram. Eles descobriram depois do casamento, e, não raro, vinte ou mais anos dentro do casamento. Em alguns casos, como o de Christine Benvenuto, o marido pode ter mencionado o cross-dressing no início do casamento em um par de ocasiões, mas a mulher era improvável de levar isso a sério (Benvenuto, 2012a). Como Benvenuto explica, ela não podia saber que isso pode referir-se a uma atividade que iria aumentar e pode resultar em transgênerismo ao invés de ser um hobby



ocasional. Os maridos transgêneros não necessariamente consideram os sentimentos de suas esposas quando decidiram revelar sua propensão.

A tática de aparecer 'vestida' antes de um parceiro que não desconfia e severamente chocado parece, a partir de inúmeras contas pelas esposas, para ser comum. Foi a experiência do fundador de um site criado especificamente para apoiar as mulheres que "lutaram" com os maridos que travestiam, e ela expressa de forma pungente a angústia que sentia (Crossdresserswives.com, n.d.a). Ela estava tendo supostamente um jantar romântico na véspera do Ano Novo, quando o marido disse que tinha algo para lhe dizer, mas precisava ir para cima em primeiro lugar porque era mais fácil para mostrar ao invés de dizer. Depois de dez minutos, ele apareceu 'vestida'.

Finalmente, ele desceu a escada extravagante, arrebatadora vestindo seu longo, vermelho, seda, manto de outra forma despretensiosa. Ele se sentou ao meu lado e silenciosamente abriu seu manto. Imediatamente eu parei de respirar - sem oxigênio entrando ou saindo. Eu estava paralisada. Algo em seus olhos me fez perceber que não era uma piada. Ele estava sério. Enquanto estiver usando o que era suposto ser as minhas meias de seda preta, e combinando cinto de laço liga preta e os itens que ele insistiu enfaticamente que eu precisava, eu tentei entender com compaixão como o homem que eu amava passava tanto tempo divulgado seu longo desejo em usar lingerie. Então ele queria fazer amor. (Crossdresserswives.com, n.d.a)

Ela permitiu que ela chamou de "jogo sexual" a ter lugar porque ela "o amava o suficiente para ajudá-lo a viver esse fetiche bizarro", mas achou a experiência "chocante, perturbador, pungente, triste e sombrio". Enquanto ele disse que era o "melhor sexo que já tinha tido", para ela era "de longe o pior, exacerbada experiência sexual assustadora para mim", e lembrou-a de ser estuprada na idade de dezoito anos, "a única outra vez que me senti tão impotente". Em ambos os casos, estes "atos sexualizados não-bem-veindos" "traumatizaram" ela, porque eles eram "atos de abominação, traições que me deixou sentindo permanentemente (embora silenciosamente) horrorizada, violadas e suja" (Crossdresserswives.com, n.d.a).

As esposas dos transgêneros geralmente progridem através de uma gama de emoções quando descobrem o cross-dressing de seus maridos. As reações iniciais variam de perplexidade e descrença ao choque e, em seguida,

embaraço com o pensamento de outros descobrindo (Erhardt, 2007). Na coleção de Erhardt, as mulheres experimentaram sentimentos de ser violada, e de repulsa (ibid.). Uma mulher estava revoltada com o fato de que seu marido tinha raspado o cabelo do corpo e ela não conseguia se relacionar com sua ausência de pêlos, e outra disse que se sentia fisicamente doente. Outras reações incluíram uma profunda sensação de solidão e sentimentos de não ser bom o suficiente, insônia e choro frequente, e um sentimento de rejeição sexual que levou a sentimentos de inadequação sexual (Buxton, 2006). Uma mulher no estudo de Erhardt, depois de uma noite sem dormir, decidiu que ela iria cometer suicídio, mas no final não o fez. A reação esmagadora e universal das mulheres que não sabia no momento do seu casamento que seu marido era um cross-dresser, era traição ao engano e perda de confiança (ibid.). O parceiro de um transgênero que foi entrevistado para este capítulo explica como evasivo seu marido devido a dor que estava o causando:

Foi como se eu tivesse caído no buraco do coelho. Ele desconsiderou minhas perguntas com “Ei, relaxa. Você sempre faz um grande negócio de tudo – ninguém pode prever o futuro”. Eu senti que o meu medo e angústia estava sendo minimizada e desconsiderada. Eu me senti totalmente sozinho.

### **Questões de confiança**

Alguns relatos sugerem que a intensidade do sofrimento experimentado por esposas e parceiros é agravada pelo tempo da divulgação. Mulheres que sabiam de seus maridos cross-dressing antes de se casar com eles, ou muito no início do casamento, poderiam ser mais favoráveis ao comportamento, mas chocadas quando ele avançou para a fase onde os homens começaram a questionar seu sexo biológico e identificar-se como transgêneros, e não como cross-dresser (Erhardt, 2007). Outra pesquisa, no entanto, indica que não importava o estágio em que o marido revelava seu cross-dressing; os parceiros ainda se sentiam enganados, incapazes de confiar e incapazes de acreditar na palavra de seu parceiro ou seu próprio julgamento (Buxton, 2006). Esposas que não sabiam antes do casamento se recusaram a aceitar a explicação de que eles não divulgaram seu “segredo” por medo de rejeição. Elas pensaram que o casamento tinha sido “uma piada baseada em desonestidade” (Erhardt, 2007:34). Uma

mulher insistiu que ela tinha o direito de decidir se queria ou não se casar com um cross-dresser e “que a decisão não deveria ter sido feita por mim” (Erhardt, 2007:34). Christine Benvenuto descreve a profunda sensação de perda que ela experimentou. As décadas que ela tinha com seu marido de repente parecia ter sido uma mentira e ela perdeu as memórias compartilhadas:

Você perde o seu parceiro e seu acesso às suas memórias... Ele lhe diz que ele tem posado como seu parceiro, um personagem fictício de sua própria autoria e talvez sua inveja dentro do relacionamento. Diz-lhe que cada memória que armazenou precisa ser reescrita. (Benvenuto, 2012a:84)

Efetivamente, diz ela, Tracey disse a ela que os “últimos vinte e tantos anos da minha vida não realmente aconteceu” (Benvenuto, 2012a:88).

A traição da confiança pode se estender para o comportamento do marido para com seus filhos. Benvenuto explica que seu marido usou suas crianças como personagens de seu desempenho e procurou esconder isso dela: “A experiência das minhas crianças da transformação de Tracey e o desmembramento do nosso casamento é de longe o aspecto mais feio e doloroso da história” (Benvenuto, 2012a:119). Ele se vestia em frente a criança e quando ela fez isso ser conhecido por sua mãe, ele disse não tinha pensado que ela pudesse ser capaz de falar sobre isso (Benvenuto, 2012a:80). Quando sua filha de oito anos de idade foi visitar seu pai, ele a increveu em sua prática como ela explicou a sua mãe, “Quando eu vou visitar o papai, ele me dá seus sapatos e jóias para experimentar. Eu faço seu cabelo. As vezes nós colocamos maquiagem” (Benvenuto, 2012a:142). Eventualmente ela se recusou a visitá-lo, se recusou a ficar sozinha com ele e disse que estava com medo dele. Ele voou em raiva, disse ela, se ela se recusasse a brincar de vestir-se: “Ele me disse que eu tinha que mostrar a ele como ser uma menina!... Ele disse que nunca pode ser uma menina, então ele queria experimentar como a ser uma, através de mim” (Benvenuto, 2012a:150). O marido de Benvenuto, por sua conta, colocou interesses de seus filhos em segundo, após seus próprios prazeres.

### **Violência psicológica**

O comportamento dos maridos transgênero podem ir além de uma falta de empatia com o sofrimento de seus parceiros e se tornar mais abusivo. No caso

de Christine Benvenuto, uma forma de abuso foi a acusação de que ela era mentalmente instável: "Você é doente," Tracey me disse quando eu protestava contra qualquer aspecto de seu comportamento. "Você é doente mental. Ninguém no mundo pensa como tu. Todo mundo acha que o que estou fazendo é ótimo" (Benvenuto, 2012a:85). Ele também se envolve em outras formas de intimidação e ameaças e uma nova 'Tracey' surgiu, ela diz, aqueles que 'intimidados e ameaçados, que estabeleceu a lei e esperou que eu fosse cumpri-la. Se Tracey estava se tornando uma mulher, ele nunca tinha parecido tão masculino – um valentão tirano que ele nunca tinha sido em nosso casamento" (Benvenuto, 2012a:70). As ameaças emitidas para ganhar o seu cumprimento incluem a menção de que ele iria levar os três filhos dela se ela o deixasse. Uma mulher na coleção Earnhardt levou o marido de volta para viver com ela depois que ele tinha tido um colapso emocional e foi hospitalizado duas vezes. Ele (chamado de "ela" nesta conta) então passou a se envolver em violência psicológica em relação a ela através de insultos pessoais: "Em maio, ela começou a contar-me todas as coisas que eu faço para machucá-la. Ela também disse que eu cheiro ruim, mesmo logo após um banho, e que ele não se sente bem quando eu o toco" (Erhardt, 2007:120).

Em alguns casos, os maridos não podem se expor para causar mágoa, mas o seu comportamento causa sofrimento grave, no entanto. Um problema experimentado por esposas de crossdressers, por exemplo, é que quando os seus maridos saem como "mulheres", elas são obrigadas a ir para o armário. Na coleção Earnhardt várias esposas usam precisamente esta metáfora com uma esposa dizendo sobre si mesma e sua filha, "Principalmente eu me resseno do fato de ter sido colocada no armário" (Erhardt, 2007:126). Eles se encontrarão incapazes de acessar apoio porque a eles são esperados sair com seu marido "vestidos", por exemplo, embora não seja autorizado revelar o que está acontecendo, para os seus amigos e familiares. Outro problema que aflige as mulheres é a sensação de que seus maridos querem ser eles de uma forma parasitária, para assumir sua persona. Como uma esposa coloca isso, "Às vezes parece que Jane quer fundir-se comigo, e eu me sinto engolida" (Erhardt, 2007:165). Benvenuto explica este problema de forma semelhante: "ele não queria estar comigo, ele queria ser eu" (Benvenuto, 2012a:43). Outra esposa explicou:

Há outras questões: partilhar não só das minhas roupas e minha cozinha, mas até mesmo o meu nome e gênero. Levei mais de um ano para apreciar o que um doce gesto foi que Diane me viu como seu modelo de uma mulher e ainda incorporados meu nome em sua: Dick + Anne + Diane. (Erhardt, 2007:197)

Tal parasitismo pode causar grande angústia.

As parceiras de sexo feminino que foram entrevistadas para este capítulo chamam a maneira pela qual transgêneros podem acusar suas esposas de loucura, quando percebem e se opõem a comportamentos problemáticos de "gaslighting"<sup>1</sup>. Ela diz: "Eu acho que as travessuras on-line constantes, mentindo, tendo segredos e gaslighting ("você está louca", "você está imaginando coisas", "é você que tem um problema") é uma forma de violência psicológica". Ela diz que depois de "a quarta ou quinto vez de ciclo de mentiras, ser descoberto, mais mentiras, mais gaslighting e mais mentiras, eu estalei" e comecei a vê-lo "física e emocionalmente repulsivo", e tive que construir "um escudo ao redor de mim para sobreviver". Ela diz que "de muitas maneiras", ela se identifica com "as mulheres em relacionamentos abusivos regulares" e acredita que tenha PTSD: "Acho situações sociais excruciantes na maioria dos dias. Eu tenho muito poucos amigos agora". Depois de sofrer isolamento social extremo e ansiedade foi feminismo que lhe deu as ferramentas para redescobrir sua força:

Tenho re-descoberto o feminismo através de blogs feministas radicais e livros que foram incentivados a ler por mulheres que conheci online, e agora (em alguns casos) na "vida real". Que alívio é saber que eu não sou "louca".

Ela tem prazer que agora existem palavras para o que ela está passando, "violência psicológica", e que esta forma de "opressão" foi nomeada. Desta forma simples, entendimentos feministas pode confortar e apoiar as mulheres que sofreram tais abusos. Aquelas feministas que apoiam publicamente a prática de transgêneros poderiam ser vistas como culpadas de abandonar as esposas, que são deixadas ao vento. O projeto feminista deve ser o de apoiar as mulheres que são abusadas por homens, ao invés de proteger os homens que são responsáveis pelo abuso, caso contrário, o comportamento dos homens que são transgênero pode dividir as mulheres e feministas do outro.

---

<sup>1</sup> Também denominado: manipulação psicológica.

## **O sequestro de vida das mulheres**

Quando os homens saem como crossdresser ou transgênero as vidas de suas esposas susceptibilidade de serem sequestradas. No entanto, elas tinham que pensar como que iriam passar as suas vidas, se elas pretendem ficar com esses homens que acham que as prioridades criados pelo seu interesse sexual em particular deles vai assumir conforme seu tempo, energia e recursos financeiros. As esposas de homens que cross-dress, bem como aqueles que transicionam vão em uma base mais permanente, tornaram muito ligadas a prática de seus maridos. Uma mulher de um cross-dresser comentou, "Eu realmente não quero que isso CDing (cross-dressing) ultrapasse a minha vida e parece que ele tem – se tornado muito mais central do que eu quero que seja" (Erhardt de 2007:55). Outra mulher diz que muitas vezes apenas não sente vontade de brincar de vestir-se, mas se sente sob pressão: "Mesmo hoje, quando estou cansado, com fome, ou apenas emocionalmente desgastada e Lucy quer sair, minha reação é "não" (Erhardt, 2007:59).

Os maridos frequentemente assumem as suas esposas como seus modelos e as esposas adquirem uma nova forma de trabalho doméstico na facilitação da "mulheridade" de seu marido. São as roupas de suas esposas que os homens muitas vezes usam e exigem de suas esposas para transformá-los em mulheres. Como uma esposa explica, eu tentei ensinar Tommy para fazer sua própria maquiagem, mas não tinha jeito. Ele sempre fez os seus olhos muito escuros, por isso ele parecia francês.

Eu decidi que eu iria apenas fazer toda a maquiagem. Eu também tentei ensinar Tommy como andar de uma forma mais feminina, mas não funcionou; ele ainda andava como um cara. (Erhardt, 2007:74)

Esse trabalho é particularmente importante se o marido é capaz de persuadir sua esposa para sair em público com ele, porque é mais humilhante se sua imitação de uma mulher é particularmente fraca. Shopping é outra tarefa: "Nós compramos juntos. Eu o ajudei com maquiagem. Ele se veste na minha presença. Eu aceito, apoio e até mesmo incentivo" (Erhardt, 2007:90).

Se esposas se envolvem com as organizações de apoio transgênero que seus maridos se juntam, em seguida, elas adquirem uma nova gama de responsabilidades e trabalhos. Uma esposa explica que ela e seu marido se tornaram muito envolvidos com grupos de apoio. Diana passou a se tornar uma

das fundadoras de um grupo de apoio em nossa área, e eu me tornei um ativista significativas em outros” (Erhardt, 2007:66). Ela também diz: "Há momentos em que sinto que impactou nossas vidas demais; mas devido a Diana, ser atenciosa, vai recuar um pouco quando eu mencionar isto" (Erhardt, 2007:67).

As esposas são esperadas para compartilhar o fascínio de seus maridos com a prática. Uma esposa fala de como sua vida tornou-se centrada no interesse de seu marido no cross-dressing: 'Temos a Internet e as nossas vidas giravam em torno do crossdressing. Passamos horas em salas de chat e indo de local para local à procura de informações' (Erhardt, 2007:123). Outra esposa comentou: "O maior estressor na nossa relação é a quantidade de tempo e energia que a disforia de gênero e o processo de transição tira de nosso relacionamento. Muitas vezes eu perco a paciência" (Erhardt, 2007:144). Ela diz que muitas vezes se sente como se seu "único papel nessa relação é ser apoio para "a grande decisão" (ibid.).

investigações feminista sobre o trabalho não remunerado das mulheres sugere que apoiar passatempos dos homens e das atividades de lazer por exemplo, lavando a roupa do futebol, é um aspecto não devidamente reconhecido do trabalho doméstico (Babel e Leonard, 1992). No caso de transgenerismo, o trabalho requerido é muito mais extenso. Esposas podem achar que, ao invés de tomar uma parte mais equitativa das tarefas domésticas em sua nova persona feminina, seus maridos podem envolver-se em uma forma de desamparo aprendido eles acham que é adequado para a feminilidade e depositam ainda mais encargos para as suas esposas. A nossa entrevistada explica que ela foi obrigada a "lembrar que ele era "feminino" em todos os momentos, e tratá-lo "como uma mulher", que "se estendeu até se recusar a transportar malas pesadas quando fora a compras, mesmo que ele seja um pé mais alto que eu e tenha muito mais força superior do corpo". Ela explica que seu marido "tem se recusado a fazer algumas coisas no caso de ele quebra uma unha - Eu não brinco. Ele tem literalmente dito isso." Helen Boyd relata um comportamento semelhante e diz que as esposas de travestis acham irritante que seus maridos se tornar impotente como eles começam a imitar a sua ideia de que é uma mulher, de uma forma que é um insulto para as mulheres e cria trabalho extra para elas. Isso pode incluir 'ter o seu ex-marido lhe dizer que ela não pode colocar estantes, porque ela pode quebrar uma unha, enquanto a

suposição tácita é que é bom para a mulher nascida mulher levantar para colocá-los para cima" (Boyd, 2007:255).

### **Exploração financeira**

Esposas comumente se queixam do impacto da prática de seus maridos sobre as finanças da família. O dinheiro da família é usado para comprar roupas e maquiagem, pagar por fins de semana de cross-dressing, por hormônios, e, no caso daqueles que vão mais longe, uma série de cirurgias de amputação dos órgãos genitais e da criação de uma vagina falsa, para caixa de voz e cirurgia de feminização facial. Uma esposa nas observações da coleção Erhardt, acidamente fala dos encargos financeiros da busca do marido, "Gwen se sente compelido a dedicar a maior parte de seu tempo para uma carreira no ativismo que não pagar as contas" (Erhardt, 2007:176). Outra diz: "Nós gastamos ou guardamos uma incrível quantidade de dinheiro para o novo guarda-roupa de Theresa, cuidados do cabelo, eletrólise e hormônios, para não mencionar SRS, e também, possivelmente um transplante de cabelo. Este é um encargo financeiro grande" (Erhardt, 2007:132). As esposas de "Stephanie" e "Trish" e "Mandy" queixam-se da dificuldade em encontrar dinheiro para eletrólise, roupas e acessórios, hormônios e cirurgia (Erhardt, 2007:139; 146). A esposa de "Trish" comenta que "eu nunca tinha gastado esse tipo de dinheiro em mim" (Erhardt, 2007:152). Mas os maridos tinham um senso masculino de direito que superou preocupações financeiras de suas esposas e os cuidados dos recursos.

### **A perda da comunidade e apoio**

O sofrimento das esposas pode ser agravado pelo fato de que o comportamento dos seus maridos podem separá-los de suas redes de apoio. Membros de suas comunidades podem abrir caminho aos maridos transgêneros, em vez de às esposas abandonadas. Como Christine Benvenuto expressa, "O quociente de correção política significa que muito do que eu tinha pensado como minha comunidade foi para Tracy" (Benvenuto, 2012a:81). Ela considera que isso é porque apoiar um homem que é transgênero é muito mais politicamente importante que ser fiel a sua esposa. Benvenuto vive em uma área de faculdade cheia de pessoas que gostam de pensar em si mesmos como politicamente progressistas: "No Vale do Politicamente Correto, é fácil para apoiar um amigo



ou conhecido transgênero. Melhor do que fácil. Ele dá uma espécie de glamour, para algumas pessoas uma espécie de calafrio" (Benvenuto, 2012a:170). Tais pessoas acharam que era "impossível... expressar simpatia humana, mesmo básico para mim ou para os meus filhos" e seu desejo de ser politicamente correto significava que tinham de ser "totalmente de acordo com o seu projeto de gênero" (ibid.). Mulheres que apoiaram seu marido que chegaram ao ponto de dizer a ela "que o meu papel de esposa era apoiar do meu homem de transicionar e obter os meus filhos a bordo com o projeto. Minha responsabilidade era Tracey. A responsabilidade de Tracey era Tracey" (Benvenuto, 2012a:62).

Benvenuto encontrou quando publicou seu livro de memórias que a falta de apoio da comunidade foi ultrapassado por perseguição efetiva. Ao contrário de outros relatos de mulheres que apoiam as inclinações de seus maridos, apesar de lamentar as desvantagens que sofrem (Rudd, 1999; Boyd, 2004, 2007), o livro de memórias de Benvenuto é um grito de raiva que revela o efeito cataclísmico sobre si mesma e seus filhos com grande clareza. Talvez por isso, ela tem experimentado folga considerável para sua temeridade em escrevê-lo. Seu ex-marido, Joy Ladin, na acadêmica, alistou amigos e membros da comunidade transgênero para fazer campanha contra a escrita de Benvenuto. Em novembro de 2012, os apoiantes de Ladin apareceu em uma leitura de livro por Benvenuto para levantar suas objeções ao livro, e seu comportamento era tão problemático que a polícia teve que ser chamada (Pfarrer, 2012).

Benvenuto também experimentou reação sobre um artigo que ela colocou em um jornal on-line judaico sobre como era viver na mesma cidade pequena com seu ex-marido transgênero (Benvenuto, 2012b). Ela descreve detalhes como assistir a uma consulta médica sobre um de seus filhos com seu ex, durante o qual eles eram vistos como um casal de lésbicas e a criança como resultado um doador de esperma. O artigo já não está disponível on-line porque o seu ex se queixou de que ela havia se referia a ele com pronomes masculinos. A revista, Kveller deu a seguinte razão para o seu ato de censura:

Quando se trata de questões que afetam a uma comunidade perseguida historicamente (e atualmente) é nossa responsabilidade como editores serem mais sensíveis à linguagem exata que está sendo usado. Kveller e sua organização parental... estão empenhados em honrar as

identidades e experiência de vida de todas as pessoas, incluindo as pessoas transexuais. (Kveller, 2012)

Curiosamente, são os maridos que são transgênero que são vistos como perseguidos e que precisam de honra e proteção aqui, e não as mulheres que sofreram violência psicológica dos seus maridos. Benvenuto não aceita que seu ex-marido é uma mulher, alegando que ela tem tido uma relação sexual prolongada com ele e suportados três filhos de seu sêmen. Mas sua perspectiva não é honrada. Isto pode sugerir que tal comportamento por homens seja uma expressão do privilégio masculino, o que provoca a aprovação das comunidades e organizações patriarcais, e a culpa das mulheres.

A nossa entrevistada virou-se para um grupo online para transgêneros e parceiros quando em necessidade grave de apoio e descobriu que havia pouco a receber. Supostamente era para ser para “trans” e “outros significativos”, mas tiveram poucos membros do sexo feminino ativos. Os utilizadores regulares eram, ela disse, “privilegiados, brancos, transicionistas atrasados”, muitos deles simplesmente travestis que queriam ficar sob o guarda-chuva grande e beneficiar de proteções legais. Eles amam “identidade de gênero”. Ela participou de alguns eventos sociais para “travecos”, que foram o oposto do apoio de parceiros, e o evento social serviu como lugar onde os homens poderiam aparecer “vestidos” no local. Ela se sentiu muito sexualmente carregada. Havia homens “caçadores de travecos” que eram os homens mais arrepiantes que já encontrei. Olhando de soslaio e a partir dos cantos... Ugh.” Essas experiências acentuaram sua angústia: “As TVs não pareciam muito interessadas em mim - eles queriam falar com meu parceiro, e particularmente desconfiado, um predador continuava sentindo-o. Eu posso muito bem ter sido uma mancha de molho sobre a mesa”.

### **Não aceitando a mudança de sexo**

As esposas e parceiros de transgêneros não são susceptíveis de aceitar que uma mudança de sexo realmente ocorreu. Christine Benvenuto, por exemplo, disse que ela era incapaz de usar pronomes masculinos que seu marido exigia: “Pronomes, naturalmente, tornou-se problemático em torno de uma pessoa que atravessa linhas de gênero. Eu continuo a usar a variedade do sexo masculino para referir Tracey, porque até agora eu não posso pensar, falar ou escrever

sobre esta pessoa de outra maneira" (Benvenuto, 2012a:92). Ela é certa de que Tracey não se tornou uma mulher: "Ele também não foi, para mim nunca será, uma mulher" (Benvenuto, 2012a:126). É, talvez, não surpreende que este nível de segurança deve ser comum entre as esposas e parceiros. Elas tinham, afinal, sido atraídas por seus maridos como homens, viveu com e teve relações sexuais com eles durante décadas como homens, tiveram filhos com eles como homens, e a ideia de que eles poderiam se tornar mulheres não tinha validade. Pronomes são problemáticas para as esposas dos travestis, bem como uma esposa explicou, "Eu ainda não consigo chamar meu marido de "ela" muitas vezes" (Erhardt, 2007:76). Outra esposa de um cross-dresser disse: "Um de alguns ódios de estimação meus é travestis que insistem que as mulheres em suas vidas os chamem de ela, meninas, ou senhoras por respeito, em ordem de não ferir seus sentimentos" (Erhardt, 2007:90). Ela explica que "nasceu uma mulher" e merece "o título de "ela" e não deve ter de compartilhá-lo... Eu não quero ser esperada a ver travestis como "mulheres reais" (ibid.). Maridos podem procurar fazer valer os seus pronomes de escolha em suas esposas através de chantagem emocional. A nossa entrevistada explica como isso pode funcionar, "Ele foi muuuuito hiper-sensível sobre quaisquer pronomes masculinos e eu tive que vigiar minha língua ao extremo para que ele não começasse a chorar e dramaticamente saísse em um movimento brusco, deixando-me sozinha em algum bar em algum lugar do outro lado da cidade."

As esposas são muitas vezes profundamente incomodadas pelas idéias que seus maridos têm sobre "feminilidade" e condição feminina, que são, por vezes, em nítido contraste com a sua própria. O relato de Helen Boyd vivendo com o marido transgêneros, Betty, é mais instrutivo sobre a profunda descrença de parceiros do sexo feminino podem sentir em versões extremas e fantásticas de "feminilidade" que homens adotam e esperam ter aceitado como constituindo uma essência da feminilidade (Boyd, 2007). Boyd explica que ela tinha sido um 'moleque' em sua juventude, nunca soube exatamente o que se sentir como uma mulher deveria significar e rejeitou a feminilidade como socialmente construídas e constrictivas. Ela ficou surpresa, portanto, quando o marido lhe disse que sabia o que estava a sentir como uma mulher, e certamente não era o que ela já havia sentido. Ela explica,

Quanto mais eu o encorajei a achar uma identidade que o fizesse se sentir confortável e natural para ele, o mais antinatural parecia. Sua atitude mudou, assim como a forma como ele usou as mãos. Ele virou seu cabelo e começou a usar uma nova voz. (Boyd, 2007:78).

Ela esperava que seu comportamento era apenas uma "fase" porque "eu senti como se eu estivesse vivendo com Britney Spears. Foi como dormir com o inimigo" (ibid.). Boyd se opôs muito a ser lecionada por travestis que ela não estava fazendo feminilidade corretamente, "por não viver as glórias que são o feminino" (Boyd, 2007:79). Ela particularmente não gostava de críticas por parte de travestis de seus sapatos sensatos: "Ter homens em tamanho 12 zombando de meus "sapatos de bibliotecária" é provavelmente o pior tipo de experiência que tive na comunidade MTF" (ibid.). A nossa entrevistada também encontrou uma "paródia de seu marido do comportamento feminino através lançar do cabelo ser difícil de lidar com:

Eu posso dizer quando ele está pensando em ser uma mulher, ou fantasiar sobre isso... porque sua voz fica um pouco mais alta e ele faz isso uma coisa mole com a outra mão em sua cintura e ele passa rapidamente a mão no cabelo.

Seu marido não estava interessado em roupas de sua esposa porque eles não alimentavam sua fantasia: "Ele não usa minhas roupas – não são "femininas" o suficiente. Ele gosta de usar saias curtas, decotes, botas de cano alto. Ele a chama de um look "rock-chick".

Várias das mulheres na coleção Erhardt expressam frustração semelhante à criação por seus maridos de uma feminilidade que não podem relacionar-se, uma vez que nunca foram muito interessados em tais frivolidades. Como uma expressou, "Eu, que nunca me importei muito com a roupa e me ressentia da imagem da "boneca Barbie" nas mulheres, tenho um marido que parecia obcecado com roupas e ficou impotente enquanto sua unha polonês estava secando", e se assemelhava as "adolescente enfeitadas que eu nunca quis fazer parte" (Erhardt, 2007:193). Muitas mulheres aceitaram seus maridos ou parceiros de transgenerismo na superfície, mas poucos aceitaram totalmente a idéia de uma mulher no corpo de um homem. Uma dificuldade extra para as esposas se elas fossem a aceitar que seus maridos tinham realmente mudado seu sexo é que eles teria, então, a se ver como "lésbica", e muitas acharam essa exigência impossível (Buxton, 2006).

A nossa entrevistada explica que ela tinha sido “liberal” que apenas aceitava o que as pessoas dissessem sobre si mesmos, sem “examinar o contexto político ou cultural de suas afirmações”, mas não pensava dessa forma mais. No entanto, como ela diz, ela nunca foi do tipo que gosta de “cortejos” ou espíritos mágicos ou essências”, e agora percebi que muito do que será impresso sobre a "mulher no corpo de um homem" não faz sentido científico ou racional e é "completamente sem base fisiológica ou neurológica credível". Curiosamente, ela diz que “assistiu” a maneira que “desenvolveu e aperfeiçoou suas narrativas” os transgêneros masculinos saudáveis como eles mudaram de ser apenas crossdressers que estavam abertos sobre seu “fetiche sexual”, para se considerarem trans, dizendo, “Meu deus, devo começar hormônios ou eu vou me matar - eu sou uma MULHER!”. Eles ganharam respeitabilidade, identificando-se como transgênero em vez de apenas travestis: "A maioria dos homens têm vergonha de seu fetiche. Chamando-o de "transgênero" e desenvolvendo várias teorias elaboradas sobre ela é um meio de fazê-lo "respeitável" e ganhando a simpatia dos defensores "eu nasci assim". As narrativas de mulheres podem ser mais esclarecedora sobre os motivos para esta variedade de comportamento masculino do que a literatura clínica e popular, que tende a aceitar a ideologia transgênero como verdade.

### **O papel das esposas na feminização**

O trabalho não remunerado que as esposas e parceiros são obrigados a realizar em apoio a “personificação da feminilidade” de seus maridos frequentemente tem um componente sexual, que pode envolver a reprodução do dominatrix em cenários sexuais em que se espera "feminizar" os seus maridos. Há uma indústria on-line muito considerável para transgêneros de corpos masculinos, de serviços de fornecimento de equipamentos, que inclui não apenas roupas, formas de mama e do quadril, calças acolchoadas, espartilhos, perucas, maquiagem e saltos altos, mas também cursos de formação para voz e postura e pornografia. O tema principal de ambos os materiais de treinamento e de pornografia transgênero é 'feminização', que é a humilhação erótica e nestes rituais esposas têm um papel de protagonista. Na pornografia homens são forçados a adotar vestuário e comportamento que se associam com a casta de sexo subordinado, e o site de Amber Goth de “feminização forçada” demonstra

o alistamento de esposas e parentes do sexo feminino. Goth explica o conteúdo de pornografia "feminização forçada":

Algumas de nossas histórias apresentam mães, tias, avós, esposas, etc., que feminizam meninos ou homens jovens e os transformam em meninas. Este é um tema comum na ficção transgênero e é de comum desejo de realização por parte dos povos transgêneros, que realmente gostariam que isso pudesse acontecer com eles! (Goth, 2012)

Outro exemplo é o livro de Cindel Sabante, *My Husband, My Panties*, em que a fantasia sexual envolve a esposa, e pode ajudar a explicar por que transgêneros de corpos masculinos gostam de surpreender suas esposas, enquanto "vestidos", esperando uma resposta entusiástica em que a mulher se transforma em um dominatrix, como aqui:

Esperando o pior, Annie ao invés disso encontra Mark em uma posição embaraçosa no chão do quarto. Mark tinha desmaiado vestindo suas roupas! Vendo uma oportunidade para um pouco de diversão, Annie decide mudar Mark em sua própria pequena amiga, e testa os limites de quão longe Mark está disposto a ir. (Sabante, 2013)

O papel ativo esperado de esposas é indicado no fato de que eles são referidos como "formadores" em sites dedicados a este aspecto da transgenerismo que envolve roupas íntimas femininas. Uma busca por *My Husband, My Panties* traz 6,010,000 hits e mostra a popularidade deste tema para crossdressers (por exemplo, *My Husband's Panties*, 2005). As discussões sobre os sites incluem homens dizendo que eles em primeiro lugar usavam roupas íntimas de suas mães na idade de doze anos ou costumava a roubar a calcinha da menina vizinha. Os homens também falam de especialmente a compra de roupas íntimas para suas esposas, para que possam usá-lo eles mesmos. Muitos destes temas surgem nos contos pelas esposas apresentados anteriormente neste capítulo. É provável que que se provou bastante decepcionante para os maridos treinados para responder sexualmente a tais fantasias através de seu consumo de pornografia, ao descobrir que suas esposas não queriam agir como "treinadores", tornou-se angustiante, rejeitar as oportunidades de serviços sexuais que estão sendo oferecidos para eles.

A versão mais explicitamente sexual de feminização é 'sissification', que é claramente uma forma de satisfação masoquista para os devotos do sexo masculino. Os homens são 'sissified', ou humilhados, sendo obrigados a usar

roupas que eles associam com as mulheres, e, em seguida, são espancados ou sujeitos a cenários sadomasoquistas por dominatrixes, professoras e outras figuras de autoridade feminina (sissification, n.d.a). A prática é tão encantadora para os homens que uma pesquisa sobre a palavra traz até 744.000 hits. O uso do termo 'maricas' é esclarecedora, pois é muito claro que é um termo de abuso baseado na condição subordinada da mulher. Ele indica que não há nenhuma associação positiva com as mulheres associadas a esta prática, apenas uma associação degradante e humilhante. O site intitulado ofertas Sissy School 'O Queendom de sissification. E é muito rosa, muito babados, e muito mocinha". Ele oferece material sobre "sexo por telefone de maricas, dominação maricas, formação corno maricas para a formação maricas empregada (Sissy School, n.d.). Grande parte do material, no entanto, está na forma de pornografia de vídeo, o que não foi examinada na pesquisa para este livro (sissification, n.d.b).

Os conselhos e materiais visuais em "segredos da linguagem corporal femininas" são indicações úteis do ponto de vista transgênero sobre o que a feminilidade "essencial" consiste. O "kit feminização" completa inclui vídeos, entrevistas com especialistas, "relatórios especiais", "folhas de dicas", uma "planilha", um "guia de recursos", um "programa de hipnose", e de aconselhamento sobre andar, maquiagem, roupas, cabelo, e feminização da voz. A idéia de uma "essência feminina" é um pouco prejudicada por tais na indústria, no entanto, uma vez que é "natural" e biologicamente determinada não poderia exigir tais instruções detalhadas. O programa do hipnose irá ensinar um homem como ser uma mulher no "interior" em apenas 15 minutos: "Tudo que você tem a fazer é sentar, relaxar e deixar a sua mente levá-lo em uma viagem feminina. Com o tempo, você vai se encontrar sem esforço pensando, sentindo e agindo como uma mulher de verdade!" (Sorella, n.d.).

Transgêneros e travestis que ganham a excitação sexual de subordinação das mulheres pode ser muito bem informados sobre a forma como esses trabalhos de subordinação, como a seguinte citação de aconselhamento aos homens em "postura feminina" deixa claro. A instrução é chamado de "Aberto vs. Fechado" e explica que as mulheres "ocupam menos espaços que os homens." Isso pode parecer óbvio, mas eu fico surpreso com quantas meninas se esquecem de manter as suas pernas juntas e os cotovelos dentro. (Meninas genéticas, também!)" (Sorella, n.d.). Os homens ganham suas satisfações de

pensar e agir de modo preciso às restrições de movimento que as nascidos e criados do sexo feminino foram atormentadas e presas durante uma vida inteira de treinamento em subordinação, e eles entendem muito bem o que estão fazendo: "Posições corpo aberto estão associados com a exibição de poder. Além de fazer você parecer mais passivo e feminino, a posição do corpo fechado faz você parecer fisicamente menor "(Sorella, n.d.). Neste exemplo, a realidade da subordinação das mulheres torna-se um brinquedo para a excitação sexual masculina. Embora muitas esposas podem não estar cientes do império da pornografia transgênero que permeia a prática de seus maridos, que são susceptíveis de encontrar o papel esperado delas como público, companheira e dominadora de mau gosto, e algumas estão respondendo de volta.

### **O movimento de resistência das esposas**

Cada vez mais, as mulheres estão se manifestando e os germes de um movimento de resistência para o que elas estão sendo submetidas a esta se tornando visível. Não é um movimento que se aproxima em tamanho e influência para o movimento transativista, através do qual seus maridos pode ganhar apoio, recursos legais e recursos. Sites on-line que estão fora rebentos de que o movimento pretende fornecer para as esposas, mas não necessariamente o fazem. Benvenuto procurou o apoio de um quadro de mensagens on-line para transexuais e seus familiares, apenas para descobrir que a mensagem era para dar apoio incondicional aos seus parceiros em transição: "Sim, eles poderiam ser emocionalmente abusivo. Mas seus maridos realmente não estão em situação muito pior? Não era o trabalho de uma esposa dar apoio - não importa o que?" (Benvenuto, 2012a;128). Um site de suporte on-line para as mulheres, no entanto, [crossdresserswives.com](http://crossdresserswives.com), tem uma perspectiva muito diferente (Crossdresserswives. Com, n.d.a). É especificamente para mulheres que estão encontrando muito difícil sobreviver ao comportamento de seus maridos e não permitem serem feitas de comissárias pelos maridos. O site fornece uma Carta de Direitos que ilustra os aspectos da prática de cross-dressing dos homens que as mulheres encontram mais problemático. Embora ele se aplica ostensivamente para as esposas de travestis em vez de homens que procuram viver como mulheres em tempo integral, todos os "direitos" são cerca precisamente aqueles aspectos do comportamento de seus maridos que as esposas dos mais



comprometidos personificadores acham angustiante (Benvenuto, 2012a). Ela começa com o direito "a conhecer antes do casamento/coabitação - não deve ser mentido no altar", e passa a abranger o direito de dizer às outras pessoas sobre o problema, ter sentimentos negativos sobre ele, o direito de rejeitar a prática, "incluindo atos sexuais", o direito de "se recusam a participar ou ser exposto à prática de cross dressing", o direito de deixar o relacionamento, o direito de "insistem em terapia", e o direito de proteger as crianças de "trauma psicológico" (Crossdresserswives.com, NDB). O material do site é anônimo, que protege contribuintes a receber o tipo de punição que Benvenuto recebeu.

A maioria das versões das esposas são explícitas sobre o fato de cross-dressing de seus maridos ser uma prática sexual que as mulheres estão agora a ser esperadas a tolerar, ou tomar parte em, com o fundamento de que é algum tipo de condição biológica que os homens não pode controlar. Sexólogos e terapeutas sexuais tradicionalmente esperavam que as mulheres suportassem a expressão de suas prerrogativas sexuais masculinas de seus maridos. (Jeffreys, 1990; Tyler, 2011) As mulheres têm sido culpadas por escritores do sexo, como Alex Comfort, autor de *The Joy of Sex* (Comfort, 1972; Jeffreys, 1990), a aceitar a prática sadomasoquista que as perturbava, por exemplo, e em tarefas como engolir sémen embora achei de mau gosto, e muitas outras práticas que visam a satisfação dos homens em detrimento da sua própria. Continua a ser um problema que os interesses sexuais dos homens mudam - muitas vezes através de seu consumo de pornografia e outros elementos da indústria do sexo - as exigências sobre esposas se intensificam. O sexo anal é agora comumente exigido pelos parceiros do sexo masculino, na medida em que sexólogos inventaram um novo problema sexual "anodyspareunia" para explicar a relutância e a dor das mulheres e para justificar a criação de terapias para que as mulheres possam superar isso (Stulhofer e Ajduković, 2011). No caso de transgenerismo, pode ser ainda mais difícil para as mulheres se opor porque a prática é enquadrada como inevitável e incontrolável.

### **As mães de transgêneros**

Todos aqueles que transicionaram tiveram mães, e as mães sofreram semelhantes dores às vividas por esposas e parceiros, mas este grupo não foi estudado ao todo. Há um livro que aborda sua experiência, chamado *Transitions*

*of the Heart* (Pepper (ed.), 2012). Ela é composta de histórias de mães, incluindo aqueles que identificaram seus filhos como transgênero e aqueles cujos filhos adultos entram em transição na meia-idade. As histórias são apresentadas com nenhuma análise, as mães são acrítica de transgenerismo como prática e todos apoiam a sua prole de todo o coração, mas as tensões extraordinárias que sofrem são claramente expressas. O livro apela sentimentalmente ao amor de mãe, como mães que aceitam que seus filhos são transgêneros e apoiam drogas e cirurgia para eles são representações particularmente amorosas.

As mães que identificaram seus filhos em uma idade jovem como transgêneros - em um caso tão cedo quanto um ano de idade - o fizeram por conta de suas preferências para determinados brinquedos ou roupas. Seus critérios refletem diretamente aqueles que compreendem a definição de transtorno de identidade de gênero na infância e refletem estereótipos sexuais tradicionais que as feministas há muito criticaram. As mães que envolvidas na imposição de tais papéis rígidos em seus filhos pequenos não devem, talvez, serem vistas como inteiramente irrepreensíveis na transgeneração das crianças, uma vez que desempenham na função ativa. No outro extremo, alguns dos descendentes já são aposentados e se assumem como transgênero às suas mães em idade avançada. As mães geralmente expressam tristeza pela perda da menina ou menino que deu à luz. Eles expressam luto e falam de infinita choro enquanto tentam chegar a termos com sua dor. O editor, Rachel Pepper, expressa o dilema de mães assim: 'Porque, assim como as crianças passam pela transição, assim também deve suas famílias' (Pepper, 2012: xviii). As mães sofreram sofrimento psíquico grave, como descrito: 'Virei-me mentalmente e emocionalmente... Sentimentos de confusão, insegurança, medo e tristeza' (Pepper (ed), 2012:84). Eles expressam um forte sentimento de perda no transgenerismo de sua prole. Eles amavam como o sexo biológico ao qual eles nasceram, e sentiram que perderam as pessoas antes quando eles transicionaram.

Uma mulher descreve sua dor ao ver seu filho adulto passar por disforia corporal extrema como ele embarca em muitas cirurgias para refazer seu corpo à imagem de sua fantasia: "Ainda uma outra operação para o meu filho... Minha filha transgênero diz que ainda não está certo, continua a não se olhar cem por cento como uma mulher. Ela passou por uma cirurgia de mudança de sexo, de

barbear a linha da mandíbula e nariz, e dois transplantes de cabelo. Ela agora diz que os ossos de suas sobrancelhas e da linha do cabelo não está certo" (Pepper, 2012:119). Ao descrever o filho, ela diz que, "ainda olha infinitamente no espelho, ainda vê coisas que ninguém mais vê, e eu lamento por ela". Assistir a este auto-mutilação lhe causou grande aflição. Uma vez que o Serviço Nacional de Saúde no Reino Unido só iria pagar a cirurgia de redesignação sexual e não todos os extras, a mãe preocupada com o custo para as finanças da família do seu filho: 'vai ser apenas mais 5.000 libras pelo ralo?' (Pepper (ed.), 2012:118).

As mães também sofrem com o egocentrismo que os homens que transicionam podem exibir. Esta mesma mãe descreve a mudança perturbadora na personalidade que teve lugar em seu filho como ele passou:

Ela ainda estava operando como um homem neste momento. Ela estava tão cheio de ódio e raiva em relação às mulheres. Eu me perguntava se era inveja... ela tornou-se extremamente plana na personalidade. Nós encontramos esta aparente falta de emoção difícil de aceitar. Ela é muito inteligente, mas a auto-obsessão, paranóia, e evitar a sociedade que parece ir com o seu estado, tem tomado a sua portagem. Estamos todos esperando que ela vai agora, finalmente, seguir em frente com sua vida. (Pepper, 2012:120).

O "todos", que foram tão prejudicados incluída sua mãe, esposa e filhos jovens.

Algumas mães têm a infelicidade de ter que passar por várias experiências de perder seus familiares para o transgenerismo. Em um caso, uma mulher perdeu as duas filhas gêmeas, que se assumido lésbicas na escola, mas passaram pela transição (Pepper (ed), 2012:125). Em outro caso, uma mãe perdeu seu marido e a filha para o transgenerismo. A mãe explica que o marido era um cross-dresser, que passou pela transição, e influenciou a criança do sexo feminino para seguir sua liderança: "Meu marido queria que nossa filha de doze anos de idade, Heather, passasse pela transição com ele, incluindo a cirurgia" (Pepper (ed.), 2012: 155). Heather mudou seu nome aos dezesseis anos e aos dezoito anos teve uma histerectomia. Quando os pais permitem que suas filhas passassem pela transição, os custos financeiros que elas carregaram foram consideráveis. Bloqueadores de puberdade para crianças custa US\$ 4,500-15,000 anualmente, e terapia acrescenta outro custo (Pepper (ed), 2012:125). Considerando que algumas mães são claramente as vítimas da prática de

transgnerismo, em alguns casos, elas podem ser vistas como conspiradoras com os estereótipos sexuais patriarcais e podem até oferecer os seus filhos como sacrifícios sobre o altar do “gênero”. A investigação é necessária para os pais que procuram ativamente para transicionar a sua prole.

## **Conclusão**

É hora de repensar em relação ao sofrimento que os homens que transicionam infligem em suas esposas. Pode precisar ser entendido como uma forma sub-reconhecida de violência psicológica contra as mulheres, uma situação em que as mulheres precisam de estruturas de apoio sérias que são vistos como apropriadas quando elas são vítimas de outras formas de intimidação por parte de parceiros do sexo masculino. Uma compreensão dos males que transgêneros de corpos masculinos infligem aos suas esposas devem causar todas as feministas, as mulheres em causa, para o bem-estar de suas irmãs, a pensar seriamente sobre a ética da aceitação incondicional das identidades e pronomes de homens cujas esposas estão sofrendo. As feministas que aceitam um homem como "ela" quando sua esposa, filhos, e mãe não conseguem, e se sentem abusados pela exigência de que eles deveriam, estão abandonando cada vez mais grande parte do sexo feminino e expurgando-os da comunidade de mulheres que merecem respeito, em favor de apoiar homens no exercício de suas prerrogativas.

A transição de maridos como resultado da sua prerrogativa masculina, que é particularmente forte em torno de questões que dizem respeito a sua satisfação sexual. Mas as esposas não são mais tão submissas e discretas como eram nos primeiros dias de transgnerismo. Algumas estão se tornando muito irritadas, e os primórdios da organização coletiva estão surgindo. As vozes das mulheres precisam ser ouvidas porque elas têm a capacidade de romper a fantasia liberal de transgnerismo essencial. Esposas dizem que seus maridos não são, e não podem ser mulheres. Não faz sentido para elas que os homens cujo sêmen foi essencial para a criação de seus filhos, e cujo esforços "femininos" se assemelham a bonecas Barbie, devem ser chamados de "ela" e dado elogios sociais. Infelizmente, as vozes das mulheres não são poderosas nas sociedades patriarcais, onde as vozes dos pais, na forma de sexólogos,

psiquiatras e endocrinologistas são levadas a sério quando experiência de vida das mulheres é desdenhado.

## 5

### **MULHERES QUE TRANSICIONAM**

Um antídoto para o feminismo?

*Escrito com Lorene Gottschalk*

A transgeneração de mulheres e homens precisam ser consideradas separadamente, pois são muito diferentes fenômenos. Eles são, no entanto, geralmente executados em conjunto na literatura como se fossem duas faces de uma mesma prática. A principal diferença decorre do fato de que "gênero" é uma categoria política que significa status da casta. Portanto, os membros da casta superior, homens, aparentemente perdem status quando eles transicionam, mas para travestis isso pode ser precisamente a razão para fazê-lo, porque eles podem ganhar a satisfação masoquista. No entanto, deve-se reconhecer que, como vimos no capítulo anterior, os homens que transicionam não perdem todo o seu privilégio masculino, mas são levados com eles em diferentes contextos sociais e ainda são capazes de exercer autoridade sobre as mulheres. Membros da casta inferior, mulheres, têm uma experiência diferente quando elas transicionam. Eles elevam o seu status, de forma em que numa sociedade em que o ódio e a degradação das mulheres tem efeitos muito nocivos sobre a sensação de si das mulheres, bem como um efeito depressivo sobre os seus ganhos durante a vida, esta poderia ser uma poderosa motivação para tentar entrar na casta sexual superior. A transgeneração das mulheres é um antídoto para o feminismo, porque é uma maneira em que as mulheres individuais podem elevar o seu status juntando-se a casta de homens. Em contraste, feminismo procura dismantelar a superioridade masculina para que o status de todas as mulheres seja elevado, e esta tarefa não é de forma alguma vantajosa pela mobilidade social pelo status masculino de uma pequena minoria de mulheres.

Homens que transicionam encontram a existência de mulheres que tenham sido transferidas úteis porque podem ser vistas, na ausência de qualquer reconhecimento das diferenças, para confirmar a autenticidade da sua própria prática. Phyllis Frye, por exemplo, um juiz dos Estados Unidos e um dos

arquitetos da Declaração Internacional de Direitos Gênero de 1995, comenta especificamente sobre quão útil é a existência de tais mulheres têm sido:

Na minha experiência, nada destrói os estereótipos de transgêneros melhor do que quando um pessoa inesperadamente encontra um FTM a longo prazo (mulher-para-homem). FTMs oblitera completamente o estereótipo do transgênero. FTMs também fornecem uma forte ligação com o movimento feminista. Porque muitos deles têm história em política de direitos das mulheres e lésbicos, eles são capazes de trazer treinamento, conhecimento e conexões políticas. (Frye, 2000:141)

As semelhanças consistem no fato de que a idéia de transgenerismo é uma construção da profissão médica em ambos os casos, o fato de que ambas as práticas de confiar e reforçar estereótipos nocivos do gênero e o fato de que eles causam danos graves para a saúde humana e funcionamento. Em outros aspectos, no entanto, as diferenças são consideráveis. Para começar, os homens dominam a prática. Não tem sido historicamente uma lacuna considerável nos números, que ainda se reflete naqueles que recebem certificados de reconhecimento de gênero no Reino Unido hoje, com três em cada quatro pessoas que transicionam eram do sexo masculino (Ministério da Justiça, 2012). Existem diferenças na orientação sexual. A maioria dos homens que transicionam são heterossexuais e em relacionamentos com mulheres na época, e apenas uma minoria são os homens que têm relações com homens (Lawrence, 2004). Eles são atraídos por mulheres antes da transição, e continuam a ser atraídos por mulheres depois da transição, em que ponto eles são susceptíveis de se identificarem como lésbicas. No caso de mulheres que transicionam, a grande maioria se relacionam sexualmente com mulheres e mais se identificam como lésbicas e foram membros de longo prazo da comunidade lésbica antes de transição (Devor, 1999). Elas são endireitadas pela transição e principalmente se consideram em relacionamentos heterossexuais após o evento.

Os contextos muito diferentes em que homens e mulheres transgênero constituem outra diferença muito considerável entre essas práticas. A maioria heterossexual de transgêneros de corpos masculinos não têm cultura masculina de feminilidade em que entendem a si mesmos. A grande maioria dos transgêneros de corpos femininos, por outro lado, têm habitado uma cultura lésbica em que a masculinidade é valorizada e muitos adotaram aspectos da

masculinidade estereotipada na sua aparência muito antes de decidiram fazer a transição. Dentro da cultura lésbica, a prática de papéis butch/femme, em que os parceiros do sexo feminino em um relacionamento adotam os papéis estereotipados que proporcionam a base para a heterossexualidade era comum em alguns setores da comunidade antes do advento da segunda onda do feminismo na década de 1960 e experimentou um renascimento desde os anos 1980 (Jeffreys, 1989). É no jogo de papel da butchness e a valorização da masculinidade que o fenômeno da transgenerismo em corpos femininos tem suas origens (Jeffreys, 2003). Esta diferença muito significativa entre os efeitos aspirantes do sexo masculino e do sexo feminino, por exemplo, o grau de apoio que eles recebem. Os parceiros das mulheres que transicionam podem ver a transição como simplesmente uma extensão do butchness já aceite como parte do papel sexual que coloca em prática. As comunidades de lésbicas em que transgêneros de corpos femininos se assumem como "homens" podem achar isso surpreendente, na medida em que elas tenham previamente aceitado formas extremas de agir masculino como uma parte normal do lesbianismo. Para transgêneros de corpos masculinos, a situação é diferente. Embora eles possam ter ganho a satisfação de pensar em si mesmos como "feminino" por algum tempo, eles geralmente têm parceiros e comunidades para quem a idéia de feminilidade nos homens é um conceito desconhecido e intragável.

Outra diferença singular, como a literatura sexológica deixa claro, é o fato de que o comportamento transgênero por parte das mulheres não é uma forma de fetichismo, uma vez que normalmente é para os homens (Bailey e Triea, 2007). Enquanto fetichismo – sob a forma de estar excitada vestindo roupas estereotipada associadas às mulheres ou que procuram partes do corpo "femininas" – é cada vez mais visto como explicativa de muita transgenerismo de corpos masculinos, oferecendo nenhuma explicação para a variedade do corpos femininos. Transgêneros de corpos femininos não têm histórias de crossdressing de homens vestindo cuecas para a excitação sexual, e outra forma de explicação deve ser encontrada.

Não há, no entanto, nenhuma literatura que procura uma explicação para transgenerismo por parte das mulheres. A literatura quer levar transgenerismo como algo certo sem questionamentos, como se fosse um fenômeno natural, ou comemorativo. Análise crítica que busca explicações provavelmente seria visto

como hostil e 'transfóbico' porque prejudica a ideologia que representa transgnerismo como inevitável e essencial. Mas se o fenômeno não é visto como uma obra da natureza, que só acontece de ser manifestado com notável frequência nas últimas três décadas, em seguida, é necessário perguntar por que está ocorrendo. Compreender transgnerismo em corpos femininos de uma perspectiva feminista fornece uma série de formas de explicação, os quais estão relacionados com o funcionamento da dominação masculina (Thompson, 2001).

Uma forma de explicação a ser considerado é que transgnerismo é atraente, porque o ódio social e subordinação das mulheres e das lésbicas e a valorização dos homens, são as forças que tornam mais atraente para algumas mulheres a escapar de seu rebaixamento para subordinar feminilidade e buscar as vantagens que a adoção da masculinidade trarão. Há pouca dúvida de que os homens nas sociedades ocidentais ganham vantagens significativas de seu status de casta sexual. Estes são econômicos, refletidos em um maior rendimento; físicos, em termos de segurança contra a violência sexual masculino e gravidez indesejada; e psicológicos, em termos de auto-estima e bem-estar. Estas vantagens têm sido chamados, pelo sociólogo transgênero de corpo masculino, Raewyn Connell, o "dividendo patriarcal" que constitui "aos homens vantagens que adquirem em geral desde a subordinação total de mulheres" (Connell, 2005:79). Outra forma de explicação consiste na maneira em que transgnerismo de corpos femininos emerge como uma extensão do papel butch interpretado em comunidades lésbicas. 'Gênero' é o sistema de classificação da dominação masculina e constitui a hierarquia em que os homens têm poder sobre as mulheres. Sua onipresença e importância tornam difícil pensar fora da caixa do gênero e, tradicionalmente, nas comunidades lésbicas, "gênero" foi reproduzida como lésbicas têm procurado compreender-se dentro das normas de sua sociedade.

### **Role playing de butch/femme e transgnerismo de mulheres**

Role playing butch/femme era comum em partes de algumas comunidades lésbicas antes da década de 1970. Ele foi desafiado por feminismo lésbico, que procurou criar relações de igualdade entre mulheres, livres das restrições impostas por uma heterossexualidade patriarcal que emoldurava o erotismo como só imagináveis entre as pessoas que desempenham papéis



masculino/feminino. Na década de 1990, o papel lésbica interpretado foi reabilitado e criou uma fundação para a transgeneração de lésbicas. Algumas lésbicas se ressentiam do desafio feminista para o role playing, porque consideraram que sua sexualidade estava ligada a papéis butch/femme e que esta desigualdade erotizada era de fato a própria personificação do lesbianismo essencial. Tal reação é descrita por Arlene Lev, uma psicoterapeuta lésbica que trabalha com aqueles que se consideram transgênero e escreveu o livro *Transgender Tapestry* (2004). Sua perspectiva é importante porque seu livro fez sua influência nos estudos transgêneros. Ela explica, no *Journal of Lesbian Studies*, seu desespero a entrar em um evento de lésbicas no final de 1980 e descobrir que todas as lésbicas que estavam lá, que estavam tendo um grande momento, foram “agênerizadas” em sua aparência. Ela descobriu que não era sexualmente atraída por qualquer uma delas:

Eu olhei em volta para a sala de lésbicas andróginos - mulheres doces, rindo e se divertindo, confortável em seus corpos e da celebração da sexualidade que dançar com seu próprio pode trazer – e com a rapidez de um choque elétrico, percebi que não havia uma mulher na sala que eu poderia imaginar namorar. Minha comunidade, uma casa em meu coração, me deixou sexualmente insensível, distante. (Lev, 2008:134)

Elas não estavam interpretando as diferenças de poder no role playing, então elas eram simplesmente não atraídas a ela.

Feminismo operou mudanças dramáticas sobre as práticas de lésbicas na década de 1970 (Jennings, 2006). Em seu relato fascinante da história do clube lésbico icônico em Londres, os Gateways, a partir de 1940 a 1980, *From the Closet to the Screen*, Jill Gardiner usa material de suas entrevistas para descrever como o feminismo influenciou a clientela do clube (Gardiner, 2003). Antes da década de 1970, as lésbicas que usaram o clube eram propensas a se envolverem no jogo de papéis e até mesmo chamar-se por nomes masculinos, como a romancista Mary Duffy descreve em seu romance, *The Microcosm* (Duffy, 1966). Recordando essa época, lésbicas explicam que não havia nenhuma opção para identificar como butch ou femme e lésbicas que não eram identificáveis eram ridicularizadas (Jennings, 2006:218). Historiadora, Rebecca Jennings, explica que no papel que coloca etiquetas de “rigorosos códigos de comportamento estruturado que podem dançar com” quem e “limites estabelecidos, definindo quem era sexualmente disponível para quem”. Isso

paralela as regras da heterossexualidade, “uma função organizacional semelhante à fornecida por noções de gênero na sociedade em geral” (Jennings, 2006:220, 221). O impacto do feminismo, Jennings explica, fez a adoção de "os extremos do masculino e do feminino, que foram fundamentais para as vestimentas de butch/femme desnecessário, porque lésbicas poderiam usar calças e... seguem suas preferências pessoais no vestido "sem dúvida". Também o feminismo levou muitas a se sentirem "desconfortável com a idéia de pedir a permissão da butch para dançar com uma femme e se recusou a cumprir com as convenções aceitas" (Jennings, 2006:223). Lésbicas que abraçaram o feminismo abandonaram a interpretação de papéis sexuais e foram capazes de se envolver com entusiasmo nas relações sexuais sem qualquer recurso para as armadilhas da diferença de poder de gênero. Mas algumas, como Lev, encontraram isso claramente difícil.

De acordo com a narrativa anti-feminista da política trans e libertário sexual/lesbianismo queer, era o feminismo precisamente lésbico que oprimia butches e femmes e as expulsaram da comunidade lésbica, e o ressurgimento dos papéis sexuais colocados em prática a partir da década de 1980 é visto como o retorno do reprimido. Arlene Lev escreve: "A ascensão da política lésbica-feminista na década de 1970 efetivamente levou identidades butch-femme, comunidades e expressão desconhecidas, silenciando, e, portanto, distorcendo historicamente, discussões de expressão de gênero nas relações lésbicas" (Lev, 2008). O grande erro de feministas lésbicas, diz ela, é que "a própria expressão de gênero se tornou visto como uma ferramenta do patriarcado" (Lev, 2008:131). Ela está correta em que as funções de 'gênero' são entendidos na teoria feminista não como ferramentas inofensivas de excitação sexual e da moda, mas o sistema de estratificação da dominação masculina. Eles mostram quem está por cima e quem está em baixo, e regulam o comportamento em conformidade. Na mitificação transgêneros, foram feministas lésbicas que receberam a responsabilidade de contruir o transgenerismo mulher-para-homem através deste processo de expulsão. Butches, incapazes de encontrar um lugar valorizado na comunidade lésbica, foram forçados a sair para o transgenerismo.

Na verdade, embora ela representa o papel que interpreta como simplesmente a forma natural de interação lésbica, Lev deixa claro que ela, de

fato, compreende o papel que interpreta como a representação de papéis tradicionais da heterossexualidade patriarcal. Ela explica,

Butch e femme são, na sua raiz, as identidades de gênero eróticas. Butches, atribuídas e identificadas como do sexo feminino, experimentam a sua sexualidade como mediada através da masculinidade. Femmes, reivindicando uma feminilidade socialmente desprezada, transmitem a sua sexualidade – uma sexualidade específica de lésbicas –, divulgando sua atração a mulheres masculinas. (Lev, 2008:133)

O maior problema, e é um que as femmes queixam-se sobre um grande negócio, é que isso não funciona para elas uma vez que o seu lesbianismo é invisível. Tanto no mundo da corrente masculina principal e em comunidades de lésbicas, eles podem não ser reconhecido como lésbicas e descobrem que são assumidas como heterossexuais (Jeffreys, 1989). Elas sofrem a marginalização e exclusão que são comumente grande da mulher em uma sociedade patriarcal heterossexual que valoriza a masculinidade. Da mesma forma, como veremos neste capítulo, os parceiros de lésbicas que transicionam podem encontrar que elas não têm nenhum papel em parte da comunidade lésbica e não são reconhecidos como lésbicas, enquanto os seus parceiros transgênero têm um lugar.

Lev explica o papel da femme como sendo a responsável de apoiar a butch como a "dança butch/femme" celebra a masculinidade de lésbicas butch, e isso cura esse ato de algumas das butches de desincorporar que elas podem experimentar' (Lev, 2008:136). Femmes são necessárias para sustentar a masculinidade de suas amantes e esse papel, também, é comum a dinâmica das relações em que um dos parceiros seja transgênero. Butches são heroizadas como as verdadeiros lésbicas, aquelas que carregam as pedras e flechas de anti-lesbianismo e merecem elogios por sua resistência política. Há uma analogia deste nos problemas de parceiros não-transgêneros de transgêneros de corpo feminino, que devem colocar esforço em criar a ilusão de virilidade do seu parceiro trans, até mesmo a ponto de fingir que ela não tem uma "infância" e estava sempre alguma forma masculina. Os parceiros são obrigados a entrar em um *folie à deux* para manter o precário, e, finalmente, implausível ideia que o parceiro mudou de sexo.

Dentro dos papéis lésbicos, casais butch/femme, Lev explica que, recriar papéis heteropatriarcais com muita precisão e 'de acordo com relatos emergentes "elas" promulgam papéis familiares em maneiras sexualizadas e eróticas... o que significa que os papéis de Mamãe, Papai, filho e filha, são promulgadas – sexualmente e romanticamente – dentro das narrativas íntimas do casal" (Lev, 2008:138). Femmes, diz ela, agem como as esposas tradicionais de dominação masculina, criando lares seguros para a sua butch e da família, "eu gostaria de sugerir que um dos atos mais subversivos que femmes têm realizado é o estabelecimento de um refúgio seguro para a sua famílias em ambientes muitas vezes hostis, através da criação de casas e através do processo de cuidar da casa" (ibid.). Femmes, verifica-se, fazem "o trabalho doméstico das mulheres - o trabalho de cozinhar, limpar, consertar, e beijando "dodóis" – trabalho que eu suspeito foi originado e foi sustentado pelas mãos de femmes nas relações femme/butch, que foi principalmente passado despercebido ou julgado irrelevante ou apolítico" (Lev, 2008: 139). Como feministas economistas têm apontado, o trabalho doméstico ainda é visto como "trabalho das mulheres" e aqueles ostentando masculinidade estão isentos (Jeffreys, 2012; Waring, 1989). Aquilo que Lev procura romantizar é fundamental para a desigualdade das mulheres.

É essa normalização do role playing das butch/femme que criou a fundação para o desenvolvimento da prática de transgenerismo em corpos femininos na década de 1990. Lésbicas que transicionam, como Chaz Bono, muitas vezes entendido como lésbicas butch de antemão (Bono, 2011). A questão de saber se lésbicas que transicionam estão simplesmente indo um pouco mais longe do que aquelas que permanecem identificadas como butches e evitam a oportunidade de transição tem sido muito debatida na comunidade lésbica. Com efeito, uma frase foi desenvolvida para discutir esta questão, as "guerras de fronteira", ou seja, a fronteira entre butches e transgenerismo (Halberstam e Hale, 1998). Algumas escritoras lésbicas têm argumentado que não há praticamente nenhuma diferença, enquanto outros têm procurado estabelecer que há uma diferença considerável, não apenas uma diferença de grau de masculinidade adotado, mas na essência da prática, o que significa que as lésbicas que transicionam realmente são "homens", enquanto butches permanecem mulheres, independente de como se comportam. A interpretação

de papéis butch/femme recria os papéis heteropatriarcais, enquanto transgnerismo vai mais longe, tentar recriar os corpos dos mesmos. Butches muitas vezes são orgulhosas de sua lesbianidade, mas aqueles que transicionam extirpam a sua lesbianidade e se envolvem, através do uso de hormônios e cirurgia, na criação médica da heterossexualidade. É uma prática arquetipicamente heteronormativa.

A transgeneração de lésbicas pode ser caracterizada como mais um exemplo das maneiras em que a profissão médica tem procurado arrumar lésbicas, já que a maioria das mulheres que 'trans' se relacionam com mulheres mais tarde, criando um casal heterossexual (Jeffreys, 2003). Isto pode ser entendido como uma violação dos direitos humanos, apenas mais uma forma em que o status de "lésbicas" desprezado socialmente pode ser eliminado através da conivência da profissão médica e do Estado. Apenas quando são reconhecidos como "homens", na maioria dos estados, lésbicas são permitidas casar entre si ou acessar outros direitos (McConville e Mills, 2003).

### **Os efeitos nocivos do transgnerismo do sexo feminino sobre lésbicas e sobre o feminismo**

Dentro das comunidades lésbicas dominadas pela política queer, um número crescente de mulheres estão em transição para um simulacro de masculinidade (Bauer, 2008; Weiss, 2007). Os efeitos nocivos da transgeneração nos corpos das mulheres que transicionam são tratadas em outras partes deste volume. Este capítulo examina os efeitos nocivos sobre a comunidade lésbica, sobre relações lésbicas, e sobre o feminismo. Durante a onda de transgeneração dos homens que começaram nas últimas décadas do século XX, lésbicas demoraram a participar. A prática era desconhecida na comunidade lésbica da década de 1970 e manteve-se muito rara bem na década de 1990. O fenômeno não figura em importantes coleções de ensaios lésbicas na década de 1970 como *Our Right to Love* (o nosso direito de amar) (Vida (ed.), 1978), ou mesmo em coleção editada de Julia Penelope *Lesbian Culture* (Cultura Lésbica) de 1993. O último incluiu uma peça sobre butch e femme nos anos 1950 de Joan Nestle, mas nada sobre transgnerismo.

Um efeito claro da transgeneração das lésbicas é que desaparece o seu lesbianismo de forma literal, por assim que mudar seus corpos e apresentação

que já não se assemelham as mulheres ou lésbicas, embora elas geralmente procuram relacionamentos com mulheres e lésbicas e permanecem dentro das comunidades lésbicas. A história da lesbianidade tem sido demonstrada pelas historiadoras lésbicas e comentaristas para serem livres da perseguição e eliminação do registro público (Klaich, 1974). Transgênerismo se encaixa nessa história sombria por mais uma vez fazer lésbicas invisíveis. Para muitos daqueles que gostariam de ter sido uma vez lésbicas, transgênerismo é o estilo recente da moda. Todos os grupos e serviços da cidade que antes eram criados por lésbicas e feministas na década de 1970 forneceram para as comunidades lésbicas já foram replicados para lésbicas que transicionam. Há grupos sociais, grupos políticos, grupos de planejamento financeiro (para pagar por cirurgias), listas de locais amigáveis a trans, listas de potenciais companheiros de quarto a trans (Hudson, n.d.).

Há uma diferença significativa, no entanto; a existência de grupos para os parceiros de lésbicas que transicionam. Antes de o fenômeno do transgênerismo, ambas as parceiras em um relacionamento eram lésbicas e podiam assistir a todos os mesmos grupos e nenhum serviço especial era necessário. Transgênerismo de corpos femininos fecha os parceiros dessas mulheres fora das comunidades lésbicas que moldaram e apoiaram suas vidas, porque elas agora são vistas como reais heterossexuais. Este desaparecimento de lésbicas tem um efeito negativo sobre o feminismo também, porque as lésbicas foram as fundadoras de muitas instituições importantes para mulheres, refúgios e centros de crise de estupro, editoras, livrarias, grupos de teatro e bandas. Feministas lésbicas na segunda onda do feminismo trabalharam com enorme energia para o benefício de todas as mulheres, incluindo outras lésbicas. Na medida em que o orgulho em serem mulheres e lésbicas tem sido a base do feminismo lésbico e, portanto, crucial para o movimento feminista, este desaparecimento de lésbicas constitui um dano grave para esta política.

Atualmente transgênerismo do sexo feminino progrediu como uma prática para o ponto onde ele é abundante justificado, descrito e celebrado, mesmo na academia feminista. Nos últimos anos houve problemas especiais em transgênerismo de *Estudos Trimestrais das Mulheres* (Volume 36, 3 e 4, 2008), e, por transgênerismo e intersexualidade, do *Jornal de Estudos Lésbicos* (Volume 10, 1 e 2, de 2006). Há pouco ou nenhum comentário crítico sobre

transgnerismo nos artigos de jornal. Este nível de cobertura é indicativo do florescimento da prática. Em 2013, o pico para os estudos das mulheres nos Estados Unidos, a Associação de Estudos Nacional das Mulheres (NWSA), tem um 'grupo de interesse' para 'masculinidades feministas' (NWSA, 2013). Considerando uma vez que aqueles envolvidos em estudos sobre as mulheres, assim como outras feministas, teria visto a masculinidade como o problema que o feminismo precisava para desmontar, agora está sendo alardeado como uma opção de vida que seja consistente com, se não exemplar, o feminismo acadêmico. Esta é uma boa indicação da medida em que alguns ramos do feminismo acadêmico se afastaram do ativismo feminista e do movimento feminista, e tornaram-se no melhor irrelevante e na pior das hipóteses tóxico para a possibilidade da libertação das mulheres.

Os danos físicos que as mulheres experimentam a partir de hormônios e cirurgia são consideráveis e são abordados em detalhes em um capítulo anterior, mas vários danos são infligidos sobre mulheres e comunidades lésbicas, também, com essa prática. As mulheres parceiras dessas lésbicas que transicionam sofrem dor, perda e sofrimento que é semelhante ao sofrimento dos parceiros de transexuais de corpos masculinos, mas existem algumas diferenças significativas que resultam do fato de que a transição ocorre em um casal de lésbicas e assume a forma de emular masculino, que é o comportamento da casta sexual superior dos homens.

### **Acessando o dividendo patriarcal**

As mulheres que transicionam têm acesso ao dividendo patriarcal, os privilégios e vantagens que tocam a homens em sistemas de dominação masculina. Para as lésbicas, em particular, isso pode ser uma opção atraente, porque, como 'butches' elas sofrem discriminação anti-lésbica e assédio que pode ser atenuadas se os seus perseguidores consideram que elas são realmente "homens". Um aspecto importante e muito material do dividendo patriarcal é econômico. O dividendo econômico é claramente revelado, por exemplo, nas grandes diferenças entre os valores médios de dinheiro que as mulheres e os homens ganham em suas vidas e a quantidade de dinheiro em que se pode esperar para se aposentar. Empresárias no Reino Unido ganharão apenas dois terços que empresários, que estão em situação semelhante e iniciam e terminam

de trabalhar com a mesma idade, ganham em suas vidas (Barrow, 2012). Esta é uma vantagem muito substancial para os homens e tem sido mal explicado pelos economistas. Muito interessante a pesquisa por Kristen Schilt, no entanto, demonstrou precisamente como as obras de dividendos patriarcais para transgêneros de corpos femininos no local de trabalho (Schilt, 2006). Schilt entrevistou vinte e nove mulheres que tinham transicionado sobre a sua experiência enquanto trabalhava como mulheres, e após a sua transição. Algumas das mulheres permaneceram em seus lugares originais de trabalho durante e depois da transição, e alguns mudaram de local de trabalho, mas em ambos os casos, eles receberam vantagens consideráveis em comparação com a sua experiência anterior. Educação e aptidões após a transição, como "este capital humano" é percebido que muitas vezes varia drasticamente, uma vez que se tornem homens no trabalho" (Schilt, 2006:466).

Transgêneros de corpos femininos ganharam "recompensas" na forma de "um tipo de respeito físico", o que significava "ser libertado de avanços sexuais não desejados ou inquéritos sobre a sexualidade" (Schilt, 2006:479). O comportamento dos colegas de trabalho masculinos que cessaram após a transição incluiu agarrar os seios e ser chamada de "querida" e "gata". De acordo com duas participantes, ser transgênero foi muito preferível a ser obviamente lésbica no local de trabalho, porque poderiam escapar de 'comentários sexualizadas' e 'questões pessoais invasivas sobre a sexualidade'. Tal privilégio só estava disponível para transgêneros 'discretos', isto é, aqueles que não foram aberto sobre suas transições. Transgêneros furtivos ganharam 'autonomia física e respeito' e 'menos toques, apalpamento' (Schilt, 2006:479).

Havia outros ganhos muito substanciais, como transgêneros de corpos femininos descobriram que adquiriram um maior respeito e autoridade em seu trabalho, e foram dadas mais funcionários e recursos para fazer seus trabalhos. Quando visto como "homens" tiveram de trabalhar menos duro, receberam críticas mais positivas para esse trabalho, e foram mais recompensadas. Um dos entrevistados do Schilt explicou como estas vantagens acumuladas não apenas para funcionários, mas para aqueles que criarem as suas próprias empresas: "Eu tenho esta empresa que eu construí, e tenho pessoas que me seguem; eles confiam em mim, eles acreditam em mim, eles me respeitam. Não há nenhuma maneira que eu poderia ter feito isso como uma mulher" (Schilt, 2006:482). Esta



transgênero de corpo feminino explicou que embora algumas mulheres alcançaram o sucesso como empreendedores, teria sido particularmente difícil para uma lésbica evidente fazer isso. A transição eliminou essa desvantagem. Várias outras entrevistadas explicaram que, como as lésbicas que eram butch ou de "gênero ambíguo", elas receberam humilhações cruéis, como não serem autorizadas a entrar pela porta da frente do restaurante em que trabalharam para não projetar a imagem errada para o estabelecimento. Como "homens" eles foram capazes de usar roupas que elas teriam sido denunciadas por e alcançar o sucesso profissional que de outra forma lhes escapava.

Um terço das participantes disseram que não ganharam vantagens, mas esta era normalmente porque elas estavam nos estágios iniciais da transição ou não vistas como homens. Altura pode fazer uma grande diferença, uma vez que mulheres baixas que, após a transição, fossem menores do que os homens médios, podem não reunir o mesmo respeito que um homem mais alto o faria. Algumas sentiram que parecia extremamente jovem após a transição e isso afetou a forma como elas foram tratadas. As mulheres negras e asiáticas que transicionaram relataram que embora dispensadas da desvantagem estrutural de serem vistas como "mulheres", elas ainda sofreram desvantagem como resultado de racismo. Como comenta Schilt, as vantagens que as mulheres ganham quando elas transicionam põem em evidência o efeito que as crenças culturais sobre gênero que são incorporados nas estruturas do local de trabalho, tem sobre a desigualdade das mulheres. A pesquisa ilumina a discriminação cotidiana invisível, mas muito importante e generalizada que as mulheres experimentam, mas não pode, na ausência de qualquer coisa para comparar com, ser capaz de identificar. Também mostra, Schilt argumenta, que as mulheres não estão impedidas em seu avanço no local de trabalho, por serem socializadas como mulheres, que afeta suas decisões e comportamento, já que as mulheres com a mesma socialização que transicionaram foram capazes de avançar muito bem. Mulheres, isso mostra, estão estruturalmente em desvantagem pela maneira que os outros as vêem e as tratam, ao invés de quaisquer qualidades que elas podem mostrar.

Em pesquisa posterior, Kristen Schilt e um colega examinou a experiência de trabalho de transgêneros de corpos masculinos (Schilt e Wiswall, 2008). Descobriram que os homens que transicionaram perdiam dinheiro, por meio de

"perdas significativas de ganhos por hora" (Schilt e Wiswall, 2008:4). Eles concluem que a idade média mais tarde em que os homens transicionam, quarenta anos, em comparação às mulheres, trinta anos, está relacionada a essas perdas. Eles sugerem que os homens com a intenção de transição estrategicamente "mudam seu sexo mais tarde para preservar a sua vantagem masculina tanto tempo quanto possível", enquanto transgêneros de corpos femininos, por outro lado... maximizam seus ganhos a espera de se tornarem homens mudando seu sexo mais cedo" (Schilt e Wiswall, 2008:19). O trabalho de Schilt é importante como um excelente exemplo de uma compreensão feminista do gênero como uma hierarquia e uma forma de organizar diferença de poder, e não como uma essência, como é comumente ser dito na teoria transgênero. Seu artigo de 2006 é intitulado, *'Just One of the Boys: Fazendo gênero visível no local de trabalho'*. Ele não usa a palavra "gênero" para se referir apenas às preferências de vestuário ou modos de comportamento, como é comumente o caso em ideologia transgênero. O que se torna visível é a maneira em que "gênero", como um sistema de castas, cria vantagens para os homens e desvantagem para as mulheres.

Outro ganho significativo da transição consiste de uma maior segurança física e liberdade do medo. As mulheres que transicionam escapam do abuso, assédio e violência dos homens que as mulheres que permanecem na linha de frente do gênero continuam a experimentar. No local de trabalho, como mostra a Schilt (2006), o assédio sexual na forma de agarrar partes do corpo e comentários sexualizadas e perguntas são todos parte da desvantagem de que transgêneros de corpos femininos deixam para trás quando elas passam pela transição. Além disso, a transição para fora da feminilidade pode oferecer uma visão de segurança para algumas mulheres que sofreram violência grave dos homens. Embora haja uma escassez de pesquisas examinando as experiências que transgêneros de corpos femininos têm de violência, há alguns trabalhos que sugerem uma ligação. Holly (agora Aaron) Devor, por exemplo, encontrou na pesquisa realizada antes que ela mesma transicionasse que transgêneros de corpos femininos tinham experimentado uma alta ocorrência de violência na infância (Devor, 1994). Dezesete de seus quarenta e cinco respondentes (38%), relatou o abuso físico significativo em seus lares de infância, e quatorze (31%), relataram abuso sexual. Ao todo, 60% de seu total tinha experimentado abuso

físico, sexual ou emocional, e na maioria dos casos, ela explica, estas formas de abuso foram aqueles propensos a levar a danos psicológicos mais significativos na vida mais tarde. Ela toma cuidado de salientar que estes números reflectem apenas aqueles que optam por trazer o abuso ao contar suas histórias, desde que ela não fez perguntas sobre o assunto. Ela acrescenta que o fato de que transtornos estão ansiosos para representar a si mesmo como psicologicamente resistentes, para que não sejam negados tratamento médico ou sofrer maior discriminação, o que pode reduzir ainda mais o percentual daqueles abuso mencionados. Todavia, os números são significativos. Ela sugere que "em alguns casos, o transexualismo pode ser uma resposta adaptativa dissociativo extremo ao abuso infantil grave" (Devor, 1994:66). Nestes casos, ela teoriza que,

uma personalidade de um protetor masculino/sobrevivente, que funciona co-conscientemente ... com a personalidade feminina original, pode agir primeiro como uma defesa, e mais tarde, depois de muitos anos de reforço experiências psicológicas e de socialização, como uma rota de fuga da dor psíquica de outra forma intolerável. (Ibid.)

Estas mulheres tinham criado um homem 'avatar' para dar-se um escudo contra a violência em sua juventude e isso formou o modelo para o homem que então procurou se tornar. Esta pesquisa foi realizada há duas décadas, e não tem, infelizmente, sido nada similar. Isso levanta a questão de como pouca investigação tem lugar pela profissão médica para os fundos das mulheres a quem eles transicionam.

Há outras desvantagens de feminilidade que as mulheres que transicionam são capazes de escapar, como o ataque de "práticas de beleza" que as meninas e as mulheres são obrigadas a realizar sobre os seus corpos, a fim de ser aceitável femininas e sexualmente atraentes para os homens. Estes incluem depilação, dietas, cirurgia estética, maquiagem, sapatos de salto alto, roupas apertadas e reveladoras (Jeffreys, 2005). A dominação masculina, e o status baixo e estigmatizada de mulheres, causa adolescentes a exercer a punição de seus corpos através de distúrbios alimentares e automutilação (Jeffreys, 2000, 2008). Há cada vez mais evidências de que as culturas ocidentais que odeiam mulheres são tóxicas para as meninas e muito prejudicial para a sua saúde mental (APA Task Force, 2007). É, talvez, não é de

surpreender, portanto, que parece haver algumas meninas saltam de paraquedas e procurando atualizar seu status. Desenvolvimentos médicos em cirurgia e drogas, e na ideologia médica cada vez mais enraizada do gênero essencial que pode acidentalmente residir no corpo errado, poderia aparecer para fornecer formas de escape para algumas meninas e mulheres. Lésbicas podem tentar escapar a discriminação anti-lésbica e o abuso que dela deriva o ódio social do lesbianidade, que é um subconjunto do ódio às mulheres. Tornando-se lésbicas auto-confiantes ou feministas podem proteger as mulheres contra os piores efeitos da presente misoginia, mas neste momento a maioria das mulheres estão susceptíveis de ver nenhuma maneira fora disso, além de cumprir com as exigências da feminilidade ou sofrer a ignomínia de exclusão social pela sua recusa. Na ausência de revolução feminista, transgênerismo pode aparecer para oferecer uma solução para alguns, mas que implica punição severa do corpo. Ele causa estragos no potencial igualdade que pode existir em relações lésbicas também.

### **Transgêneros de corpos femininos em relacionamentos**

Nos últimos anos, pesquisadores feministas têm estudado as relações que transgêneros com corpos femininos têm com outras mulheres. Este trabalho é fascinante em várias frentes. Ele permite uma avaliação da alegação de que transgênero é transgressivo, e mostra a arquitetura heteronormativa em que as relações são muitas vezes construídas. Além disso, esta pesquisa mostra claramente que transgênero não é apenas uma busca individual, como a masculinidade do parceiro trans tem que ser constantemente reproduzido no relacionamento com os outros. A masculinidade é parte de um binário e requer o seu oposto, uma vez que, na ausência de feminilidade, masculinidade não teria sentido. Grande parte do trabalho duro dos parceiros não-trans é direcionado para a construção da masculinidade dos seus parceiros, fisicamente, através de realizar injeções de hormônios e, simbolicamente, por feminilização para enfatizar a diferença entre os gêneros.

Exponentes de estudos queer e transgêneros geralmente argumentam que transgêneros desafiam e transgridem as normas de gênero e as regras de relações heteronormativas. Em um artigo sobre o quão desafiador estilos de vida transgêneros são, os autores argumentam, "As experiências e percepções dos

indivíduos transgêneros fundamentalmente desafiam crenças normativas e idéias teóricas sobre a natureza dos papéis de gênero, identidade de gênero e orientação sexual de sociedade" (Nagoshi *et al.*, 2012:406). Tal pesquisa é geralmente curta em detalhes de exatamente como isso ocorre. Pesquisas que estudam as relações que transgêneros realmente têm, não confirma a transgressividade muito alardeada da prática em tudo, com um estudo das relações de transgêneros constatadas de que "os participantes foram fortemente influenciados por discursos heteronormativos" (Iantaffi e Bockting, 2011). Isto foi encontrado para ser o caso nas relações que transgêneros de corpos femininos tem com as mulheres, também, e isso é desconcertante, uma vez que a investigação sobre o serviço de limpeza nas relações lésbicas, onde nenhum das parceiras fez a transição, por exemplo, mostra algo bastante diferente, uma igual divisão de trabalho (Dunne, 2000; Kurdek, 2007; Solomon *et al.*, 2005). Quando lésbicas transicionam esta igualdade desaparece, e um tema comum de investigação em seus relacionamentos é que elas procuram espelhar os heterossexuais de muitas maneiras (Brown, 2009). Transgenerismo restabelece a desigualdade nas relações entre as mulheres. Como vimos no capítulo anterior, as esposas dos homens que transicionam também se encontram sobrecarregados com novas formas de trabalho doméstico e com a criação e manutenção de seus parceiros "novo" gênero ". Em ambos os casos, são as parceiras que são esperadas para assumir esses encargos.

Uma das dimensões heteronormativas é o ônus de construção de relacionamento e manutenção que nos relacionamentos heterossexuais repousa sobre a parceira (Kamo, 2000). A pesquisa de Pfeffer, no qual ela entrevistou os parceiros não trans, encontrou esse padrão também referindo-se às mulheres nas relações com transgêneros de corpos femininos (2010). Ela descobriu que a história das parceiras não em transição 'ressoam' com casais heterossexuais em que eles executam as tarefas domésticas tradicionais, bem como o trabalho emocional, assim como as donas de casa heterossexuais são esperadas para fazer. É importante ressaltar que o parceiro não-trans assume o fardo de sustentar e permite que o parceiro aspirante enquanto ela passa pelo processo de transição. Os participantes comumente relatam 'divisões desiguais, trabalho doméstico estereotipado de gênero entre elas e seus parceiros, homens trans' (Pfeffer, 2010:173). Uma mulher, quando perguntada como parte de sua vida é

composta em 'cuidar de seu parceiro e questões relacionadas com a transição', disse, 'cerca de 70% da minha vida. Que está escalado para trás do que era' (Pfeffer, 2010:174). Ela mantém a casa, faz quantidades "maciças" do "trabalho próprio - o trabalho da escola" de seu parceiro, bem como "uma enorme quantidade de tempo emocional gasto no processamento de transição, família, frustrações de todo o processo de transição"; enquanto isso sua própria tese foi negligenciada.

As parceiras de transgêneros de corpos femininos encontraram-se engajadas em um trabalho exaustivo emocional, não só em termos de apoiar o seu parceiro através de transição, mas também lidar com a comunicação dentro do relacionamento e gestão de questões familiares e comunitários. Um problema que era comum entre os parceiros foi um que apresenta fortemente em insatisfações das mulheres heterossexuais com os seus parceiros masculinos, a incapacidade dos parceiros transgêneros de se comunicar. Os parceiros trans simplesmente não falam, em particular sobre os problemas de transição, e eles foram, como uma mulher expressa, 'desajeitados' sobre sentimentos. Uma mulher no estudo de Pfeffer descreveu seu parceiro como esquecido e confuso e não ser capaz de cuidar de "si mesmo", e disse que era por isso que ela cumpriu este papel. Como comenta Pfeffer, 'Essas narrativas eram bastante semelhantes àquelas oferecidas por mulheres parceiras de homens não trans' (Pfeffer, 2010:175).

Uma tarefa árdua que as mulheres se comprometeram era a assistência médica de seus parceiros assim que eles transicionaram. Isto incluiu "apoio emocional, advocacia, administração bimestral de testosterona" (ibid.). Além disso, Pfeffer assinala, este trabalho é susceptível de ser interminável desde a "transição deve ser considerada um processo iterativo, relacional, e ao longo da vida" (ibid.). Os parceiros não-trans eram esperados para encontrar médicos simpatizantes, fazer nomeações, monitorar o tratamento. Em relação às cirurgias brutais envolvidas na transição, cuidados pessoais dos parceiros transgêneros podem ser muito perturbadoras. Não envolveu apenas 24 horas de cuidados para o paciente após a cirurgia, mas o cuidado de feridas graves após a cirurgia 'top', por exemplo. Como um parceiro comentou: "Eu fico meio enjoado e coisas e eu me lembro do cheiro sendo muito intenso" (Pfeffer, 2010:177). Como Pfeffer coloca, os parceiros servem como "defensores não remunerados e sem

treinamento pessoal de cuidados médicos e de saúde, terapeutas, assistentes, e enfermeiras" (Pfeffer, 2010:179). Também tinham de organizar as finanças para as cirurgias, "poupando, levantando, e contribuindo com fundos para os procedimentos de transição relacionada com" (ibid.).

### **Os relacionamentos abusivos**

Outra maneira em que as relações que incluem um transgênero de corpos femininos podem replicar padrões heteronormativos é o abuso psicológico e a violência física que são exercidas por algumas das parceiras em transição. Nenhuma pesquisa examinou especificamente este problema, mas Nicola Brown, durante a realização de entrevistas com parceiras de transgêneros que não fazem perguntas sobre violência ou abuso, descobriu que cinco de seus vinte participantes espontaneamente trouxe o problema (Brown, 2007). Os tipos de abuso de suas parceiras relatadas incluíram manipulação, abuso emocional e verbal, xingamentos e humilhações humilhantes. Mais abusos agravados incluem um parceiro trans que frequentemente manteve sua parceira em um estado de privação de sono, perfurando paredes, destruindo seus bens e jogando objetos. Controlando o comportamento incluiu repetidas violações das regras acordadas em um relacionamento não-monogâmico e não sendo permitido iniciar o sexo. Dois dos cinco foram manipulados para apoiar financeiramente o seu parceiro transgênero. Formas similares de abusos foram perpetrados contra os participantes em o estudo de Wheeler e Joslin-Roher (2009), onde um dos parceiros, em particular, teve de assumir toda a responsabilidade financeira de ambos, quando seu parceiro transgênero não poderia encontrar trabalho.

Uma forma de coerção é bastante específica para relações nas quais existem parceiros trans, e consiste na utilização do status de vítima do transgênero para estabelecer o controle. Em tais relacionamentos as parceiras trans abusivas utilizam uma forma de chantagem, envolvendo ameaças de expor a parceira não compatível como 'transfóbico' de forma semelhante aos parceiros trans de corpos masculinos no capítulo anterior. Brown descobriu que os abusadores transgênero usavam o "status trans e/ou discursos políticos" contra os parceiros. Parceiros não-trans podem ser controlados por acusações de transfobia caso não se comportem de forma apoiadora, incluindo a ser

financeiramente favorável: "Eu passei tanto tempo a pagar por seu trabalho de sangue e sua testosterona, que ele precisava e se eu não pagasse... Eu era uma má namorada, eu não era favorável a ele, e depois eu me tornei "anti-trans" (Brown, 2007:380). Há evidências crescentes de que as acusações de 'transfobia' pode ser usado por transgêneros de corpos femininos a fim de desacreditar preocupações legítimas de suas parceiras e as culpabilizam à obediência. Uma citação no blog de Elspeth Brown sobre sua pesquisa em relacionamentos em que uma mulher é trans indica a ubiquidade das acusações. Ela explica que ela estava passando por suas entrevistas e que o problema de um parceiro que está sendo chamada transfóbico surgiu 'mais uma vez'. Suas entrevistadas afirmam, "Eu fui chamado de transfóbica tantas vezes que eu não posso nem contar" (Brown, Elspeth, 2011).

As mulheres sofreram dificuldades particulares em reconhecer ou protestando contra o abuso quando em relações com parceiros trans. Isso aconteceu porque a ideologia do transgenerismo os tinha treinado para ver os seus parceiros como vítimas de modo que não poderiam também ser visto como abusivos ou, se fossem, isso poderia ser justificado como um resultado compreensível de sua condição oprimida (Brown, 2007:377). Como Nicola Brown explica,

A visão de que os parceiros transexuais eram "mais oprimidas", como consequência da sua transexual... status... parecia impedir que os participantes de pensar que eles poderiam ser abusivo porque contradizia o modelo dominante da violência, onde o parceiro abusivo é a pessoa com mais poder social. (Ibid.)

Uma entrevistada explicou que ela tomou o abuso emocional que ela não teria tolerado a partir de um homem ou uma mulher e passou um monte de tempo,

se educando sobre a *sua* 'opressão' e pensando 'ele' [como] tão impotente em um sentido social que não haveria nenhuma maneira que ele poderia ter energia suficiente para ser abusivo [e seu parceiro] usou suas várias identidades - trans, inclusive - para reforçar o mito para mim. (Ibid.)

Outra entrevistada disse que, embora ela pensasse que algum comportamento era "injusto" havia algo sobre o fato de que ele era trans que me deixou pensar, "Ok, talvez isso é bom" (Brown, 2007:378).



As transgêneros abusivas usavam seu transgênerismo como uma desculpa para sua violência, por exemplo, um pedido de desculpas para a violência pode incluir uma razão dada como "bem, é porque alguém me chamou de "ela" hoje" (Brown, 2007:379) como se isso justificasse sua violência ou comportamento abusivo em relação a sua parceira. As abusadoras colocam a culpa nas vítimas, citando os seus defeitos como não sendo amorosas o suficiente, não sendo de suporte suficiente, não sendo femme o suficiente, e outros solecismos. Então, como as mulheres heterossexuais em relacionamentos abusivos, as parceiras abusadas no estudo de Brown sentiram como se estivessem "andando em cascas de ovos" (Brown, 2007:377) e estavam em um constante estado de consciência. Nenhuma delas relatou o abuso à polícia, nem disseram a famílias ou amigos; Além disso, elas culpam a si mesmas para o abuso e não foi até seus relacionamentos terminarem que elas falaram sobre isso.

Outra forma de abuso era denegrir as lésbicas e mulheres que algumas transgêneros de corpos femininos se envolviam com. Parceiros não-trans foram vítimas de insultos hostis, simplesmente porque elas permaneceram membros da desprezada e subordinada casta sexual feminina. Uma das entrevistadas de Brown explicou: "Li também era propensa a fazer o divertimento do comportamento feminino estereotipado. Ele chamaria meninas irreverentes ou estúpidas ou fazer observações sobre os corpos das mulheres. Ele era suspeito de mulheres: as mulheres foram definitivamente algo diferente do que ele era. Ele constantemente fazia distinções entre o "modo como as mulheres agem" e a maneira como ele age" (Brown, 2007:382). Este comportamento, apesar de angustiante para os parceiros, é previsível, uma vez que a idéia de gênero 'masculino' baseia-se na diferenciação e difamação do seu oposto, "feminino". Como Brown observa, tal comportamento pode refletir o sexismo no sentido de "uma identificação com a masculinidade dominante, misógino" ou um "processo de desidentificação" através da "desvalorização" do que é feminino. Da mesma forma, o parceiro trans é provável querer dissociar tanto quanto possível a partir de uma identidade lésbica anterior, que põe em causa a autenticidade da sua transição. Expressão injuriosa que denigrem lésbicas podem ser particularmente prejudicial para as parceiras que se viam como lésbicas em um relacionamento lésbico antes de seu parceiro escolher mudar as regras do jogo. O informante de

Elspeth Brown descreve um contexto em que esse abuso anti-lésbica ocorreu e como perturbador que era:

Eu tive uma briga gigante com meu ex, que é um cara trans ... e eu disse algo como: "Você nunca sente falta de ser uma lésbica." Ele estava tão ofendido, ele disse "Eu nunca fui lésbica". Mas ele disse lésbica como se fosse a coisa mais maligna... Eu não aceitei isso. E isso não me faz transfóbica. (Brown, Elspeth, 2011)

### **Endireitando (se tornando heterossexual)**

Parceiros não-trans que se entendem para estar em relações lésbicas antes de suas parceiras transicionassem são prejudicadas por serem obrigadas a abandonar a sua por vezes difícil ganhadas, identidades lésbicas e as comunidades de lésbicas que têm sido o seu apoio, a fim de se identificarem como heterossexuais a mando de seus amantes. A pesquisa de Brown (Brown, 2009; 2010) não mostra parceiros trans refletirem e negociar suas identidades. Dos vinte participantes em seu estudo, doze identificadas como lésbicas antes da transição de seu parceiro, cinco como queer e três como bissexual. Após a transição de seus parceiros, apenas quatro identificadas como lésbicas, doze tinham mudado a sua auto-identificação queer, dois identificados como bissexuais e dois não designam uma identidade, referindo-se a si mesmos como "aberto ou fluido" (Brown, 2009). Dos vinte participantes (2008) estudo da imagem corporal de parceiros de transgêneros de corpos femininos de Pfeffer, apenas sete se identificaram como uma lésbica ou sapatão. Nenhum dos participantes em Pfeffer de (2010) trabalham em cinquenta casais, dos quais 30% estavam em uma relação lésbica antes da transição FTM, identificaram sua relação como lésbica depois.

Uma das participantes de Brown explicou que pensou em si mesma como uma lésbica, mas que ela estava ciente de que publicamente ela é vista como uma mulher heterossexual ou bissexual (Brown, 2009). Ela se considera estar em um "lugar estranho e desconfortável", porque se ela se opôr à maneira como ela é vista e chamar-se uma lésbica, ela estaria efetivamente expondo seu parceiro como transgênero (Brown, 2009:67). Ela concluiu que ela estava vivendo em uma "espécie de terra de ninguém em termos de identidade" (Brown, 2009:70). Um dos participantes do Pfeffer falou de estar inseguro sobre como se

identificar aos outros (Pfeffer, 2010). Ela havia se identificado previamente como uma lésbica, mas agora não sabe se identificar como lésbica ou uma mulher heterossexual, e sente que ela está comprometendo seu parceiro trans se ela se autodenominar uma lésbica. Identificar-se como uma lésbica era impensável para alguns parceiros não-trans como os seus parceiros transgênero tinha começado a identificar os homens. Reter suas identidades lésbicas anteriores iria perturbar o mito cuidadosamente construída que seus parceiros tinham realmente se tornado "homens". Como parceiros não-trans adaptados para serem heterossexualizados por ações de seus parceiros perderam suas comunidades também, sentindo que elas devem deixar o grupo de lésbicas em que tinham encontrado apoio, por exemplo. O conflito entre apego à comunidade e apego aos seus parceiros causou a elas e suas relações uma grande dose de angústia (Brown, 2009). A identificação com a comunidade lésbica era importante para as parceiras não-trans no estudo de Wheeler também (2009). Ser parte de uma comunidade foi uma maneira para elas entenderem-se e ser compreendidas pelos outros; deu-lhes um ideal político e interação dentro da comunidade era uma maneira de conhecer outras pessoas como elas. Mas, ironicamente, enquanto os transgêneros de corpos femininos muitas vezes ficaram dentro e tinha uma casa na comunidade lésbica, as parceiras não-trans descobriram que elas não tinham lugar.

Transgenerismo cria uma barreira entre as mulheres que antes eram ambas parte da mesma comunidade lésbica. A realização da diferença de 'gênero' significa que os casais podem acabar com nenhuma comunidade aceitando ambos, como os transgêneros de corpos femininos criam sua própria comunidade, que não aceita parceiras não-trans, e a comunidade lésbica não pode aceitar qualquer das partes, uma vez que elas abandonaram a lesbianidade ou mudado sua identidade para heterossexual (Cook-Daniels, 1998b:7). Um grande deslocamento assume o lugar do sentimento de irmandade e da comunidade que o feminismo e feminismo lésbico procuraram criar.

O trauma de ter que mudar a sua identidade sexual de lésbica para heterossexual pode ser particularmente preocupante para aquelas que, como Loree Cook-Daniels, que foram muito envolvida no ativismo lésbico, lutando por reconhecimento e disposição especificamente para lésbicas (Cook-Daniels, 1998b). Cook-Daniels era um ativista lésbica de dezoito anos de idade, quando

ela criou um grupo de jovens gays e continuou a organizar marchas e ações após ter conhecido seu parceiro, Marcelle, que anunciou que queria transgênero. Cook-Daniels diz que impediu seu parceiro de transicionar porque ela queria preservar a identidade lésbica que era tão importante para ela. Depois de sua "eventual decisão de parar de bloquear o sonho de Marcelle", ela abandonou seu ativismo lésbico em favor de se tornar uma das primeiras a fazer campanha em torno das questões de "Parceiras-lésbicas-de-FTMs", e disse que ela foi "demitida" por "arrependimento pelo meu pecado contra Marcelle em retardar sua transição (1998b:2). Marcelle depois cometeu suicídio (1998b). A mudança nas prioridades Cook-Daniels 'é um bom exemplo da forma como transgenerismo pode inviabilizar a política de lésbicas e feministas. Ela é notavelmente franco sobre a exclusão e difamação que as parceiros não-trans recebem das mãos da comunidade de desenvolvimento de transgêneros de corpos femininos na década de 1990. Quando ela participou da segunda Conferência FTM das Américas, diz ela, ela estava "chocada com a forma como as parceiros foram tratadas" (1998:2). Elas foram excluídas, rebaixadas ou ignoradas e vistas como "maria vai com as outras" (1998 b:3). Ela descobriu que, apesar de seu longo histórico de realizações ativista, a transição de Marcelle "me relegou a uma espécie de "auxiliar de damas" (ibid.). Ela foi acusada de uma série de transgressões e atacada como lésbica: "Eu estava preparada para a raiva e ódio de muitos manifestaram sobre lésbicas, uma categoria de pessoas que eu aparentemente personifico" (1998 b:4). Ela teve que lutar por um lugar no seio da comunidade transgênero sem ser, como ela dizia, 'atirada a' (1998 b:8).

Em um artigo sobre a situação de lésbicas com parceiros trans, Cook-Daniels cita mulheres falando de sua dor por ter perdido a comunidade lésbica, o que, em alguns casos, haviam desempenhado um papel fundamental na sua construção (Cook-Daniels, 1998a). Uma explica que ela sente falta de ser capaz de ir a clubes e eventos lésbicas, mas não se sente capaz de ir, "se o evento é exclusivamente para as lésbicas, eu não vou... Eu trabalhei por muitos anos para criar um espaço para as lésbicas se sentirem seguras e livres para se expressar" (1998a:4). Esta mulher, como ela mesma Cook-Daniels, esforçou-se como ativista para colocar em ordem recursos para aliviar a discriminação e a violência contra lésbicas, apenas para encontrar-se ofuscada nas estacas de opressão.

Os parceiros transgêneros agora obrigam a publicidade, afirmando ser um grupo mais oprimido do que as lésbicas e as parceiros lésbicas foram endireitado-se (se tornando heterossexuais).

### **Imagem corporal**

Quando uma lésbica transiciona, ela cria problemas tanto para sua própria imagem corporal quanto para a da sua parceira. O corpo feminino e a biologia da parceira trans constituem profundos perigos para negociar se a idéia de que ela subiu para a vida como um homem é para ser acreditado contra todas as probabilidades. As parceiras trans podem menstruar, por exemplo, que é um pouco a antítese da masculinidade como comumente entendida. Uma das lésbicas falou no artigo Cook-Daniels sobre parceiras lésbicas explica que, em seu relacionamento, a nova linguagem teve que ser criado para explicar essa anomalia, que foi descrito como "semana da dissonância cognitiva (seu termo para essa época do mês quando ele tem que usar "proteção masculina")" (1998a:5). Outros parceiros explicam que, para evitar qualquer associação com a sua lesbianidade anterior, os parceiros trans proíbem práticas sexuais específicas, diferentes em cada caso, que eles vêem como especificamente 'lésbicos'. Um descreve isto da seguinte maneira: "alguns FTMs sentem que usae as mãos é muito lésbico codificado, assim como certos aspectos do sexo oral" (1998a:5).

Os problemas de imagem corporal graves de transgêneros de corpos femininos são um tema comum em contas por ambos os parceiros trans e não-trans e são caracterizados por uma forte aversão de quaisquer partes de seus corpos que os lembram de que eram mulheres, como seios, quadris e gordura corporal (Brown, 2010; Pfeffer, 2008). Por exemplo, um transgênero que se refere aos seios como uma deformidade, que se golpeou várias vezes com raiva e frustração, e outras palavras, como a tortura e a peste usado para se referir aos seios. A menstruação foi referida como horrível e repugnante (Pfeffer, 2008:329). Estes problemas têm um efeito nocivo sobre parceiros não-trans também, e um participante no estudo de Pfeffer disse que se sentia menos orgulhoso de suas próprias curvas femininas, como resultado de difamação de seu parceiro trans do corpo feminino, e ela sentiu que se ela ganhasse peso não seria agradável a sua parceira (Pfeffer, 2008:342).

Outro problema para as parceiras não-trans era de que elas poderiam ser obrigadas a feminizar-se, a fim de criar um contraste com, e, portanto, reforçar, a masculinidade do seu parceiro trans. Parceiros no estudo de Pfeffer (2008) relatou fazer esforços extras para aparecer feminino, por exemplo, raspar as pernas e axilas, crescendo cabelo mais longo, vestindo roupas mais femininas e na cor rosa, e agir de forma 'feminina' (Pfeffer, 2008:338). Um transgênero de corpo feminino, quando reconhecida como uma mulher em público, tornava a sua parceira e a culpava por não ser feminina o suficiente, olhar muito parecido com uma suspeita lésbica e, portanto, causando que o parceiro trans não fosse realmente um homem, mas uma lésbica apesar de tudo (Pfeffer, 2008:340). Neste caso, a parceira não-trans sentia-se ressentida: "Eu estava muito chateada com isso... como esta foi a sua transição e por que eu tenho que mudar quem eu sou só assim ele poderia ser feliz com quem ele é" (ibid.). No entanto, ela disse que ela chegou à conclusão de que ela precisava fazer isso por 'ele'.

A transição causou problemas para o lado sexual de relacionamentos. Alguns parceiros descobriram que foram afetados pela insatisfação de que seus parceiros trans sentiam com os seus próprios corpos femininos, e começaram a questionar a sua própria atratividade. Uma mulher disse: "Eu me senti totalmente indesejável - totalmente desocupada de qualquer tipo de capacidade de gerar qualquer desejo sexual em meu parceiro" (Pfeffer, 2008:336). Seu sentimento não foi ajudado devido a acusação de seu parceiro trans que ela não estava fazendo-se desejável, sem ser capaz de dizer o que ela deveria fazer. Parceiros trans poderiam ir tão longe para aliviar sua própria disforia de corpo que isto teve um impacto muito negativo sobre a prática sexual. Um transgênero de corpo feminino, por exemplo, não iria se despir completamente durante o ato sexual, em particular, mantendo os seios cobertos, e não permitia que o toque fosse recíproco, em que sua parceira disse foi "louco para mim. Eu ainda queria tocá-lo [sic] o tempo todo" (Brown, 2010: 567).

Parceiras não-trans tem que negociar o problema de diminuir a atração por seus parceiros quando seus corpos passam por mudanças profundas - muitas vezes envolvendo a extirpação das características - tais como seios, curvas e suavidade - que tinha sido o próprio fundamento do erotismo e desejo. Cinco dos doze parceiras que se identificam como lésbicas no estudo de Brown

(2010) tinham medo de que mudanças físicas do seu parceiro FTM iria diminuir o seu desejo sexual por seus parceiros após a transição. Elas experimentaram sofrimento quando seus parceiros desenvolveram um ódio por partes de seus corpos associados com a feminilidade. Uma mulher no escritório de Brown disse que amava os seios de sua parceira, mas "ele" odiava, outra se opunha a seu amante a passar por faloplastia e outra disse que sentiu que é difícil ser atraídos por 'ele' quando ele começou a parecer cada vez mais como um homem (Brown 2010). Uma entrevistada encontrou na não-monogamia ser uma solução enquanto ela poderia continuar a ter relações sexuais com outras ao invés de seu parceiro trans.

Um problema bastante distinto para as relações sexuais foi a de que o parceiro trans tornou-se mais masculino e isso poderia desencadear memórias de abuso sexual na parceira não-trans. Quatro dos parceiros do estudo de Brown (2010) relataram histórias de abuso sexual por homens. Experimentando a masculinização do seu parceiro trouxe memórias traumáticas à tona e se sentiam cada vez mais inseguras enquanto os seus parceiros gradualmente assumiam a aparência dos seus responsáveis. Elas descobriram que, sentindo o cabelo facial e corporal e o cheiro de suor de seu parceiro despertou medo nelas, de modo que elas tinham que criar sinais que significava diminuir ou parar as atividades sexuais, a fim de lidar com isso.

## **Conclusão**

Embora existam alguns benefícios aparentes para as mulheres individuais que transicionam, os danos são consideráveis, em termos de não só a sua saúde a longo prazo físico, mas também o que ele faz aos seus parceiros, para as comunidades de lésbicas e ao feminismo. A tolerância e até mesmo celebração da prática no seio das comunidades lésbicas, e até mesmo dentro da academia feminista, é difícil de entender. O dano menos bem reconhecido é o feminismo em si. o status das mulheres é prejudicada pela existência de transgenerismo, porque onde uma vez feministas simplesmente foram acusados de querer serem homens, se eles manifestaram a sua indignação com a desigualdade, eles podem agora ser conjurado para realmente tornar-se "homens". Transgenerismo pode agir como uma válvula de segurança para a indignação das mulheres. Em vez de trabalhar em conjunto para criar mudança social, elas podem optar por

alterar apenas a si mesmos, embora com consequências consideráveis para os outros, e pode procuram escapar um por um. Enquanto isso, a atração desta forma de fuga depende de manter o status das mulheres restantes baixa, caso contrário não haveria nenhum incentivo para a escalada social. É importante que as feministas e lésbicas se oponham à normalização da transgeneração das mulheres, a fim de estancar as feridas que a prática está a infligir sobre os corpos individuais de lésbicas e no corpo político lésbico.

## 6

### **EUGENIA DE GÊNERO**

A transgeneração de crianças

A transgeneração de crianças é um dos danos sociais mais preocupantes que resultaram da integração da transgenerismo. Embora esta prática seja cada vez mais normalizada através de clínicas dedicadas à transgeneração de crianças em grandes cidades como Melbourne e Toronto, há uma ausência de mídia ou crítica acadêmica. Defendo que é da natureza problemática pode ser melhor compreendido através de fazer ligações com a prática da eugenia. A prática de cirurgias sexuais eugênicas empregadas (Largent, 2008) e tratamentos com drogas para modificar o comportamento “inadequado” no início do século XX, e aconselhamento familiar em meados do século (Stern, 2005), para regular o sexo e gênero. Atualmente, a crianças a partir dos dez anos na Austrália, com a conivência do Tribunal de Família, estão sendo colocados na puberdade atrasando drogas, como resultado de serem diagnosticados com "transtorno de identidade de gênero", com a expectativa de que eles serão movidos para cruzada hormonas sexuais aos dezesseis anos e receber a cirurgia para amputar suas características sexuais aos dezoito anos (Jeffreys, de 2006; Owens, 2011). Embora a Austrália esteja na vanguarda desta prática, outros países estão a chegando perto disso. Na Alemanha, em 2009, um menino de dezesseis anos de idade teve seus órgãos genitais removidos para se tornar uma 'menina' (The Telegraph, 2009), e em abril de 2011, o governo do Reino Unido concordou em permitir uma experiência administrando puberdade atrasando drogas para crianças a partir do idade de doze anos (Alleyne, 2011). Esta prática esteriliza as crianças. Houve uma surpreendente ausência de literatura feminista crítica sobre o transgeneração das crianças, que neste capítulo procura remediar.



As cirurgias eugênicas sexuais e tratamentos com medicamentos do passado e a transgeneração das crianças no presente compartilham uma série de semelhanças, que será analisada aqui. A semelhança mais significativa reside no fato de um projeto de engenharia social está por trás de ambas as formas de prática. Ambas as práticas são baseadas na idéia de que certos comportamentos problemáticos têm uma base biológica e pode ser "curado" por meio de tratamentos que alteram e afetam características sexuais. Na primeira metade do século passado, um projeto de engenharia social teve lugar na Europa e América do Norte, que foi dirigido ao controle ou eliminação da subclasse econômica 'idiotas' – mulheres prostituídas, criminosos, aqueles considerados "ciganos" , aqueles vistos como moralmente deficientes, lésbicas e gays, tudo considerado o "impróprio" - através de esterilização (Dowbiggin, 1997; Lucassen, 2010). Atualmente, um regime de transgeneração de crianças quanto para adultos tem o efeito de eliminar a não-conformidade de gênero através de escorar um correto gênero e heterossexual estado e cidadania. A semelhança entre estas práticas está na origem das ideias para estes tratamentos, que vêm em ambos os casos de sexólogos ou cientistas de sexo, biólogos, endocrinologistas e psiquiatras. Outra semelhança está nas metas das cirurgias sexuais, lésbicas e gays foram alvo de eugenistas, e aqueles com orientações sexuais com o mesmo sexo são, na prática, o principal alvo das cirurgias sexuais de transgenerismo hoje. As práticas estão ligadas também na medida em que ambos estavam enquadrados por pessoas que tinham uma agenda de outra forma progressiva, como os sociólogos que muitas vezes eram socialistas, e algumas feministas. Isto é certamente verdade da prática de transgenerismo hoje, que tem sido apoiada por muitos na esquerda e muitas feministas, embora a questão da transgeneração das crianças não tem sido bastante observado por esses públicos ainda.

Neste capítulo, vou primeiro descrever a maneira pela qual a prática de transgeneração de crianças tem desenvolvido no presente, dando exemplos de como isto está a ter lugar a partir de casos no Tribunal de Família da Austrália. Esta é seguida por uma comparação entre a eugenia tradicional e a nova variedade em evidência na transgeneração de crianças.

## **A transgeneração de crianças**

A prática de transgeneração de crianças é uma consequência da crescente normalização da prática de transgeneração em adultos. Houve uma campanha para transgêneros crianças de dois círculos eleitorais, homens adultos que foram transicionados, e alguns cientistas sexuais, principalmente endocrinologistas. A demanda para a intervenção precoce e tratamento de crianças identificadas como 'transgêneros' foi liderada por organizações dedicadas aos direitos daqueles que foram transgêneros, como a Investigação e Sociedade da Educação de identidade de gênero (Gires) no Reino Unido, e transativistas influentes de blog tais como Laura de Laura's Playground (Laura, sd). Estes ativistas transgêneros de corpos masculinos geralmente transicionados mais tarde na vida, de seus quarenta anos em diante. Isto significava que se passar como mulheres era difícil para eles devido à sua estrutura óssea do sexo masculino e altura. Eles argumentam que a intervenção precoce é vital para evitar que eles sejam vistos como filhos transgêneros de experimentar a puberdade e as mudanças físicas decorrentes que irão fazer a transição mais difícil mais tarde, e necessitam de cirurgias caras e mais complexas para alcançar um simulacro convincente do sexo desejado. Um exemplo deste trabalho de campanha é o "Simpósio Internacional" que Gires, juntamente com Mermaids, o grupo de apoio para o pessoas que transicionaram, correu em 2005 para combater a resistência significativa de dentro da profissão médica para a idéia de tratar as crianças. O simpósio foi para "médicos ... que cuidam de crianças e jovens que sofrem variação de gênero", e Gires e Mermaids "permanecem em estreito contato com estes profissionais" (Departamento de Saúde, 2008). Uma forma precisamente semelhante de campanha de mobilizar os serviços da profissão médica foi empregada pela Fundação Erikson em nome dos transexuais adultos de 30 anos antes (Billings e Urban, 198). A campanha internacional liderada por Gires alcançou um grande sucesso com a publicação em 2009 de um projeto de orientações da Sociedade de Endocrinologia, que recomendam que as crianças identificadas como 'transgêneros' tão jovem quanto doze deve ser dada medicação para atrasar a puberdade (Sociedade de Endocrinologia, 2009). As recomendações são em grande parte com base na experiência de uma clínica na Holanda que tem prescrito bloqueadores de puberdade por algum tempo para aqueles com menos de dezesseis anos. As diretrizes recomendam que "os adolescentes que cumprem critérios de

elegibilidade e de prontidão para mudança de gênero inicialmente submetido a um tratamento para suprimir o desenvolvimento puberal. Eles "sugerem" que "o desenvolvimento puberal do sexo oposto desejado, em frente se inicia por volta da idade de 16 anos, usando uma dose gradual aumentada de esteróides cross-sexo" (Sociedade de Endocrinologia, 2009:4). Eles recomendam referindo-se as crianças para a cirurgia quando tiverem completado uma "experiência de vida real" de viver como o sexo desejado, mas "sugerem" que a cirurgia deve ser adiada até que a criança tenha "pelo menos 18 anos de idade".

Pressão para tratar crianças com drogas para atrasar a puberdade também é proveniente de alguns dos profissionais em clínicas de identidade de gênero. Norman Spack, por exemplo, endocrinologista e co-diretor do DSD (Distúrbios da Diferenciação Sexual) Clínica do Hospital Infantil de Boston, expressa um entusiasmo bastante impróprio por ser capaz de realizar tal tratamento:

Sim, nós permanecemos em uma encruzilhada, salivando a perspectiva de aplicação do protocolo da Holanda para a supressão da puberdade, mas sem permissão de seguradoras de saúde para pagar as drogas ou a pressão das comunidades médicas e de saúde mental para exigí-lo. O nível de frustração dos pais está aumentando alimentada pelo conhecimento do que poderia ser feito. (Spack, 2008: xi)

Spack sabe o que pode ser feito e quer mais liberdade para tratar as crianças da maneira que considera necessário. Ele é um dos autores das Diretrizes da Sociedade de Endocrinologia 2009 que recomenda tratamento de atraso a puberdade através de drogas para as crianças. Outro especialista na clínica de Spack, "um endocrinologista pediátrica", foi acusado em setembro de 2012 com o recebimento de uma grande quantidade de pornografia infantil (Herald Pessoal, 2012). O promotor disse que o governo planeja mostrar que este homem "parecia ter um interesse sexual em crianças dedicada, voltando várias décadas. Com base nesses fatores, acreditamos que o réu seja um perigo para a comunidade. "Aqueles que se envolvem em transgeneração de crianças podem necessitar de uma maior fiscalização quanto às suas motivações e suas competências.

Como a campanha por lobistas e cientistas do sexo para crianças transgêneros tem alcançado sucesso crescente, tem ocorrido um surgimento de ONGs on-line para apoiar os pais de crianças 'transgêneros', e a publicação de

livros de conselhos. A prática de transgeneração de crianças está sendo normalizado por livros de psicólogos que fazem uma vida de identificar e tratar as crianças como 'transgêneros'. Uma delas dos Estados Unidos é um "manual", A Criança Transgênero, escrito por Stephanie Brill e Rachel Pepper, que aconselha os pais sobre como reconhecer que uma criança é "transgênero", para que eles possam receber ajuda profissional (Brill e Pepper, 2008). Stephanie Brill, que se descreve como um membro da "butch / comunidade trans" (São João, 2010), é um "educador de gênero" e fundador da Formação do Espectro de Gênero e Educação (Espectro de Gênero, nd), que oferece suporte para pais de "variante de gênero" crianças e oferece programas de treinamento de gênero para as escolas. Rachel Pepper é descrita na capa do livro como uma terapeuta especializada em 'clientes transgêneros e variantes de gênero'. Um número de organizações criadas para atender as famílias de crianças 'transgêneros' dispõem conselhos semelhantes em seus sites, como Trans Juventude Família Aliados (TYFA, n.d.) nos Estados Unidos. Um membro do conselho de TYFA, Andrea James, é o homem que postou fotos dos filhos do sexólogo Michael Bailey na internet com legendas pornográficas (Dreger, 2008). Não deveria, talvez, ser um ponto de interrogação sobre a adequação de tais homens para aconselhar sobre como tratar crianças com mais de uma questão tão importante como a sua saúde futura e fertilidade.

Os pais são convidados a identificar seus filhos como 'transgêneros', muitas vezes em idades muito jovens. Brill e Pepper dizem aos pais que sua primeira visão sobre transgênero de seu filho estará em dezoito meses:

Quando as primeiras palavras aos 18 meses de idade da menina são "eu garoto", ou o seu filho de 2 anos de idade, insiste que ele é uma menina, e essas respostas não vacilam ou mudar ao longo dos próximos anos, você pode ter certeza que você tem um filho transgênero. (Brill e Pepper, 2008:2)

Os pais são aconselhados a estarem atentos para questões como se seus filhos selecionam as roupas de baixo adequadas, por exemplo, o menino não deve escolher aqueles com flores. O tom desses recursos publicados e on-line é coercitivo, como pais e profissionais são informados de que o tratamento de transgeneração de crianças é a única maneira responsável para a frente, que é

justo, e que isso pode ser a única maneira de proteger as crianças de auto mutilação e suicídio.

Um dos autores do manual, Rachel Pepper, posteriormente editou uma coleção de histórias das mães de crianças transgêneros (Pepper (ed.), 2012), que representa as mães que identificam seus filhos como transgêneros em idades extremamente jovens como valente e progressivo. Em um caso, uma mãe relata que ela identificou seu filho menino como uma menina porque, "pelo tempo que ele tinha dois anos, ele se recusou a brincar com brinquedos de meninos" (Pepper, 2012:87). Ela o levou para a Clínica Tavistock aos seis anos de idade, a fim de ser informado de que ele tinha "transtorno de identidade de gênero". Esta mãe chama o endocrinologista, Norman Spack, seu "salvador". Outra mãe notou algo "diferente" sobre Alic "quando ele estava com três ou quatro anos ele me viu costurar e, literalmente, gritou: "Nada de pinafores, Mãe, por favor!" (Pepper, 2012:109). Outra mãe identificou sua filha como transgênero em seu primeiro aniversário, quando ela cortou o vestido de festa com um par de tesouras (Pepper, 2012:61). Isso representa uma notável piedosa, e insensível, aplicação de restrições aos papéis sexuais por mães, tudo sob o pretexto de permitir que as crianças para ser o "gênero" que realmente são.

GIRES foi tão bem sucedido em obter o apoio da profissão médica para as suas opções de tratamento preferenciais que era capaz de desempenhar um papel importante no desenvolvimento das orientações sobre os cuidados médicos para as pessoas que pretendem ser transgêneros, que foram publicados em uma série de panfletos pelo NHS do Reino Unido em 2008. A série inclui cuidados médicos para "crianças e jovens variantes de gênero" (Departamento de Saúde, 2008). Isso fornece uma visão útil para as ideias que os médicos estão agora aconselhados a adotar. O panfleto NHS explica que variação de gênero em crianças podem ser identificados por meninos dizendo "eles querem ser meninas, ou que eles realmente são meninas e meninas que desejam ser meninos (Departamento de Saúde, 2008:4). O panfleto afirma que "variação de gênero" na sua forma "severa" é "biologicamente acionado", "pequenas partes de progresso do cérebro do bebê por um caminho diferente do sexo do resto do seu corpo" (Departamento de Saúde, 2008:5). Na verdade pesquisas que sugerem que os comportamentos comumente associados com a diferença 'gênero' são biológicos é muito preso no chão e, provavelmente, tão

falho como todas as formas de pesquisa do cérebro estão em provar que as diferenças de gênero estão inscritas na natureza e não-alimentar (Fine, 2010).

Como os manuais e recursos on-line emergentes dos Estados Unidos sobre a necessidade de transicionar crianças para o seu próprio bem, o panfleto NHS utiliza forte persuasão para os profissionais de saúde para aceitar a prática, sublinhando a extrema aflição que as crianças que se consideram 'transgêneros' experimentam na puberdade. O tratamento é justificado como uma maneira de evitar dificuldades com 'passar' na idade adulta: 'Os efeitos irreversíveis causar desvantagem ao longo da vida, porque muitas vezes tornam difícil, ou mesmo impossível 'passar', isto é, para parecer e soar completamente como uma pessoa de sexo oposto' (Departamento de Saúde, 2008:13). As ansiedades dos homens adultos que transicionaram são claramente revelados aqui, como o panfleto afirma que aqueles que não são transgêneros como crianças "podem ser lidos" na rua e, conseqüentemente, pode sofrer preconceito, perseguição, humilhação e até violência (Departamento de saúde, 2008:13). A linguagem de ser 'lido' é comum ao jargão dos homens que fazem cross-dressing, e seu uso sugere que as preocupações dos homens adultos que podem ter diferentes experiências e interesses estão a ser transferidos para as crianças, para os quais eles podem ser totalmente inapropriados.

### **Identificando as crianças 'transgênero'**

As crianças são diagnosticadas com transtorno de "identidade de gênero" como resultado de um comportamento socialmente inaceitável, especificamente o comportamento considerado inadequado para o sexo biológico da criança. Como tal, eu argumento a transgeneração das crianças deve ser entendido como um projeto de engenharia social que tem semelhanças com a prática de cirurgias sexuais que foram efetuados sobre as pessoas vistas como um comportamento socialmente inaceitável na era anterior da eugenia. No período anterior os comportamentos problemáticos incluídos pobreza crônica, a homossexualidade e criminalidade. Nesta seção vou ilustrar as práticas socialmente inaceitáveis 'de gênero das que conduzem ao diagnóstico de uma criança como tendo transtorno de identidade de gênero. Os médicos são confrontados com a dificuldade das crianças distintas que eles consideram ser "verdadeiramente" na necessidade de ser transgênero daqueles muitos que, como eles prontamente admitem, são

susceptíveis de ter preocupações sobre gênero, mas não deseja ser transgênero quando são adultos (Departamento de Saúde, 2008). O panfleto NHS não cria confiança no processo pelo qual isso é feito:

Como se aproxima a puberdade, as clínicas principais farão uma avaliação cuidadosa dos quais as crianças são quase certo para desenvolver adultos como transexuais e que é improvável que fazê-lo. No teste físico está disponível para detectar e medir variação de gênero que podem evoluir para disforia e transexualismo adulto. Assim, os clínicos devem confiar na própria conta do jovem de seu, ou seus sentimentos, ou a informação dos pais sobre a maneira como a criança fala e se comporta e em testes psicológicos. (Departamento de Saúde, 2008:17)

O principal indicador de que eles utilizam, porém, é provável que seja a resposta da criança para as mudanças físicas da puberdade precoce. Infelizmente, nos dias de hoje, a puberdade chega mais cedo para as crianças. A puberdade precoce é identificado pelo Hospital Infantil de Boston, que trata de crianças 'transgênero', como antes dos oito anos para as meninas e como antes nove anos de idade para meninos (Stafford, 2011). Se a lógica subjacente à transgeneração das crianças é aceita, então as crianças passam a ser identificadas e tratadas com medicamentos, mesmo antes destas idades, como o panfleto aconselha a intervenção precoce o suficiente para suspender mudanças físicas antes de começarem.

Os critérios do diagnóstico para "disforia de gênero" em crianças, anteriormente conhecido como "transtorno de identidade de gênero na infância", aparecem na nova edição, número 5, no *Manual Estatístico e Diagnóstico* dos Estados Unidos DSM) em 2013. Os critérios são baseados em estereótipos tradicionais de gênero que foram construídos para confinar e restringir o comportamento de meninas e justificar seu status inferior em diferentes sociedades. O comportamento dos meninos, por outro lado, é construído para justificar seu status superior. Crianças com disforia de gênero devem ter "um forte desejo de ser do sexo oposto ou uma insistência que ele ou ela é o outro gênero". Os indicadores que estão do "outro gênero" são:

em meninos, uma forte preferência por cross-dressing ou simular vestuário feminino; em meninas, uma forte preferência por vestir apenas roupas masculina típicas e uma forte resistência ao uso de vestuário típico feminino; uma forte preferência por papéis do de gênero no faz de

conta ou jogo de fantasia; uma forte preferência para os brinquedos, jogos ou atividades típicas do outro gênero; uma forte preferência por companheiros do outro gênero; em meninos, uma forte rejeição dos brinquedos tipicamente masculinos, jogos e atividades e uma forte prevenção de jogos áspero-e-queda; em meninas, uma forte rejeição de brinquedos tipicamente femininos, jogos e atividades. (Winters, 2011)

As crianças também devem ter "sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas de funcionamento". A maneira em que estes critérios de diagnóstico são aplicados prática podem ser determinado a partir das transcrições, das decisões tomadas pelo Tribunal de Família da Austrália nos casos em que foram aprovados puberdade atrasando medicamentos para crianças.

### **Exemplos da Austrália**

A Austrália está na vanguarda da transgeneração de crianças, o que é levado a cabo por ordem do Tribunal de Família e geralmente é solicitado pelos pais ou responsáveis pelas crianças. Quando a menina de treze anos chamada 'Alex' transicionou através do Tribunal de Família em 2004, foi cinco anos antes da Endocrine Society emitir as suas orientações sobre a prática (Vara de Família da Austrália, 2004; Jeffreys, 2006). A idade em que o tribunal se preparava para autorizar a prática, em seguida, começou a ir para baixo. Em 2008, uma menina de doze anos de idade, "Brodie", transicionou (Tribunal de Família, 2008). O filho mais novo em relação a quem foi feita uma tal ordem, em Abril de 2011, foi 'Jamie', que era um menino de dez anos de idade, e foi dito ter vivido como uma menina por três anos (Vara de Família da Austrália, 2011). Nos casos em tribunal as provas de psiquiatras, endocrinologistas, assistentes sociais e pais é usado para diagnosticar a criança como tendo a doença, a fim de iniciar o tratamento. O caso de 'Jamie' fornece um exemplo útil de como isso funciona. Jamie foi um dos meninos gêmeos de dez anos e dez meses de idade. De acordo no tribunal a transgeneração de Jamie era simples, porque ele foi identificado como "um jovem muito atraente, com longos cabelos loiros", isto é, ele conformou muito bem com estereótipos culturais do que uma menina deve ser semelhante (Vara de Família da Austrália, 2011, Razões para julgamento, 2). Os pais de Jamie deu as provas necessárias para provar que Jamie tinha o distúrbio, dizendo que ele



começou primeiramente a se identificar com o sexo feminino, quando ela (a transcrição usa pronomes femininos) por cerca de 2 ½ a 3 ½ anos de idade. Ela escolheu brinquedos designados ao sexo feminino, começou a se identificar com personagens femininas na televisão ou no cinema, e disse a sua mãe: "Mamãe, eu não quero um pênis, eu quero uma vagina." (Vara de Família da Austrália de 2011, Razões Julgamento, 12)

Ele também 'procurava a amizade com meninas' (Vara de Família da Austrália de 2011, as razões para julgamento, 14). Segundo sua mãe o 'momento decisivo' foi quando Jamie queria usar um 'vestido de baile' em uma excursão para ver Fantasma da Ópera (Vara de Família da Austrália de 2011, razões para julgamento, 17). Jamie foi levado para ver um psiquiatra em outubro de 2007, quando ele tinha sete anos, e foi diagnosticado como tendo transtorno de identidade de gênero em dezembro do mesmo ano.

Os peritos judiciais decidiram se a criança no caso diante deles está realizando gênero da forma adequada. Assim, a evidência para o sexo feminino de Jamie foi adquirida a partir do fato de que ele tinha a ambição de ser uma "estrela cantaro feminina pop" e executava com seu psiquiatra masculino em uma "forma muito feminina e criativa" (Vara de Família da Austrália de 2011:42). Um especialista explicou que Jamie parecia "de forma convincente do sexo feminino em todos os sentidos", apesar do fato de que ele tinha a genitália masculina típicas como um pênis normal e testículos. Seus cromossomos eram os de um homem típico' (Vara de Família da Austrália, 2011:50). Os argumentos usados como pressão moral para promover a transgeneração das crianças que vimos a partir de GIRES são produzidas no tribunal. Dr C disse que não havia tempo a perder em retardar a puberdade de Jamie, a fim de "evitar que o sofrimento psicológico que Jamie iria experimentar se puberdade masculina progredisse" (Vara de Família da Austrália, 2011:54). Jamie estava em perigo, Dr C disse, de "uma maior probabilidade de transtorno mental e dificuldades de comportamento, incluindo depressão e transtornos de ansiedade graves e risco de auto-mutilação" (Vara de Família da Austrália, 2011:63).

Quando os casos que envolvem a transgeneração de meninas são ouvidas no Tribunal de Família, os diagnósticos mudam os critérios para refletir estereótipos de como os rapazes devem se comportar. No caso de doze anos de idade, "Brodie", ela é descrita por sua mãe como sempre se comportando

de uma maneira que eu chamaria como um menino e ela gosta de se vestir como um menino e quando vamos fazer compras de roupas, (Brodie) vai sempre olhar para comprar roupas da seção do corpo [sic] da loja em particular... Ela tem usado meninos roupas íntimas desde que ela tinha cerca de seis anos de idade. (Vara de Família da Austrália, 2008:55)

Escolha de roupas íntimas parece ser importante como é mencionado em um número de fontes que fornecem conselhos em identificar crianças que deveriam transicionar. No caso de Brodie, como no de 'Alex' que transicionou em 2004, a principal razão dada para apressar o tratamento foi o fato de que essas garotas eram muito raivosas (Jeffreys, 2006). No caso de Brodie ela era muito agressiva e intimidava sua irmã mais nova. A razão para a ira das crianças nos processos judiciais de família não foi perseguido, embora tenha sido comumente sugerido que o tratamento para transgenerismo iria aliviar seus piores excessos. Transgeneração de filhos, então, pode funcionar como uma forma de gestão de comportamento.

A única clínica que trata de crianças 'transgênero' na Austrália está no Hospital Infantil Real de Melbourne, por isso parece provável que os filhos nos casos acima foram tratados lá. Em um estudo sobre a eficácia do seu tratamento, a clínica anunciou que os números de abordá-lo têm aumentado "oito vezes" entre 2003, quando foi criada e 2011, ou seja, a partir de uma criança por ano para oito crianças por ano (Hewitt *et al.*, 2012). O aumento é explicado como resultante de uma maior consciência sobre as possibilidades de tratamento - 'melhorou a percepção de um serviço médico para crianças com GID' - em vez de a um aumento real na incidência do problema. O aumento é efetivamente susceptível de ser resultado de uma maior publicidade sobre o fenômeno e seu tratamento. Mas, em vez dessa permissão mais filhos possuidores de algum problema essencial e sempre como um problema existente a ser apresentado, a publicidade poderia criar crianças "transgêneros", permitindo que os pais identificassem o comportamento bastante comum em crianças pequenas como desordenadas, e criar esse entendimento em sua prole. A clínica observou que em todos os seus pacientes disforia de gênero foi observada em cerca de três anos de idade, embora as crianças não apresentavam para o tratamento até uma 'idade média' de dez anos de idade.

Talvez surpreendentemente, considerando as formas extremas de tratamento hormonal e cirúrgico de crianças e adolescentes que estão ocorrendo no presente, há uma ausência de críticas da transgeneração de crianças na literatura das ciências sociais e de estudiosas feministas. Isto é susceptível de ser o resultado do fato da análise crítica da prática da transgenerismo em geral ter diminuído até ao ponto de invisibilidade nas últimas duas décadas.

### **Ausência de literatura crítica sobre transgenerismo**

Embora existam importantes conexões entre o início da prática da eugenia do século XX de realizar cirurgias sexuais e esterilização dos inaptos para fins de controle social e de engenharia social e a transgeneração de adultos e crianças nos vinte primeiros anos do século XXI e início de atraso, estas práticas não foram ligados entre si na literatura acadêmica. Na verdade, existe uma ausência de literatura crítica na política e as ciências sociais hoje sobre transgenerismo. Em relação a transgeneração de crianças, trabalhos críticos nas ciências sociais, com algumas exceções (Gottschalk, 2003; Jeffreys, 2006), é notavelmente ausente. A quantidade crescente de literatura das ciências sociais sobre as crianças 'transgêneros' não é crítica ou analítica. É composto por manuais para assistentes sociais, para os pais (Brill e Pepper, 2008; Mallon, 2009) e para os professores. Toda esta literatura fala de "afirmar" as crianças "transgêneros" e o tom positivo dos materiais podem ser apresentados a partir dos títulos de dois exemplos, "trabalhar com crianças trans e seus colegas na pré-adolescência: Basta ser solidário" (Luecke, 2011), e "Pré-escola amigável a trans" (Dykstra, 2005). Infelizmente, os pais e os profissionais que trabalham com crianças nos dias de hoje são propensos a acreditar que a diferença de gênero é biológica, em vez de socialmente construído.

Apesar da ausência de trabalho crítico em relação à prática da transgenerismo na literatura de ciências sociais, há uma crítica emergente na literatura clínica. Os psicólogos Susan Langer e James Martin, por exemplo, argumentam que o diagnóstico de transtorno de identidade de gênero na infância "serve principalmente para fazer avançar uma agenda política ou social" (Langer e Martin, 2004:15), e a "comunidade de saúde mental" deveria tomar uma "posição firme contra a continuação da GIDC como uma categoria de diagnósticos sancionada" (Langer e Martin, 2004:19). Há outros profissionais de

saúde mental criticam o diagnóstico de transtorno de identidade de gênero na infância e na idade adulta, especialmente para a maneira que facilita o controle social da homossexualidade (Bower, de 2001; Wilson *et al*, 2002). No entanto, nem a literatura crítica anterior, nem o que está começando a emergir de profissionais de saúde mental no presente, liga transgnerismo em qualquer forma para a história da eugenia. Na próxima seção vou identificar algumas conexões entre a transgeneração de crianças e a prática da eugenia que pode ajudar a informar o desenvolvimento de uma literatura mais crítica da ciência social.

### **As ligações entre transgnerismo e a prática de eugenia**

Há uma literatura crescente em campanhas e práticas de historiadores sociais e historiadores da ciência da eugenia, que fornece evidências de idéias e práticas que encontram eco na prática contemporânea de transgnerismo. Esta literatura descreve como o movimento eugênico desenvolveu nos Estados Unidos (Largent, 2008; Reilly, 1991) e na Europa (Lucassen, 2010) e tornou-se centrado na prática da esterilização. Alguns apontam que essa prática, embora a maioria tenha chegado ao fim na década de 1970, persiste, particularmente em relação às meninas adolescentes que são considerados em risco de gravidez, porque elas são vulneráveis à predação sexual (Largent, 2008). Esta literatura faz algumas conexões com a prática contemporânea de transgeneração de crianças apesar do fato de que esta, como a esterilização dos inaptos, é levada a cabo por cientistas sexuais com a finalidade de engenharia social.

Os fundamentos ideológicos da eugenia surgiram a partir da obra de Francis Galton, primo de Charles Darwin (Largent, 2008). Foram adotadas e promovidas por biólogos, sexólogos e psiquiatras que foram politicamente de esquerda, como J.B.S. Haldane e Henry Havelock Ellis no Reino Unido, e Auguste Forel na Suíça (Lucassen, 2010). É relevante que todos esses homens que se viam como socialistas, porque, no século XXI, a prática de transgeneração de homens, mulheres e crianças tem sido adotada como uma questão de direitos humanos positivos por pessoas progressistas, como o teórico Esquerda Judith Butler, e não como uma prática que viola os direitos (Butler, 2004). A esquerda do final do século XIX e início do século XX foi de modo geral apoiador a ideias eugênicas, como exemplificado por Sydney e Beatrice Webb

da Fabian Society, no Reino Unido (Lucassen, 2010). Na Suécia a engenharia social através da esterilização dos inaptos foi adotado com entusiasmo pelos Myrdals, sociólogos associados com a fundação do Estado-providência sueco. A legislação que permitia a esterilização dos inaptos foi adotada na Suécia em 1920 e desde então, até a década de 1970, 63.000 pessoas foram esterilizadas, 90% deles mulheres. A eugenia foi adotada na esquerda como uma forma de criar uma "raça" melhor, ou seja, naquele momento, "nação".

Mais importante, idéias eugenistas, incluindo a esterilização dos inaptos, foram adotadas por muitas feministas, antes da Segunda Guerra Mundial. A ativista Margaret Sanger do controle de natalidade dos EUA foi um delas. Em 1932, ela procurou explicar como a eugenia poderia levar a um fim para a guerra através da prevenção da superpopulação, particularmente dos inaptos, que ela considerava uma causa importante (Sanger, 1932). Estas medidas incluíram as políticas de imigração para impedir a entrada dos inaptos, a segregação dos inaptos para que eles não pudessem reproduzir e esterilização. Controles de imigração, ela disse, devem impedir a entrada de "débeis mentais, idiotas, imbecis, insanos, sífilíticos, epiléticos, criminosos, prostitutas profissionais e outros" e uma "política austera e rígida de esterilização e de segregação" deve ser aplicada para aqueles que podem ter "prole contaminada". As pessoas devem, ela considerou, ser dada a opção de segregação ou esterilização. A campanha de controle de natalidade britânica, Marie Stopes, também foi inspirada pela idéias eugenistas e preocupados em limitar a reprodução de pessoas que não eram de "qualidade" suficiente. Ela opinou em uma entrevista à BBC tão tarde quanto 1957, "Estamos produzindo lixo" (citado em Garrett, 2007:xlii). A medida em que as feministas abraçaram a eugenia antes da Segunda Guerra Mundial, no Reino Unido é um tema de controvérsia entre os historiadores. Há um consenso geral de que as feministas tendiam a incluir uma linguagem eugênica na sua teoria e prática, a fim de tornar-se mais persuasivas e de fácil compreensão, mas o seu grau de compromisso é outra questão (Bland, 1995; Makepeace, 2009). No entanto, a ausência de crítica ou apoio ativo, da prática de transgeneração de adultos e crianças, por aqueles que se vêem como progressivos ou mesmo feministas no presente, não deve surpreender, pois há uma história de tal apoio a projetos semelhantes em períodos anteriores.

## **Cirurgias sexuais**

A prática de eugenia foi centrada na realização de cirurgias sexuais sobre aqueles considerados impróprios e a prática da esterilização dos inaptos nos EUA ilustra seu alcance e aceitabilidade. Dois terços dos estados dos Estados Unidos aprovaram leis de esterilização compulsória entre 1907 e 1937 (Largent, 2008:65). A esterilização não era apenas efetuada para fins de eugenia, ou seja, para evitar a reprodução de crianças defeituosas, mas para punir e cumprir fins terapêuticos, tais como mudar o comportamento inaceitável. As cirurgias sexuais efetuadas a estes considerados impróprios incluía castração completa com a remoção dos testículos, bem como a prática de esterilização menos invasiva através da vasectomia. Largent explica que, nos Estados Unidos, a amputação dos testículos e do escroto foi utilizado a partir do final do século XIX até a década de 1930 para "tratar, punir ou controlar centenas de estupradores, molestadores de criança e os homens que se envolveram em atividades associadas com a homossexualidade" (Largent, 2008:5). Ele chama essa prática de "mutilação", e foi mais praticada em homens que estavam em hospitais psiquiátricos e prisões. Ele explica que as razões dadas mudaram ao longo do tempo, passando de 'punitiva e eugênica' para 'terapêutico e profilático' ao longo de quatro décadas. Os psiquiatras envolvidos em cirurgias sexuais usado regularmente como uma "cura" para o comportamento inaceitável das mulheres. No final do século XIX, nos Estados Unidos, G. Alder Blumer recomendou "cirurgia ginecológica" para pacientes mulheres (Dowbiggin, 1997:89). Ele considerou que "a loucura era um reflexo genital", uma ideia que foi generalizada entre os anos 1850-1900 e levou à remoção do útero e os ovários das mulheres. Em particular, ele recomenda esse tipo de cirurgia para as mulheres que eram barulhentas e vulgares na sua linguagem.

Uma relação significativa entre o auge da eugenia e a transgeração das crianças hoje é que homens e mulheres homossexuais formam um eleitorado que é alvo de ambas as práticas. Os detalhes sombrios de controle e punição dos homens e mulheres homossexuais pelos cientistas do sexo durante a maior parte do século XX foi colocado para fora na melhor das hipóteses, a inspiração a libertação gay, história de lésbicas e gays nos Estados Unidos, *Gay American History* (1976). Katz escreve que, "gays e lésbicas têm sido submetidos a uma lista variada, muitas vezes assustador de "curas" nas mãos de profissionais

psiquiátricos-psicólogos, tratamentos normalmente para a asexualização ou reorientação heterossexual" (Katz, 1976:197). Estes tratamentos, que passaram bem na segunda metade do século XX, incluía cirurgias como a castração, histerectomia e vasectomia. As mulheres foram submetidas no século XIX, a remoção cirúrgica dos ovários e do clitóris, um tratamento concebido como uma "cura" para várias formas de o que foi chamado de 'erotomania' feminina e incluía a lesbianidade. Lobotomia foi realizada tão tarde quanto a década de 1950. A gama de terapias de droga também foram utilizadas, tais como a administração de hormônios, LSD, estimulantes sexuais e depressivos sexuais, juntamente com outros tratamentos, como a hipnose e tratamento de choque elétrico e químico e terapia de aversão (ibid.). Katz comenta que as vítimas homossexuais de cirurgias sexuais eram, por vezes, "submissas", e procuravam tratamento, como aqueles que solicitam transicionar fazem hoje. Com efeito involuntário é de nenhuma maneira um elemento necessário em práticas de eugenia em geral. Katz explica que os casos que ele examinou em sua pesquisa mostrou:

Várias dessas histórias dizem respeito, homossexuais se odiando cheios de culpa, que internalizaram a condenação da sociedade de forma que procuram formas cruéis de tratamento como punição; eles brincam com o que só pode ser chamado de um jogo masoquista, no qual o médico é atribuído, e aceita, um papel verdadeiramente sádico (bem como remunerativo). (Katz, 1976:200)

Katz não inclui a transgeneração de homens e lésbicas homossexuais dentro destes tratamentos médicos abusivos, mas Bernice Hausman, em sua crítica feminista ao transgenerismo faz (Hausman, 1995). Hausman argumenta que o tratamento da intersexualidade e transexualidade, em meados do século XX foi motivado em grande parte pelo desejo de reduzir a possibilidade da homossexualidade e criar cidadãos heterossexuais.

Apesar da semelhança entre o controle da homossexualidade na prática, a eugenia e transgenerismo, isto raramente é discutido na literatura das ciências sociais hoje. O fato de que muitos dos homens e a maioria das mulheres que procuram a transição são homossexuais antes do tratamento é, no entanto, um segredo aberto. Embora homens procurando transicionar podem ser atraídos para as mulheres ou outros homens, reconhece-se que as mulheres são geralmente lésbicas antes de serem diagnosticadas como 'transexual': 'Virtualmente todas as mulheres com transtorno de identidade de gênero

receberão o mesmo especificador - Atração Sexual por Feminino - embora existam casos excepcionais envolvendo mulheres com sexualmente atraída por Homens' (Saúde Mental Hoje, n.d.). Profissionais envolvidos no tratamento de transtorno de identidade de gênero na infância estão cientes de que três quartos dos meninos encaminhados para diagnóstico por seus pais serão homossexuais ou bissexuais quando atingem a idade adulta (ibid.). O advogado e transativista de direitos, Shannon Minter, tem proporcionado uma compilação de citações de sexólogos e aqueles envolvidos na criação e implementação do diagnóstico de identidade de gênero, que é projetado para tornar evidente o seu desejo de impedir o desenvolvimento da homossexualidade (Minter de 1999). Minter argumenta 'Se GID em crianças não fosse fortemente associado com a homossexualidade na vida adulta', é pouco provável que os comportamentos do gênero oposto em crianças "teria sido designado transtornos psiquiátricos ou se tornar o foco de todo um campo clínico dedicado a... "corrigir" os comportamentos cross-gender" (Minter, 1999:27).

O interesse dos eugenistas no controle e punição da homossexualidade era uma parte de seu interesse na criação de famílias e crianças adequadamente generizadas e sexuadas, um aspecto do movimento que se relaciona claramente a transgeneração das crianças que ocorre hoje. O historiador do movimento eugênico do Estados Unidos, Alexandra Stern, explica como o movimento eugênico mudou o foco após a Segunda Guerra Mundial para se concentrar em fazer as famílias entrarem em conformidade com a sua ideia de papéis de gênero apropriadas (Stern, 2005). Stern explica que na década de 1950 havia menos entusiasmo para as práticas mais familiares da eugenia que foram estigmatizadas por associação com o nazismo, tais como a esterilização, porém, como ela diz, isso não significa que chegou ao fim e as leis permanecem no livros. Em vez disso eugenistas deslocaram-se para o que foi chamado de eugenia "positivas", concentrando-se no controle da população e 'muitas vezes começaram a localizar a medula de diferenciação humana não em distinções raciais... mas em sexo e gênero", de modo que "o racismo da década de 1920 foi rearticulado em o sexismo da década de 1950" (Stern, 2005:154). O Instituto Americano de Relações Familiares (AIFR), que foi o motor principal da política demográfica eugênica na década de 1950, e seu diretor, Paul Popenoe, promoveu uma "família centrada na eugenia que exigiam uniformidade de sexo



e gênero" e promoveu a ideia de que o masculino/feminino são distintos era o maior que pode existir entre dois seres humanos. Foi baseada na evolução, natureza e genética (Stern, 2005:155). Quando os clientes foram avaliados para o aconselhamento pela AIFR, o primeiro passo foi "avaliar o grau em que sua identidade de gênero e comportamento correspondia ao seu sexo anatômico" (Stern, 2005:167). Eles foram, em seguida, tratados com base nas ideias que emanam naquele tempo de "psiquiatria, psicométrica, endocrinologia e pesquisa sexual" (Stern, 2005:180). Esta forma de prática de eugenia é exemplificada na maneira em que os sexólogos nesse período desenvolveram ideias de "gênero" e "identidade de gênero" e os usou em sua abordagem para as crianças que identificaram como intersex, e em seu tratamento de transgêneros, uma prática que continua até hoje (Hausman, 1995; Meyerowitz, 2002). A prevenção da homossexualidade ea construção robusta heterossexual, e de gênero, famílias, crianças e adultos motivou os sexólogos do período.

A continuação deste ramo da eugenia põe em questão a medida em que o movimento eugênico entrou em retiro. Embora a aceitabilidade da esterilização em alguns círculos eleitorais de 'impróprios' diminuiu, a esterilização e cirurgias sexuais sobre as crianças identificadas como transgêneros esta na tendência crescente, como este capítulo procura mostrar. Largent (2008) identifica o que ele vê como a morte final do movimento eugênico americano como tendo lugar na década de 1980. Levou décadas de 1930 em diante, ele explica, para trazê-lo para um fim. A oposição à esterilização dos inaptos veio de organizações de direitos civis e movimentos "com foco na raça, sexo, orientação sexual, classe e deficiências físicas e mentais", bem como aqueles que defendem os direitos dos prisioneiros e pacientes de saúde mental (Largent de 2008:140). No entanto, a prática de esterilização de crianças com deficiência intelectual continua em muitos países, incluindo nos Estados Unidos. Pesquisadores na Austrália descobriram que entre 1992 e 1997, havia cerca de 200 esterilizações de jovens meninas realizados em hospitais australianos a cada ano (Brady e Grover, 1997). A prática é fortemente combatida por grupos de direitos dos deficientes, como as mulheres com deficiência na Austrália (WWDA, 2007).

A onda de ativismo de direitos humanos contra a esterilização forçada das mulheres como uma violação dos direitos reprodutivos das mulheres agora está se desenvolvendo, utilizando conceitos que também podem ser aplicadas à

esterilização de crianças identificadas como transgênero. O Centro para os Direitos Reprodutivos, em Nova York, por exemplo, considera que a esterilização forçada, ou seja, sem o consentimento pleno e sem pressão, deve ser considerada "tratamento cruel, desumano ou degradante" (Centro de Direitos Reprodutivos, 2010). Eles argumentam que "Especialistas reconhecem que a perda definitiva de sua capacidade reprodutiva sem o consentimento informado geralmente resulta em traumas psicológicos, incluindo depressão e tristeza" (Centro de Direitos Reprodutivos, 2010:20). O Centro aponta que o Conselho de Direitos Humanos declarou que a esterilização coercitiva viola o direito de ser livre de "tortura e CIDT (tratamento cruel, desumano e degradante), conforme previsto no âmbito do PIDCP (Pacto Internacional de Direitos Culturais e Políticos) ' (Centro de Direitos Reprodutivos, 2010:20). Esterilização forçada é reconhecido pela comissão que supervisiona a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (CEDAW), os estados centrais, como infringidores dos direitos à dignidade humana e à integridade física e mental" (Centro de Direitos Reprodutivos de 2010:20). Em relação às crianças que estão transicionando, surge a questão da medida em que eles podem ser vistos como sem coação, considerando que os seus pais, a profissão médica e os tribunais estão defendendo esse tratamento para eles, e eles são informados de que irá aliviar sua angústia mental.

### **Esterilização de crianças transgêneros e outros efeitos adversos para a saúde a longo prazo**

Os efeitos do tratamento de drogas e cirurgias sexuais que constituem a transgeneração das crianças são susceptíveis de prejudicar os seus direitos reprodutivos, bem como sua integridade física e saúde no futuro, e pode, portanto, ser visto como uma forma particularmente prejudicial de abuso de crianças. Existem algumas diferenças entre a esterilização, que faz parte da prática da transgeneração das crianças hoje e as cirurgias sexuais do período eugênico anterior. Cirurgias sexuais eugenistas foram regularmente destinadas a esterilização, em vez de ter a esterilização como um efeito colateral. Mas eles tinham outros objetivos também, como prevenção de masturbação ou comportamento criminoso, que lembram os objetivos do transgenerismo hoje de eliminar um comportamento inaceitável, neste caso não estar em conformidade

com o gênero. Além disso, no período anterior, a esterilização era geralmente não-consensual, ao passo que a esterilização realizada como parte do tratamento para o transtorno de identidade de gênero de hoje é geralmente visto como um efeito colateral de um processo desejado. Mas deve ser lembrado que os homens homossexuais, em particular, que procuram as cirurgias sexuais que constituíam uma parte da prática eugênica.

O tratamento com a puberdade atrasada por drogas leva a esterilização se for seguida com a administração de hormônios do sexo oposto aos dezesseis anos, como o manual Brill e Pepper em crianças 'transgêneros' (2008) explica: "A escolha para progredir de inibidores da GnRH a estrogênio sem experimentar plenamente a puberdade masculina deve ser visto como desistir de uma fertilidade, e a família e a criança devem ser orientadas nesse sentido" (Brill e Pepper, 2008:216). Para as meninas, a esterilização é o resultado também porque "os ovários não amadurecem até que o corpo passa pela puberdade" (ibid.). A questão da fertilidade, o manual afirma, pode incomodar os pais mais do que os 'adolescentes', porque este último podem pensar a curto prazo e não ser capaz de contemplar muito mais do que ser transgênero no presente (Brill e pimenta, 2008:220). O manual fala de outros efeitos graves do tratamento transgênero, como a defeitos de nascimento podem ocorrer em crianças nascidas 'homens trans (transgêneros femininos encorpados), tomando testosterona antes da gravidez" (Brill e pimenta, 2008:219). Ele também adverte que a cirurgia genital pode levar à ausência de sentimento sexual, e comenta que os jovens podem não compreender a importância deste (Brill e pimenta, 2008:220). Mas, o manual aconselha, "adolescentes" podem ter cirurgias sexuais, como a remoção de testículos ou a retirada das mamas em qualquer idade, não necessariamente dezoito anos, enquanto seus pais e um cirurgião estejam dispostos (ibid.). Isto parece contradizer as advertências que acompanham este conselho, sobre as dificuldades "adolescentes" podem ter na compreensão das implicações de tais cirurgias para a fertilidade e o prazer sexual.

A questão da esterilização foi abordada pelo Tribunal de Família australiano nos casos que envolvem o tratamento de 'Alex', 'Brodie' e 'Jamie'. Em cada caso, foi sugerido que a criança tinha conhecimento suficiente para tomar uma decisão que pode levar a esterilização, e onde eles podem não

entender completamente, seus pais poderiam tomar tal decisão para eles. O julgamento no caso envolvendo o, dez anos, 'Jamie' explica que ele entende que ele vai se tornar estéril, e faz isso com uma contradição interessante de pronomes e sexo biológico: "Jamie está ciente de que o tratamento subsequente com hormônios femininos, quando ela for mais velha, pode então afetar sua capacidade de geração de esperma" (Vara de Família da Austrália, 2011:92). Mas porque Jamie 'não tem o nível de maturidade para ser responsável por decisões de tal gravidade "os pais têm a" responsabilidade de tomar tais decisões, em consulta com Jamie'.

As crianças são também bastante insusceptíveis de serem capazes de dar consentimento informado para usar drogas nocivas envolvidas no "tratamento" transgênero. A droga mais utilizada para retardar a puberdade em crianças é Lupron, uma droga aprovada para o tratamento do câncer de próstata, mas vulgarmente utilizado no tratamento de fertilização in vitro e no tratamento de endometriose em mulheres. Há uma preocupação crescente entre os ativistas da saúde das mulheres sobre os graves efeitos colaterais desta droga, com talvez a mais grave em relação às crianças sendo perda de densidade óssea. Em um estudo os pesquisadores descobriram que as mulheres perderam até 7,3% da sua densidade óssea durante o tratamento (Flin, 2008). A droga também causa defeitos de nascimento e é contra-indicada quando existe uma possibilidade de gravidez. Os efeitos colaterais relatados à Food and Drug Administration dos EUA por milhares de pacientes incluem: formigamento, coceira, dor de cabeça e enxaqueca, tontura, dor articular severa, dificuldade em respirar, dor no peito, náuseas, depressão, instabilidade emocional, tristeza da visão, desmaios, fraqueza, amnésia, hipertensão, dor muscular, dor óssea, náuseas/vômitos, asma, dor abdominal, insônia, aumento crônica da tireóide, função hepática anormal, anomalia da visão, ansiedade e outros (Flin, 2008). Uso desta droga para atrasar a puberdade em crianças é 'não indicada no rótulo', o que significa que não foi aprovado para esta finalidade e é uma prática perigosa e experimental. É especialmente problemática a utilização de uma droga, tão potencialmente prejudicial para tratar os corpos de crianças que são totalmente saudáveis, e cuja única falha percebida é que eles são considerados como tendo um comportamento social inaceitável.

Um efeito particularmente grave da transgeneração em crianças é a angústia que são susceptíveis de sofrer quando eles mudam suas mentes. Um caso britânico de um menino que era um garoto propaganda da prática demonstra os danos. Bradley Cooper saiu como um homem gay em 2012, dois meses antes da amputação do pênis. Ele foi celebrado como o mais novo 'paciente de mudança de sexo' britânica, quando ele foi colocado sob p efeito de hormônios aos dezesseis anos, e o Serviço Nacional de Saúde concordou em pagar para a cirurgia de amputação £10,000 que ele teria uma vez que atingisse a maioria (Schlesinger, 2010). Bradley apareceu como "Ria" em programas de bate-papo e ganhou uma certa notoriedade, antes, aos 18 anos, ele mudar de idéia. O jovem cabeleireiro disse que ele começou a usar roupa de mulher aos doze anos quando ele iria emprestar o batom de sua mãe e usar roupas pertencentes a suas três irmãs'. Depois de menos de um ano de vida em tempo integral como uma mulher Bradley decidiu destransicionar como resultado do sofrimento mental grave. Ele cancelou SRS e parou de tomar hormônios, dizendo que "ela encontrou as mudanças esmagadoras e que a fizeram profundamente infeliz" (ibid.). Bradley recebeu uma avaliação psicológica completa antes de iniciar sua transição, mas mesmo assim tentou cometer o suicídio duas vezes durante o ano anterior, atribuindo isto às mudanças de humor associados com o tratamento hormonal e angústia "sobre quão sozinho eu sou, e como a minha decisão alienou minha família" (Winter, 2012). Bradley tornou-se tão só, ele disse, que ele mesmo entrou na prostituição pela companhia. No momento da sua decisão de destransicionar, ele estava sem emprego e sem casa, dormindo no chão de amigos. Bradley esperava encontrar mais facilidade em ter relacionamentos como um homem gay: 'Ela acredita que terá melhor sorte no amor como um gay "na moda" (ibid.). O caso de Cooper deixa claro que os psiquiatras não podem saber se eles estão lidando com uma criança verdadeiramente "transgênero", e os danos muito graves que ele sofreu devem servir para lançar dúvidas sobre o edifício de "disforia de gênero".

## **Conclusão**

No século XXI, décadas após cirurgias sexuais nos 'impróprios' para razões eugênicas, punitivas e terapêuticas eram em sua maioria abandonadas, uma prática semelhante é cada vez mais sendo realizados em crianças que são

considerados inatos "trans" porque estão desobedecendo culturalmente papéis de gênero aceitáveis. Uma forma de engenharia social para forçar as crianças a estar em conformidade com as categorias rígidas de gênero está ocorrendo. A história de cirurgias sexuais precisa ser conectada com esta prática contemporânea, a fim de lançar uma luz mais crítica sobre o que está acontecendo hoje. Ian Dowbiggin, historiador da eugenia norte-americana, escreve sobre a forma como a profissão médica adotou a prática de esterilização de impróprios de uma forma que poderia ser igualmente aplicado a aprovação do transgeração das crianças:

É uma história da falibilidade humana, do seres humanos que, quando confrontados com o desafio de cuidar de pessoas emocionalmente e mentalmente deficientes, recorreram a teorias e práticas extremas. A maioria destes homens e mulheres estavam convencidos de que eram absolutamente certos, mesmo quando eles poderiam ter conhecido melhor. (Dowbiggin, 1997:x)

A transgeração de hoje das crianças é semelhante à história anterior de cirurgias sexuais em que as pessoas progressistas, incluindo muitas feministas, sintiam que esta é uma prática razoável, e ainda não começaram a criticá-lo. A pesquisa feminista e a teoria precisa recuperar a capacidade de criticar a medicina e a psiquiatria e da maneira que os cientistas do sexo tratam aqueles que não estejam conformes com as normas da sociedade, se o transgeração das crianças deve ser efetivamente desafiado.

## 7

### **UM CHOQUE DE DIREITOS**

Quando o gênero é inscrito na lei

Transativistas têm sido notavelmente bem sucedidos em um curto espaço de tempo em sua campanha para alcançar "direitos de gênero", um objetivo que consagra a proteção do "gênero" na lei. Como o transativista Mara Keisling coloca, "nunca houve um movimento de justiça social que se movimentou tão rápido... As coisas estão zunindo" (Keisling, 2008:4). Este capítulo vai examinar as origens da campanha pelos direitos de gênero e as implicações de seu sucesso. Não há espaço aqui para uma análise pormenorizada de como a lei mudou em diferentes países; em vez disso, o capítulo faz uma crítica exame do que o reconhecimento legal dos direitos de 'gênero' significa para as mulheres

em geral. As ambições de transativistas foram estabelecidas em 1995 nos Estados Unidos na Carta Internacional dos Direitos Transgêneros (Frye, 2001). Este não era um documento que se originou em qualquer legislatura ou teve qualquer peso legal, mas sim uma lista de desejos criado por um grupo de transativistas em uma reunião, e no momento em que poderia muito bem ter parecido muito estranho para ser levado a sério pelos legisladores. Mas seus preceitos que formam agora a maneira em que os direitos de gênero foram incorporados no direito interno em muitos estados, e isso faz com que seja digno de consideração cuidadosa. Ele exigiu o direito de expressar a "identidade de gênero" de escolha de qualquer maneira o expoente desejado, especialmente em espaços antes reservados para as mulheres. Desde então, a igualdade e legislação de direitos humanos foi atualizado e criado em estados em todo o mundo ocidental, que incorpora o "direito" de expressar "identidade de gênero". Como resultado, o gênero, que consiste em estereótipos tradicionais de comportamento adequado para homens e mulheres que regulam a dominação masculina e subordinação das mulheres, tornou-se uma questão de Estado.

Grupos de mulheres e grupos feministas não são convidados para consultas sobre essas mudanças legais, como se eles não tivessem nada de relevante a dizer, apesar do fato de que os homens podem, nos termos dessa legislação, ganhar o direito de serem reconhecidos em lei como "mulheres". As mulheres são o "referencial ausente" (Adams, 1990), não oficialmente designado, mesmo que seja "mulheres" que os homens desejam expressar seus "direitos de gênero" procuram personificar. Não há nenhuma sugestão na legislação sobre o direito à identidade de gênero que as mulheres serão incluídos ou favorecidos por desenvolvimentos. Em vez disso, em um desafio feminista cada vez mais vigoroso, os críticos argumentam que tal legislação cria duas dificuldades singulares para os interesses das mulheres (Brennan e Hungerford, 2011). Ele remove a possibilidade de espaços só para mulheres, e promove estereótipos de gênero que têm sido reconhecidos pela teóricas feministas como o mecanismo de organização básica da dominação masculina (MacKinnon, 1989; Jeffreys, 2005).

A criação do direito à "identidade de gênero" cria um "choque de direitos em que os direitos exigidos por um grupo de pessoas pode colocar em risco substancialmente os direitos de outro grupo (Sniderman *et al.*, 1997). Em um

choque de direitos, alguns julgamentos tem de ser feitos para saber se o grupo envolvido na demanda de direitos que comprometem os direitos de outro grupo podem ser acomodados em normas de direitos humanos. Um exemplo de um confronto de direitos é o de ativistas para o casamento gay contra os promotores do direito à religião (Masci, 2009). Este tipo de confronto é sobre ideologias, em que o sucesso da procura de direitos de um grupo restringe os direitos pretendidos por outro, neste caso, ao casamento e "vida familiar". No entanto, no caso da campanha pelo direito à identidade de gênero, o desafio é ainda mais problemática e notável. Os principais demandantes são da casta sexual dos homens, a casta dominante, cujos membros são responsáveis pela violação dos direitos das mulheres para viver, por exemplo, livre de violência e ameaça de morte, à liberdade de movimento e de expressão, à liberdade de discriminação (Romito, 2008). Além disso, os demandantes, neste caso, não bastam afirmar que estão em desvantagem em seu próprio direito, mas que eles realmente são fisicamente membros da casta sexual feminino, mulheres, como na demanda por transgêneros de corpos masculinos que eles devem ser capazes de inserir em espaços, como casas de banho, reservadas para as mulheres.

A lista de desejos que constituem a Carta Internacional dos Direitos de Gênero (1995) foi criada por pessoas do sexo masculino nos Estados Unidos que não tinham experiência de ser criado em, ou tratado como, membros da casta sexual feminina, e suas biografias os revelam como homens notavelmente masculinos. São homens que escolheram personificar mulheres em vários graus de gravidade como adultos. O homem que, de acordo com seu site, autorizou o projeto original dos Direitos de Gênero em 1990, que se tornou a Carta Internacional dos Direitos de Gênero, é JoAnn Roberts, um homem cuja personificação das mulheres é apenas ocasional. Roberts não tem pretensão de ser uma mulher, mas um cross-dresser: "Eu sou um crossdresser, divorciado e casado novamente com dois filhos adultos" (Roberts, 2012), que organiza um evento para travestis chamado Beauty and the Beach,"do Crossdresser Weekend Getaway" (ibid.).

Outra figura importante na criação do documento final foi Phyllis Frye, que está muito orgulhoso de ter sido um homem robusto e de sangue vermelho, masculino. Em um artigo de jornal sobre o Bill, Frye procura estabelecer suas credenciais de ter sido um homem mais bem sucedido e verdadeiramente viril,



antes que ele decidisse personificar uma mulher. Embora, como ele diz "tentando ser um homem" ele era

um Escoteiro Eagle, detentor do Prêmio Deus & Country, Patrol Líder Senior, membro da Fraternidade da Ordem da Flecha e um júnior Assistente Scoutmaster. No colegial Thomas Jefferson em San Antonio, eu estava em um *Capella Coro*, Yearbook Staff, Senior Play, letras duas vezes na equipe Rifle, foi ROTC Commander, e foi um aluno "A". Na Universidade Texas A & M, eu estava no Corpo de Cadetes, Cantar Cadetes, e completou um B.S. em Engenharia Civil e um M.S. em Engenharia Mecânica, enquanto em quatro bolsas de estudo e de uma bolsa. Eu sou um veterano e foi dispensado como um primeiro tenente, Exército EUA, em 1972. Obtive, e ainda mantive uma licença Engenharia Professional de Texas em 1975. (Frye, 2000:133)

Mulheres são bastante improváveis que tenham tal pedigree, mas Frye diz que ele é uma mulher. Ele explica,

Como é evidente a partir das realizações acima, não me tornei uma mulher porque eu não me comportar como um homem. Eu fui muito bem sucedido como um homem, mas não cabe na minha inabalável auto-imagem no âmago de quem eu realmente era. (Ibid.)

Ele é um advogado que tem "sido legalmente casado com a mesma mulher há anos vinte e oito" e tem "um filho adulto de um casamento anterior" (ibid.). Em 1992, ele fundou a Conferência Internacional de Direito Transgênero e Política de Emprego (ICTLEP), que elaborou a Declaração de Direitos de Gênero. Ele foi premiado com o Prêmio "Creator of Change" da Task Force Nacional de Gays e Lésbicas (1995) e o Prêmio Lifetime de Contribuição Virginia Prince, o nome do famoso cross-dresser, da Fundação Internacional para a Educação de Gênero (1999). Homens que promovem os seus direitos à "identidade de gênero" frequentemente imaginam feminilidade de uma posição inacreditável masculina, tais como carreiras de heroísmo militar (Tur, 2013). O desejo dos homens a transicionar, tais relatos sugerem, podem ser entendidos como um aspecto do comportamento profundamente conservador e hipermasculino, em vez de demonstrar qualquer semelhança com as mulheres. É a partir dessas raízes, ao invés de qualquer fundamento progressiva, que o "direito" de gênero surgiu.

Sem buscar o aconselhamento de mulheres, cuja forma estereotipada estes homens procuram imitar, Roberts e Frye produziram o grandiosamente intitulado Carta Internacional dos Direitos do Gênero em 1995. Um exame

desses "direitos" mostra que eles conflita com a experiência das mulheres. O primeiro direito que a lei proclama é que "todos os seres humanos têm o direito de definir sua própria identidade de gênero, independentemente do sexo cromossômico, órgãos genitais, gênero consignado ao nascer ou papel de gênero inicial" (Frye, 2000:212). Na verdade, as mulheres não "definem" a sua "identidade de gênero" e "identidade de gênero" tem muito pouco a ver com ser uma mulher. As mulheres não sofrem discriminação em razão da sua "identidade", uma "inabalável auto-imagem", como Frye descreve este, mas em razão de ser do sexo feminino.

O segundo direito na Lei é "O Direito à Liberdade de Expressão da Identidade de Gênero" (ibid.). Isto parece querer dizer que o direito dos progenitores masculinos do documento para usar roupas mais geralmente atribuídas às mulheres. Para as mulheres, a roupa das mulheres estereotipadas não é um direito de expressão, mas forçada, por meio das expectativas culturais, sistemas legais, assédio de rua, a influência da indústria do sexo, e no local de trabalho e requisitos escolares (Jeffreys, 2005). Outro direito que estes homens demandam é a de espaços exclusivos de mulheres, "O Direito de Acesso à Gendered Generizados e Participação na Atividade Generizada" (Frye, 2000:213). Espaços exclusivos a mulheres são ou anulados com o argumento de que as mulheres precisam da segurança de lugares onde os homens não estão presentes, ou com base em que as mulheres como um grupo subordinado precisa ser capaz de conhecer e organizar sem membros do grupo dominante presente. Até recentemente, as leis de igualdade de oportunidades têm procurado para acomodar esse entendimento, dizendo que, em algumas situações, as mulheres podem, de fato excluir os homens dos serviços e eventos. Em cartas de direitos e legislação em matéria de igualdade, as mulheres são oferecidas regularmente isenções a partir da necessidade de não discriminar com base em que, como um grupo vulnerável, embora a maioria um, eles podem precisar de se reunir em grupos só para mulheres e exigem espaços exclusivos das mulheres como os sanitários (Comissão Vitoriana de Igualdade de Oportunidades dos Direitos Humanos, nd). Isso mostra o reconhecimento das mulheres como um grupo que necessita de tratamento especial. Infelizmente, as demandas iniciadas pelo transgêneros de corpos masculinos que fazem cross-dressing, porque eles afirmam ser "mulheres" e não homens, como objetivo de

derrubar esta isenção reconhecida para proteção dos espaços das mulheres. Os outros "direitos" na lei incluem 'o direito de controlar o próprio corpo', 'cosmeticamente, quimicamente, ou cirurgicamente', e o direito de acesso a tratamento médico para alcançar este objetivo. A cirurgia plástica não foi compreendida pelas feministas de ser um problema dos direitos das mulheres, mas como problemático, e com base na posição de subordinação das mulheres (Haiken, 1997; Sullivan, Deborah A, 2001).

### **Direitos de gênero no direito internacional**

A Carta Internacional dos Direitos de Gênero não imediatamente leva a quaisquer ganhos por lobistas transgêneros em relação ao direito internacional, mas a linguagem e os conceitos que exprime eram cada vez mais absorvido em campanhas para mudar a lei doméstica nos países ocidentais nas décadas seguintes. Antes da mudança para "gênero", as leis nacionais sobre o que foram entendidos como os direitos dos transexuais usou a linguagem do sexo, não gênero, e exigiu das pessoas que desejavam mudar de sexo para realizar a cirurgia para se tornar infértil antes que pudessem mudar seu status em documentos como certidão de nascimento. Isso mudou na década de 2000 como a noção de "transexualidade" passou a ser vista como restritiva, e a mudança de gênero resultou em incorporação da legislação dos direitos de gênero "que cobrem um espectro amplo e vago das pessoas sobre a mudança de status e no status de anti-discriminação.

O próximo documento significativo relativo ao direito à identidade gênero que pretende ser internacional veio muito mais tarde, nos Princípios de Yogyakarta, que surgiram a partir de uma reunião de um "distinto grupo de 29 especialistas em direito internacional", na Indonésia, em 2006, e foram formalizadas em 2007 (Ettelbrick e Zeran, 2010:30). Apesar de não ser incorporado em quaisquer convenções ou declarações das Nações Unidas, os Princípios, os promotores afirmam que têm tido grande efeito no âmbito da ONU, sendo regularmente citado e usado como um ponto de referência (ibid.). Os princípios cobrem orientação sexual e identidade de gênero. Em termos de orientação sexual, os princípios não parecem constituir um desenvolvimento importante para aqueles que procuram desafiar as leis que ainda impõem severas punições aos homossexuais em muitos países. Eles formam uma base

para argumentar a favor da proibição da discriminação considerável e da violência que gays e lésbicas enfrentam, mesmo onde a homossexualidade não seja ilegal. O problema com os princípios é que eles acrescentam direitos de "identidade de gênero" para direitos com base na orientação sexual. Este é um conjunto intrigante, considerando que a homofobia tem sido uma causa tão importante da construção da idéia de transexualismo e transtornos de identidade de gênero na sexologia do final do século XX.

Apesar dessa contradição, as principais organizações que fazem campanha para a incorporação de "direitos de gênero" para o direito são lésbicas e gays, incluindo a Associação Internacional de Lésbicas e Gays, o Centro Nacional dos EUA para os Direitos de lésbicas (NCLR), e da National Gay e a Força Tarefa dos EUA Lésbico. O Centro Nacional para os Direitos de lésbicas afirma 'NCLR se orgulha de ter sido a primeira organização legal LGBT para lançar um Projeto de Lei Transgênero', e isso mais tarde tornou-se o Centro de Lei Transgênero (NCLR, n.d.). Este desenvolvimento de uma organização supostamente lésbica é surpreendente, considerando que a transgeneração de lésbicas extingue sua lesbianidade e algumas outras organizações se dedicam à abolição da comunidade que representam (Jeffreys, 2003). A principal lésbica dos Estados Unidos e organização gay, a National Gay e Força Tarefa Lésbico (NGLTF), sublinha também a importância dos direitos de transexuais para seu núcleo de negócios: "as pessoas trans e questões são fundamentais para o nosso trabalho na Força-Tarefa. Estamos orgulhosos da nossa história como uma das primeiras organizações nacionais LGBT para incluir as pessoas transexuais em nossa missão, a partir de 1997" (NGLTF, n.d.).

Transativistas têm trabalhado duro para garantir o apoio de grupos de lésbicas e gays, mesmo indo tão longe como a alegação de que a homossexualidade em si é apenas uma forma de transgenerismo. Phyllis Frye, por exemplo, explica que ele realizou um workshop em 1997 "10a Conferência Anual para criar mudanças ", em San Diego, que foi patrocinado pela NGLTF, juntamente com Jamison verde e Shannon Minter, 'para fazer a pergunta: "Será que a orientação sexual um subconjunto de identidade de gênero?". Ele argumenta que "lésbicas, gays e bissexuais são realmente os subconjuntos e os membros da comunidade da identidade de gênero maior" (Frye, 2000:154-155). Esta ideia é repetida novamente em um relatório sobre "as pessoas trans" no

Reino Unido: "Há um forte argumento de que tanto o crime homofóbico é na verdade transfóbico, como é a apresentação de gênero de uma pessoa que atrai a atenção em espaços públicos em vez de um conhecimento prévio de sua orientação sexual" (Whittle et al, 2007:55). Este parece ser um dogma da ideologia de transativistas que se destina a convencer os grupos de lésbicas e gays para ver uma comunhão de interesses. Outro problema sério com os Princípios de Yogyakarta é a noção confusa de "gênero" que permeia o documento e que a sua definição de "orientação sexual" baseia-se em: "orientação sexual é entendida para se referir à capacidade de cada pessoa para uma profunda emocional, afetiva e atração sexual, e as relações íntimas e sexuais com, indivíduos de um sexo diferente ou do mesmo sexo ou de mais de um gênero" (Painel Internacional de Peritos de 2007: nota 1). Lésbicas e gays que rejeitam a ideia de papéis de gênero terão problemas com este pressuposto que homossexuais são atraídos para as pessoas sobre a base de um mesmo "gênero" em vez do mesmo sexo. Alguns podem rejeitar a ideia de que eles têm um "gênero" e, certamente, serem causa de por que deve ser assumida a ser atraídos para uma pessoa com base no desempenho de masculinidade ou feminilidade. É preocupante que este grau de profunda confusão está na base da campanha, mesmo por organizações de lésbicas e gays de direitos de 'gênero'. A definição de "identidade de gênero" nos Princípios é amplo e vago e reflete teoria queer e transgênera e noções essencialistas de gênero:

profundamente sentida experiência interna e individual de cada pessoa do sexo, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído à nascença, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, se livremente escolhido, a modificação da aparência ou função corporal por médicos, cirúrgicos ou outros meios) e outras expressões de gênero, incluindo o vestido, fala e maneirismos. (Painel Internacional de Peritos, 2007:6)

Nos Princípios, a categoria de "sexo" é totalmente omitida em favor do 'gênero'. Eles afirmam que "a violência, assédio, discriminação, exclusão, estigmatização" são "contra as pessoas em todas as regiões do mundo por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero, que essas experiências são agravados pela discriminação em razão incluindo sexo, raça, idade, religião, deficiência, saúde e status econômico". O sexo não aparecem nesta conta, e como resultado, as mulheres são eliminadas, uma vez que a discriminação contra as mulheres começa no útero e não está relacionada com "gênero". Em

uma compreensão feminista e social construcionista, o gênero é um resultado e manifestação da subordinação das mulheres como uma casta sexual, ao invés da razão para isso.

O fato de que "identidade de gênero" é cada vez mais definida como uma festa móvel pode criar dificuldades para a interpretação destes princípios legais. Um grande estudo sobre aqueles que se identificam como 'trans' no Reino Unido em 2007 reconheceu que transgênerismo não constitui uma categoria definida, dizendo que as categorias travesti, transgênero e transexuais são comumente entendidas como discretas. Esta pesquisa descobriu que as pessoas trans têm identidades complexas de gênero, muitas vezes se deslocam de uma categoria "trans" em outro ao longo do tempo" (Whittle et al, 2007:14). A pesquisa constatou que 44% dos entrevistados não vivem permanentemente em seu "gênero preferido " destina-se a fazê-lo no futuro" e este "tem implicações para a lei atual que oferece algumas proteções legais apenas para aqueles que são entendidos como transexuais" (ibid.). Este grau de flexibilidade pode ser esperado para criar dificuldades para os legisladores, pois implica que o direito de ser considerada uma "mulher" na lei, que é como "identidade de gênero" é geralmente interpretado como poder ser exercido por homens que ocasionalmente se vestem como mulheres ou apenas nos fins de semana. Para as mulheres, é claro, o seu estado de casta sexual é em tempo integral e condição ao longo da vida.

Apesar de sua natureza problemática e confusa, os Princípios de Yogyakarta tem sido vistos como um desenvolvimento muito importante no domínio dos direitos humanos (Ettelbrick e Zeran, 2010; O'Flaherty e Fisher, 2008). Apesar de não ser obrigatório no direito internacional, têm sido entendido como "uma interpretação do direito internacional" (Ettelbrick e Zeran, 2010: 11) e têm "sido discutido e ação sobre os direitos humanos relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero para o novo altos dentro das Nações Unidas, e eles fornecem um importante ponto de definição universal 'para' centenas de trabalhos acadêmicos, contas, resoluções e outros documentos "(Ettelbrick e Zeran, 2010:13). O Observatório de Direitos Humanos chama de "Um conjunto inovador de princípios sobre a orientação sexual, identidade de gênero, e do direito internacional... um avanço marcante na luta pelos direitos humanos fundamentais, bem como a igualdade de gênero" (Observatório de Direitos

Humanos, 2007). Infelizmente, a "igualdade de gênero" não é possível porque "gênero" é uma hierarquia, mas esta suposição pelo Observatório de Direitos Humanos que os princípios de alguma forma beneficiam mulheres mostra a grave confusão que a linguagem do gênero criou na comunidade dos direitos humanos. O peso de carregar do direito de "gênero" em direitos de lésbicas e gays tem o efeito que quaisquer avanços em direitos de lésbicas e gays também vai aprofundar o conflito de direitos que a ideia de um direito ao gênero cria para mulheres. Este é o mais infeliz, pois não há dúvida de que o avanço dos direitos para lésbicas e gays é de grande importância.

Um exemplo do impacto dos princípios sobre os formuladores de políticas podem ser encontrados no relatório de 2011 do gabinete do Director-Geral da Justiça da Comissão Europeia, que definia a importância de eliminar a discriminação em razão de "sexo, identidade de gênero e expressão de gênero" (Agius e Tobler, 2011). O relatório, que é susceptível de ser influente, uma vez que emana de tal fonte, é baseado em todas as noções problemáticas e confusas comuns ao discurso da teoria queer sobre gênero. Ele afirma que "as atitudes negativas em relação às pessoas trans e intersexo" são muitas vezes "diretamente correlacionada com a importância que determinados lugares da sociedade sobre o modelo de gênero binário, bem como os níveis de estereótipos de gênero, o sexismo e as desigualdades de gênero que existem dentro dele" (Agius e Tobler, 2011:5). A análise feminista é um pouco diferente, e compreende o "binário de gênero" e a desigualdade com base em sexo biológico para ser a causa do próprio conceito, "identidade de gênero", que o relatório pretende proteger. A definição do relato de 'trans' é tão ampla quanto a ser quase insignificante:

Na verdade o termo trans é um termo abrangente que inclui, mas não está limitado a homens e mulheres com passados transexuais e pessoas que se identificam como transexuais, transgender, travesti/cross-dressing, andrógino, polygender, genderqueer, agender, variante de gênero ou com qualquer outra identidade e expressão de gênero que não é homem ou mulher e que expressam seu gênero por meio de sua escolha de roupas, apresentação, modificações corporais, incluindo em curso do vários procedimentos cirúrgicos. (Ibid.)

Um grupo de pessoas que não está incluído é que muito grande grupo que evita gênero completamente e se recusa a obedecer a qualquer das demandas sociais

para demonstrar um determinado gênero em suas pessoas, muitos dos quais, mas não todos, são lésbicas ou gays. Eles não são 'trans' porque eles não feiticizam gênero em qualquer forma, mas simplesmente optar por viver sem ele.

### **As implicações da incorporação dos estereótipos de gênero na lei**

Há duas implicações preocupantes de incorporar a proteção de “gênero” na lei que serão aqui consideradas, através do exame de dois exemplos supostamente pioneiros da mudança legal, o Ato de Reconhecimento de Gênero do Reino Unido de 2004 e o Ato de Emenda de Discriminação Sexual da Austrália de 2013. A primeira implicação é que, quando o gênero é inscrito na lei que cria a proteção legal para os estereótipos tradicionais de gênero que se originaram no sistema de castas sexuais. A segunda é que o aumento da imprecisão da categoria “gênero” permite aos homens ganharem proteção na lei para a sua representação de mulheres, mesmo quando eles são fisicamente inteiros, e, portanto, capaz de tanto estuprar quanto engravidar mulheres e crianças, e quando eles ocasionalmente fazem cross-dressing. Enquanto antes eram obrigados trans requererem ter um diagnóstico de transtorno de identidade de gênero, tem realizado um teste de vida real da vida como sexo oposto e ter sofrido um tratamento físico para alterar seus corpos, pessoas que reivindicam proteção para necessidade suas “identidades de gênero” para provar nenhuma destas coisas. Em muitos países, o reconhecimento de mudança de sexo ou gênero ainda requer evidência de tratamento para o transtorno de identidade de gênero, mas isso está mudando. Como a definição das pessoas que necessitam de proteção para ampliar seus “direitos de gênero”, a legislação nacional está a ser criada, que segue um modelo mais amplo de “despatologização”. Uma campanha em curso por transativistas para permitir o reconhecimento do status de casta sexual alterada sem qualquer diagnóstico ou tratamento em curso e progressos consideráveis. O Ato de Reconhecimento de Gênero de 2004 no Reino Unido ainda requer um diagnóstico, mas evita o tratamento como um critério para a obtenção de um certificado de status alterado. É um excelente exemplo da mudança para o “gênero” na legislação; e a confusão em torno do “gênero”, em que a Lei está atolada, leva a alguns resultados estranhos (Jeffreys, 2008).



## **O ato de reconhecimento de gênero do Reino Unido em 2004**

O ato de reconhecimento de gênero (GRA) no Reino Unido foi radical na época. A lei britânica vai mais longe do que outros países, permitindo que pessoas transgêneros que tenham sido submetidos a tratamento cirúrgico para ganhar novas certidões de nascimento e os direitos de seu, como o GRA coloca, "adquirido gênero". Não existe, é claro, nenhuma coisa como um gênero não-adquirido mas a legislação e os debates parlamentares no momento, gangorram entre ver 'gênero' como apenas uma outra palavra para o sexo, há ve-la como um construção social. O ato é incomum, permitindo transgêneros que tiveram nenhum tratamento cirúrgico ou hormonal a ganharem o reconhecimento do seu novo "gênero". A linguagem do "gênero" em vez de "sexo" é utilizado na legislação. Embora o ato seja aparentemente sobre "gênero", um assunto que as feministas têm geralmente entendido como sendo seu próprio terreno político, não há mulheres ou grupos feministas fazendo submissões para liderança deste ato. Uma conversa toda sobre o que é sexo e gênero e que, por exemplo, uma mulher é - incluindo a criação de legislação com implicações sociais e políticas consideráveis para as mulheres - teve lugar fora do palco como se não fosse a preocupação das mulheres ou feministas de serem envolvidas na discussão dessas questões.

O ato é o filho de um movimento internacional de transativistas, representados no Reino Unido por organizações como a Imprensa para a Mudança (PFC), o Confiança de Gênero e a Rede FTM. A aceitabilidade social do transgênerismo no presente é sugerido pelo fato de que os dois principais defensores do PFC, Christine Burns e Stephen Whittle, foram premiados na MBE e um OBE, respectivamente, pelos seus esforços de campanha para direitos transgêneros e para o GRA. A lei de 2004 "prevê a possibilidade para e na conexão com a mudança de gênero" (GRA, 2004). O ato define "gênero adquirido" como o "gênero a que a pessoa mudou" ou "o gênero em que a pessoa está vivendo". Sob o ato, pessoas que solicitam o "reconhecimento" do seu "novo gênero" devem aparecer antes de um painel que vai decidir se "os reconhecem" ou não. O painel deve deferir o pedido se as seguintes condições forem satisfeitas pelo requerente: eles devem ter ou ter tido "disforia de gênero"; ter realizado o que é normalmente chamado de teste de "vida real", ou seja, ter vivido no sexo adquirido durante todo o período de dois anos, que termina com

a data em que o pedido é apresentado; e pretende "continuar a viver no gênero adquirido até a morte". Embora o problema de remorso transgênero e a dificuldade de qualquer um dos aspirantes serem capazes de prometer que não vão mudar as suas mentes foram levantadas nos debates parlamentares, nem foi considerado a minar o espírito da legislação que foi baseado na ideia de que transgêneros 'reais' podem ser reconhecidos e que remorso não acontece. Nenhum mecanismo foi criado para permitir que aqueles "reconhecido" ao abrigo da Lei de voltar e receber um novo certificado, ou uma série deles nos próximos anos, cada vez que eles mudaram sua identidade de gênero.

O candidato deve fornecer provas da seu 'gênero adquirido' sob a forma de um ou outro 'relatório feito por um médico registado praticante no campo de disforia de gênero e um relatório feito por outro médico registado' ou 'um relatório feito por um revisor oficial psicólogo praticante nesse campo e um relatório feito por um médico registado' (GRA: artigo 3). Ao contrário da legislação deste tipo em outros lugares, não exige que os candidatos devem ter sido submetidos a um tratamento médico na forma de hormônios ou cirurgia, e isso pode levar a algumas consequências peculiares. Cria uma nova situação em que uma mulher intacta pode tornar-se legalmente do sexo masculino, e pode dar à luz e criar um filho como 'pai', embora, de acordo com a legislação do Reino Unido, a certidão de nascimento deve especificar que a pessoa que deu a luz é a 'mãe' em vez do 'pai'. Como também cria a situação que um homem pode, com a ajuda de um certificado reconhecendo-o como uma mulher, entrar em espaços exclusivos a mulheres, que aconteceu em relação a prisões femininas no Reino Unido, como veremos mais adiante neste capítulo. Esse problema para a segurança das mulheres é agravado pelo fato de que um homem pode ser fisicamente inteiro.

Embora o Ato de Reconhecimento de Gênero seja radical para a época em que não exigem tratamento medicamentoso ou cirúrgico para se qualificar para um certificado de mudança de 'gênero', a campanha e discussão dos direitos de transgêneros internacionais mudou consideravelmente na década que se seguiu. Isso fica claro a partir de uma análise da Emenda à Lei de Discriminação Sexual na Austrália, em 2013, onde "identidade de gênero" é definida de forma tão abrangente que representa apenas aparência ou 'maneirismos' e não faz nenhuma menção de qualquer diagnóstico ou tratamento. Nesta legislação sobre a identidade de gênero é simplesmente uma

questão de escolha pessoal e, potencialmente, sujeitos a mudarem de um momento para o outro.

### **O Ato de Emenda a Discriminação Sexual da Austrália, 2013**

A mudança na lei para incorporar direitos de gênero está se movendo rápido e se desenvolvendo em conformidade com a abordagem da teoria queer ao gênero. O Ato de Emenda a Discriminação Sexual da Austrália em 2013 adiciona as categorias de orientação sexual, identidade de gênero e intersexualidade àqueles protegidos contra a discriminação (Parlamento da Commonwealth da Austrália, 2013a). Ele vai tão longe como a sugerir que todo mundo tem um gênero, e possibilita, em "identidade de gênero", pessoas a serem nem homens nem mulheres" (Parlamento da Commonwealth da Austrália, 2013b). A definição de "identidade de gênero" é muito amplo e não requer um diagnóstico ou tratamento, ou qualquer período em que o aspirante tem que viver como o gênero que aspiram a ser, e parece facilitar qualquer pessoa a reivindicar uma "identidade de gênero" numa base temporária ou ocasional: "identidade de gênero significa a ligação com a identidade de gênero, aparência ou maneirismos ou outras características relacionadas com o gênero de uma pessoa (seja por meio de intervenção médica ou não), com ou sem levar em conta as pessoas de "sexo designado no momento do nascimento" (Parlamento da Commonwealth da Austrália, 2013a:6, Subsecção 4 (1)). É interessante especular sobre o que se entende por "maneirismos", que poderiam, talvez, incluir o comportamento de cabelo que duas parceiras nascidas mulheres descreverem no Capítulo 4 seus maridos como a adotando ele enquanto eles transicionaram. Esta incorporação no direito de tais medidas finamente calibradas de masculinidade e feminilidade socialmente construída é um novo desenvolvimento. A legislação implica que todo mundo vai ter uma "identidade de gênero", definindo a discriminação em razão da identidade de gênero como ocorre quando "o discriminador trata a pessoa lesada menos favorável do que, em circunstâncias que são iguais ou não são materialmente diferentes, os delitos discriminadores ou trataria uma pessoa que tem uma identidade de gênero diferente "(Parlamento da Commonwealth da Austrália, 2013a: 5B). Não há nenhuma disposição para o uso como um comparador uma pessoa que não tem uma "identidade de gênero", e na verdade não acredita em tal. Desta forma,

o estado australiano criou agora na suposição de que todos têm uma identidade de gênero, e que a posse de tal qualidade parece ter se tornado obrigatório e inevitável.

A Emenda inova ao permitir a possibilidade de que uma pessoa pode não se identificar como homem ou mulher. De acordo com a exposição de motivos que acompanham a legislação, a definição de "identidade de gênero" oferece a máxima proteção para gênero de diversas pessoas", um termo que introduz um novo nível de obscuridade desde que a idéia de "gênero" se refere a um sistema em que há apenas dois sexos, masculinidade para o sexo masculino, casta sexo dominante e feminilidade para o sexo feminino, casta sexual subordinada; a diversidade não se aplica (Parlamento da Commonwealth da Austrália, 2013b: Artigo 11). A definição inclui o caminho em que 'a pessoa expressa ou apresenta seu gênero e reconhece que uma pessoa pode não se identificar como homem ou mulher. No entanto, se a pessoa se 'identifica' ou não, a menos que sejam intersex, eles serão biologicamente homens ou mulheres, de modo que a legislação permite que a vida de fantasia dos cidadãos sejam protegidos pelo Estado. É provável que a categoria "nenhum" será de maior uso, imediatamente, a um homem australiano que ganhou uma decisão na Corte de Nova Gales do Sul, assim quando a emenda estava alcançando sua fase final de passar pelo legislador, que ele poderia obter sua certidão de nascimento alterado para reconhecê-lo como "nem homem nem mulher"(Bibby, 2013). Esta decisão está sendo celebrada como quebrador de barreiras. Na verdade Norrie May Welby é uma pessoa do sexo masculino que transicionou com a idade de vinte e oito anos e depois se arrependeu de sua decisão, mas decidiu não se identificar como do sexo masculino, embora ele não se considere feminino. Isto é provavelmente porque ele teve seus testículos amputados e é, como ele diz, um "eunuco" (ABC, 2003). Ele é um homem que começou como um artista de drag gay antes do SRS e, em seguida, para sobreviver financeiramente, foi prostituído por homens (ibid.). A situação de Welby sugere que a lei terá constantemente a evoluindo, numa base *ad hoc*, para ter em conta a disfunção causada pela aceitação médica e social do transgênero em primeiro lugar. Considerando que as pessoas intersexuais podem razoavelmente optar por declarar que eles são "nem homem nem mulher", isto não se aplica a homens como Norrie Welby, que são susceptíveis de ser inequivocamente, biologicamente masculinos, mas

sofreram o confisco de seus órgãos genitais por profissionais médicos licenciados pelo Estado.

Depois de terem aceitado a validade jurídica dos "direitos de gênero", os legisladores estão descobrindo que eles têm de criar mais e mais conceitos e linguagem vagos e confusos. Há uma ladeira escorregadia para falta de sentido, como as pessoas que permitem que são biologicamente masculino ou feminino para realizarem suas fantasias que eles não são, com a aprovação do Estado. As implicações de tal legislação pelos direitos das mulheres serão elucidados através da jurisprudência nos próximos anos, mas em algumas jurisdições são tomadas decisões sob a égide de "direitos de gênero" que são claramente muito problemáticas para os direitos das mulheres à dignidade e segurança. A próxima seção do capítulo vai examinar as implicações de permitir que homens exercam os seus direitos de 'gênero' para se introduzir em espaços em que as mulheres são particularmente vulneráveis - sanitários das mulheres e prisões femininas.

### **Banheiros femininos exclusivos e o direito à dignidade**

A dignidade é um princípio importante na legislação sobre direitos humanos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos começa com as palavras: "Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente e dos direitos iguais e inalienáveis de todos os membros da família humana é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo" (Nações Unidas, 1948). A entrada de pessoas do sexo masculino em banheiros de mulheres está acontecendo com frequência cada vez maior nos Estados Unidos, em particular, e está sendo justificada com sucesso com referência aos direitos de gênero. Este sujeita mulheres a potencial série de comportamentos de assédio sexual por homens que violam o direito das mulheres à dignidade humana. A formulação ampla de documentos recentes relativos aos direitos de gênero cria a possibilidade de que ambos os antiquados transexuais que passaram por cirurgia de redesignação, bem como travestis que se envolvem em seu hobby em determinados dias ou fins de semana, seriam capazes de usar banheiros das mulheres.

Historicamente, a oeste, a disponibilidade de banheiros só para mulheres tem sido um objetivo feminista importante, e a condição *sine qua non* da igualdade das mulheres (Penner, 2001). As mulheres não podem sair para trabalhar ou acessar o espaço público sem acesso a banheiros seguros. Este

ainda é um problema muito importante em países como a Índia, onde existem campanhas de direitos humanos sobre o direito de banheiros das mulheres, para permitir que as meninas a irem à escola, bem como para permitir às mulheres para escapar da violência sexual a qual elas são vulneráveis a ter quando estão defecando ou urinando em campos ou locais públicos (Yardley, 2012). Presentemente, no oeste, no entanto, parece que essas instalações, que são tão cruciais para o bem-estar e as oportunidades das mulheres, estão sendo ameaçadas pelas exigências de homens que fazem cross-dressing para acessá-los.

A criação de um "direito" para os homens para entrarem em sanitários das mulheres tem, potencialmente, uma série de efeitos negativos, como a dissuasão das mulheres de usá-los, criando potenciais problemas de saúde, e forçando as mulheres a uma proximidade íntima com homens, alguns dos quais têm um claro interesse nas excitações sexuais que eles podem acessar ao violar o direito das mulheres à dignidade humana em tais lugares. O perigo para a dignidade e segurança, que a entrada pode ocasionar é ilustrado pela quantidade considerável de pornografia disponível gratuitamente na web no qual o visor de homens e fotografias de câmbio que tenham tomado por furto das mulheres, através de câmeras escondidas, de mulheres em banheiros e vestiários, defecando e urinando, ou nuas em chuveiros. Este material é um subconjunto do gênero de pornografia mais usualmente chamado 'levantamento de saias', que é o nome a qual consumidores pornôis dão à prática de fotografar por baixo das saias das mulheres sem o seu conhecimento. Os homens fazem isso usando câmeras nas pontas dos seus sapatos em escadas rolantes, fazendo com que câmeras em sacos que colocam no chão ao lado de mulheres, e, em particular, ao colocar câmeras escondidas em banheiros de mulheres e casas de banho. O fenômeno de levantar saias tem sido reconhecido como um tiro fora da tecnologia de telefonia móvel que permite uma nova forma de assédio sexual e violência contra as mulheres, e preocupação com o que levou à introdução de nova legislação em vários países para resolver a questão (Powell, 2009). Os homens que se envolvem em levantar as saias de mulheres é um grupo variado, incluindo os fãs de tênis masculinos no Australian Open (ibid.), os alunos da escola que enviaram o filme de um professor para a Internet (Epstein, 2012), e até mesmo um urologista masculino. Em um caso em Nova York em

agosto de 2012, um urologista respeitado estendeu seu interesse profissional em uma nova direção, e foi preso por filmar por baixo da saia de uma mulher em uma plataforma da estação (Newcomb, 2012). Esta forma de voyeurismo inclui a focalização direta de funções excretoras das mulheres para observação, filmagem e gravação de som.

Os criminosos que têm como alvo as mulheres, a fim de ganhar emoção da violação de sua dignidade desta forma incluem homens que se vestem com roupas de mulher. Há um número surpreendente de casos em que homens vestindo roupas femininas foram presos por envolvimento em comportamentos em banheiros femininos que é prejudicial para as mulheres. A gama de atos que eles se engajam incluem fotografar em segredo mulheres que usando os banheiros e chuveiros, espiando mulheres de barracas adjacentes ou sob divisores, exigindo que as mulheres os reconheçam como mulheres e tornando-se agressivos se as mulheres não o fizerem assim, e atraindo crianças para banheiros femininos para agredir sexualmente deles. Não é possível saber se estes são os homens que consideram que eles sejam transexuais ou transgêneros ou apenas homens que adotam roupas femininas, a fim de facilitar o seu acesso às mulheres e crianças, mas o problema de permitir que os homens entrem banheiros femininos persiste em ambos os casos. O website *GenderTrender* tem uma lista útil de tais prisões nos últimos anos (GenderTrender, 2011a). Em um caso britânico um homem vestido como um "manequim com uma máscara e uma peruca" para entrar em um cubículo no banheiro feminino em um shopping center, onde ele executou um ato sexual "não especificado" (The Telegraph, 2011). O homem de vinte e dois anos de idade, disse à polícia que "descobriu o som da mulher no banheiro sexualmente excitante", e ele tinha filmado os pés das mulheres por debaixo de portas do cubículo em seu telefone móvel e gravou o som de um vaso sanitário. Em outro caso, um homem vestido como uma mulher foi observado espiando as mulheres e usando um telefone celular para fotografá-las no vestiário feminino da UC Berkeley (Rufus, 2010). Em um caso em Little Rock, Arkansas, um homem de trinta e nove anos de idade, vestindo roupas femininas foi preso depois de se expor masturbando na frente de três filhos e tentando atraí-los para o banheiro feminino (Newport TV, 2010). Ele teve uma longa história de exposição indecente. Em maio de 2013, um homem vestindo roupas "de mulheres", que

estava usando uma câmera escondida para filmar mulheres no banheiro feminino, foi preso na Califórnia (Daily News, 2013). Não há, é claro, um comportamento paralelo por parte de mulheres que procuram entrar em banheiros masculinos para filmá-los utilizando as instalações, e os homens não precisam de sanitários segregados por sexo para proteger sua dignidade e segurança como as mulheres.

O conflito de direitos que o direito a proteção criado pela "identidade de gênero" é particularmente claro no caso Colleen Francis nos Estados Unidos em outubro de 2012. Neste caso, Francis, quarenta e cinco anos de idade, uma pessoa nascida do sexo masculino, três vezes casado, pai de cinco filhos, possuidor de genitália masculina intacta, e que viveu como um homem até 2009, estabeleceu o direito de usar a sauna no vestiário das mulheres no Evergreen State College (Golgowski, 2012). O vestiário é usado por meninas de duas escolas vizinhas e alguns pais se queixaram de que essa pessoa do sexo masculino estava nu no vestiário, na presença de suas filhas. O colégio disse que tinha que proteger legalmente o direito de Colleen estar nu no vestiário feminino, dirigindo as meninas para uma instalação menor, menos adequada e, em seguida, colocando uma cortina na sala principal do armário dizendo que as meninas poderiam se trocar por trás dele. O direito de Francisco de sua "identidade de gênero" superou os direitos de quem nasceu e cresceu mulher. Os casos abordados aqui representam apenas uma fração daqueles listados nos blogs de feministas transcríticas. Além disso, os casos relatados são susceptíveis de representar a ponta do iceberg dessa forma de ofender os homens, uma vez que geralmente as mulheres não sabem que eles estão sendo gravadas ou observadas.

O direito dos homens que fazem cross-dressing a usar o banheiro das mulheres é apoiado por uma aliança supostamente progressiva dos teóricos queer e ativistas que defendem que banheiros segregados por sexo são desnecessários e irremediavelmente ultrapassados. Um desses é Sheila Cavanagh, da Universidade de York, autor de *Queering Bathrooms* (Queerizando banheiros) (2010). Ela enrola e enrola a ideia de que "as pessoas trans" podem ser predadores sexuais, e diz que houve,

(pelo meu conhecimento) nenhum relatório de uma pessoa trans física ou sexualmente atacando um patrono cisgênero (não-trans) no banheiro.



É como se o banheiro tornasse um ícone de perigo evocado por aqueles que não podem logicamente justificar a sua oposição à legislação trans inclusiva. (Cavanagh, 2011:18)

Há, porém, uma grande quantidade de evidências de que os homens são violentos contra as mulheres, em todas as culturas e ao longo da história (Romito, 2008), e não há nenhuma boa razão para que os homens que se vestem com roupas de mulher irão se comportar de forma diferente. Na verdade, como vimos acima, há evidências consideráveis de que há homens que, seja apenas pessoas que fazem cross-dressing ou "transgêneros", que se dedicam a violência contra as mulheres em espaços como banheiros, e tais expressões de desprezo e escárnio para com aqueles que apontam essas verdades desconfortáveis em que não podem negá-los.

Cavanagh defende sanitários sem gênero e estados, "gênero inclusivo e luxuosos sanitários são um projeto de valor para o século XXI" (Cavanagh, 2011:20). Infelizmente, este argumento, que é feito em busca dos direitos transgêneros, está começando a ganhar terreno não apenas no mundo rarefeito da teoria queer, mas na política do governo local. Em 2013, a Câmara Municipal de Brighton and Hove no Reino Unido anunciou a sua intenção de retirar os gêneros dos banheiros públicos (Ward, 2013). O Conselho declara que pretende promover a "neutralidade de gênero" e "instalações de construção que estão abertos a todos, independentemente do sexo". Esta iniciativa deveria começar com a construção de um bloco com quatro novos lavatórios e uma lanchonete. Os banheiros teriam imagens que descrevem um homem, uma mulher e uma criança nas portas. O Conselho opinou que tais instalações seriam "mais acessível para aqueles que não se identificam com o binário masculino - feminino" (ibid.). Posteriormente, sanitários do mesmo sexo seriam progressivamente eliminados. A política é uma resposta a uma demanda por um grupo de trabalho do Conselho criada para analisar 'problemas enfrentados pelos moradores transgêneros' da cidade. O grupo, o 'Painel de Igualdade Exame Trans', também recomendou que os títulos que se refere ao sexo, como Sr, Sra e Srta, devem ser proibidos a fim de não ofender a comunidade transgênero e forçá-los a "escolherem entre os gêneros". Os conselheiros do partido verde apoiou o plano, e, curiosamente, foi até conselheiros do lado conservador da política salientar que esta foi uma violação do direito das

mulheres à segurança. Um conselheiro do grupo conservador em oposição argumentou que "os residentes locais, especialmente as mulheres com crianças, preferem muito mais utilizar as instalações separadas, como além de tudo, ser mais seguro" (ibid.).

### **Transgenerismo e o sistema prisional**

Banheiros femininos não são o único espaço segregado em que as mulheres são particularmente vulneráveis à entrada de homens que procuram exercer os seus direitos 'de gênero'. Prisões femininas são um outro espaço que eles estão buscando o direito legal de entrar, e isso proporciona um poderoso exemplo do choque de direitos que é criado quando os direitos dos homens para personificar mulheres são promovidos acima dos direitos das mulheres. Presidiários do sexo masculino em países ocidentais estão usando as leis de direitos humanos com sucesso para ter acesso ao tratamento transgênero a expensas públicas na prisão, e o direito de, em seguida, transferir-se para a prisão das mulheres. Os homens que estão sendo dadas o direito de viver ao lado de mulheres na prisão incluem alguns dos mais perigosos para a segurança das mulheres – homens que foram condenados por crimes de grave violência, incluindo o assassinato de mulheres. Homens que transicionam são mais propensos a um comportamento criminoso do que os demais homens. Investigação dos Estados Unidos mostra que 21% dos homens que transicionam haviam sido enviados para a prisão por qualquer motivo, o que contrasta com 2,7% da população americana geral (Grant *et al.*, 2011). Embora as demandas dos prisioneiros 'transgênero' ainda estão sendo recusados em algumas jurisdições, eles estão cada vez mais bem-sucedidos, sendo bem apoiado por organizações gays e grandes escritórios de advocacia.

Na Austrália, a transgeneração dos presos não é ainda rotineiramente facilitada. Se fosse, então um candidato seria o assassino em série australiano, Paul Denyer. Denyer matou três mulheres jovens em subúrbios Bayside de Melbourne, ao longo de sete semanas em 1993. Ele procurou durante a sua sentença a "usar maquiagem na cadeia, ter uma mudança de sexo financiada pelos contribuintes e formalmente alterar seu nome para Paula" (Dunn, 2012). Ele foi indeferido, e em julho de 2012 exibiu comportamento que mostrou como o contrário de uma mulher que ele realmente era. A polícia foi relatado para estar

investigando quatro supostos estupros por Denyer de homens com deficiência intelectual que eram colegas de cela. O caso Denyer serve para ilustrar os problemas que podem ocorrer como resultado do reconhecimento de criminosos masculinos violentos como "mulheres" e sua transferência para instalações das mulheres. Não há nenhuma razão que uma crença de que eles são 'mulheres' irá alterar as tendências destes homens a se envolverem em uma forma de violência sexual que é especificamente e claramente masculino. Em outro caso da Austrália, em 2012, Derek Lulu Sinden foi negada a permissão nos tribunais de Queensland para iniciar o tratamento hormonal para o transtorno de identidade de gênero. O Departamento de Correções Queensland argumentou que a recusa foi consistente com a sua política de apenas fornecer hormônios para homens que começaram a tomá-los antes de entrar no sistema prisional (Smith, 2012). Sinden havia sido condenado por um ataque em setenta e um anos de idade, Beryl Graça Brown em abril de 1999, em sua casa, o que a levou a sofrer um ataque cardíaco e acidente vascular cerebral fatal.

Embora ainda haja resistência que permita aos reclusos do sexo masculino para transicionaram nos Estados Unidos, sentenças judiciais em 2011 e 2012 estabeleceram os direitos dos presos do sexo masculino terem acesso ao tratamento transgênero sob a forma de ambos hormônios e cirurgia. Em um caso histórico em 2011, um homem que tinha um histórico grave de crimes sexuais contra meninas ganhou o direito de tratamento hormonal na prisão (McDermott *et al.*, 2011). Sandy Battista começou a sua violência contra meninas em uma idade jovem. A mãe de Battista foi morta por seu pai quando ele tinha seis anos, e ele foi, alegadamente, abusada sexualmente enquanto sob a custódia de seus avós. Quando ele tinha quatorze anos, ele violou uma menina de seis anos de idade, e um ano depois levou outra menina para a floresta, mas não a violou. Em um caso 1986, Battista foi pego fazendo telefonemas obscenos para as jovens que ele escolheu pelos jornais locais, e uma década mais tarde, Battista foi penalizado por manter fotos de meninas em sua cela. Ele foi diagnosticado como tendo transtorno de identidade de gênero em 1997. O escritório de advocacia, McDermott Will & Emery, que começou a atuar para Battista no seu caso contra as autoridades por não permitir que ele tivesse o tratamento transgênero, orgulhosamente anunciou em seu site que eles foram bem sucedidos no que eles consideram uma importante vitória dos direitos

humanos, permitindo-lhe a ter tratamento hormonal. O juiz do caso encontrado, em 2011, que ao negar o tratamento a Battista constituiria "uma punição cruel e incomum que consiste no abandono de sua grave necessidade médica" (ibid.). Este precedente foi usado no caso de um outro prisioneiro do sexo masculino violento nos Estados Unidos em 2012 que buscava o direito não apenas aos hormônios, mas para a cirurgia de reatribuição sexual financiada pelo Estado (Lavoie, 2012). Robert Kosilev assassinou sua esposa, Cheryl, em 1990, e foi viver como uma mulher e tomando hormônios na prisão dos homens no momento do julgamento histórico. Este caso é o primeiro em que um juiz federal, juiz Mark Wolf, ordenou funcionários da prisão para fornecer a cirurgia de reatribuição sexual por um detento transexual. O juiz determinou que a cirurgia de redesignação era a única maneira de tratar "sua" "necessidade médica séria". A decisão deverá definir um precedente para outros homens que procuram redesignação na cadeia.

A questão da transferência para uma prisão feminina está entrelaçada com tais decisões, e este "direito" foi estabelecido no Reino Unido em um processo judicial em 2009, quando houve um recurso bem-sucedido de um prisioneiro do sexo masculino não identificado para ser transferida para uma prisão feminina. O requerente, neste caso, foi considerado culpado em 2001 pelo homicídio de seu amante masculino, que foi estrangulado com um par de meias, supostamente por se recusar a financiar a cirurgia de mudança de sexo do assassino. Ele foi condenado a cinco anos de prisão. Cinco dias após a sua libertação, ele tentou estuprar uma estranha do sexo feminino e foi enviado de volta para a prisão. A fim de fazer uma cirurgia de mudança de sexo o prisioneiro foi dito que ele deve se envolver no teste da vida real, que é de dois anos vivendo como uma mulher, o que exigiu a transferência para uma prisão feminina. Ele apelou no quadro da Convenção Europeia dos Direitos Humanos para ser permitido tal transferência. Seu advogado disse ao tribunal que os crimes foram todos ligados a "um desespero para se tornar uma mulher". O juiz declarou que "sua detenção prolongada em uma prisão masculina é em violação dos seus direitos nos termos do artigo 8 [direito à vida privada e familiar]" nos termos da Convenção. O advogado do homem, Phillippa Kaufmann, referiu ao homem como uma mulher e disse: "Ela vive como uma mulher entre homens de uma unidade de prisioneiros vulneráveis" e ela não pode vestir o que ela quer ou mais

do que sutil maquiagem. Eles são uma importante declaração de sua feminilidade" (Allen, 2009). As mulheres na prisão, onde serão alojados não serão informados sobre a sua identidade ou de seu delito (ibid.). Há um choque claro de direitos aqui, em que o direito de um homem para usar maquiagem e ser alojados com mulheres vulneráveis que estão encarceradas supera o direito dessas mulheres a ser protegida de homens violentos. A noção de direitos humanos é banalizada assim.

Em resposta à decisão, novas orientações foram emitidas para o tratamento de prisioneiros em busca de mudança de sexo nas prisões britânicas em Março de 2011, o que permitiu aos prisioneiros a terem tratamento e a ser localizado em prisões femininas. As diretrizes do estado eram,

Uma pessoa transexual masculino para feminino com um certificado de reconhecimento de gênero pode ser recusado local na propriedade do sexo feminino apenas por razões de segurança – em outras palavras, somente quando puder ser demonstrado que outras mulheres com um perfil de segurança equivalente seria também serem recusadas na propriedade do sexo masculino. (Ministério da Justiça, 2011)

A natureza do delito do homem e do grau em que ele constitui um risco para mulheres presas não está aqui considerado, apenas o direito do homem para personificar mulheres, enquanto na companhia de mulheres é reconhecido. A integração de homens que personificam mulheres em prisões femininas pode ser comprometida pela sua rejeição por mulheres presas. Na Itália, este era dado como uma razão para estabelecer uma prisão especial para transgêneros em 2010 (Melloy, 2010). Esta é uma solução cara e complexa, mas necessária em resposta ao problema que, embora a lei reconheça esses homens como mulheres, as mulheres reais não. Aurelio Mancuso, presidente da organização LGBT da Itália, Arcigay, explicou, "a habitação transgênero de presos do sexo masculino em conjunto é especialmente problemático. Mas suas relações com os presos do sexo feminino são também longe de serem simples. As mulheres simplesmente não os consideram mulheres" (ibid.).

Os problemas que podem surgir a partir da habitação de um homem em uma prisão feminina ficou evidente em um caso canadense em 2005, quando um transexual violento teve de ser removido da associação livre na prisão feminina na qual ele havia sido colocado sobre os motivos de seus direitos humanos, por causa de seu comportamento agressivo, que incluía ameaçar

funcionários e vandalizar o edifício (Bhardwaj, 2005). Richard Kavanagh, que se chama Synthia, foi colocado em uma instalação segura dentro de prisão de mulheres. Kavanagh foi condenado à prisão perpétua, sem possibilidade de liberdade condicional por vinte e cinco anos, devido a matança por martelo de 1987 em Toronto de uma prostituta transexual, Leo James Black, também conhecida como Lisa Janna Preto de vinte e três anos de idade. Ele queixou à Comissão Canadense de Direitos Humanos, em 1999, que a recusa de terapia hormonal e cirurgia constituía uma discriminação contra ele. Serviços correcionais no Canadá, em seguida, revisaram suas diretrizes para permitir que a cirurgia para pacientes que preencheram critérios específicos, e isso foi visto como uma decisão histórica na época. Curiosamente, o comportamento posterior de Kavanagh não era visto como uma razão para excluir os homens de prisões de mulheres, mas como uma razão para ter uma instalação separada para 'mulheres' violentos. Kevin Grabowsky da União dos agentes penitenciários do Canadá disse que o caso de Kavanagh ilustra que o serviço prisional precisa criar uma unidade de tratamento especial para delinquentes violentos, como existe para os homens, mas é claro que estes homens que transicionam não são criminosos, na verdade, não são criminosos do sexo feminino. O duplo sentido exigido em deferência à ideia de "direitos de gênero" pode ser bastante desafiador. Como o caso Kavanagh mostra, os homens que imitam as mulheres não são apenas potencialmente perigosos para as mulheres, mas para outros homens que imitam as mulheres também.

Em outro caso de um homem, que estava em processo de "transição", matando um homem com problemas de "identidade de gênero", trinta e quatro anos de idade, Nina Kanagasingham, do Reino Unido, foi acusado de assassinato em 2010 pela morte da advogada de direitos humanos bem conhecida, Sonia Burgess (Pink News, 2010). Sessenta e três anos de idade, Burgess era conhecido por amigos, família e colegas de trabalho, tanto como Sonia quanto por David. Kanagasingham empurrou Sonia/David Burgess fora de uma plataforma da estação de Kings Cross em Londres, onde foi morto pelo trem se aproximando. Kanagasingham foi colocado na prisão dos homens, mas depois das diretrizes de 2011 parece possível para ele ser colocado em uma prisão feminina.

## **Conclusão**

É um grave retrocesso para a jornada da equidade das mulheres quando estados protegem “gêneros” em sua legislação, e proclamam que os direitos de homens de personificar mulheres são “direitos humanos”. Isso faz “gênero”, o mecanismo que ordena o sistema de casta sexual, uma questão de Estado. A aparência e os maneirismo de gêneros, que representam uma forma socialmente construída e temporária de separar pessoas em dominantes e submissos em uma hierarquia, são dadas peso e validade. A crítica do reconhecimento do Estado deste mecanismo de desigualdade pode então ser visto como ilegítimo e “transfóbico”. Além disso, o reconhecimento dos “direitos de gênero” de uma forma que permite aos homens para entrar em espaços de mulheres e afirmam ser “mulheres”, cria um choque grave de direitos. Subordina os direitos das mulheres, pessoas do sexo feminino, à dignidade, segurança e privacidade, aos direitos dos (principalmente) homens que optam por encenar uma “identidade de gênero”, um estado de espírito. Há poucos limites para as categorias de homens que estão ganhando o direito de fazer isso em uma variedade de jurisdições. As vezes, a definição é tão ampla que abrange homens que desejam ocasionalmente fazer cross-dressing ou aqueles que lamentam a transição e agora se consideram neutro . Em todos os casos, a categoria de “sexo” – um real estatuto de casta de que as mulheres nunca podem escapar, e que as sujeira a humilhante tratamentos para toda a vida – desaparece em favor de uma fantasia na cabeça de uma pessoa trans.

8

## **Espaços femininos e o desafio transgêneros**

*(Escrito com a colaboração de Lorene Gottschalk)*

No último capítulo, abordamos dois espaços reservados em épocas anteriores apenas para mulheres para demonstrar as consequências da invasão masculina – com a justificativa de “exigir seus direitos de gênero” – desses lugares (como penitenciárias e banheiros coletivos femininos). Este capítulo analisa as implicações dessa invasão em relação a espaços especificamente criados para atender os interesses das mulheres, como abrigos e centros de saúde criados por voluntárias mas que, com o tempo, alcançaram reconhecimento e

financiamento governamental. Além disso, existem festivais, retiros, passeatas, conferências e uma gama de outros contextos organizados por e para mulheres. O transativismo vem demandando acesso a esses espaços e serviços para homens e, quando existe resistência, seja de mulheres hétero ou homossexuais, a retaliação é violenta, já que esses ativistas impõem cerco a esses espaços, forçando acesso a eles.

### **A importância de espaços e serviços exclusivos para mulheres.**

Serviços exclusivos para mulheres foram criados a partir da década de 1970 para servir àquelas que se encontram ou encontravam em situação de risco. Postos de saúde para mulheres, por exemplo, foram criados na Austrália nessa época, reconhecendo que suas necessidades específicas eram deixadas de lado em postos tipicamente dominados pelos homens. Esses centros de saúde tratavam exclusivamente de mulheres, priorizando suas características intrínsecas à sua fisiologia (Kaplan, 1996; Murray, 2002). Abrigos para vítimas de abuso e linhas telefônicas específicas para esses casos foram estabelecidas, também, para que essas mulheres pudessem curar-se e proteger-se da violência masculina (Sweeney, 2004). Esses serviços são adaptados para as necessidades femininas e oferecem apoio mútuo e espaços para as mulheres exporem seus interesses e adquirirem consciência de sua condição. Este capítulo trata também das dissensões dentro de comunidades femininas e organizações de serviços voltados para mulheres – dissensões estas criadas pela demanda da entrada de homens que acreditam ser mulheres, seja como colaboradores ou como clientes (Price, 2007; Stuart, 2006).

Além disso, este capítulo analisa as campanhas empreendidas por transativistas de entrada nos espaços já mencionados (que foram criados para permitir que mulheres se relacionem política e socialmente, sem a presença de homens, a fim de articularem seus interesses, relaxar, estreitar laços de amizade e afetividade, além de desfrutar da cultura, música, poesia e dança). Esta parte do livro vai tratar das consequências da invasão desses espaços por homens que transicionaram para mulher, mas que continuam sendo heterossexuais e se auto denominam lésbicas, acessando, assim, espaços exclusivos para mulheres lésbicas. Tais espaços não necessariamente são territoriais, mas físicos, já que



até o acesso ao corpo dessas mulheres vem sendo demandado e violado. Além disso, esses ativistas impõem culpa às lésbicas que não se relacionam com eles, acusando-as de “transfóbicas” (GenderTrender, 2013b).

Algumas feministas apoiam a entrada de transgêneros não operados a serviços e espaços exclusivos para mulheres (McDonald, 2006), enquanto outras, em comunidades femininas, se opõem fortemente a essa inclusão, afirmando que eles não possuem a vivência nem a fisiologia de uma mulher e, portanto, não são capazes de se identificar com o que realmente significa ser uma mulher (Greer, 1999; Jeffreys, 2008; Raymond, 1994; Sweeney, 2004). Germaine Greer, por exemplo, indica que transgêneros (homens que acreditam ser mulheres) não tem noção de sua aceitação como mulheres, apontando que “eles (transgêneros) invadem os poucos espaços que são seguros para as mulheres, bombardeando as que não os aceitam com ameaças e mensagens de ódio, fazendo o que estupradores sempre fizeram” (Greer, 1999:74). Frequentemente, ocorre divisão de opiniões quanto à inclusão de transgêneros dentro de grupos de mulheres, levando à extinção de eventos que proporcionavam importantes encontros, como festivais para lésbicas e festivais musicais para mulheres (McDonald, 2006; Sweeney, 2004; Wales, 1999). Sendo assim, espaços importantes são perdidos. Há pouco material que descreva as implicações da invasão transgênero a esses contextos. Ao mesmo tempo, também não se tem registro das implicações que a criação de serviços exclusivos para mulheres gerou. Este capítulo inclui dados do estudo de Lorene Gottschalk, o qual examina a equipe de gerência desses serviços (como abrigos e postos de saúde) na Austrália, em atenção às suas políticas de admissão de transgêneros e os ataques sofridos desses ativistas.

### **Serviços e espaços exclusivos à mulheres**

Espaços de mulheres que prestam apoio social e outros serviços foram criados em países como a Austrália, o Reino Unido e os Estados Unidos no final do século XIX e início do XX, durante o movimento feminista de primeira onda (Blair, 1984; Freedman, 1979; Kaplan, 1996). As campanhas feministas para tal disposição novamente na década de 1970 de modo a que, por exemplo, o governo australiano concordou em fornecer assistência financeira para

estabelecer e executar refúgios para mulheres, e até o final da década, havia mais de uma centena de refúgios financiados através da Austrália (Johnson, 1981; Kaplan, 1996; Murray, 2002). Centros de saúde das mulheres que procuravam compensar a centralização no homem da profissão médica tradicional também são financiados pelo governo na Austrália. O movimento pela saúde das mulheres alcançou um sucesso considerável em chamar a atenção para questões médicas de mulheres previamente negligenciados na pesquisa médica, e foi responsável por um declínio na doença e nas taxas de mortalidade materna e neo-natal (Kaplan, 1996). Serviços exclusivos a mulheres como refúgio, centros contra abuso sexual e centros de saúde cumpriu uma necessidade desesperada e os benefícios de prestação de serviços para atender a essas necessidades são bem documentadas (Kaplan, 1996; Lake, 1999).

Historicamente, quando os serviços são integrados, as necessidades especiais das mulheres se tornam “invisíveis” e são frequentemente negligenciadas (Freedman, 1979; Kaplan, 1996). Isso ocorreu nos Estados Unidos após o feminismo de primeira onda, quando os espaços das mulheres foram integrados. Um dos resultados foi que os problemas da violência dos homens contra as mulheres, que era bem conhecido no início do século XX, teve de ser “redescoberto” por feministas da segunda onda (Freedman, 1979). Criar um espaço só para mulheres, como refúgios para mulheres, centros de saúde das mulheres e festivais das mulheres tem sido uma das mais importantes conquistas da segunda onda no feminismo (Riger, 1994). Na década de 1990, no entanto, espaços exclusivos de mulheres e instalações desapareceram em grande parte como resultado do impacto do movimento queer, que marginalizava lesbianidade, e o backlash antifeminista (Case, 1997; Faderman, 1997). Poucos espaços exclusivos a mulheres ainda existem, em comparação com o que estava disponível no auge do movimento feminista de segunda onda. O desaparecimento de espaços só para mulheres teve lugar ao mesmo tempo como uma liquidação de volta de todas as instalações dedicadas aos interesses das mulheres, como livrarias, editoras, galerias de arte e cafés. Editoras feministas desapareceram na maior parte, as prateleiras dedicadas a estudos sobre mulheres em livrarias foram eliminadas ou fundidas em “gênero” ou estudos culturais e cursos de estudos femininos nas universidades têm sido em maior parte abolida ou transformada em “estudos de gênero”. Ao mesmo tempo,

os eventos anteriormente exclusivos a mulheres, tais como festivais de música ou marchas tornaram-se mistas. Mas até recentemente, centros de saúde das mulheres, abrigos para mulheres e serviços de crise de estupro, e algumas festas e eventos, permaneceu focado sobre as mulheres. O desafio às trans é assim direcionada a poucas áreas em que a exclusividade a mulheres permaneceu.

O desafio trans é um ataque em cima do princípio mais importante do feminismo, a necessidade de espaço só para mulheres, em que as mulheres se separam, por opção, dos homens. A filósofa feminista lésbica, Marilyn Frye, tem caracterizado a importância de separatismo ao feminismo de segunda onda. (Frye, 1983). Ela explica que,

A nossa existência como as fêmeas não pertencentes ao sexo masculino e não acessíveis a pênis, nossos valores e nossa atenção, nossa experiência do erótico e a direção de nossa paixão, nos coloca diretamente em oposição à cultura da supremacia masculina em todos os aspectos, tanto assim que a nossa existência é quase impensável dentro da visão de mundo do que a cultura (Frye, 1983:145).

Quando as mulheres proibiram a entrada de homens em seus grupos e atividades, negou importantes produtos e fontes de poder: “a negação feminina ao acesso masculino para substâncias femininas cortou um fluxo de benefícios, mas também tem a forma e portento completo da tomada do poder” (Frye, 1983:103). A raiva contemporânea de trans de corpos masculinos em serem negados a entrada em espaços exclusivos a mulheres, e a relutância de mulheres para lhes dar motivo de raiva, pode ser entendida com referência à visão útil de Frye que “consciente e deliberada exclusão de homens por mulheres, de qualquer coisa é flagrante insubordinação, e gera nas mulheres medo de punição e represália” (ibid.). O direito de entrada de homens é conferido por sua posição de domínio e falta de qualquer direito de negar isso a eles pela posição subordinada: “É sempre privilégio do mestre entrar na cabana do escravo. O escravo que decide excluir o mestre de sua cabana é declarar-se não um escravo” (Frye, 1983:104). A força e determinação do desafio trans e a raiva e os insultos com que muitas vezes é realizado, são susceptíveis de resultar de uma compreensão da importância de princípio do separatismo à liberdade das mulheres. Exemplos do desafio trans neste capítulo começará com o desafio de

espaços sociais exclusivos a mulheres, como exemplificando no Festival de música de Michigan Womyn, e passar para o desafio dos serviços de mulheres.

### **O cerco transgênero ao Michigan Womyn's Music Festival**

O Michigan Womyn's Music Festival (Festival de Música em Michigan para Mulheres) é um espaço icônico para mulheres, principalmente lésbicas, que, provavelmente devido à característica de permitir apenas mulheres, tornou-se um alvo do transativismo. A primeira edição do festival foi em 1976 e tem acontecido anualmente, durante uma semana, em propriedade privada desde então. É o mais antigo e famoso festival de mulheres da América do Norte e, pela grande presença de mulheres lésbicas, é um importante espaço para a criação de um senso de comunidade entre elas (Fowler, 2001). Esse evento proporciona, por um curto período de tempo, um espaço onde as mulheres podem se proteger dos constantes abusos e vigilância masculinos que existem em espaços públicos. Nesse festival, as mulheres podem expressar-se sem medo dos insultos e misoginia que caracterizam a nossa cultura. É impossível menosprezar o valor e a importância desse festival para a comunidade lésbica. Maria Fowler relatou que, em sua primeira ida ao festival, em 1995, a sensação era de “estar em casa” (ibid.). Ela explica que o festival foi idealizado para criar uma identidade positiva entre as lésbicas, desafiando as “construções usuais” sobre elas. Para muitas participantes, o festival é uma “comunidade de resistência” no qual elas podem ser livres para expressar sua lesbianidade, já que lá elas podem “desfrutar da privacidade que não possuem em seu dia-a-dia, devido à vigilância heteronormativa” (Fowler, 2001:53). Fowler cita uma das participantes quando diz que

é um lugar onde se sente completa e totalmente segura, onde não precisa olhar constantemente para os lados e ir para onde quiser a qualquer momento do dia ou da noite, em qualquer situação, vestida ou nua, sem ter que se preocupar com nada (Fowler, 2001: 59).

A política do festival não permite questionamentos sobre o sexo ou gênero das pessoas, mas exclui pessoas que se autodenominam transexuais e pede “respeito, por uma semana ao menos, a um espaço destinado apenas para mulheres” (Browne, 2011:249).

Kath Browne aponta que o festival “incorpora” o separatismo (Browne, 2011:248), permitindo que as mulheres “vivam” o feminismo” e “atuando como uma forma de apreender as diferentes formas do feminismo”. Browne explica que a nudez é importante para a liberdade que as mulheres sentem no Festival de Womyn's Michigan na medida em que, “uma vez no perímetro do festival, longe dos olhares de qualquer transeunte, o festival permite que as mulheres apresentem-se tanto nuas quanto vestidas” (Browne, 2011:251). As participantes afirmam que é uma “experiência empoderada no sentido de reconhecer a diversidade dos corpos femininos e sua beleza liberta dos padrões” (ibid.). Essa afirmativa se materializa nos banhos coletivos embaixo das árvores durante o festival, onde as mulheres não precisam sentir receio ou vergonha de mostrar seus corpos. Além disso, o festival oferece um espaço seguro onde as mulheres podem expressar seu amor e afeto umas pelas outras, “andando de mãos dadas, trocando beijos, etc, tudo isso nos espaços do festival” (ibid.). São atos que as mulheres, lésbicas em particular, não se sentem confortáveis para realizar quando estão perto de homens e, por esta razão, transativistas vem demandando acesso a esses espaços.

De acordo com Emi Koyama, autor do “Manifesto Transfeminista” (Koyama, 2001), o assédio ao festival começou em 1993, quando alguns transativistas criaram o “Acampamento Trans”, que se opunha à política do Festival de Womyn's Michigan de não permitir a entrada de homens que se auto denominam transgêneros (Koyama, 2006). A segunda edição do Acampamento Trans aconteceu em 1994 e entrou em hiato até 1999 quando foi trazido à tona com o nome Filhos do Acampamento Trans pelo grupo Ameaça Transsexual e a organização transativista GenderPAC. O fundador das duas entidades, Riki Wilchins, que se identifica como “transgênero homem-mulher-homem” (Wilchins, 2013). Enquanto a intenção original do Acampamento Trans era agregar transexuais que já haviam realizado a cirurgia de redesignação sexual (mudança de sexo), em 2002 a política passou a ser a aceitação de qualquer pessoa que se “identificasse” como mulher, seja fisicamente ou através de roupas (ainda que o uso de adereços femininos fosse ocasional, como ocorre com os *crossdressers*). A campanha feita para essa política foi ainda mais longe,

passando a pedir às mulheres que tocavam no Festival de Womyn's Michigan para boicotar o evento ou pronunciar-se contra o veto a transgêneros.

Além disso, esses ativistas exploraram a política de não perguntar às participantes sobre seu gênero para entrar no festival e utilizar suas instalações. Karla Mantilla escreveu para o jornal feminista americano *Off Our Backs* sobre o prejuízo causado ao festival pela intrusão de transgêneros nus nas áreas de banho coletivo (Mantilla, 2000). Ela afirma,

Se esses homens tivessem noção do que é ser mulher numa sociedade patriarcal, eles respeitariam e não invadiriam nossos espaços e saberiam a terrível violação que é para uma mulher ser confrontada por um estranho nu, com pênis, estando ela mesma nua e vulnerável (ibid.).

A preocupação dos transativistas com sua própria “libertação”, ela argumenta, vem “às custas da tentativa das mulheres de afastar-se por uma semana em algum canto dos Estados Unidos para um lugar onde possam sentir-se completamente livres da violência masculina” (ibid.). Quando transgêneros começaram a entrar no festival, Mantilla disse que “o sentimento de total segurança em relação aos homens e a cultura do estupro” foi “corroído” porque as participantes sabiam que sempre haveria um homem ali. Mantilla comenta ainda que essa invasão mostra o quanto a união das mulheres é encarada como “perigosa” pelos homens e que esses espaços são muito necessários. Ela argumenta também que o desafio transgênero é “uma rebelião contra a rebelião das mulheres” trabalhando contra “a libertação feminina do patriarcado”, além de ser antifeminista e conservador.

Em 2010, as táticas dos transativistas que entraram no Festival de Womyn's Michigan tornaram-se particularmente agressivas. Uma membra da equipe de segurança, que afirma não ter questionado o “gênero” de ninguém, descreveu como o Acampamento Trans havia se tornado “Acampamento Tranarquia” e “vandalizado o Festival e ameaçado suas participantes” (Dirt from Dirt, 2010a). Um panfleto distribuído pelos transativistas mostravam alto teor de misoginia, com os dizeres: “Uma ejaculada do meu pau feminino é muito mais mulher do que a sua arte com menstruação consegue aguentar”. As participantes do Festival registraram uma série de incidentes violentos: Uma delas mencionou que seu carro foi vandalizado com algum tipo de spray químico nas fechaduras.

Ouviu-se também barulhos de armas de fogo na área do Acampamento Trans numa noite, a água do Festival foi cortada, pneus de outros carros foram cortados, os canos nos locais de banho foram danificados e os *banners* do evento foram destruídos. As barracas das participantes do Festival foram pichadas com as palavras “Festa do Sexo” e “Mulheres de verdade tem pênis”. As mulheres presentes disseram estar traumatizadas e sofrendo stress pós-traumático, não se sentiam mais seguras para ir ao evento de novo (Dirt from Dirt, 2010b). A ameaça transgênero não teve total sucesso, contudo: Há registros de que a edição de 2012 foi um fortalecimento da nova onda do feminismo, e que as mulheres estão tornando-se muito mais organizadas no que tange ao impedimento da entrada de homens: usando placas, camisetas e músicas, elas mostram aos invasores que eles não são bem vindos em seu território (GenderTrender, 2012).

### **Espaços para Lésbicas**

O Festival de Womyn's Michigan, apesar de tudo, sobrevive como um espaço exclusivo para mulheres. A maior parte desse tipo de espaço não teve a mesma sorte e passou por provações de natureza legal, chegando até mesmo a sucumbir à pressão de aceitar transgêneros com corpo masculino. Uma vasta gama de grupos de atividades (leitura, caminhada) para mulheres não resistiu a essa pressão, mas os grupos destinados às lésbicas foram feridos de morte: Um exemplo é o Sydney Lesbian-Space Project (Projeto Espaço Lésbico de Sydney, em tradução livre). Em 1993 as integrantes desse grupo tinham arrecadado cerca de 250 mil dólares para comprar uma sede em Sydney, na Austrália, almejando um espaço para todas as mulheres mas que focasse nas lésbicas (Kline, 2006). Entretanto, transgêneros que se identificavam como mulheres doaram fundos para o projeto, crendo que seriam incluídos no centro que ali seria construído. Após um evento para lésbicas em Brisbane ser interrompido bruscamente pela presença de transgêneros, o coletivo do Projeto sentiu a necessidade de elaborar uma política para tirá-los dali. Essa elaboração foi fortemente disputada entre as que se opunham e as que apoiavam a inclusão de transgêneros e, assim, iniciou-se um conflito que resultou no abandono do Projeto, deixando o problema sem solução.

A inclusão de pessoas transgênero em espaços femininos causou o fim do primeiro e mais importante centro lésbico do Canadá também. A Vancouver Lesbian Connection – VLC (Conexão Lésbica de Vancouver) foi dirigido, desde seu início, em 1985, por um coletivo de mulheres e contava com uma biblioteca, uma sala para recreação e um espaço para eventos. A VLC carrega o status de ícone na comunidade gay e lésbica canadense, tornando-se “um modelo para os centros comunitários lésbicos em outras cidades” (DiMera, 2011), entretanto, foi destruído pela entrada de um transgênero não operado conhecido como Mamela que trabalhou como voluntário em um centro voltado para gays e lésbicas em 1995 e ficou sabendo da existência da VLC. Mamela frequentava a clínica de gênero da Universidade da Colúmbia Britânica e se auto denominava uma “feminista radical lésbica com consciência de gênero feminina”. Inicialmente, ele foi rejeitado pela VLC devido à sua socialização masculina, mas persistiu até conseguir que o grupo aceitasse homens que transicionaram para mulher, desde que se identificassem como lésbicas. Assim, Mamela foi aceito em 1996. As integrantes do VLC não demoraram para arrepender-se dessa decisão: de acordo com as membras do coletivo, o comportamento de Mamela era completamente inconsequente, o que incluía perseguição às participantes do coletivo e voluntárias, uso de recursos financeiros sem permissão, atendimento aos telefones de emergência sem treinamento, além de investir sexualmente contra a equipe do centro. A VLC expulsou Mamela por comportamento agressivo e acabou sendo processada por ele em 1999. A VLC foi julgada culpada e teve que pagar 3 mil dólares por “injúria à dignidade” do agressor. A decisão só veio após o desmantelamento da entidade, que teve que arrecadar fundos para arcar com os custos de advogados, sem sucesso, e sem energia para lutar pelo direito ao “espaço feminino” (Wales, 1999). O efeito desse desafio foi devastador para um importante recurso que as mulheres lésbicas tinham em Vancouver.

O desafio transgênero tem se tornado cada vez mais ameaçador porque esses serviços são, hoje, mantidos pelo Estado e as equipes contratadas (especialmente as formadas por pessoas que visam colaborar para que transgêneros não operados sejam vistos como “mulheres”) dão prioridade às demandas de transativistas para não perderem o apoio financeiro. Grupos transativistas fazem campanhas para que organizações voltadas para mulheres



adotem políticas de inclusão de transgêneros que permita que homens, operados ou não, ganhem acesso a centros outrora exclusivos para mulheres.

### **A experiência nos setores de mulheres**

Como consequência da invasão transgênero, centros de serviços voltados para mulheres em muitos países estão sendo obrigados a inventar novas políticas para lidar com esse problema. Quando esse tipo de serviço foi criado, décadas atrás, a transexualidade era um fenômeno muito menos significativo em termos de alcance social e legal. Centros de apoio a vítimas de estupro e abrigos para mulheres eram diretamente voltados apenas para mulheres. À medida que os serviços se popularizavam e o governo se dispunha a financiá-los, era necessário manter a política de atendimento exclusivo às mulheres, o que nem sempre era possível. Entretanto, alguns conseguiam manter-se atendendo apenas mulheres, conquistas que estão hoje ameaçadas pelas demandas de transgêneros que, por acreditarem que são mulheres, conseguem escapar dessas políticas. A questão da inclusão de transgêneros tem sido a virada para incluir homens nos centros de serviços para mulheres, seja nas equipes de trabalho ou como clientes. Uma vez ali inseridos, a exclusão de homens que sequer usam roupas tidas como femininas ou que transacionam será muito difícil. Não é o caso, por exemplo, do Reino Unido, onde o Ato pela Igualdade, em 2010, permitiu que os centros de serviços para mulheres excluíssem homens que transicionaram para mulher em certas circunstâncias (Centro de Pesquisa de Mulheres, 2011:6).

Na Austrália, no entanto, não há determinação legal que permita que os centros não atendam transgêneros. Um estudo lá feito, através de entrevistas com 19 administradoras dos centros de apoio às mulheres, abrigos e postos de saúde demonstrou novas implicações da inclusão de transgêneros. Essas entrevistas focavam a visão e as experiências dessas mulheres sobre essa questão (Gottschalk, 2009), que revelaram grande determinação em proteger espaços unicamente femininos, porém foram prejudicadas pela invasão transgênero. Sua percepção depende da visão das entrevistadas (se consideram transgêneros mulheres ou não e se tiveram experiência com a inclusão deles nos centros). Nas entrevistas a opinião dessas mulheres sobre lugares seguros

foi explorada a fundo, além da problemática que envolve o acolhimento de transgêneros não operados e homens, seja como parte da equipe de atendimento ou como clientes. As entrevistadas que fazem parte dos centros de apoio às mulheres serão identificadas como CASA e um número, as que forem parte de equipes de postos de saúde para mulheres como WH mais um número e as que trabalham em abrigos para vítimas de abuso como WR e um número, para diferenciá-las.

### **A importância de espaços exclusivos para mulheres**

A maioria das organizações estudadas aqui possuem o compromisso de prover espaços exclusivos para mulheres. Sua missão, primeiramente, é trabalhar com mulheres pelas mulheres – apesar de alguns serviços também serem direcionados para homens – e poucos exemplos desse tipo de serviço tem estrutura para empregar homens, apesar de apenas um tê-lo feito. As entrevistadas foram unânimes ao afirmar que, em sua opinião, o serviço que prestavam promovia um espaço seguro para mulheres. No caso dos centros de apoio e abrigos para vítimas de violência doméstica, o foco estava em protegê-las de seus agressores, que eram majoritariamente homens. No caso dos postos de saúde, estes funcionavam como um espaço seguro para as mulheres discutirem questões concernentes à sua saúde com outras mulheres que atuassem como profissionais da saúde especialmente treinadas para tratar da saúde e do bem estar feminino. Assim, as organizações tinham a tendência de possuir uma equipe feminina, excluindo os homens específica e legalmente, contrariando inclusive a Lei de Oportunidades Iguais. As entrevistadas demonstraram perícia e conhecimento desenvolvidos em anos de dedicação ao tratamento das mulheres que precisassem de segurança, privacidade e dignidade.

Os comentários a seguir, feitos durante as entrevistas, demonstram que a ênfase dada às necessidades das mulheres e à provisão de um ambiente seguro para elas, livre da dominação masculina. A entrevistada CASA5 afirma:

Nossas clientes são as mulheres, [nosso trabalho] é uma 'casa para mulheres', então é exclusivo para elas. Mesmo quando precisamos fazer

algum negócio, nos esforçamos para fazê-lo apenas entre mulheres. Todas nós que aqui trabalhamos somos mulheres, conseguimos isenção da Lei de Oportunidades Iguais.

Já WH1 demonstra consciência da importância de um ambiente totalmente voltado para as mulheres:

Uma das minhas maiores preocupações é com as mulheres que sofreram ou que estão sofrendo violência, porque quando elas entram aqui este é o único lugar onde se sentem seguras. Não podemos tirar isso delas, colocá-las em perigo novamente. [Nosso posto tem] Uma longa tradição de priorizar as necessidades das mulheres e, com isso, desenvolvemos um conhecimento específico sobre sua saúde física, mental, emocional e social. Por sermos uma equipe feminina, há muita interação e a sensação de segurança é total. É um ambiente de cooperação livre de homens.

As entrevistadas também veem os espaços em que atuam como um importante local para que as mulheres tomem consciência de seus papéis, permitindo que elas troquem experiências sobre violência, aprendendo sobre a institucionalização da dominação masculina. A entrevistada CASA5 explica que espaços para mulheres,

dão consciência às vítimas de que “isso [violência masculina] não é culpa das mulheres. Esses espaços as empoderam. As mulheres estão sempre em situação de subjugação em relação aos homens [...] Se eles estão presentes, elas se sentem desencorajadas porque foram vítimas da violência masculina”.

Uma entrevistada, WR2, diz que até um fornecedor homem é capaz de mudar a atmosfera de um abrigo para mulheres vítimas de violência de forma negativa, minando a sensação de segurança ali estabelecida,

mas eu sei que em qualquer momento que nós tivéssemos serviços masculinos de xerox, ou qualquer coisa desse tipo, de repente inicia-se uma tensão oculta entre as mulheres ali atendidas... e de alguma maneira a dinâmica muda quando há um homem lá.

## **Empregando transgêneros**

Os centros que tinham políticas bem definidas sobre quem poderia trabalhar neles focavam na contratação ou não de homens, sem mencionar homens que transicionaram para mulher. Alguns desses serviços possuem políticas

antidiscriminatórias e estavam abertas à contratação tanto de homens quanto de mulheres, apesar de geralmente o número de homens lá dentro ser maior. Cinco das entrevistadas se inscreveram para isentar-se legalmente de atender homens enquanto as outras trabalhavam em lugares que tinham a política de atender apenas mulheres, entretanto, não estavam legalmente amparadas para tal. Algumas delas comentaram que os clientes, incluindo os homens, preferiam ser atendidas por mulheres, conforme CASA1 explica: “É uma escolha feita pelo cliente. Mesmo os homens preferem atendimento feminino apesar de poderem escolher ser atendidos por outro homem. Tivemos apenas 3 casos em que foi solicitada ajuda masculina nos últimos quatro anos”.

Os centros que se inscreveram para poder, legalmente, empregar apenas mulheres não consideravam pertinente debater o emprego de pessoas transgênero em suas atividades, já que a opinião da equipe variava entre acreditar ou não que homens que transicionaram eram de fato mulheres e o debate sobre socialização era complicado. Poucas entrevistadas (quatro delas) disseram que preferem não incluir transgêneros entre o público dos centros porque reconhecem que a socialização que tiveram é diferente da socialização feminina, como a CASA2 explica:

Temos uma forte política de incluir apenas mulheres... MTF tem histórias e experiências diferentes de socialização em uma cultura que define estritamente o que é masculino e o que é feminino... Jamais empregariamos uma pessoa trans como conselheira, porém, isso nunca foi discutido e sequer abordado.

Um fator importante que influenciou as opiniões das entrevistadas sobre o emprego de transexuais nos centros foi o fato de elas terem tido ou não experiências com essas pessoas, seja como clientes ou como equipe. Dois dos centros representados pelas entrevistadas empregaram transexuais: Uma delas, CASAA5, que havia defendido espaços exclusivamente femininos e que mulheres trans não são mulheres trabalha em um deles e afirma,

Tivemos uma experiência com um travesti, o que foi um problema para a organização. Mas pior que isso é que não existe um consenso sobre o que é ser mulher... Homens que acham que são mulheres não tem ideia de como é realmente ser uma mulher.

A experiência de CASA5 com o transexual resultou em grande dissensão entre os membros da equipe, que o centro ainda não resolveu: “Há muito debate mas a questão permanece insolúvel”.

### **Transgêneros de corpos masculinos como clientes**

Era muito comum os centros terem políticas que permitiam ou não o atendimento de transgêneros de corpos masculinos como clientes e as consequências de aceitá-los dependiam do tipo de serviço oferecido. Em postos de saúde para mulheres as equipes são treinadas especificamente para atender interesses e problemas femininos, não para lidar com questões que envolvem cirurgias de redesignação sexual e tratamentos hormonais, tampouco tem experiência para tratar da saúde mental de transgêneros de corpos masculinos, que pode incluir ter de tratar traumas em relação ao questionamento do gênero, sair do armário, a transição em si e os ajustes à nova vida. Treinar uma equipe para lidar com pessoas trans é, inevitavelmente, um desgaste tanto em termos de vigor quanto em termos financeiros, configurando em desvio em relação aos serviços oferecidos para as mulheres. Todos os centros apresentados neste estudo afirmam atender apenas clientes consideradas mulheres – isso, porém, não significa que em todos eles as pessoas trans ficavam de fora: Os centros que atendiam transgêneros de corpos masculinos o faziam por acreditar que uma mulher trans também é mulher, apesar de não possuírem a anatomia de uma delas e, possivelmente, ainda ter pênis. Pela mesma razão, excluía mulheres que desejavam transicionar para homem, já que acreditavam que elas de fato eram homens, apesar de sua anatomia feminina. As mulheres que transicionam, no entanto, sofrem dos mesmos problemas de saúde das mulheres que não o fazem, além de padecerem dos males trazidos pela injeção de hormônios e cirurgias de redesignação sexual (retirada dos seios, por exemplo), problemas que podem ser tratados em centros de saúde para mulheres. Uma das entrevistadas, WH2, explicou que, apesar de ela não querer que o posto em que trabalha atenda transgêneros de corpos masculinos que desejam ser mulheres devido às diferenças envolvidas no tratamento, ela tinha medo de que, com isso, o financiamento do governo fosse cortado, já que as agências do Estado têm políticas contra esse tipo de discriminação.

O posto em que trabalha a entrevistada WH1 rejeitava mulheres que queriam transicionar para homem mas aceitava homens que desejassem transicionar para mulher, porém, não tinham conhecimento ou treinamento sobre como tratar essas pessoas. WH1 explica que o posto em que trabalha aproximou-se de um grupo de apoio a transgêneros que pediu a elas ajuda para monitorar o tratamento hormonal de algumas pessoas, oferecendo ajuda com informações sobre transgeneridade e no desenvolvimento de uma política interna. WH1 admite que, quando essa política foi gerida, havia “grande discussão sobre feminismo, violência contra a mulher e o que é ser mulher”. A partir daí, WH1 teve a impressão de que a maioria das funcionárias do posto concordava que os transgêneros de corpos masculinos deveriam ser incluídos no rol de clientes. Entretanto, outra entrevistada que trabalhava nesse posto na época afirmou que o conflito entre as funcionárias foi severo: Estando presente numa das reuniões com os representantes dos transgêneros de corpos masculinos que desejam entrar no posto, ela perguntou porque eles não iam a um grupo de apoio específico para transgêneros de corpos masculinos, onde poderiam ter seus interesses melhor compreendidos. Um deles afirmou que “se sentia realizada em estar entre as mulheres, sendo aceita como uma e queria ver sua identidade de gênero reforçada através do contato com as mulheres”. O conhecimento sobre a saúde das pessoas trans, aparentemente, tinha menos relevância que conseguir acesso a espaços exclusivos para mulheres e conseguir que as equipes de saúde os reconhecessem como “mulheres”. Frequentar e trabalhar em lugares que oferecem serviços exclusivos para mulheres tem um papel particular para os homens que transicionam para mulher, que nada tem a ver com os propósitos reais daqueles serviços, mas sim com ter a sua “mulheridade” reafirmada.

Os problemas em torno da admissão de transgêneros de corpos masculinos como clientes em centros que tratam de vítimas de violência doméstica e abrigos para vítimas de estupro são diferentes dos que existem nos postos de saúde para mulheres. Os autores desses crimes são homens e esses serviços oferecem espaços onde as vítimas se sintam seguras, livres de qualquer ameaça masculina. Apesar de travestis também sofrerem violência, seus algozes não são as mulheres e, apesar de eles almejem estar em

espaços onde não há homens, não é corretor colocá-los nos mesmos centros que as mulheres vítimas de violência. As entrevistadas neste estudo ficam divididas nesta questão. Uma delas, WR2, quando perguntada sobre os clientes transexuais, imediatamente respondeu: “Temos a certeza de que apenas trabalhamos com mulheres e crianças”. Entretanto, em seguida, após pensar melhor, ela disse “Ah, acho que se ela se identifica como mulher, bem, acho que ela entra em nosso critério”. A entrevistada CASA5 sentiu-se insegura para responder essa questão: “A socialização feminina é diferente da masculina... Sinto-me confusa em relação a isso. É muito complicado”. No final ela reafirmou que é necessário manter espaços exclusivos para mulheres com base na afirmação de que travestis não são mulheres. Ela sugeriu que deveria haver serviços específicos para eles. Infelizmente, entretanto, eles não aceitariam esses serviços, já que isso não satisfaria sua necessidade de afirmar-se como “mulher”, coisa que só poderiam ter num espaço exclusivamente feminino. Um dos serviços oferecidos pelos centros e abrigos para mulheres era o grupo de discussão como forma de terapia, liderado por uma conselheira especializada, e era nesse ponto que as coisas tornavam-se nebulosas no que tange à entrada ou não de transgêneros de corpos masculinos. CASA5 afirma que “seria ótimo manter um espaço seguro para as mulheres”. Já CASA6 teve experiência em tentativas de formar grupos mistos de terapia, mas sentiu que suas clientes não aprovariam a ideia de dividir a experiência com transgêneros de corpos masculinos, então elas precisavam ter a escolha de poder entrar em grupos só de mulheres, uma opção que requeria recursos financeiros extras.

A experiência da entrevistada WR1 ilustra os problemas que podem surgir quando se inclui transgêneros de corpos masculinos como clientes em serviços exclusivos para mulheres. O abrigo para o qual ela trabalha tem uma política antidiscriminatórias e seus clientes vem encaminhados de centros de saúde convencionais ou da polícia, ou seja, não podem escolher quem vão acolher, precisam aceitar quem lhes é encaminhado para lá. WR1 conta que uma pessoa foi enviada para o abrigo como uma mulher, vestida em roupas femininas. A equipe, porém, percebeu pelo jeito e pelo pomo de Adão que se tratava de um homem, que poderia ser um *crossdresser* ou um homem que transicionou. Entretanto, como ele havia sido encaminhado para o abrigo e por causa das leis

antidiscriminatórias, a equipe não teve outra escolha além de aceitá-lo como cliente. Primeiro, colocaram-no junto às mulheres numa das acomodações, mas elas reclamaram dizendo que não queriam ficar perto de alguém com pênis. Uma dela disse “Não vou entrar aí, ele tem pênis”. O novo cliente não podia ser colocado junto com mulheres e crianças e ficou isolado em uma unidade por um mês e meio, o que levou ao não atendimento de mulheres que chegavam ao abrigo. Ou seja, as necessidades daquele homem estavam sendo priorizadas em detrimento das necessidades de outras mulheres que precisavam de refúgio. As funcionárias do abrigo viveram uma situação muito estressante nesse episódio e não sabiam lidar com aquilo sem ter medo de infringir a lei antidiscriminatórias, e, no fim das contas, precisaram discriminar mulheres em favor de um homem. Políticas de inclusão a transexuais, neste caso, foram estabelecidas para atender as necessidades das mulheres, mas acabaram levando à subjugação de seus interesses em favor de uma pessoa nascida e socializada como homem.

### **Políticas inclusivas a trans**

Como um corolário de mudanças na legislação que reconheça transgêneros de corpos masculinos como mulheres que podem, então, ter acesso aos serviços de mulheres, ativistas transgêneros criaram guias de melhores práticas para treinar provedores de como acolher estas pessoas do sexo masculino. Estes manuais podem ser bastantes instrutivo quanto à falta de compreensão, por parte de seus autores, da forma que a subordinação das mulheres trabalha. Um manual criado por ativistas transgêneros do Canadá – que tem sido influente e é fornecido como um recurso em matéria de direitos humanos e sites de igualdade, comercializa sites sindicais e sites gays e lésbicos, por exemplo – argumenta que as mulheres não devem se preocupar com sua segurança em torno de transexuais de corpos-masculinos, porque eles não são mais suscetíveis de constituir um risco para as mulheres em abrigos do que qualquer outra “mulher” (Darke e Cope, 2002). O manual de política de inclusão a trans afirma que “não há nenhuma evidência para sugerir que trans... mulheres são mais abusivas verbalmente ou fisicamente que outras mulheres” (Darke e Cope, 2002:84). De fato, há uma grande quantidade de evidências que sugerem que



os homens, seja que eles escolham ou não a transição, são violentos para com mulheres (Romito, 2008), mas os autores contornam essa dificuldade através da identificação de transgêneros de corpos masculinos portadores de deficiência como “mulheres” e, portanto, não mais membros da classe de pessoas que é violento contra mulheres. Esse estratagema não funciona, infelizmente, porque também há muitas evidências de que os homens que procuram ser trans podem ser contados nas filas de estupradores e assassinos de mulheres, como vimos no último capítulo.

O manual canadense, depois de ter posto de lado a segurança das mulheres, passa a considerar, de modo mais compreensivo, os problemas dos próprios transexuais de corpos-masculinos em abrigos ou refúgios, como a ansiedade que eles podem sentir sobre “privacidade” se eles ainda têm pênis. O manual diz que a maioria da acomodação terá banheiros individuais. Se a pessoa com um pênis tem que dividir um quarto com uma mulher, em seguida, uma “tela temporária poderá ser erguida de modo que o pênis não seja visível quando forem trocar de roupa. Não é aceitável, porém, diz o manual, para a pessoa trans para ser convidado a trocar de roupa no banheiro. É, talvez, surpreendente que a questão de mulheres vulneráveis, e muitas vezes traumatizadas, em abrigos não desejam ver pênis não é o foco aqui, mas os sentimentos da pessoa *com* o pênis. O manual diz que exigir que uma trans use o quarto só é “semelhante a segregação” e inaceitável. Não há desculpa para tal segregação, ele diz que, só porque uma mulher pode ser traumatizada pela violência e encontrar uma pessoa trans pode acionar gatilhos emocionais devido a suas características masculinas. Os autores sugerem que ter que lidar com características masculinas em seu quarto pode ser útil para uma mulher que sofreu violência de homens, porque “parte do processo de cicatrização de sobrevivência é aprender a diferenciar seu agressor de outros com uma característica similar: seja os braços musculosos de uma mulher não-trans ou o cabelo vermelho encaracolado de uma mulher trans” (Darke e Cope, 2002:86). Transgêneros de corpos masculinos podem ajudar mulheres, dizem-nos, para superar as suas preocupações sobre ter homens desconhecidos como seus companheiros íntimos. Os expositores manuais, em tom autoritário: “A lei é clara sobre este: o desconforto dos outros não justifica a discriminação”. Desta

forma, a segurança e a dignidade das mulheres está subordinado ao conforto de homens que tem uma ideia fixa que eles são mulheres.

O manual aborda a questão crucial que é mais provável de ser relevante para a segurança das mulheres, de saber se uma mulher pode pedir para não ser alojado em um quarto duplo com um trans de corpo masculino. A resposta que dá é que ela não pode o fazer, e ela é forçada a compartilhar com um trans de corpo masculino ou sair da instalação. A confraternização mais íntima com uma pessoa com a biologia do sexo masculino, e muito provavelmente um pênis, é totalmente obrigatória para ela. O manual compara a situação com a de uma mulher se recusar a compartilhar com uma “lésbica ou uma mulher de cor, ou uma mulher aborígine”, todas as pessoas da biologia do sexo feminino que não representam a classe de pessoas que é violento em relação às mulheres, e conclui: “Se um residente prefere sair que dormir perto de uma lésbica ou mulher trans, ou mulher mais velha, então essa é a sua escolha”. Em outras palavras, ela recebe a escolha entre ser sem-teto e voluntariamente abandonar o seu lugar de refúgio, porque ela é muito preconceituosa para permanecer (Darke e Cope, 2002:87).

O manual dá o mesmo conselho cruel e insensível para lidar com uma mulher recalcitrante que não quer ser orientada sobre seus problemas de violência e estupro por um transgênero de corpo masculino:

Você pode lidar com essa situação da mesma forma que você faria se alguém que presta um serviço dissesse que não falaria com uma mulher que tivesse uma deficiência ou a uma mulher que ele sabe que é lésbica. Você pode lembra-lo de que é contra a lei para a sua organização discriminar e que todos os funcionários são bem qualificados para prestar serviços. (*ibid.*)

A mulher traumatizada deve ser culpada pela acusação de que ela é discriminatória e prejudicial e ameaçada em conformidade. Este tipo de retórica incongruente, projetado para forçar as mulheres para arrumar o quarto, tomar banho e se associar com homes que fazem crossdressing, ou trans de corpos masculinos, ainda não teve efeito de tornar todos os serviços de mulheres, particularmente aqueles que retêm pessoal e princípios feministas, concordarem em aceitar pessoas masculinas. De fato, no caso de Vancouver Rape Relief, uma vitória significativa foi atingida pelos direitos das mulheres para os serviços de mulheres. Esse caso pode significar que a ambição revelada no manual do

Canadá não será realizada, uma vez que estabelece o direito dos serviços antiviolaência das mulheres, em particular, para rejeitar os homens que transicionam de suas organizações.

### **Um transgênero de corpo masculino na linha de apoio a vítimas de estupro? Vancouver Rape Relief**

Houve em certo momento um caso importante de inclusão de transexuais numa linha telefônica de atendimento a vítimas de abuso, o caso do Vancouver Rape Relief and Women's Shelter (VRRWS ou Abrigo e Centro de Apoio às Mulheres Vítimas de Estupro de Vancouver). Um dos serviços oferecidos era uma linha telefônica (semelhante ao telefone da polícia ou dos bombeiros) que funcionava 24 horas por dia à época do chamado desafio transgênero e recebia, aproximadamente, 1500 ligações a cada ano de mulheres que haviam sido sexualmente atacadas por homens, seja através de estupro, incesto e outras formas de violência sexual. Em 1995, o VRRWS negou-se a treinar um travesti (que já havia realizado a operação de redesignação sexual) conhecido como Nixon, que queria tornar-se conselheiro no centro, mas era reconhecido como homem com base em sua aparência (Mathen, 2004). A posição do VRRWS era firme: as mulheres precisavam sentir-se seguras com as pessoas que as serviam no centro e que a sensação de segurança seria quebrada se um homem ou uma pessoa que nem sempre foi uma mulher fosse servi-las (Mayeda, 2005).

Apesar de ter seu pedido para ser conselheiro negado, Nixon foi convidado a ajudar o centro em outras áreas, como arrecadação de fundos, mas insistiu em ser conselheiro e enviou uma queixa à Comissão de Direitos Humanos. O VRRWS procurou negociar uma outra solução mas Nixon estava determinado a ganhar legalmente o direito de ser conselheiro: seu argumento era que todas as pessoas que desejavam trabalhar no VRRWS deveriam ser avaliadas individualmente para o serviço que estivesse sendo oferecido. Se ele tivesse ganhado, aponta a fundadora do centro, Lee Lakeman, isso abriria as portas para que homens passassem a crer que tem qualificação para trabalhar em qualquer posição em qualquer organização de serviços para mulheres (Murphy, 2012). Ao mesmo tempo, abre o caminho para que a classe dominante

(homens brancos e de classe média) comecem a tomar os lugares de indígenas e outras minorias étnicas.

Em janeiro de 2002, a decisão judicial foi em favor de Nixon porque o VRRWS não provou que “a experiência como mulher é necessária para tornar-se conselheiro para mulheres vítimas de violência sexual”. Em agosto de 2003, a Suprema Corte da Colúmbia Britânica fez uma revisão da decisão judicial e posicionou-se a favor do VRRWS. Nixon apelou em 2005 e em dezembro do mesmo ano a Corte decidiu a favor do VRRWS, que agora tinha permissão legal para selecionar as voluntárias que lá trabalhariam (Sisyphe, 2005). A decisão da Suprema Corte em 2003 estabeleceu um precedente que foi citado em 42 decisões do Tribunal e da própria Suprema Corte (Sisyphe, 2005). O caso também foi utilizado por indígenas canadenses que reclamaram, com sucesso, o direito de não aceitar um homem não indígena que havia se candidatado a diretor executivo numa organização voltada para índios. O caso Nixon *versus* VRRWS causou profundas divisões entre grupos feministas e lésbicos no Canadá, envenenando a atmosfera política.

Quando serviços exclusivos para mulheres passam a atender transexuais, não só perdem o caráter inicial como acabam abandonando o objetivo a que se prestaram quando foram criados. O mais posto de saúde para mulheres de São Francisco, por exemplo, o Posto Lyon Martin para Saúde da Mulher, fundado pelas ativistas lésbicas Del Martin e Phyllis Lyon foi criado para providenciar cuidado médico e educação saudável para mulheres, especialmente as lésbicas, mas mudou seu nome para Posto Lyon Martin de Saúde, já que agora também cuida de pessoas trans (Lyon Martin Health Services, 2008).

### **Identidade política e provisão de serviços**

Existem outras categorizações para pessoas cujas “identidades” não condizem com seus corpos além dos transexuais que estão criando comunidades online e exigindo seus direitos. Potencialmente, essas categorias são problemáticas, já que podem prejudicar alguns serviços que são desenvolvidos especificamente para um grupo em situação de risco através da banalização do acesso a esses

serviços por pessoas que possuem apenas identificação psicológica com essas classes. As equipes de centros de apoio como os já mencionados neste capítulo podem passar por dilemas parecidos com os que ocorrem em abrigos para mulheres, no que diz respeito ao uso de recursos financeiros, políticas de aceitação de pessoas “transdeficientes”, que são pessoas que acreditam que tem alguma deficiência e, portanto, comportam-se como pessoas portadores de deficiência sem precisar de fato ser tratadas dessa maneira. Em casos em que um transgênero de corpo masculino também acredita ser transdeficiente o uso de recursos é desviado para servir uma pessoa que chegou num nível de alucinação que tentar trabalhar essas questões é irracional.

Uma transdeficiência retratada em um episódio da série Tabu, do canal National Geographic é o de Chloe Jennings-White, um transgênero de corpo masculino (Jennings-White) que vive como paraplégico em uma cadeira de rodas sem ser portador de necessidades especiais. A reportagem não mencionou, no entanto, que Chloe não é mulher e apenas mostra sua “transdeficiência”. Chloe, que nasceu Clive, é um cientista com título de Pós-Doutor da Universidade de Cambridge cujo hobby é mais voltado para pessoas que podem andar: escalada. Ele foi casado com uma mulher e teve dois filhos antes de embarcar nessa representação de si mesmo. É importante ressaltar que, se Chloe solicitasse um lugar num abrigo para portadores de deficiências, ele seria aceito. O problema que representa o fato de um homem identificar-se com uma determinada deficiência, raça ou sexo, especialmente aquele que não tem qualquer experiência com essas categorias, é uma tendência crescente e não está relacionada apenas com a transgeneridade.

### **O mais íntimo dos espaços de mulheres – corpos femininos**

O mais importante dos espaços femininos são seus corpos. É na invasão masculina da natureza física da mulher que, segundo algumas feministas, reside a base da subordinação feminina. Historicamente, os homens vendem e trocam as mulheres como mercadorias, seja em casamentos ou através da prostituição, para que seus corpos sejam usados para o sexo ou para reprodução (Lerner, 1987). Livrar-se do controle de homens, seja individualmente ou como força maior que é o patriarcado, talvez seja o estímulo fundamental do feminismo, já

que sem isso as mulheres não conseguem atingir outras formas de libertação. O aborto é a chave do ativismo feminista porque permite que a mulher controle sua reprodução, sem tornar-se simples veículo de interesses alheios. Da mesma forma, o direito da mulher sobre sua sexualidade, escolhendo apenas a si mesma como parceira sexual, escolhendo o celibato como opção ou apenas relacionando-se com pessoas cuidadosamente selecionadas é visto como crucial para seu senso de livre-arbítrio. Assim, não é de se admirar que alguns transgêneros de corpos masculinos, da mesma forma que os homens sempre fizeram, tentem controlar os corpos femininos.

O direito das mulheres de decisão sobre sua sexualidade é frequentemente anulado pela invasão de transativistas que as forçam a aceitar relacionar-se sexualmente com homens. Um exemplo é o que a cientista política Carole Pateman chama de direito masculino de acesso, que nada mais é do que os transativistas que colocam as lésbicas como transfóbicas por não se relacionarem com homens, ainda que tenham transicionado (Pateman, 1988). Esse fenômeno está acontecendo devido à campanha de transativistas que pretendem eliminar o que chamam de “teto de algodão”, um termo baseado no conceito difundido por feministas “teto de vidro”, que descreve a vida pública das mulheres, proibidas de entrar nos locais masculinos. O termo “teto de algodão” foi criado pelo ator pornô transgênero Drew Deveaux e diz respeito à calcinha das mulheres, uma barreira que impede a penetração dos pênis dos transgêneros de corpos masculinos (Garmon, 2012). A ideia de que a negativa das mulheres, heterossexuais ou lésbicas, em servir sexualmente a travestis é um problema a ser superado foi tão bem aceita que uma organização masculina, a Planned Parenthood (Paternidade Planejada), favoreceu a realização de um workshop sobre o assunto durante a conferência “Prazeres e Possibilidades” em Toronto, no Canadá, em 2011. Esse workshop era apenas para transgêneros de corpos masculinos, ou seja, não permitia a entrada de mulheres, e discutia como ultrapassar essa “barreira” tanto de mulheres lésbicas como de heterossexuais “cis” que “resistiam aos seus encantos” (Planned Parenthood, 2011).

O nome do workshop era “Superando o teto de algodão: Destruindo barreiras sexuais para mulheres trans” e foi dado pelo transativista Morgan Page (Page, 2011). A descrição do evento dizia o seguinte:

‘Superando o teto de algodão’ vai explorar as barreiras sexuais enfrentadas pelas mulheres trans dentro de sua comunidade através de discussões em grupo e da criação coletiva de representações visuais dessas barreiras. As participantes vão poder trabalhar juntas na identificação das barreiras, formulando estratégias para superá-las, construindo coletivamente (Page, 2011).

O plano era, basicamente, chamar mulheres que resistissem àquela invasão de transfóbicas ou acusá-las de transmisoginia, na esperança de que, assim, elas aceitassem relacionar-se com pessoas com pênis. Nessa campanha, o direito das mulheres de tomar decisões sobre seus próprios corpos era redefinido como uma forma de discriminação contra travestis que deveria ser sumariamente massacrada. Os transativistas que iniciaram a campanha para ganhar acesso aos corpos das mulheres “cis” geralmente chamam seus pênis de “paus femininos”. A origem desse termo algo surpreendente era de se esperar: ele é comumente utilizado em pornografia de transexuais, na qual homens se prostituem para o prazer de outros. A descrição de vídeo em um site popular desse tipo de serviço, o Shemale Models Tube, é a seguinte: “Sra. Meat é uma garota safada que adora quando alguém chupa seu pau de menina o dia todo” (Shemale Models Tube). Assim, é irracional esperar que mulheres lésbicas e feministas deveriam baixar a guarda e aderir às fantasias sexuais desses homens, sendo que sua reivindicação básica, a de poder ter controle sobre a própria sexualidade e com quem relacionar-se, não está sendo respeitada.

## **Conclusão**

Segregar-se dos homens para criar um espaço político e social seguro foi fundamental para a onda feminista da década de 1970. Da mesma forma, criar serviços que sejam exclusivos para mulheres foi uma vitória que levou a importantes melhorias na saúde e segurança delas. Estelle Freedman chegou a dizer, em 1979, que esses espaços e serviços eram cruciais para o feminismo desenvolvido no século XX: “O declínio do feminismo na década de 1920 pode ser atribuído, em parte, à desvalorização da cultura feminina em geral e a instituições femininas em particular” (Freedman, 1979:524). O desafio transgênero tem se revelado um fator significativo na extinção dos espaços e serviços que a segunda onda feminista criou, causando sérios conflitos internos

e desviando tempo e esforços que levaram a desilusão e desespero. Os espaços e serviços voltados para mulheres, que são fundamentais para a restauração do feminismo hoje, quer seja os que já existiam ou os novos, devem garantir a elas o direito de reunirem-se sem a presença de homens, tendo eles transicionado ou não.

## **CONCLUSÃO**

### **A abolição do gênero**

O “sistema de gênero” é a ideia de que existem diferenças essenciais entre homens e mulheres que figuram como justificativa para a subordinação feminina. Este livro foca num fruto problemático desse sistema, a transgeneridade, e busca explicitar seus males argumentando que o gênero como é mostrado pelo transativismo prejudica muitos: Os transexuais através dos tratamentos cirúrgicos e hormonais que não contribuem para reduzir seu sofrimento mas sim para seu isolamento e dano físico. Além disso, essas pessoas estão sendo iludidas pela ideia de que podem mudar de sexo através de cirurgias e cosméticos, sem mencionar a tragédia real que é perder partes do corpo e o contato com a família e amigos devido ao preconceito, além do sofrimento e solidão que resultam do mito criado pelo “império transexual” que endocrinologistas, cirurgiões, psicólogos e alguns psiquiatras inventam.

Esse “império” é muito mais do que procedimentos médicos: Grandes empresas tem-se envolvido em divulgar essa ideia, o que inclui empresas gays e lésbicas, grupos feministas liberais, organizações estudantis e até educadores que acreditam que existem “crianças transexuais”. Enquanto essas ações se desenrolam, os atingidos por tais teorias estão desamparados e desesperados por algum alívio, procurando na cosmética e na cirurgia um alívio para sua dor. O tratamento da transgeneridade é patológico e pretende fornecer a cura para uma aflição psicológica muito grande que é tratada com a criação de novos danos, negligenciando uma doença em favor desse charlatanismo. Todos os que são coniventes com o mito da transgeneridade, sejam eles transativistas, acadêmicas “feministas” ou centros jurídicos gays e lésbicos, precisam ter noção de responsabilidade pelos danos que estão causando. Às comunidades gay e



lésbica feminista que dizem que não tem nada a ver com a transgeneridade e tentam evitar o assunto porque acreditam que isso pode ameaçar sua reputação, replico que já passou da hora de eles levarem esse fenômeno nocivo e perigoso a sério. Em todo este estudo temos tentado mostrar como são chocantes as consequências dessa ideia, tornando-se impossível desviar os olhos disso.

O gênero da forma que é mostrado pela transgeneridade, prejudica muitas pessoas de tantas formas que não atinge apenas transexuais, mas também seus companheiros, colegas, familiares, causando perda e dor tão agudos que algumas pesquisas chegam a chamar de stress pós-traumático. Prejudica também o movimento feminista, ameaçando os ganhos pelos quais feministas lutaram, como a criação de espaços exclusivos para mulheres. Os poucos espaços dessa natureza que existem, como o Festival de Música de Womyn's em Michigan, estão sujeitos a campanhas de enfrentamento e intimidação, o que prejudica e causa grande confusão na academia e na teoria feministas, na medida em que a realidade biológica da vida das mulheres, base de sua subordinação no sistema patriarcal, desaparece e passa a ser vista como peça de museu.

Gênero machuca também, em termos de tempo e recursos, uma reforma dos serviços para pessoas que transicionaram. Conselheiros em escolas e universidades são treinados para empregar em seus discursos a ideologia e as políticas do transativismo (Gendered Intelligence, 2009-2013). Conselhos municipais e escritórios estão sendo pressionados a concordar com essa lógica. O site da Comissão de Igualdade e Direitos Humanos do Reino Unido tem guias para empregadores, escolas, centros de saúde e assistentes sociais sobre como lidar com transgêneros (Comissão de Equidade e Direitos Humanos). Escolas, universidades e conselhos municipais precisam encarar as demandas por serviços para transgêneros, o que geralmente envolve a abolição de espaços exclusivos para mulheres, como banheiros. Instituições de apoio à juventude, penitenciárias e abrigos, assim como outros serviços, também são obrigados a adotar essa lógica. Em todas essas instituições as equipes são obrigadas a aprender uma nova linguagem, como a que emprega o termo "cis", que relega as mulheres – biologicamente nascidas mulheres – a um status de segunda classe de mulheres, já que são privilegiadas em relação aos homens que, apesar

de terem fisiologia masculina e assim terem sido criados – acreditam que são mulheres.

Mas gênero em transgênerismo é positivo apenas para aqueles que ganham financeiramente com ela: cirurgiões, conselheiros, psicólogos, endocrinologistas e indústrias farmacêuticas. Também é positivo para o ramo crescente de venda online de produtos como próteses de silicone, perucas, sapatos de salto alto de tamanhos maiores e de manuais de como, por exemplo, vestir roupas desconfortáveis femininas e portar-se como uma mulher. É vantajoso também para a indústria pornográfica e de prostituição de transexuais, direcionada para o público crossdresser masculino que se excita com material que envolva homens com implantes de silicone e pênis ou vestindo um espartilho. É vantajoso também para os que apoiam a “diversidade”, forçando empresas públicas e privadas a sujeitar-se a “identidade de gênero”, não importando os efeitos na vida das mulheres. É possível ganhar muito dinheiro com o império transexual.

O gênero na transgêneridade é positivo para o apoio e a manutenção do andaime de gênero que sustenta o edifício da dominação masculina. Desta forma transgênerismo é hostil aos direitos de todas as mulheres. As funções de gênero como um sistema de classificação para a dominação masculina, identificando os subordinados e os dominantes. Ele também fornece as barras da gaiola que aprisionam as mulheres em suas vidas diárias. Em nome do “gênero”, meninas e mulheres crescem controlando seus movimentos, ocupando pouco espaço, tratando homens e meninos com respeito, para não serem atacadas pelo ódio masculino, enquanto isso tratando seus corpos como objetos a serem apreciados pelos homens através da maquiagem e de cirurgias, mostrando partes que a moda dita que devem estar sempre desnudas: peitos, nádegas, costas e barriga. Além disso, as mulheres frequentemente restringem seus movimentos com roupas apertadas, saltos que machucam e deformam seus pés, causando muita dor. Todas essas são práticas que mutilam as ambições de mulheres e meninas.

Transgênerismo apoia a ideia de que isso é de alguma forma natural e inevitável, apesar de feministas e mulheres em geral constantemente desafiarem a feminilidade em suas ações diárias, que não são bem vistas pelos transativistas que procuram a todo momento reforçar que a proteção da

feminilidade deve ser a principal meta do feminismo, contrariando a evidência de que muitas mulheres, principalmente lésbicas, não querem tomar parte nisso. O gênero funciona como um sistema ideológico que justifica e organiza a subordinação das mulheres e, por isso mesmo, deve ser destruído. O sexo feminino não vai conseguir atingir direitos fundamentais (MacKinnon, 2005) enquanto a ideia de que certos traços de personalidade e aparência forem considerados naturais e associados essencialmente a mulheres, controlando e limitando suas vidas.

### **O esgotamento da categoria “trans”**

O escopo do império transexual pode estar atingindo seu pico, como o criticismo trans está a aumentar a um ritmo acelerado, tanto dentro do feminismo militante quanto com as esposas e aquelas que se arrependem. Há uma onda crescente de críticas do conceito e da prática do transgenerismo a partir de um movimento feminista radical recém-revigorado. Além disso, a ideia do transgenerismo se tornou tão vaga e geral que a categoria está em perigo de ser explodido. A velha ideia de que os homens possuíam um transtorno de identidade de gênero poderiam ser efetivamente separadas de homens e travestida tem sido seriamente prejudicada por um desenvolvimento crescente de homens que afirmam ser as mulheres, mas mantêm seus pênis, e como Virginia Prince, única eleito para tomar hormônios; e de homens que dizem que o tratamento de trans deve ser visto como cirurgia plástica que qualquer um pode escolher. Alguns transativistas procuram incluir todos os gays e lésbicas dentro da categoria trans. O termo está perdendo rapidamente qualquer significado distinto.

As reivindicações de transativistas para “direitos” para suas identidades de gênero estão em perigo iminente de ser desacreditado por uma proliferação de políticas de identidade cada vez mais incomuns online, que estão atualmente a tentar construir movimentos e baseada em campanhas políticas do direito. A política identitária tem sido criticada por teóricas feministas como emanado do conservadorismo e do individualismo extremo que começou sob regimes políticos neoliberais da década de 1980 em diante. (McNeil, 1996). A política identitária substituiu a análise política estrutural e significou que as pessoas poderiam reivindicar identidade que foram vistas a chegar a partir do céu, e não de estruturas de poder do sexo, raça e classe. A política identitária era

condizente com a política do consumismo, supostamente com poderes que este período político representava. Identidade e as parafernalias que os apoiaram, foram consumidos, em vez de ser visto como construído a partir de forças de opressão (Davis, 2011). Esta análise é bem adequada para muitas das identidades que resultaram da criação de blogs pessoas através do Tumblr e levaram a comunidades online de pessoas que se consideram ter as identidades de outras raças, conhecidos como transetnia, ou para ser metade humana e metade animal, therians, ou personagens fictícios, fictives, ou não-humano, otherkin, por exemplo (Scribner, 2012). Eles adoram a abordagem política do transgenerismo, alegando que eles são discriminados no trabalho por serem lobos ou gnomos, e que as pessoas não os entendem e os marginalizam e os excluem. Max Read, em seu artigo para a revista online *Gawker* sobre esse fenômeno, cita uma personalidade Tumblr que procura manter-se com as tendências mais incomuns na identidade: “A relação entre ativistas de justiça social legítima e esquisitos delirantes está em constante mudança e dá fascinantes insights sobre como ativistas em comunidades trabalham” (Read, 2012). Ativistas sociais online que aceitaram que as pessoas devem ter direitos humanos com base em suas “identidades”, em vez de na base de que eles são membros de grupos oprimidos, pode ter dificuldade em saber onde traçar a linha. A política de essas identidades mais incomuns são baseadas em transgenerismo, mas há muito mais ceticismo online sobre como muito respeito deve ser dada a eles. Reivindicações por homens que eles são realmente mulheres encontram uma resposta mais simpática que as reivindicações por uma mulher branca que ela sempre foi um gato coreano. (Read, 2012).

Transableism, uma política de identidade das pessoas que querem ter membros amputados, ou as costas quebradas, para que possam ser paraplégicos, agora tem bastante considerável presença online e algum apoio entre os profissionais médicos que consideram que o desejo de amputação deve ser respeitado e o nomeou Disordem de Identidade (BIID) (Davis, 2011; First e Fisher, 2012). O especialista em ética médica, Carl Elliot, argumenta que em 50 anos, tanto transgenerismo, e seu menos respeitável primo, transableism, irão ambos aparentar ser chocantes e retrógrados (Eliott, 2000, 2003). Como ele diz, “Cinquenta anos atrás, a sugestão de que dezenas de milhares de pessoas um dia iria querer seus órgãos genitais alterados cirurgicamente para que eles

pu­dessem mudar de sexo teria sido ridícula” (Elliott, 2003:230). Em mais cinquenta anos, as condições culturais podem novamente não ser simpáticos à ideia de transgenerismo ou para BIID. A ideia de que os corpos devem ser alterados pela profissão médica como uma questão de “direito”, porque seus proprietários consideram que prefeririam ser outro sexo ou ter uma deficiência, provavelmente vai parecer extraordinário e seriamente prejudicial.

É intrigante que os homens afirmam ser mulheres tem recebido muito mais aceitação pública e apoio jurídico, quando aqueles que se engajam em atividades que não são necessariamente muito diferentes não estão a receber tal confirmação. É provável que seja a aceitação da natureza essencial do gênero que cria a cama de ninho para a aceitação do transgenerismo. A ideia de “gênero”, porque ele é visto como natural e necessária e, de fato, subscreve a formação social das sociedades dominantes do sexo masculino, pode ser entendida como aceitável, mesmo quando ele aparece em lugares incomuns ou pessoas. Gênero em qualquer forma é mais aceitável e compreensível do que a ausência de gênero. A remoção de braços e pernas, a autocastração e cegueira voluntária não são suportadas por um sistema de crenças profundamente incorporado, mas pode ser identificando como irracional de modo que a busca da modificação do corpo para criar um simulacro de feminilidade em um corpo masculino não é.

### **Feminismo e o fim do gênero**

Se a nova onda feminista for capaz de desafiar a noção atual de gênero como os estágios anteriores de libertação das mulheres não foram, a transgeneridade desapareceria. A “diferença de gênero” é baseada na desigualdade material pela qual as mulheres passam e explicada justamente por ela. Quando essa desigualdade é desafiada, a noção de que as mulheres devem comportar-se como subordinadas também é ameaçada, já que o fato de as mulheres ocuparem pouco espaço físico relaciona-se diretamente com o fato de ganharem apenas dois terços do salário de um homem. Não estando sob a pressão do vestuário apelativo feminino, as mulheres não são obrigadas a agradar os olhos dos homens, fazendo com que a “transgeneridade” resultante do fetiche masculino em roupas femininas não tenha mais razão de existir. As regras da beleza para mulheres representam sua posição inferior e, portanto, sua limitação

devido à impossibilidade de caminhar com saltos altos, despimento de partes do corpo e depilação, que determinam o ser mulher e podem ser experimentados por homens que desejam auto humilhar-se. Vestir-se “de mulher” não fará sentido quando sapatos baixos e calças puderem ser usados por ambos os sexos.

A nova onda do feminismo promete movimentar-se em favor de um futuro em que as pessoas não mais venerem a masculinidade agressiva e a instituição da heterossexualidade, o que pode soar menos impositivo a homens que hoje transicionam para não serem reconhecidos como homossexuais, removendo o estigma social que os leva a mudar seus corpos para que possam relacionar-se com pessoas do mesmo sexo. Para lésbicas e mulheres que procuram evitar salários mais baixos, difamação e a humilhação de tornarem-se “femininas” ou que decidem relacionar-se com outras mulheres sem desaprovação, a igualdade entre os sexos as faria desistir de transicionar. Um mundo em que há menos violência masculina contra meninas e mulheres não deixará que estas desejem modificar seus corpos que foram abusados. Ser mulher deixará de ser um risco.

Mas a nova onda do feminismo deve enfrentar esses novos desafios. Transativistas estão travando uma batalha para que sua ideologia sobreviva, o que envolve abuso e campanhas online de assédio e ataques públicos a feministas, a fim de sabotar a liberdade de expressão e associação. Esses ativistas são majoritariamente homens que pensam que são mulheres, mas numa cultura predominantemente masculina, eles é que detêm o poder e a autoridade, tendo suas preferências sexuais protegidas, ou seja, a pornografia e a prostituição seguem sendo preservadas pelo governo para que mais homens sejam favoráveis à sua agenda. Os interesses sexuais masculinos, baseados na subordinação das mulheres, são protegidos com zelo, mas as novas tendências feministas devem enfrentá-los, bem como devem derrubar os desafios que vem do apoio institucional e médico às políticas de gênero: Apoiar a transgeneridade já tornou-se política governamental no Reino Unido (Comissão de Equidade e Direitos Humanos). Como num roteiro de ficção científica, o governo agora supervisiona a construção e manutenção de estereótipos de gênero através da legislação do Reino Unido que determina que um grupo de especialistas julga o “gênero” dos candidatos a receber “certificados de reconhecimento de gênero” (Jeffreys, 2008). Estamos muito longe dos inebriantes anos 1970, quando o

projeto feminista era eliminar o que chamamos de papéis de gênero. A política estatal hoje está alinhada à construção de “gênero” e às mais grotescas caricaturas do que é ser mulher, chegando a aceitar que a transgeneridade deve ser imposta a crianças, com orientações às que desejam “tornar-se de outro gênero” oferecidas pelo Serviço de Saúde Nacional do Reino Unido. Ainda lembro do começo da década de 1970, quando eu estava no grupo de mulheres União Nacional de Professoras, em Manchester, para o qual a tarefa principal da época era retirar os estereótipos de papéis sexuais dos livros didáticos. Assim, uma menina não deveria ser limitada a ajudar sua mãe com a cozinha enquanto seu irmão podia brincar de mecânico com o carro da família. Todo esse otimismo parece que se foi há muitos anos. Leis, muitos dos escritos acadêmicos feministas e organizações gays e lésbicas estão agora envolvidas em uma agitação em favor da transgeneridade. A nova onda do feminismo que luta pela abolição do gênero está em confronto direto com os que protegem essa noção. Teremos debates interessantes nos próximos tempos.